

**Sandro Tôrres de Azevedo
Aline Frederico**

ORGS.

relatos da
EXTENSÃO

ações e reações
em contexto de pandemia

VOL.2

extensão
UFRJ

ECOAR



UFRJ

relatos da
EXTENSÃO

ações e reações
em contexto de pandemia



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

REITOR Roberto de Andrade Medronho

VICE-REITORA Cassia Curan Turci

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO Maria Fernanda S. Quintela da C. Nunes

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA João Torres de Mello Neto

PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E FINANÇAS Helios Malebranche

PRÓ-REITORIA DE PESSOAL Neuza Pinto

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO Ivana Bentes Oliveira

PRÓ-REITORIA DE GESTÃO E GOVERNANÇA Cláudia Ferreira da Cruz

PRÓ-REITORIA DE POLÍTICAS ESTUDANTIS Eduardo Mach



**Pró-Reitoria
de Extensão | PR-5**

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO Ivana Bentes Oliveira

SUPERINTENDENTE DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DE EXTENSÃO Ana Inês Sousa

SUPERINTENDENTE DE INTEGRAÇÃO E ARTICULAÇÃO DA EXTENSÃO Bárbara Tavela da Costa

SUPERINTENDENTE ADMINISTRATIVA DE EXTENSÃO Sheila Camlot

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO Beatriz Moreira de Azevedo Porto Gonçalves

Sandro Tôrres de Azevedo
Aline Frederico

ORGS.

relatos da
EXTENSÃO

ações e reações
em contexto de pandemia

PREFÁCIO DE

Ivana Bentes Oliveira

extensão
UFRJ

ECOAR



UFRJ

Copyright © 2023 Universidade Federal do Rio de Janeiro / Pró-Reitoria de Extensão.
O conteúdo dos textos desta publicação é de inteira responsabilidade de seus autores.

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO EXECUTIVA

Sandro Tôrres de Azevedo

Aline Frederico

COMITÊ CIENTÍFICO

Ana Cristina Barbosa Andrade

Ana Inês Sousa

Ana Paula Santos da Silva de Oliveira

Débora Henrique da Silva Anjos

Filipe Boechat

Francisco Thiago Sacramento Aragão

Maria Clara Amado Martins

Miriam Gandelman

Roberta Pereira Coutinho

Sandra Maria Becker Tavares

Sandro Tôrres de Azevedo

Thadia Turon

PROJETO GRÁFICO

Matheus Nogueira

CAPA

Júlia Menezes

DIAGRAMAÇÃO

Aline Matias, Júlia Menezes, Matheus Nogueira

REVISÃO

Amanda Ariani da Silva, Ana Luiza

Benevute, Beatriz Brito, Beatriz

Girão, Brenda Christine Sayão, Brígida

Carvalho, Clara de Moraes, Dominique

Alves, Emanuela Botelho, Fernanda

Reis, Julia Soliva, Lalia de Souza,

Leandro Vieira, Luma Buchbinder,

Thayane Correia

REVISÃO DE PROVAS

Julia Barreto, Camille Vizzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R382

Relatos da extensão: ações e reações em contexto de pandemia / Sandro Tôrres de Azevedo, Aline Frederico [organizadores] ; prefácio de Ivana Bentes. - Rio de Janeiro: UFRJ, Pró-Reitoria de Extensão, 2023. v.2 (286 p.)

ISBN 978-65-84554-04-7 (on-line)

1. Extensão universitária - Atividades. 2. Comunicação digital
Mídia social. 4. Pandemias. I. Azevedo, Sandro Tôrres de. II. Frederico, Aline. III. Bentes, Ivana. IV. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pró-Reitoria de Extensão.

CDD: 378.1

Elaborada por Adriana Almeida Campos CRB-7 4.081

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Pró-reitoria de extensão – PR5

Praça Jorge Machado Moreira, s/nº, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ

CEP: 21941-592. Tel. (21) 3938-0494 / (21) 3938-0617

Ecoar Edições

Av. Pasteur, 250, Praia Vermelha, Rio de Janeiro, RJ

ecoar@eco.ufrj.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO

| | | | |
|----|---|----|---|
| | Terra Virtual: o desafio de fazer comunidade | XI | Ivana Bentes |
| 1. | A oficina <i>Redução de Danos e Cotidiano no Centro de Convivência Virtual</i> : conexões possíveis frente ao isolamento social no contexto da pandemia da COVID-19 | 1 | Keronlay S. Machado Beatriz A. L. César Beatriz de F. Salles Bruna O. Bizarro et al. |
| 2. | A qualidade do sono das crianças em tempos de pandemias por COVID-19: como promover? | 11 | "sumário"Rayssa N. Vasconcellos Maria Helena N. Souza |
| 3. | Ações para o enfrentamento da tuberculose em tempos de COVID-19: um relato de experiência | 19 | Lucia Maria P. Oliveira Alex Silva Rangel Guilherme D. Santos Eunice Maria P. Côrtes et al. |
| 4. | <i>Alunos Contadores de Histórias</i> : ações virtuais durante a pandemia | 29 | Veronica P. Viana Aline G. Pimentel Catarina F. Silva Julio M. S. Cruz et al. |
| 5. | Amamentação em tempos de isolamento: acolhimento que se faz necessário | 43 | Isis V. Nazareth Ana Júllia G. Martins Gizele C. S. Martins Pollyana A. C. Cruz |
| 6. | Arautos do mundo: isolados, mas inteiros (cri)atividade e (re) existência em tempos de pandemia | 55 | Rosa Alba S. Oliveira Isabel Reis Natalia Souza |
| 7. | Biodiversidade na adversidade: estratégias remotas de educação e sensibilização ambiental | 65 | Vinício A. Araújo Caio H. G. Cutrim |
| 8. | Conexões para reduzir danos: extensão universitária e mídias sociais | 79 | Keronlay S. Machado Bruna O. Bizarro Lorena S. Xavier et al. |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| 9. | Construindo Pontes: 10 anos de existência e resistência em meio aos desafios do cenário da pandemia | 91 | Uliana Pontes Jane C. S. Capelli Leonardo G. Silva Luciara L.S.L. Vasconcelos et al. |
| 10. | Criação e experimentação em artes visuais por vias virtuais: perspectivas a partir do sujeito | 103 | Isadora O. B. Espindola |
| 11. | EXU matou um pássaro ontem com a pedra que arremessou hoje: Extensão Universitária, Psicologia e Compromisso Social | 109 | Pedro Paulo G. Bicalho Clara P. Braga |
| 12. | Hortinha da PV: limites e desafios à formação agroecológica dos trabalhadores durante a pandemia da Covid-19 | 119 | Mônica Delgado Julia Fois Luiza Ribeiro Lucas Barroso |
| 13. | Inovação de atividades de extensão: diálogos possíveis em tempos de pandemia de covid-19 | 127 | Luis Carlos S. Martins Fernando C. R. Fernandes Francielle M. Calazans |
| 14. | Mitologando em tempos de pandemia: um relato de experiência | 135 | Katia Teonia C. Azevedo |
| 15. | Música e saúde nas mídias sociais: relato de experiência do projeto de extensão universitária Oficinas Musicais: promovendo aprendizagem, criatividade e cidadania | 145 | Gunnar G. C. C. Taets Ana Beatriz A. Mendes Geisiane S. S. Jesus Larissa M. Xavier Letícia M. Xavier Maria N. M. Silva |
| 16. | Parentalidade e carreira em tempos de isolamento social | 157 | Isis V. Nazareth Gizele C. S. Martins Isadora O. Amaral Kelly P. Vieira |
| 17. | Práticas em ciência e tecnologia de alimentos: atividades integradas de ensino e extensão | 165 | Laís B. Barros Priscila V. Pontes Beatriz N. C. Santos Remely R. Santos |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| 18. | Prazer em conhecer - temas da atualidade: COVID-19 | 177 | Mirella P. Santos Arthur V. S. Lopes Luigi P. Cunha Américo A. P. Junior et al. |
| 19. | Projeto <i>Leitura de textos: contribuições da semiótica</i> : desafios e práticas | 185 | Regina S. Gomes Sara R. A. da Silva |
| 20. | Projeto Escola Solar: construindo pontes para um futuro sustentável | 197 | Maria L. R. D. Pereira Amanda G. Veiga Bruno G. A. L. Borges |
| 21. | Projeto <i>Envelhecimento, Nutrição e Promoção da Saúde</i> : desafios, reinvenção e inovação da extensão universitária durante a pandemia | 205 | Renata B. A. Oliveira Sabrina R. Gonzalez Agatha G. Pinto Carolina B. Daumas et al. |
| 22 | Respira e não pira: a resiliência das macromoléculas na pandemia | 213 | Manuela L. Silva Américo A. P. Junior Leonardo A. Abreu Maria Fernanda R. Dias et al. |
| 23 | Saúde e Dança: resultados das adaptações de uma ação de extensão em saúde, durante a pandemia de covid-19 | 225 | Fernando E. Zikan Bruno Mutuano Yasmin Oliveira |
| 24 | Uma visão íntima do mundo natural: os anfíbios como influenciadores digitais | 235 | Fábio Hepp Juliana Kirchmeyer Bernardo De La Vega Yasmin F. O. O. Tosta Andressa M. Bezerra |
| 25 | Universo acessível: ensinando Astronomia a quem não pode ver com os olhos | 247 | Silvia Lorenz Martins Priscila Alves Marques Aires C. Silva |
| 26 | Uso das redes sociais como estratégia de educação em saúde na pandemia covid-19 | 259 | Eduardo A. J. C. F. Lucas Lucas L. Carvalho Lucas R. Claro Amanda S. Cabral et al. |

PREFÁCIO

TERRA VIRTUAL: O DESAFIO DE FAZER COMUNIDADE

IVANA BENTES, PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO DA UFRJ

Ainda estamos processando e entendendo os reais impactos que a pandemia da COVID-19 produziu no cenário global, no Brasil e também no campo da educação e da formação.

O certo é que a crise de saúde, a crise humanitária e as incertezas em todos os níveis se tornaram um acontecimento divisor, que nos faz ver o que uma época tem de singular e de intolerável e fez emergir novas possibilidades de pensar a vida, os processos cotidianos, a forma de estarmos juntos e os processos de ensino e de aprendizado.

Ao longo desta pandemia – que teve momento traumáticos e atingiu quase 700 mil mortos no Brasil, em outubro de 2022 – milhares de estudantes, professores e técnicos tiveram que interromper suas rotinas dentro e fora das salas de aula.

Mais de 1,5 bilhão de estudantes foram afetados, segundo a Unesco, com a suspensão das aulas presenciais e a necessidade do isolamento social para mitigar a contaminação pelo vírus da COVID-19.

Diante desse cenário de virtualização da vida (para os que podiam ficar em isolamento), um novo desafio se impôs: reinventar e repensar os espaços de convivência, de trabalho e de produção do conhecimento e, de forma massiva, achar soluções para experiências de educação virtual ou remota, retomar as experiências de Educação a Distância (EAD), utilizar toda a inteligência coletiva e as tecnologias de comunicação para tentar mitigar o que foi uma provação coletiva.

O que fazer quando a vida da espécie está ameaçada e é preciso parar ou desacelerar? Muitas estratégias e conflitos se deram entre a necessidade de ficarmos em casa e a de mantermos ações emergenciais que sustentassem a vida.

Na educação, não foi diferente, e muitos debates foram travados até se chegar a alguns consensos, como mitigar o isolamento social por meio de tecnologias de comunicação, plataformas e redes sociais. Experimentamos uma explosão de *lives* para todos os fins, buscando minorar o isolamento com um encontro ao vivo remoto.

Na extensão universitária, de uma hora para outra, centenas de ações emergenciais de extensão foram propostas na UFRJ, ancoradas nos princípios do encontro de saberes, das trocas, do dialógico, da empatia e do sentido da urgência, e buscando nas tecnologias comunicacionais um meio para responder a um cenário difícil e ameaçador, que produziu traumas coletivos.

As ações de extensão puderam acontecer via plataformas e ambientes on-line, estratégias de inclusão digital e tecnológica tiveram que ser tomadas, como a disponibilização de kits multimídias quando a UFRJ lança, em junho de 2020, um programa de inclusão digital para ensino remoto emergencial, permitindo acesso gratuito à internet para que alunos pudessem participar de atividades acadêmicas on-line.

Estar juntos, mesmo que à distância e em ambientes virtuais, foi decisivo não apenas para dar continuidade ao processo de formação, mas permitiu manter a cola social, o sentido de coletividade diante de uma crise humanitária, social e de saúde pública.

Esse momento histórico difícil também nos levou a outros debates decisivos, aos quais os relatos apresentados neste livro respondem. Como a extensão universitária, um campo desengessado, menos disciplinar e mais interativo, que já atua para além da sala de aula, poderia pensar estratégias de comunicação dialógicas, reinventando as comunidades virtuais de aprendizagem para além das experiências tanto do ensino tradicional quanto da EAD, a Educação a Distância, tal como conhecemos?

Para reduzir o impacto do isolamento social, a Extensão da UFRJ lançou a campanha Extensão Virtual estimulando a continuidade das ações de extensão presenciais de forma virtual e a criação de novas ações que respondessem ao cenário de crise, trazendo informações científicas, ações de apoio e de cuidados, ações inovadoras e ampliando a noção de “divulgação científica” para a de “comunicação”, ações de mídias e comunicação com interação e impacto nos territórios.

Relatos da Extensão: Criatividade e resistência em tempos de pandemia, organizado pelos professores e coordenadores de ações de extensão, Sandro Tôrres de Azevedo e Aline Frederico, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, traz essa experiência a quente, com respostas e questionamentos, pensamento crítico e ações da extensão universitária diante desses desafios.

E as respostas e questionamentos são os mais diversos e inovadores: vídeos disponibilizados nas redes sociais, *lives* e encontros remotos de formação, ações virtuais, mudança de linguagem, campanhas nas redes, debates

interativos sobre os mais diferentes temas (como saúde e vacinas), ações culturais, exibições de filmes on-line, debates nas redes e plataformas de questões sociais urgentes (como saúde mental, segurança alimentar, racismo, feminicídio, crise de desinformação, negacionismos, prevenção da gravidez na adolescência, acessibilidade digital, consumo consciente e meio ambiente), e estratégias de comunicação no combate ao coronavírus nas favelas cariocas.

Destacamos ainda as ações de sustentabilidade, direitos humanos, ações de valorização das culturas tradicionais e muitas ações de popularização e divulgação científicas que impactam no cotidiano e nos territórios.

O que essas experiências têm em comum? Essa virtualização da vida em diferentes dimensões foi emergencial e uma exceção e, em outubro de 2022, já estamos de volta de forma plena aos ambientes presenciais, mas essas experiências educacionais novas em uma escala nunca vista produziram um acúmulo, produziram referências e formas inovadoras de estarmos juntos, mesmo que à distância. Temos um desafio: qualificar as interações dialógicas nos ambientes virtuais.

Os relatos apontam para esses desafios: como não sucumbir à exaustão das telas ou da sobreposição e dissolução dos limites entre o doméstico e público, o informal e o formal, como lidar com a transformação das casas em escola, escritório e fábrica. Também ficam claras a necessidade de políticas públicas para a inclusão digital, a necessidade de cuidados com a saúde mental e a importância do comunitário.

Os relatos selecionados nesses quatro volumes nos levam a repensar o uso das tecnologias, das formas de interação remotas, dos ambientes virtuais e como esses podem se associar ao presencial.

A extensão respondeu à crise e à urgência com ações inspiradoras que foram decisivas para mantermos o sentido de comunidade e para nos mantermos conectados em um momento de grande comoção, de riscos, de expectativas e de incertezas. As ações realizadas ativaram laços de pertencimento que criaram comunidades virtuais.

O resultado e o impacto dos textos nos fazem pensar e desejar agir. Mostram a centralidade da extensão universitária em tempos de crise, impactando na sociedade, na formação de estudantes e extensionistas, envolvendo professores e técnicos e construindo novos laços com a comunidade externa, e aponta para novas formas de comunicação direta com a sociedade como um todo.

Em meio a um trauma coletivo, nós atravessamos uma terra virtual, criamos comunidades de produção, de conhecimento e de afetos, ampliamos nossa visibilidade e nossa comunicação com a sociedade, democratizando saberes e reafirmando os nossos valores voltados para o bem comum.

Quais são nossos desafios ao voltarmos para o convívio presencial pós-pandemia? São repensar as formas de trabalho, da produção do conhecimento e os modos de estar juntos, além de qualificar esses ambientes de presença virtual e de copresença que passaram a fazer parte do nosso cotidiano, para incorporar todo esse aprendizado de forma inovadora em nossas instituições e na extensão da UFRJ.

Nós da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, vendo projetos como esses, lendo cada relato, vendo a produção de conhecimentos novos e de novas práticas e tecnopolíticas, podemos reafirmar a força e celebrar a ampliação da conexão entre universidade e sociedade. Atravessamos e plantamos sementes nessa terra virtual.

A OFICINA *REDUÇÃO DE DANOS E COTIDIANO NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA VIRTUAL*: CONEXÕES POSSÍVEIS FRENTE AO ISOLAMENTO SOCIAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

01

KERONLAY DA SILVA MACHADO • COORDENADORA DO PROJETO CONEXÃO RD E TERAPEUTA OCUPACIONAL DO PROGRAMA DE ESTUDOS E ASSISTÊNCIA AO USO DE DROGAS

BEATRIZ ACETI LENZ CÉSAR • PSICÓLOGA DO PROGRAMA DE ESTUDOS E ASSISTÊNCIA AO USO DE DROGAS

BEATRIZ DE FREITAS SALLES • MUSICOTERAPEUTA DO PROGRAMA DE ESTUDOS E ASSISTÊNCIA AO USO DE DROGAS

BRUNA DE OLIVEIRA BIZARRO • PEDRO FORTES DE AZEVEDO RANGEL • GRADUANDOS EM PSICOLOGIA - UFRJ

RAMIRES MILENA PORTO COSTA • GRADUANDA EM TERAPIA OCUPACIONAL – UFRJ

VICTÓRIA GUTIERREZ • JAMILY BORGES • THAÍS SÂMELA • PSICÓLOGAS, DISCENTES DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ASSISTÊNCIA A USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS - PROJAD/IPUB/UFRJ

JALMES DOS ANJOS • ENFERMEIRO, DISCENTE DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ASSISTÊNCIA A USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS - PROJAD/IPUB/UFRJ

RESUMO

A pandemia do coronavírus interrompeu bruscamente as atividades presenciais coletivas dos centros de convivência que compunham de maneira estrutural o cotidiano de sujeitos enquanto espaços presenciais de produção artística e cultural, promoção de saúde, cidadania e pertencimento social. Neste relato descreve-se a Oficina Redução de Danos e Cotidiano, atividade desenvolvida por meio remoto que compôs as ações do Centro de Convivência Virtual. Através da oficina buscou-se ampliar os diálogos e interfaces desta abordagem, que tem raízes no campo do cuidado a usuários de álcool e outras drogas, com as relações, hábitos e fazeres dos conviventes, fossem eles consumidores ou não de drogas.

PALAVRAS-CHAVE

Saúde Coletiva; Saúde Mental; Convivência; Redução do Dano; Pandemia da COVID-19

1. INTRODUÇÃO

A pandemia do coronavírus interrompeu bruscamente as atividades presenciais coletivas dos centros de convivência que, em muitos casos, compunham de maneira estrutural o cotidiano de sujeitos enquanto espaços de produção artística e cultural, promoção de saúde, cidadania e pertencimento social. Os Centros de Convivência e Cultura (CECO's) promovem a convivência enquanto dispositivo de cuidado pautado no modelo comunitário, na despatologização e como uma forma de desinstitucionalizar as vidas de pessoas com transtornos mentais através de uma interface da arte, cultura e território.

O projeto de extensão *Conexão RD* é vinculado ao Centro de Convivência do PROJAD (Programa de Estudos e Assistência ao Uso de Drogas) que é um dos serviços do IPUB (Instituto de Psiquiatria) da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Objetiva intervir junto às pessoas que apresentam problemas relacionados ao consumo de drogas, usuárias da Rede de Atenção Psicossocial. Através de atividades na interface arte/saúde/cultura buscamos ampliar e multiplicar os diálogos entre a Redução de Danos, uma estratégia em saúde pública no campo do cuidado a usuários de álcool e outras drogas, e as relações, hábitos e fazeres das pessoas que participam das nossas ações. Compreende-se que a experiência estética nos campos da arte e da cultura utilizada, como insumo em Redução de Danos, possibilita o estabelecimento de novos laços sociais.

Frente à interrupção das atividades dos CeCo's devido à COVID-19, um grupo de profissionais e usuários participantes do Fórum dos Centros de Convivência do Rio de Janeiro do qual o *Conexão RD* iniciou em abril de 2020 a construção do Centro de Convivência Virtual.

A partir do diálogo entre usuários-profissionais militantes, foi criado o Centro de Convivência Virtual, uma ferramenta que surge como uma resposta ao problema do isolamento social enfrentado por toda a população, dadas as recomendações sanitárias para evitar o contágio pelo coronavírus. Segundo relatos que tivemos, o sofrimento advindo do isolamento imposto pela pandemia a toda população foi sentido acentuadamente por usuários da RAPS que ficaram privados de parte importante do cuidado em saúde mental que são as atividades coletivas. (ALVAREZ, P. E et al., 2020, p.98)

A ideia se tornou um projeto que foi contemplado pelo Edital INOVA FIOCRUZ COVID-19. Enquanto componentes do Fórum dos CeCo's, o projeto de Extensão *Conexão RD* e o Centro de Convivência do PROJAD

participaram da composição das atividades da Agenda Conviver do Centro de Convivência Virtual (CVV) entre julho e outubro de 2019, a partir da proposição da Oficina Redução de Danos e Cotidiano. Através desta atividade, buscou-se ampliar os diálogos e interfaces da Redução de Danos, uma abordagem que tem raízes no campo do cuidado a usuários de álcool e outras drogas, com as relações, hábitos e fazeres dos conviventes, sejam eles consumidores ou não de drogas. Neste contexto, compreendemos a Redução de Danos como uma estratégia ética, política, estética e de re-existência, especialmente no contexto atual da pandemia do coronavírus.

Considera-se a atividade ofertada relevante nesse contexto por configurar-se uma intervenção em redução de danos, tanto para as pessoas que consomem drogas quanto para a população em geral, convocadas a lidar com as condições e efeitos impostos pelo isolamento social e desdobramentos da pandemia, auxiliando na invenção e composição de novos espaços de enlaçamento social. Ao abordar temáticas relacionadas ao campo das drogas, buscou-se ampliar o debate e desmistificar o tema que ainda é tratado de forma preconceituosa e equivocada por grande parte da sociedade.

2. OBJETIVOS

A atividade objetivou promover espaços de interação e convivência virtual, a partir da abordagem de temáticas relacionadas ao campo das drogas e ao contexto da pandemia, utilizando-se de cine-debate, rodas de conversa e oficinas como mediadores da ação.

3. METODOLOGIA

A Oficina Redução de Danos e Cotidiano idealizada para a Agenda ConViver levou em conta o calendário contemplado pelo Edital Inova/Fiocruz que, inicialmente, deu suporte técnico e financeiro ao Projeto, encontros entre 01/07/2020 a 25/09/2020 com a periodicidade semanal. Nesse sentido, foi pensado coletivamente um cronograma com doze encontros, a partir da interprofissionalidade, da transdisciplinaridade, da ética de Redução de Danos e do meio digital que serviria como intermediário às conexões necessárias. Entretanto, compreendendo que a transformação das atividades presenciais para uma possibilidade no território virtual

configura-se como uma novidade em diversos sentidos, nos mantivemos abertos a modificações durante o processo de implementação.

Participaram das oficinas a equipe executora do projeto de extensão *Conexão RD*, uma psicóloga e uma musicoterapeuta do Centro de Convivência PROJAD e especializando em Assistência a Usuários de Álcool e outras Drogas do PROJAD.

A experiência concreta proporcionou, e ainda proporciona, aprendizados que foram estruturantes para que seguíssemos apostando no trabalho. Partindo do cronograma elaborado para o edital Inova (Tabela 1), podemos observar o quanto essas mudanças ao longo da execução foram centrais na operacionalização das oficinas. O ambiente digital requer a renovação dos pactos sociais e apropriação tecnológica mínima de todos os envolvidos. Além disso, diferente do presencial em que a participação fica restrita aos que estão presentes, na rede há formas de estar *online*. Quando nos defrontamos com essas múltiplas modalidades possibilitadas pela interface das redes sociais, nos debruçamos em conhecer as limitações e potências envolvidas em cada uma delas.

A princípio, pensamos na possibilidade de realizar a maior parte dos encontros em chamadas da Plataforma *Google Meet*, pois assim conseguiríamos realizar interações mais imediatas com os conviventes. Por outro lado, a transmissão da discussão através de uma *live* consegue atingir um maior público síncrono (mesmo com a interação limitada); ademais, a oficina transmitida permanece gravada, tornando possível uma interação posterior pelos comentários da postagem. Seguindo esta demanda, foi necessário aprender não só a realizar os *streamings*, como também reorganizar toda a logística das oficinas para que os participantes soubessem os procedimentos da atividade.

O primeiro aplicativo que aprendemos a utilizar foi a versão gratuita do StreamLabs. Através da transmissão da tela para a página do *Conexão RD* no *Facebook*, realizamos um teste com a equipe extensionista e o apoio técnico do CeCo Virtual. Nesse dia, certificamos que conseguiríamos realizar com sucesso o primeiro encontro da Oficina Redução de Danos e Cotidiano, inclusive transmitindo um documentário sem maiores problemas. Como a apreensão das ferramentas deste aplicativo foi mais rápida do que o esperado — considerando que não tínhamos nenhuma experiência nesse sentido —, realizou-se uma aproximação entre as pessoas responsáveis pela parte técnica do *Conexão RD* e da equipe de apoio do Centro de Convivência Virtual. Fazendo com que houvesse reuniões para discutir a viabilidade de outros *streamings* dentro da Agenda ConViver. Essa troca proporcionou a expansão das atividades para o *YouTube*, a utilização de duas plataformas de *streaming* (*StreamLabs* e

Stream Yard) e a integração de uma estudante extensionista na equipe de comunicação do CeCo Virtual como bolsista do edital.

No decorrer do processo estabeleceu-se uma metodologia para o planejamento e execução dos encontros promovidos pela Oficina RD e Cotidiano. As atividades foram divididas em duas modalidades: 1) *Lives* na qual só os moderadores e convidados estão na sala do *Google Meet*, e os comentários e interações nas outras redes são gerenciados por membros da equipe; e 2) Atividades fechadas com número limitado de inscrições (feitas através de um *Google Forms*) realizadas pela plataforma *Google Meet*.

Para cada encontro temático foi idealizado — durante as reuniões semanais de educação permanente — um roteiro que incluía seleção dos convidados, o objetivo da atividade e qual seria o argumento central do debate. Após o contato com os participantes externos, realizamos uma reunião com eles para repassar todas as informações acordadas previamente. Também produzimos *cards* para a divulgação de cada encontro que constava o endereço virtual, data e hora, apresentação dos palestrantes e descrição do tema. Os *cards* foram divulgados nas redes sociais do projeto de extensão e do CCV. Ao final de cada encontro produzimos relatórios sobre as atividades que se encontram sistematizadas na tabela abaixo.

| Atividades | O que é Redução de Danos? 22 de julho de 2020 | Live Maconha Medicinal 29 de julho de 2020 |
|------------------------|---|---|
| Descrição da atividade | A partir da exibição do documentário <i>Crack: Repensar</i> foi realizado debate sobre a temática das drogas, abordando a redução de danos como estratégia de resistência e enfrentamento aos efeitos maléficos do proibicionismo e da guerra às drogas às populações vulneráveis, em especial às pessoas pretas, pobres e periféricas. | Iniciamos com a exibição do documentário <i>Mãeconheiras</i> , que aborda a necessidade de debater sobre a regularização e a proibição da maconha. O debate sobre o documentário gerou falas no sentido de acelerar a articulação necessária para a liberação da cannabis no Brasil, visto que seu acesso ainda é restrito e burocrático. |
| Plataforma | <i>Google Meet</i> com streaming para as contas de <i>Facebook</i> do <i>Conexão RD</i> e do Centro de Convivência Virtual. | <i>Google Meet</i> com streaming para as contas de <i>Facebook</i> do <i>Conexão RD</i> e do Centro de Convivência Virtual. |
| <i>Facebook</i> | 410 visualizações, 14 compartilhamentos, 260 engajamentos e 1.262 pessoas alcançadas. | 423 visualizações, 17 comentários, 30 reações, 14 compartilhamentos, 232 engajamentos e 1.182 pessoas alcançadas. |

| Atividades | Nossas Raízes 19 de agosto de 2020 | Roda de Conversa: Violência contra mulher 26 de agosto de 2020 |
|------------------------|--|--|
| Descrição da atividade | A atividade funcionou como uma continuação da <i>live</i> anterior, com as mesmas convidadas. Mantiveram o debate sobre questões raciais. Focou-se no aspecto identitário, cultural e estético do debate. Seguido por uma oficina de turbantes realizada pelas convidadas. Para esta <i>live</i> , o tempo estipulado foi de uma hora e meia e perfeitamente suficiente. | A atividade consistiu numa roda de conversa fechada sobre violência contra a mulher. Para a sua realização, foi enviado um formulário simples para inscrição das interessadas junto à divulgação do <i>card</i> informativo por lista de transmissão. Das 20 vagas disponíveis, houve 6 inscrições. Das 6 inscritas, 3 participaram. |
| Plataforma | <i>Google Meet</i> com Streaming para as contas de <i>Facebook</i> do <i>Conexão RD</i> e do Centro de Convivência Virtual. | Foi realizada em forma de grupo fechado na plataforma <i>Google Meet</i> . |
| <i>Facebook</i> | 356 visualizações, 30 comentários, 25 reações, 5 compartilhamentos, 50 engajamentos e 654 pessoas alcançadas. | A atividade não foi gravada ou transmitida. |

| Atividades | Live Violência contra a Mulher 02 de setembro de 2020 | Consumo de Drogas e estratégias de Redução de Danos na quarentena 10 de setembro de 2020 |
|------------------------|--|--|
| Descrição da atividade | Esta teve como tema Direitos Humanos x Direitos Fundamentais da Mulher com o objetivo de abordar os Direitos da Mulher. Uma convidada da área jurídica apresentou aspectos que envolveram a elaboração e aprovação da Lei Maria da Penha, assim como os detalhes e formas de violência que a Lei descreve. | O debate abordou algumas medidas para reduzir os danos entre aqueles que afrouxaram o isolamento; a diferenciação das drogas sejam elas lícitas ou ilícita. Também foram abordadas algumas substâncias que permeiam o cotidiano de grande parte das pessoas, como Tabaco, Álcool, Maconha e Açúcar. No segundo momento da oficina, uma das convidadas realizou uma prática de relaxamento. |

| | | |
|------------------------|--|---|
| Plataforma | <i>Google Meet</i> com streaming para as contas de <i>Facebook</i> do <i>Conexão RD</i> e do Centro de Convivência Virtual. | <i>Google Meet</i> com streaming para as contas de <i>Facebook</i> do <i>Conexão RD</i> e do Centro de Convivência Virtual. |
| <i>Facebook</i> | Sem informações | 244 visualizações, 21 comentários, 32 reações, 7 compartilhamentos, 146 engajamentos e 515 pessoas alcançadas. |
| Atividades | Roda de Conversa Hiperconvivência e Pandemia <i>16 de setembro de 2020</i> | Live Sonoridades do Cotidiano <i>23 de setembro de 2020</i> |
| Descrição da atividade | A atividade teve por objetivo discutir como as pessoas estão se sentindo diante da diversidade de sons/sentimentos/atividades neste momento de hiperconvivência. Para a atividade foi usado como disparador um vídeo de sons que fazem parte de nosso dia a dia, para na sequência falar sobre o que foi sentido. | O objetivo dessa atividade foi abordar o tema dos sons e da paisagem sonora que permeiam o cotidiano de cada um na quarentena. Durante a atividade elaboramos alguns argumentos sobre a importância de estar consciente dos sons que nos cercam e como manuseá-los de forma saudável, além de aprender a instrumentalizar o que nos traz boas sensações. |
| Plataforma | <i>Google Meet</i> com streaming para as contas de <i>Facebook</i> do <i>Conexão RD</i> e do Centro de Convivência Virtual. | <i>Google Meet</i> com streaming para as contas de <i>Facebook</i> do <i>Conexão RD</i> e do Centro de Convivência Virtual. |
| <i>Facebook</i> | 136 visualizações, 1 comentário, 13 reações, 1 compartilhamento, 67 engajamentos e 80 pessoas alcançadas. | 145 visualizações, 17 comentários, 16 reações, 1 compartilhamento, 119 engajamentos e 116 pessoas alcançadas. |
| Atividades | Oficina de instrumentos artesanais <i>30 de setembro de 2020</i> | Comunicação e Saúde mental: Usos e Abusos das/nas Redes Sociais <i>07 de outubro de 2020</i> |
| Descrição da atividade | A oficina foi aberta para inscrições com sugestão prévia de materiais básicos e instrumentos, através da página do <i>Conexão RD</i> no <i>Instagram</i> . Depois de um breve resgate conceitual partimos para o passo-a-passo, guiado por Gabriel Costa, na confecção de dois instrumentos: o Apito de pato e o Bexigofone. | A <i>live</i> trouxe questionamentos como: há espaço para transformações positivas através da virtualidade? Como manejar as contradições de contexto? Existem formas mais conscientes e saudáveis de fazer uso das redes sociais e das tecnologias digitais? As convidadas foram Isabel Coronel da equipe técnica do CeCo Virtual e Ivana Bentes pró-reitora da PR5/UFRJ. |

| | | |
|-----------------|---|--|
| Plataforma | <i>Google Meet</i> com streaming para as contas de <i>Facebook</i> do <i>Conexão RD</i> e do Centro de Convivência Virtual. | <i>StreamYard</i> com streaming para conta <i>YouTube</i> do Centro de Convivência Virtual e da Extensão UFRJ. |
| <i>Facebook</i> | Registramos 93 visualizações, 4 comentários, 8 reações, o compartilhamento, 27 engajamentos e 64 pessoas alcançadas. | Como não foi realizada transmissão pelo <i>Facebook</i> do <i>Conexão RD</i> , não temos dados quantitativos sobre o acesso ao vídeo, porém o <i>post</i> de divulgação foi um dos mais acessados em nossa página desde o início das atividades. |

3.1 LISTA DE TRANSMISSÃO

A partir da elaboração das atividades por via remota, notou-se a necessidade de poder impulsionar e qualificar a maneira como a transmitir na prática as atividades da Agenda Conviver para os conviventes do CeCo PROJAD e para o público em geral. Decidiu-se criar uma lista de transmissão, via *WhatsApp*, para disponibilização da agenda de eventos para os usuários a que houvesse com registro de contato telefônico no CeCo PROJAD.

A lista de transmissão é um recurso em que se pode enviar uma mensagem para diversos contatos de uma só vez, funciona como lista de contatos salvos, para as quais é possível enviar mensagens mais de uma vez, sem precisar selecionar os mesmos contatos a cada envio. Utilizando-se este recurso, foram adicionados todos os contatos dos conviventes do CeCo do PROJAD à lista de transmissão e criado uma conta comercial no *WhatsApp*, nomeado como: Centro de Convivência Virtual do Projad.

Dessa maneira, a partir da segunda semana de atividades da agenda Conviver, foi possível fazer esse contato informando previamente sobre atividades, horários, método de participação, esclarecimentos, etc.

4. RESULTADOS OBSERVADOS

O engajamento da equipe executora da Oficina Redução de Danos e Cotidiano em manejar novas tecnologias foi fundamental para que a atividade acontecesse. O ambiente virtual possibilitou a ampliação do público alvo tanto do *Conexão RD* quanto do CeCo PROJAD. O trabalho inter

e transdisciplinar proporcionou uma oportunidade ímpar no processo formativo dos estudantes. Porém, há limitações de acessibilidade e desigualdades econômicas que impedem muitos usuários de participar das atividades no formato remoto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência relatada, considera-se que, no mundo pós-pandemia, vislumbramos um futuro híbrido, com atividades presenciais e remotas compondo cotidianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, A. P. E., DE BARROS FERNANDES, J., DE OLIVEIRA, M. I. Q., DA SILVA, I. C. A., & DE CASTRO, R. Convivência virtual. *Revista GEMInIS*, v. 11, n. 3, p. 87-107, 2020.

A QUALIDADE DO SONO DAS CRIANÇAS EM TEMPOS DE PANDEMIAS POR COVID-19: COMO PROMOVER?

RAYSSA NASCIMENTO VASCONCELLOS

GRADUANDA DE ENFERMAGEM - UFRJ

MARIA HELENA DO NASCIMENTO SOUZA

DOCENTE DA ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY - UFRJ

RESUMO

Introdução: A garantia do sono se torna essencial para a vida das crianças durante a pandemia por COVID-19 e isolamento social, visto que contribui para o desenvolvimento infantil. *Objetivos:* identificar os principais fatores que dificultam a qualidade do sono das crianças durante a quarentena, de acordo com a literatura e, construir um material educativo acerca da qualidade do sono infantil em tempos de pandemia por COVID-19. *Metodologia:* trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, realizado no mês de abril de 2020. *Resultados:* um folder estruturado com uma linguagem clara/objetiva segundo as recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria. *Considerações Finais:* a divulgação do material contribuiu na orientação das famílias no cuidado às crianças pré-escolares e escolares, bem como no fortalecimento da qualidade do sono infantil durante o distanciamento social.

PALAVRAS-CHAVE

Saúde da Criança; Pandemia; Sono; Enfermagem Pediátrica.

1. INTRODUÇÃO

A criança é um ser em constante aprendizado e desenvolvimento. Na infância, fatores como: bem-estar, alimentação saudável, apoio social, cuidado familiar, adesão escolar, prevenção da violência, bem como a qualidade do sono, são aspectos que contribuem de forma significativa para o desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo da criança. Nessa perspectiva, torna-se essencial a garantia do sono infantil, uma vez que, por meio deste, é possível propiciar descanso físico/mental, o processamento neuronal de informações de cada dia, recuperação energética e outras funções neurobiológicas, como a liberação de hormônios (RANJBAR et al., 2021; OLIVEIRA, 2020; SILVA, 2018).

Por outro lado, situações como: prematuridade, amamentação ineficaz, desnutrição, cuidados insensíveis e/ou não responsivos, pobreza, estresse e ambiente doméstico caótico, podem acarretar distúrbios do sono nas crianças, influenciando de forma prejudicial no desenvolvimento infantil, na adesão escolar, no processo de aprendizagem e na qualidade de vida (ALONSO, 2021; OLIVEIRA, 2020).

O excesso de sono também pode ser um fator prejudicial. Um estudo realizado na Pensilvânia (EUA) com 508 crianças buscou associar sonolência diurna excessiva (SDE), com a atenção/hiperatividade e nível de aprendizado, relatado pelos pais. Nesse estudo, foi constatado que crianças com SDE apresentaram cerca de 7 vezes mais chances de defasagem escolar devido ao déficit na velocidade de processamento neurocognitivo e de memória, evidenciando a importância dos cuidadores na busca por estratégias que visem a regulação do sono das crianças (CALHOUN, 2012).

Com a pandemia por COVID-19 e, por conseguinte, com o isolamento social, surgiu a necessidade dos indivíduos, em especial das crianças, de permanecerem restritos ao ambiente domiciliar. Com isso, ficaram mais suscetíveis ao estresse, a irritabilidade e ao tédio, devido a abstenção de suas rotinas, atividades escolares e de lazer. Assim, tal cenário pode ter impactado diretamente na qualidade do sono das crianças que, devido à falta de uma rotina diária, podem trocar o dia pela noite e vice-versa no desenvolvimento de suas atividades.

Nessa ótica, faz-se necessário ampliar o aporte informacional das famílias, visando a harmonia e a qualidade do sono das crianças, bem como dos demais familiares.

2. OBJETIVOS

- Identificar os principais fatores que dificultam a qualidade do sono das crianças durante a quarentena, de acordo com a literatura.
- Construir um material educativo acerca da qualidade do sono infantil em tempos de pandemia por COVID-19.

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, realizado no mês de abril de 2020. Deu-se mediante a produção de material educativo sobre a promoção da qualidade do sono infantil durante o período de isolamento social, para as famílias de crianças matriculadas em uma creche comunitária e de crianças que fazem acompanhamento em um Centro de Reabilitação do município do Rio de Janeiro. Tais famílias constituem o público alvo do Projeto de pesquisa e extensão universitária: *promovendo a saúde na perspectiva da interação social*, desenvolvido por discentes e docentes da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

4. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

Devido a necessidade de distanciamento social, como medida preventiva contra a propagação do Sars-Cov-2 no Brasil, e, no caso desta ação, no Rio de Janeiro, muitos atendimentos de natureza multiprofissionais passaram a aderir a recursos tecnológicos, visando a continuidade dos atendimentos e consultas. No âmbito da reabilitação, não foi diferente, contudo, mediante o aporte compulsivo de informação por jornais e redes de televisão, os pais das crianças que frequentavam o Centro de Reabilitação, se viram aflitos quanto à qualidade de vida de seus filhos no âmbito domiciliar. Nessa perspectiva, desenvolveu-se um folder que possibilitou o esclarecimento de aspectos importantes, como a qualidade do sono dessas crianças.

Inicialmente, com base na análise da literatura e auxílio do aplicativo suéco denominado “Mentimeter”, foi confeccionada uma nuvem de palavras, representando os principais fatores que comprometem a qualidade

do sono infantil. Posteriormente, com auxílio da plataforma de design gráfico intitulada “Canva”, foi elaborada a estrutura do folder educativo..

5. RESULTADOS

Após análise da literatura publicada nas bases: *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE) e PUBMED, no recorte temporal de janeiro de 2020 a março de 2021, utilizando os descritores ‘Criança’, ‘Pandemia’ e ‘Sono’, foi possível evidenciar 10 artigos, sendo que, nestes, os principais fatores que dificultam a qualidade do sono infantil durante a pandemia foram contemplados na nuvem de palavras da Figura 1.

Quais os principais fatores que dificultam a qualidade do sono das crianças durante a quarentena?

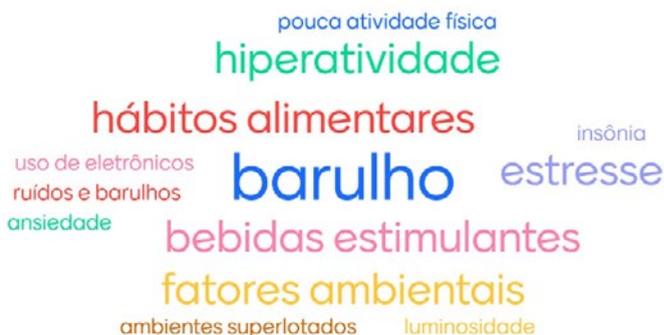


Figura 1 - Representação por nuvem de palavras dos fatores que dificultam a qualidade do sono das crianças. Fonte: pesquisadoras

De acordo com algumas recomendações acerca da higiene do sono, a Sociedade Brasileira de Pediatria preconiza:

Mantenha horários regulares de sono para seu filho (os); Faça dos últimos 30 minutos antes de dormir uma rotina regular que inclua atividades tranquilas; escolha atividades que não só a criança goste, mas que o cuidador ou os pais também gostem. Programas online para esportes em casa com crianças foram criados em muitos países e poderão ser muito úteis. Mantenha o quarto da criança confortável (temperatura adequada e pouca luz à noite); Tranquilize as crianças informando que seguir os horários e rotinas as ajudarão a dormir bem e a lidar com suas emoções; No caso de

despertares ansiosos, tranquilize as crianças durante a noite; Não durma na mesma cama que a criança, mas garanta que estará por perto (SBP, 2020, pág. 2; ALTENA, 2020).

Vale ressaltar que, o panorama familiar brasileiro, não é igualitário. Sendo essa fase de isolamento social estressante de forma particular, dito que os pais necessitam se preocupar com a situação financeira, com a gerência do cuidado a outros filhos distribuídos em faixas etárias e demandas diferentes. Em uma sociedade na qual as tarefas domésticas não são necessariamente exercidas com auxílio do parceiro(a) conjugal e/ou parentes, sendo essas, na maioria dos casos, responsabilidade da figura materna (SIMON et al., 2015).

Tornando a garantia da qualidade do sono um compromisso de toda família, estudos afirmam que alternativas simples, como compartilhar a mesma cama para o sono, implicou em aspectos negativos na qualidade do sono, sendo um fator amplificador dos níveis de estresse tanto das crianças quanto dos pais. Além disso, distúrbios do sono associados ao estresse são cada vez mais comuns, e problemas relativos à interrupção do sono por estresse externo como a violência, brigas constantes e locais agitados, elevam a probabilidade de apresentar insônia crônica. Destaca-se ainda a importância de pais e filhos terem seu próprio espaço de descanso, capaz de fortalecer nas crianças a regulação de emoções e perfis comportamentais (TETI et al., 2016; GOUIN et al., 2015).

Como as recomendações são extensas, as mesmas foram estruturadas de maneira reduzida, em um folder com cores vivas e alegres, com informações descritas de forma clara e objetiva, vislumbrando o maior alcance de pessoas possível; a harmonia visual, bem como a leitura na íntegra do material, o que pode ser evidenciado na figura 2.

A divulgação do material na forma de folder educativo ocorreu pelo *WhatsApp* em formato de “pdf”, para um grupo constituído pelos pais das crianças matriculadas em uma creche comunitária e para os pais de crianças em processo de reabilitação de doenças crônicas, como: autismo, síndrome de down, déficit cognitivo e/ou motor, hiperatividade, microcefalia ou paralisia cerebral. Para garantir o alcance de todas as famílias atendidas, as pesquisadoras contaram com o auxílio das diretoras e dos profissionais da creche e do centro de reabilitação.

Na avaliação dos profissionais, da direção da creche e do centro de reabilitação, o conteúdo do material foi satisfatório e houve um retorno positivo por parte das famílias atendidas.



Figura 2 - Representação do folder promovendo a qualidade do sono durante a quarentena, RJ, 2021. Fonte: pesquisadoras

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, frente aos fatores que dificultam o sono infantil durante o período de distanciamento social, a disseminação de materiais educativos contribui com a circulação de informações confiáveis e acessíveis à população, que, somando com a autonomia das famílias no cuidado à criança pré-escolar e escolar em ambiente domiciliar, favorecem a qualidade do sono das crianças e um desenvolvimento saudável, principalmente durante a fase de pandemia por COVID-19.

Atividades como estas, de educação em saúde, possibilitam a troca de saberes entre a academia, serviço e comunidade, garantindo a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, A. M.; RAMÍREZ, V. R.; GARCÍA, A. Y. *et al.* Physical Activity, Sedentary Behavior, Sleep and Self-Regulation in Spanish Preschoolers during the COVID-19 Lockdown. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v.18, n. 2, p.693, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph18020693>. Acessado em: 22 abr. 2021.
- ALTENA, E.; BAGLIONI, C.; ESPIE, C. *et al.* Dealing with sleep problems during home confinement due to the COVID-19 outbreak: practical recommendations from a task force of the European CBT-I Academy. *J Sleep Res*, 2020. Disponível em: doi: 10.1111/jsr.13052. Acessado em: 22 abr. 2021.
- BECKER, S. P.; GREGORY, A. M. Editorial Perspective: Perils and promise for child and adolescent sleep and associated psychopathology during the COVID-19 pandemic. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 61, n.7, p. 757-759, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jcpp.13278> . Acessado em: 22 abr. 2021.
- CALHOUN, S. L.; FERNANDEZ-MENDOZA, J.; VGONTZAS, A. N. *et al.* Learning, attention/hyperactivity, and conduct problems as sequelae of excessive daytime sleepiness in a general population study of young children. *Sleep*, v.35, n.5, p.627-32, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.5665/sleep.1818>. Acessado em: 22 abr. 2021.
- CELLINI, N.; CANALE, N.; MIONI, G. *et al.* Changes in sleep pattern, sense of time and digital media use during COVID-19 lockdown in Italy. *Journal of Sleep Research*, v. 29, n. 4, p. e13074, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jsr.13074>. Acessado em: 22 abr. 2021.
- ÇETIN, F. H.; UÇAR H. N.; TURKOGLU, S. *et al.* Chronotypes and trauma reactions in children with ADHD in home confinement of COVID-19: full mediation effect of sleep problems. *Chronobiology International*, v. 37, n. 8, p. 1214-1222, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07420528.2020.1785487>. Acessado em: 22 abr 2021.
- DALTON, L.; RAPA, E.; STEIN, A. Protecting the psychological health of children through effective communication about COVID-19. *The Lancet Child & Adolescent Health*, v. 4, n. 5, p. 346-347, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(20\)30097-3](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(20)30097-3). Acessado em: 22 abr 2021.
- GALEA, S., MERCHANT, R. M., LURIE, N. The mental health consequences of COVID-19 and physical distancing: the need for prevention and early intervention. *JAMA internal medicine*, v. 180, n. 6, p. 817-818, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jamainternmed.2020.1562>. Acessado em: 22 abr. 2021.
- GUALANO, M. R. Effects of Covid-19 lockdown on mental health and sleep disturbances in Italy. *International journal of environmental research and public health* v. 17, n. 13, p. 4779, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17134779> . Acessado em: 22 abr. 2021.

JIAO, W. Y. *et al.* Behavioral and emotional disorders in children during the COVID-19 epidemic. *The Journal of Pediatrics*, v. 221, p. 264, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2020.03.013>. Acessado em: 22 abr. 2021.

OLIVEIRA, J. J. R., SIQUEIRA D. B. F. Efeitos negativos decorrentes dos transtornos do sono no processo de aprendizagem infantil. *Rev Cient Esc Estadual Saúde Pública Goiás “Cândido Santiago”* v.6, n. 3e600001, 2020. Disponível em: <https://www.revista.esap.go.gov.br/index.php/resap/article/view/233/89>. Acessado em: 22 abr. 2021.

RAMOS, R. T. CORONAVÍRUS: O sono da criança em época de confinamento. *Sociedade Brasileira de Pediatria*. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/coronavirus-o-sono-da-crianca-em-epoca-de-confinamento/>. Acessado em: 22 abr. 2021.

RANJBAR, K. *et al.* Students' attitude and sleep pattern during school closure following COVID-19 pandemic quarantine: a web-based survey in south of Iran. *Environ Health Prev Med*, v. 26, p. 33, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12199-021-00950-4>. Acessado em: 22 abr. 2021.

SILVA, E. M. B. *et al.* Percepção parental sobre hábitos e qualidade do sono das crianças em idade pré-escolar. *Revista de Enfermagem Referência*, v. 4, p. 1763-72, 28 de março de 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.12707/RIV17103>. Acessado em: 22 abr. 2021.

SILVA, L. C. B., NOVAES C. R. M. N.; LIMA, J. R. A. Sleep, sedentary behavior and physical activity: change on children's routine during the COVID-19. *Rev Bras Ativ Fís Saúde*. 2020 v. 25. DOI: 10.12820/rbafs.25e0143.

SIMON, E. B.; OREN, N.; SHARON, H. *et al.* Losing Neutrality: The Neural Basis of Impaired Emotional Control without Sleep. *J Neurosci*, v. 35, p. 13194-205, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.1314-15.2015>.

TETI, D.M., SHIMIZU, M. CROSBY, B. and KIM, B. R. Sleep arrangements, parent-infant sleep during the first year, and family functioning. *Dev Psychol*, v. 52, p. 1169-81, 2016. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/dev0000148>. Acessado em: 22 abr. 2021.

AÇÕES PARA O ENFRENTAMENTO DA TUBERCULOSE EM TEMPOS DE COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

LUCIA MARIA PEREIRA DE OLIVEIRA

COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO MELHORIAS DA MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE PARA O CONTROLE DA TUBERCULOSE NA ATENÇÃO BÁSICA DE SAÚDE

ALEX SILVA RANGEL

GRADUANDO EM ODONTOLOGIA – UFRJ

GUILHERME DUTRA DOS SANTOS

GRADUANDO EM MEDICINA – UFRJ

EUNICE MARIA PEREIRA CÔRTEZ

GRADUANDA EM ENFERMAGEM – UVA

WENDERSON BRUNO HERCULANO DA SILVA

GRADUANDO EM ENFERMAGEM – UVA

EDUARDO MAGALHÃES CARVALHO

GRADUANDO EM MEDICINA – UFF

CLEONICE LOPES DA SILVA

DOCENTE DA FACULDADE DE MEDICINA – UFRJ

RESUMO

Este relato de experiência aborda o desconhecimento da tuberculose como barreira para o controle da doença. Como agravamento, surge a covid-19, enfermidade desconhecida que traz maus presságios para o paciente acometido por tuberculose. Com o objetivo de difundir conhecimentos sobre ambas as doenças, idealizou-se este estudo. O público-alvo são pacientes com tuberculose que responderam a um questionário padrão aplicado por alunos via ligações telefônicas. A análise de vinte e sete formulários revelou equívocos prejudiciais à prevenção de ambas as doenças e apontou a necessidade de intervenção educativa. Em resposta, elaborou-se um vídeo destinado às populações vulneráveis e sujeitas a riscos de co-infecção por duas doenças desafiadoras, geradoras de tormentos sociais e que contribuem para a manutenção do ciclo vicioso de pobreza e doença: tuberculose e a COVID-19.

PALAVRAS-CHAVE

Tuberculose; COVID-19; Material Educacional; Conhecimento.

1. INTRODUÇÃO

A tuberculose é um problema grave de saúde pública que tem elevadas proporções de acometidos, especialmente entre comunidades de maior vulnerabilidade social, como observado no município do Rio de Janeiro. Em 2020, a cidade apresentou a incidência de 84,9/100 000 habitantes e 19,2% de abandono do tratamento, o que representa grave barreira para o seu controle. Estudos apontam a falta de conhecimento dos pacientes como fator dificultador para a percepção dos sintomas da doença, retardando o diagnóstico precoce e o início imediato do tratamento. Ademais, dificulta a compreensão da necessidade contínua do tratamento, que é longo e exige dos enfermos adaptações de seus estilos de vida.

Neste cenário, surgiu em 2019, em Wuhan-China, o vírus Sars-coV-2, causador da COVID-19, doença infectocontagiosa, até então desconhecida, e que rapidamente assumiu proporções pandêmicas. Como a doença sistêmica afeta mais incisivamente o sistema respiratório e tem levado milhares de pessoas a óbito, as descobertas graduais frente a ocorrências vividas em período pandêmico indicam que indivíduos com infecção latente por tuberculose, com lesões pulmonares pré-existentes em tratamento, ou dela curados, podem apresentar evolução mais rápida e grave da COVID-19. Conforme divulgação da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), estima-se o aumento de 26% da mortalidade por tuberculose no mundo, como consequência direta da pandemia. A fim de minorar esses agravos, a instituição recomenda a ampla divulgação da relação COVID-19 e tuberculose à população em geral, tendo em vista o tratamento, a prevenção de ambas as doenças e a promoção da saúde.

Diante da emergência instaurada pela pandemia de COVID-19, cientes da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e de sua relação com as funções socioeducacionais das instituições de ensino superior que adotam a integração de mecanismos teórico-práticos para a elaboração do processo de ensino-aprendizagem, o projeto em curso *Melhorias da Medicina de Família e Comunidade para o controle da tuberculose na Atenção Básica de saúde* propõe aos alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a construção de conhecimentos com base em problemas emergentes da prática social. Propõe-se para alunos um novo estilo de aprendizagem por meio de Tecnologia da informação e da comunicação (TICs) no contexto da Atenção Primária de Saúde e os convida a gerar benefícios coletivos em território assistencial de uma Clínica de

Família localizada em um Complexo de favelas no bairro da Penha, no município do Rio de Janeiro.

Almeja-se a produção de um material educacional para a difusão de informações sobre a tuberculose e a COVID-19 entre as populações vulneráveis, visando a formação de parcerias para o enfrentamento de ambas as doenças. O material educacional é um recurso de comunicação pedagógica. Quando de qualidade, pode contribuir para melhorar conhecimentos específicos e favorecer junto a usuários a compreensão de como as próprias ações desenvolvidas influenciam seu padrão de saúde.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em função da paralisação de atividades de ensino teórico-prático em território assistencial determinado pela UFRJ e da priorização de atendimentos aos pacientes com COVID-19 nas unidades de saúde, este projeto de extensão, ora em curso, adotou o uso de diferentes métodos para o seu desenvolvimento. Optou-se pela prática de telemonitoramento ideal para o desenvolvimento de ações assistenciais juntos a usuários, quando existe um afastamento entre eles.

A intenção foi reaproximar alunos e pacientes em tratamento de tuberculose de uma Clínica da família localizada na cidade do Rio de Janeiro e assim obter dados essenciais ao objetivo traçado. Para isso, utilizou-se um questionário padrão digitado no *Google forms*, que é um aplicativo de gerenciamento de pesquisas lançado pelo *Google*. Os formulários foram aplicados pelos alunos via ligações telefônicas. Almejava-se obter o perfil dos pacientes e conhecer o que o público alvo do estudo sabe sobre a tuberculose e a COVID-19 para o desenvolvimento de um material educacional específico que atenda às demandas identificadas. A análise criteriosa dos dados foi realizada automaticamente pelo aplicativo citado.

Para o desenvolvimento do material educacional, optou-se pelo uso do *software Powtoon* disponível on-line e que, embora seja uma instituição privada, permite o seu uso, sem custos, desde que respeitando as normas determinadas.

A elaboração do material proposto exigiu o planejamento específico constituído de nove etapas conforme Figura 1.



Figura 1 - Procedimentos para a elaboração do material educacional

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Este relato de experiência apresenta um recorte de um projeto de extensão em desenvolvimento e retrata as vivências de alunos de graduação da UFRJ e de outras instituições de ensino público ou privado que, interessados pelo estudo, integraram-se voluntariamente ao grupo de alunos extensionistas e docentes desta universidade no período de maio a dezembro de 2020.

Conforme orientações recebidas, durante o telemonitoramento, os alunos apresentavam-se como extensionistas da UFRJ preocupados com o estado de saúde do paciente. Em seguida, desenvolveram um diálogo esclarecedor sobre o projeto e a necessidade de obter deles algumas informações. Uma vez concedido o aceite verbal, iniciava-se a aplicação do formulário e, ao seu término, desenvolvia-se uma ação de educação para a saúde sobre a tuberculose e a COVID-19.

Ao fim do turno de telemonitoramento, docentes e alunos reuniam-se em sala virtual do *Google Meet* para a discussão de casos contactados, contribuindo para a produção e troca de conhecimentos específicos sobre ambas as doenças. Nesses espaços virtuais aconteceram, ainda, as reuniões para a elaboração do material educacional, tendo como base os resultados obtidos com a análise dos questionários.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos com a análise dos 27 formulários aplicados revelaram o perfil dos pacientes em tratamento de tuberculose (Tabela 1).

| Variáveis | | Número de pacientes (N=27) | Porcentagem (%) |
|--------------|-------------------------------|----------------------------|-----------------|
| Sexo | Masculino | 13 | 48,1 |
| | Feminino | 14 | 51,9 |
| Faixa etária | 0-9 | 3 | 11,1 |
| | 20-39 | 16 | 59,3 |
| | 40-59 | 5 | 18,5 |
| | 60 em diante | 3 | 11,1 |
| Etnia | Branca | 6 | 22,2 |
| | Negra (preta e parda) | 21 | 77,8 |
| Escolaridade | Analfabeto | 1 | 3,7 |
| | Ensino fundamental incompleto | 9 | 33,3 |
| | Ensino fundamental completo | 3 | 11,1 |
| | Ensino médio incompleto | 3 | 11,1 |
| | Ensino médio completo | 7 | 26 |
| | Ensino superior incompleto | 4 | 14,8 |

Tabela 1. Perfil dos pacientes integrantes do estudo

O perfil da amostra do estudo é de mulheres, jovens de etnia negra e com ensino fundamental incompleto (Tabela 1). A maior incidência de mulheres contrapõe-se ao perfil de pacientes com tuberculose divulgado pela OMS para os países com déficits socioeconômicos, como o Brasil, em relação ao sexo. No entanto, o predomínio de mulheres neste estudo pode estar relacionado a um viés em função da maior disponibilidade delas para o atendimento das ligações telefônicas. Em relação aos conhecimentos sobre a tuberculose, observou-se equívocos em relação à transmissão da doença (Gráfico 1):

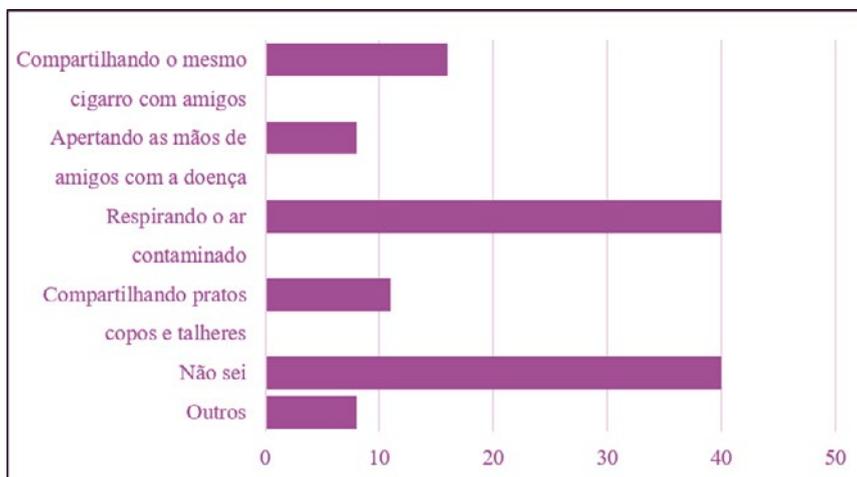


Gráfico 1. Conhecimento dos pacientes acerca da transmissão da tuberculose.

Embora seja uma doença milenar e de fácil transmissão aérea, permanece, ao longo dos anos, a crença de sua transmissão por meio de objetos como pratos e talheres. Outrossim, chama a atenção neste estudo que 40% declarou não saber como se dá a transmissão da doença que possui. O fato é prejudicial à tomada de atitudes preventivas, pois os pacientes não compreendem a importância dos ambientes arejados e ensolarados em relação à doença. Favorece ainda o abandono do tratamento, pois, por desconhecimento, os pacientes em tratamento em fase inicial não se identificam como transmissores da doença.

Sobre a COVID-19, doença pouco conhecida, observou-se equívocos referentes à forma de penetração do vírus Sars-coV-2 (Gráfico 2) no organismo.

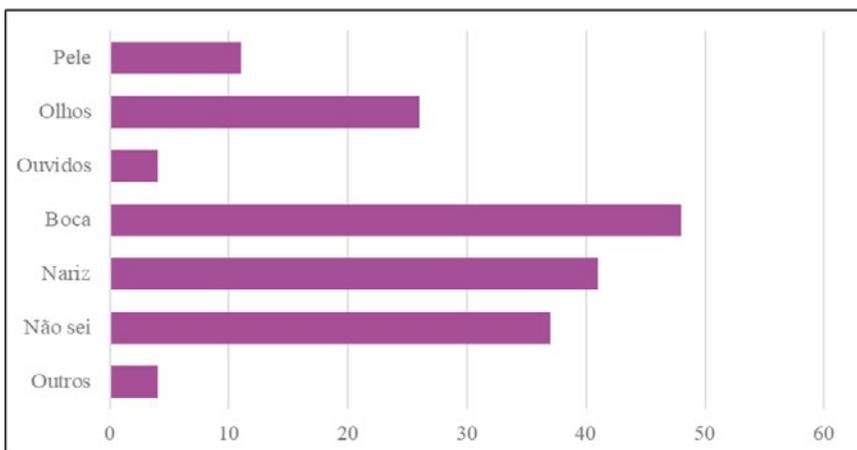


Gráfico 2. Conhecimento dos pacientes com tuberculose acerca das formas de penetração do Sars-coV-2 no organismo.

Embora os meios de comunicação estejam investindo na divulgação de informações básicas sobre a COVID-19, observou-se que 37% declararam não saber como acontece a penetração do vírus no organismo. O equívoco incide negativamente na tomada de ações preventivas contra a COVID-19, gerando a desvalorização do uso de máscaras, da higienização das mãos e da importância de se evitar aglomerações.

Cientes dos resultados do estudo, o grupo de professores e alunos reunidos em ambiente virtual optou pela produção de um recurso audiovisual, por entender a necessidade de ampla divulgação de esclarecimentos sobre a tuberculose e a COVID-19, por dentre as populações vulneráveis. Assim, tendo em vista a boa aceitação de mídias digitais pela população, optou-se pela produção de um vídeo pela facilidade de manuseio e pela necessidade de rápida difusão de informações sobre ambas as doenças.

Esclarece-se que o perfil da amostra de estudo e os equívocos observados em relação à tuberculose e à COVID-19 foram relevantes para definir um parâmetro em relação ao nível do vídeo a ser elaborado. Optou-se pelo uso de um vocabulário simples, com imagens coloridas e animadas a fim de prender a atenção desse público.

A elaboração do vídeo (Figura 1) integrou a equipe multidisciplinar constituída de discentes dos cursos de odontologia, enfermagem e medicina de universidades públicas e privadas e docentes das áreas de biologia, medicina, enfermagem e psicologia do Departamento de Medicina em Atenção Primária à Saúde da Faculdade de Medicina da UFRJ.

A produção do vídeo efetivou-se em nove etapas.

1. Seleção de artigos científicos sobre a tuberculose e a COVID-19. Para a obtenção de uma base científica essencial à elaboração do vídeo, realizou-se a seleção de bibliografias científicas por meio de uso das plataformas *Google scholar*, *Scielo* e *PubMed* a partir do uso de descritores tuberculose, covid e vídeo, “tuberculosis, covid and educational material”, no ano de 2020. Em resposta, foram obtidos no *Google Scholar* 205 materiais científicos. Contudo, somente três artigos atenderam às expectativas desse estudo e nenhum resultado foi obtido nas Plataformas *Scielo* e *PubMed*. Para orientar o conteúdo temático do vídeo proposto, adotou-se o “Manual de recomendações para o controle da tuberculose no Brasil” – 2019.
2. Elaboração do tema. Foram realizadas reuniões em salas virtuais do *Google meets* entre professores e alunos para a elaboração coletiva do texto, bem como por meio de mensagens trocadas no grupo de *WhatsApp*.
3. Busca de figuras ilustrativas. Aconteceu em ambiente da plataforma *Google*, sendo priorizadas as figuras coloridas e de domínio público.
4. Escolha do *software* para edição do vídeo. Optou-se pelo uso do *Powtoon*, empresa que, embora privada, concede o direito de uso gratuito do *software* para a elaboração de vídeos animados, desde que não ultrapasse três minutos de projeção.
5. Seleção do orador. De posse do texto final, voluntários dentre os alunos realizaram a gravação de áudios para escolha do orador. Os critérios de seleção foram a leitura do texto em três minutos, a interpretação e entoação de voz dada ao texto.
6. Edição do material. Foi realizada por um aluno conhecedor do *Powtoon*. O aluno fez todo o trabalho de integração do texto e imagens, edição de música de fundo e controle de tempo. Foram realizadas análises críticas do material ainda em fase de edição para ajustes importantes como trocas de figuras, escolha de música de fundo e cores dos slides e dos estilos de fontes utilizadas.
7. Análise final do material. Aconteceu com a participação da equipe multidisciplinar, coordenada pela docente orientadora, presente em todas as fases do estudo. Foram solicitadas pequenas adaptações e ajustes na relação tempo, imagens e cores de fundo.
8. Produto elaborado. O vídeo informativo recebeu o título “Tuberculose e o novo coronavírus: o que você precisa saber” (Figura 2). O vídeo aborda dados da tuberculose e COVID-19. Apresenta informações gerais de ambas as doenças focando na transmissão, nos sinais e sintomas, no diagnóstico,

no tratamento e na prevenção, favorecendo a consciência crítica e a promoção da saúde. Apresenta um convite ao ouvinte para a conversação com o seu médico, visando estimular a autonomia das pessoas para o diálogo direto e esclarecedor sobre ambas as doenças.



Figura 2. Capa do vídeo: Tuberculose e o novo coronavírus: o que você precisa saber.

9. Divulgação do vídeo nas redes sociais. Aconteceu a partir de janeiro de 2021. Para obter maior rapidez na difusão das informações entre a população em geral, este produto foi inserido no *YouTube* e no *Instagram* pela gratuidade de uso, o que favorece o acesso de populações vulneráveis.

O levantamento atual revelou um total de 396 visualizações, sendo dentre esse total, 50 vezes compartilhado e cinco vezes salvos por usuários.

Os vídeos informativos têm sido utilizados em diversos estudos, tendo sido relatado a sua relevância para a divulgação de informações por entre a população e em processos de educação e saúde, pois combinam vários elementos, tais como imagens, texto e som em um único objeto de promoção do conhecimento, favorecendo a consciência crítica e a promoção da saúde.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo traz contribuições para o ensino/pesquisa/extensão no que tange a oferta de um estilo novo de ensino e aprendizagem ofertado aos alunos, pela integração de uma equipe multidisciplinar para a elaboração de um material educacional que tem como função levar esclarecimentos à comunidade em um momento de isolamento social, imposto pela pandemia.

As práticas desenvolvidas propiciaram aos alunos o desenvolvimento de habilidades de comunicação e a aquisição de novos conhecimentos sobre a tuberculose e a COVID-19.

O vídeo explicativo sobre a tuberculose e a COVID-19 oferece esclarecimentos sobre ambas as doenças junto à comunidade, com a intenção de contribuir para a adoção de práticas e atitudes que corroboram para a promoção da saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, E. M., SILVEIRA, I. H., PESCARINI, J. M., AQUINO, R., & SOUZA-FILHO, J. A. D. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de covid-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 2423-2446, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Tuberculose 2021. *Boletim Epidemiológico*. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. Número Especial. Mar. 2021.

CHEN, Y; WANG, Y.; FLEMING, J.; YU, Y.; GU, Y. *et al.* Active or latent tuberculosis increases susceptibility to Covid-19 and disease severity. *Medrxiv a medRxiv preprint*. Mar. 2020. Disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.03.10.20033795v1.full.pdf>. Acesso em: abr. 2021.

GÓMEZ, I. D. C; PÉREZ, R. C. Del vídeo educativo a objetos de aprendizaje multimedia interactivos: un entorno de aprendizaje colaborativo basado en redes sociales. *Tendencias Pedagógicas*, v. 22, p. 59-72, 2013.

MIANDAD, M.; NAWAZ-UL-HUDA, S.; BURKE, F.; HAMZA, S.; AZAM, M. Educational status and awareness among tuberculosis patients of Karachi. *J Pak Med Assoc*, v. 66, n 3, p. 265-69, 2016.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Information Note Tuberculosis and COVID-19*. Organização Mundial da Saúde. Maio 2020, Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source//documents/tuberculosis/infonote-tb-covid-19.pdf> Acesso em: abr 2021.

SICSÚ, A. N. *et al.* Intervención educativa para recolección de esputo de la tuberculosis: un estudio casi experimental. *Rev. Latino-Am Enferm*, v. 24, p. 1-8, 2016.

STOP TB Partnership. *We did a rapid assessment: The TB response is heavily impacted by the COVID-19 pandemic*. maio 2020. Disponível em: http://stoptb.org/news/stories/2020/ns20_014.html. Acesso em: abr. 2021.

TUBERCULOSE e o novo coronavírus: o que você precisa saber. 1 Vídeo. (3 minutos). 2021. Publicado pelo *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gqQaLFjzMvI>. Acesso em: abr 2021.

ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: AÇÕES VIRTUAIS DURANTE A PANDEMIA

04

VERONICA PINHEIRO VIANA

COORDENADORA DO PROJETO ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS

ALINE GUILHERME PIMENTEL

LICENCIADA EM FÍSICA - UFRJ

CATARINA FERREIRA DA SILVA

GRADUANDA EM FISIOTERAPIA - UFRJ

JULIO MANOEL SALES CRUZ

GRADUANDO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - UFRJ

LIANA KLEIN DA CONCEIÇÃO

GRADUANDA EM LETRAS - UFRJ

VINÍCIUS AKIO HOSHIKAWA TSUHA

GRADUANDO EM ENGENHARIA - UFRJ

VITÓRIA VIEIRA REIS DOS SANTOS

GRADUANDA EM FISIOTERAPIA - UFRJ

RESUMO

Alunos Contadores de Histórias (ACH) é um projeto de extensão universitária para discentes dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assim como outros, foi afetado pela suspensão das atividades presenciais exigida pelas medidas de contingência no âmbito da UFRJ em março de 2020. Com isso, novas ações foram tomadas de modo a mantê-lo ativo, tais como reuniões remotas, participação em eventos online, produção de conteúdo para as mídias sociais oficiais do ACH e uma Ação Natalina com parte presencial e parte remota. O presente relato de experiência tem por objetivo descrever as ações e vivências da extensão na virtualidade durante a pandemia da COVID-19 por meio do olhar de um grupo interdisciplinar e interprofissional.

PALAVRAS-CHAVE

Virtualidade; Literatura Infantil; Experiências; Pandemia; Extensão Universitária.

1. INTRODUÇÃO

No primeiro semestre de 2020, o ACH ofertou 70 vagas, proporcionalmente, para estudantes de diversos centros de estudos da Universidade. Tal distribuição contribui tanto com a interdisciplinaridade, característica fundamental e norteadora da extensão, como também com o caráter interprofissional que o projeto possui em sua proposta para os futuros profissionais e cidadãos em formação (FORPROEX, 2012, p. 31).

O projeto nasceu em 2008, mas atua desde 2009 como ação de extensão nos setores assistenciais do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) da UFRJ. Nesse espaço, desenvolvia-se como principal atividade a leitura de livros infantis para crianças e adolescentes em atendimento ou internação. A vivência de contar histórias se desdobrava através do encontro presencial entre o extensionista, aluno contador de histórias, e o ouvinte em ambiente hospitalar, o que permitia um lugar de expressão subjetiva e simbólica para ambos:

Se o momento narrativo funciona, entre nós e as crianças estabelecem-se fios que vão e vêm, tece-se uma teia carregada de significados, passa-se para as crianças uma mensagem de aliança, um sentido de proteção e de cuidado. Uma resposta à necessidade das crianças de receber palavras narrativas e de serem transportadas para outro lugar (MANFERRARI, 2011, p.54).

Por causa da pandemia da COVID-19, declarada oficialmente pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, seguido de medidas de contingência no âmbito da UFRJ, as atividades presenciais precisaram ser suspensas (BOLETIM, 2020). Nesse contexto, o projeto ACH passou a atuar na modalidade não presencial.

O ACH possui uma estruturação proposta pelos extensionistas, consolidada ao longo dos anos como “aluno apoiador” para a organização das tarefas necessárias para um grupo heterogêneo. Dessa forma, além da atividade de contação de histórias, o discente torna-se protagonista na gestão do projeto, que possui setores de acordo com as funções determinadas.

Entre eles, o Setor Acadêmico é responsável pela formação e produção acadêmica do projeto, através de discussões de textos relacionados ao fazer extensionista. Ademais, ocupa-se com o compartilhamento desses saberes através das participações em eventos e congressos com apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo. É perceptível nessa relação a Diretriz Indissociabilidade Ensino - Pesquisa - Extensão, que enxerga a

Extensão Universitária também como processo acadêmico (FORPROEX, 2012, p. 32).

Em abril de 2020, na intenção de manter as ações do ACH, já que não existia perspectiva de retorno presencial, foram traçadas algumas estratégias. A primeira foi a de adaptar a atividade de contação de histórias. Propôs-se a campanha #EmCasaComHistórias no canal do projeto no *YouTube*. Posteriormente, agora no formato virtual, outras adaptações da extensão foram pensadas, desdobrando-se em atividades com transmissão ao vivo pelas mídias sociais oficiais.

O presente relato de experiência tem por objetivo descrever as ações e vivências do ACH na virtualidade, durante a pandemia da COVID-19, por meio do olhar de um grupo interdisciplinar e interprofissional em formação e atuação na Universidade. Sendo assim, foram trabalhados conceitos das Diretrizes da Extensão no cotidiano teórico e prático do projeto, fundamentais para o reconhecimento da Extensão Universitária. Além disso, trabalhou-se a ressignificação dos usos das mídias digitais para o ACH em tempos de pandemia, contribuindo, portanto, para o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos nossos extensionistas em atividade remota.

2. AÇÕES VIRTUAIS DURANTE A PANDEMIA

2.1 REUNIÕES GERAIS PARA DEBATE DE TEXTO

Ao longo do ano de 2020, tivemos encontros virtuais denominados “Reuniões gerais para debate de texto” com a turma ingressante em 2020.1, formada por alunos apoiadores e coordenadores do projeto. O objetivo desses encontros esteve baseado na interação e no debate de textos previamente selecionados e considerados relevantes para o ACH.

A primeira reunião ocorreu no dia 08 de junho, tendo como proposta a leitura e discussão da Política Nacional de Extensão Universitária (2012), norteada pelas questões: 1. Quais são as diretrizes e o que elas significam?; 2. Qual a importância das diretrizes para nortear a Extensão Universitária?; 3. Tente relacionar atividades desenvolvidas no projeto com as Diretrizes de Extensão.; 4. Que repercussões tem percebido em sua vida acadêmica ao participar de ações de Extensão Universitária? Reflita no âmbito do nosso projeto.

A partir da leitura e reflexão acerca do tema proposto, construímos um espaço virtual para diálogo sobre a Extensão Universitária e suas

Diretrizes. No debate, foram levantados diversos pontos interessantes sobre o cumprimento de cada diretriz sob a perspectiva do ACH, que repercutiram em ideias para participações do nosso projeto em eventos científicos e na elaboração e apresentação de trabalhos como, por exemplo, o Festival do Conhecimento da UFRJ.



Figura 1: Reunião de discussão das diretrizes de extensão (Fonte: Arquivo pessoal)

A segunda reunião geral para debate de texto ocorreu em 30 de novembro. Foi proposto e enviado para leitura o texto “Histórias são naus que cruzam fronteiras”, de Marina Manferrari. Nesse encontro, foi gerada uma potente e afetuosa conexão. Afinal, a discussão levantada norteou algo que todos tinham em comum: a paixão pela contação de histórias e a noção da importância da literatura na infância. Além disso, o debate do texto proporcionou uma discussão sobre a diferença educacional que existe entre o Brasil e a Itália, país de origem da produção do texto.

2.2 ENTREGA DE CERTIFICADOS

Ao final da participação como aluno contador de histórias, período correspondente ao semestre letivo, cada aluno recebe um certificado das horas cumpridas. Ao receber o seu certificado, o estudante relata suas experiências vividas dentro do projeto.

Assim como o restante das nossas atividades, essa não pôde ser feita presencialmente. Dessa forma, optamos por entregar os certificados da turma de 2019.2 no dia 10 de agosto via reunião online. Nesse encontro, a Coordenação recebeu os alunos e cada um pôde falar um pouco dos aprendizados e críticas enquanto seu certificado era apresentado na tela. Posteriormente, eles os receberam também em seus emails. Essa é uma etapa importante para que a turma tenha uma finalização do seu período de contação de histórias.

2.3 PARTICIPAÇÕES EM CONGRESSOS E EVENTOS

2.3.1 14º CONGRESSO INTERNACIONAL REDE UNIDA SAÚDE É VIDA EM RESISTÊNCIA: TRAÇANDO CAMINHOS COM O SUS

A vontade de experienciar a ida a um Congresso Internacional e poder partilhar sobre o nosso projeto ocorreu no final do ano de 2019. Dessa maneira, escolhemos submeter um dos nossos trabalhos já premiados com menção honrosa anteriormente no 15º Congresso de Extensão da UFRJ: “Alunos Contadores de Histórias e suas ações de extensão fora dos muros da Universidade” (SILVA; et al., 2018).

No início de 2020, recebemos a notícia de que o resumo havia sido aceito para ser apresentado. As expectativas para vivenciar as trocas de saberes promovidas por meio da construção desse tipo de evento não foram interrompidas com as alterações para ocorrer de maneira virtual.

Neste contexto pandêmico, a Extensão Universitária também provocou reflexões para transformar suas ações no formato virtual, demonstrando habilidade e competência. Do mesmo modo, o Congresso proporcionou, por meio de rodas de conversa, um debate diverso sobre educação, saúde, cultura, arte, participação popular e também sobre a visão da Extensão. Assim, foi possível estabelecer um diálogo com outros dezenove trabalhos presentes na roda de conversa do eixo “Ensino, pesquisa e extensão em arte, cultura e saúde”, que ocorreu no dia 31 de outubro numa dinâmica fluida para despertar coletivamente trocas, inquietações e afetações.

2.3.2 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA (CBEU) – REDES PARA PROMOVER E DEFENDER OS DIREITOS HUMANOS

Após a necessidade de distanciamento social, muitos eventos acadêmicos foram adiados, entre eles, o 9º CBEU, que aconteceria em 2020 e foi realocado para março de 2021. Nosso projeto submeteu o trabalho “Alunos Contadores de Histórias: a contribuição da Interdisciplinaridade na estruturação do projeto em seus 10 anos”, que foi aceito e apresentado em 10 de março de 2021, em uma Rede de Conversa com outras quatro ações de extensão oriundas de diferentes Universidades.

O referido trabalho teve como objetivo demonstrar a evolução estrutural do projeto, mediante a contribuição de alunos dos mais variados cursos da UFRJ. Através de análises comparativas das tabelas de organização do projeto ao longo dos últimos 10 anos, foi possível demonstrar que a troca interdisciplinar de saberes promove uma perspectiva organizacional mais abrangente e integrada dentro do ACH.

2.3.3 FESTIVAL DO CONHECIMENTO UFRJ - UNIVERSIDADE VIVA

No ano do centenário da UFRJ, a Pró-Reitoria de Extensão realizou o Festival do Conhecimento. O evento convidou a comunidade acadêmica a promover um debate acerca dos futuros possíveis num momento de incertezas. O festival, que ocorreu entre 15 e 24 de julho, contou com mais de 1500 atividades gravadas e cerca de 500 ao vivo. Os alunos apoiadores do ACH encontraram a oportunidade de contribuir com seu olhar para uma nova perspectiva no cenário da Extensão e relembrar o que gostaríamos de reencontrar em um futuro próximo: o aluno contador em seu campo de atuação, o IPPMG.

Submetemos duas propostas de atividades ao vivo e três propostas de atividades gravadas, todas aceitas. As atividades ao vivo foram: “Alunos contadores de Histórias: Dialogando a interdisciplinaridade e o protagonismo estudantil na extensão universitária - Papo Virtual” (SL10, 2020) e “Alunos Contadores de Histórias entrevista Professora Ana Crelia Dias: a literatura infantil no ambiente hospitalar - Entrevista” (SL18, 2020). E as gravadas: “O Bicho Peludo e o ZumZum do Mosquito” (BICHO, 2020), “Histórias por sorrisos”(HISTÓRIAS, 2019) e “Era uma vez” (ERA UMA, 2020).

A entrevista com a professora e coordenadora do projeto trouxe um debate acerca da literatura infantil e suas contribuições no ambiente hospitalar, trazendo o lúdico como uma forma de ressignificar o processo de permanência no hospital. Já o Papo Virtual entre Verônica Pinheiro, coordenadora do ACH, e Clara Freire, aluna apoiadora do projeto, envolveu diretamente a discussão a respeito da interdisciplinaridade, que transcende a coordenação do projeto e atinge os alunos contadores e apoiadores. Ademais, foi construído um diálogo sobre o protagonismo estudantil e sua contribuição para o avanço do projeto ao longo dos mais de dez anos de história.

As atividades gravadas relacionavam-se a dois momentos do projeto de extensão. No primeiro, ocorria a contação de histórias de forma

presencial no hospital pediátrico através do vídeo “Era uma vez”, que aborda as rotinas dos extensionistas no IPPMG a partir de filmagens realizadas durante o ano de 2017. Também estava incluído o videoclipe “Histórias por sorrisos”, elaborado a partir de uma música composta por uma aluna do projeto, que retrata uma intervenção do ACH nos diversos espaços do campus Cidade Universitária em comemoração aos 10 anos de nossa história, completados em 2019. E o segundo foi a readaptação para o ambiente virtual após as medidas de restrição devido a pandemia com o vídeo “O Bicho Peludo e o ZumZum do Mosquito”, participante da campanha #EmCasaComHistórias.

2.3.4 ENCONTRO DE EXTENSÃO

Os cursos de graduação da UFRJ promovem encontros com o intuito de proporcionar aos discentes dos períodos iniciais um espaço de introdução à Extensão Universitária. Com as atividades presenciais suspensas, esses encontros também partiram para o formato virtual. O ACH foi convidado para participar de três encontros no ano de 2020.

O primeiro promovido pelo curso de Engenharia de Materiais, em 09 de setembro; o segundo, em 23 de setembro, organizado pelo curso de Engenharia de Produção; e, por fim, participamos do I Encontro de Extensão para Tódes da Faculdade de Fisioterapia da UFRJ, ocorrido no dia 22 de outubro. A dinâmica dos encontros consistiu em apresentações desenvolvidas pelos alunos extensionistas, nos quais explicamos o conceito de Extensão e seu funcionamento, além de apresentar as especificidades de cada projeto.

2.4 MÍDIAS SOCIAIS

No ano de 2020, o mundo viu a onda crescente de atividades virtuais, como chamadas de vídeo e trocas incessantes de e-mails, curtidas e mensagens — com o ACH não foi diferente. Após a implementação do plano de contingência COVID-19 da UFRJ, a equipe do setor de comunicação do projeto publicou um comunicado oficial suspendendo a programação.



Figuras 2: Instagram como ferramenta de divulgação (Fonte:Instagram)

Desse modo, o *Instagram*, uma das redes de maior acesso da atualidade, se tornou uma importante ferramenta de compartilhamento de fotos e divulgação de atividades, bem como uma forma de aproximação com as pessoas que nos acompanham.

Durante o ano, foram criadas duas campanhas de postagens no *feed* do *Instagram*: “Conhecendo o IPPMG” e “A saudade de hoje é...”. Na primeira, apresentamos imagens de atuações em cada ambiente hospitalar do IPPMG em conjunto com um depoimento de um contador sobre aquele espaço. Na segunda campanha, aproveitamos uma hashtag conhecida pela rede social — #TBT, que significa “throwback thursday”, livremente traduzida para “quinta-feira para relembrar”, usada para marcar publicações com fotografias do passado — para relembrarmos situações que deixaram saudades.



Figuras 3 e 4: Campanha “Conhecendo o IPPMG” e “A Saudade de hoje é...” (Fonte: Instagram)

Esse trabalho do setor rendeu um convite de outro projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo para participar de uma *live* no perfil deles. Isso nos inspirou a disseminar mais informações sobre a Extensão Universitária também no nosso perfil. Dessa forma, criamos as séries de *live* “Por Trás da Contação” e “ACH convida”, disponíveis no perfil do *Instagram* do projeto.

As *lives* “Por Trás da Contação” tiveram o intuito de mostrar como é o funcionamento do projeto, sua organização interna, assim como as atividades que dão suporte à contação de histórias, além dos responsáveis por sua execução, os alunos apoiadores. A outra campanha, “ACH convida”, consistiu em conversas com outros projetos que também atuam no IPPMG — de Extensão Universitária ou não — a fim de compartilhar as vivências e experiências de dentro do hospital pediátrico da UFRJ.

2.5 CAMPANHA #EMCASACOMHISTÓRIAS

A campanha #EmCasaComHistórias (2020) surgiu como uma alternativa para mantermos o projeto em atividade cumprindo seu propósito de atuação: transformar histórias. Uma vez que a contação no hospital foi inviabilizada, essa foi a forma que encontramos para atingirmos as crianças e seus responsáveis, além de corroborar para ressaltar a importância de permanecer em casa como forma de conter a disseminação do vírus.

O #EmCasaComHistórias consiste na publicação de vídeos de contação de história no nosso canal do *YouTube*, com variados títulos de livros infantis, presentes ou não no acervo físico do projeto, feitos de forma individual e grupal (uma mesma história sendo contada por diversos alunos, cada um de sua casa). No decorrer de 2020, foram somados 50 vídeos publicados com mais de 11 mil visualizações.

A campanha possibilitou uma expansão no alcance do projeto, visto que, através da contação de histórias online, foram atingidas crianças que estavam tanto no hospital quanto em suas casas. Os alunos extensionistas foram essenciais para execução da mesma, pois foram responsáveis por reunir livros infantis nos formatos físico e digital, além de gravar, editar, postar e divulgar esses vídeos, contribuindo, assim, para o seu sucesso.

2.6 AÇÃO NATALINA

Ao longo do ano, nosso projeto tinha o costume de realizar cinco festas: Festa da Família, Páscoa, Festa Junina, Dia das Crianças e o Natal.

Cada festa é uma ação elaborada pelo projeto que possui características e planejamentos específicos para ocorrer, sendo distribuídas de acordo com o calendário. Em todas as festas, montamos kits de presentes para as crianças, que variam conforme a festividade.

Por conta da pandemia, não realizamos nossas tradicionais festas no ano de 2020, porém organizamos três ações para que o espírito natalino estivesse presente física e virtualmente com as crianças.

A primeira ação foi presencial e contou com a distribuição dos kits para as crianças. De forma extraordinária, a distribuição foi realizada pelos funcionários do hospital durante os atendimentos, para evitar toda e qualquer aglomeração. Com isso, nos organizamos para realizar a montagem dos presentes de forma antecipada e a ação foi realizada na semana do Natal. Todas as etapas foram feitas respeitando os devidos protocolos sanitários para controle da COVID-19.

Em concomitância, organizamos duas ações virtuais para esse período: uma entrevista ao vivo com o Papai Noel (ENTREVISTA, 2020), assim como a postagem de um recado do Papai Noel em conjunto com uma história de temática natalina para nossa campanha #EmCasaComHistórias (MENSAGEM, 2020), ambas disponíveis no canal do *YouTube* do projeto.



Figuras 5 e 6: Entrevista com o Papai Noel e História Natalina (Fonte: YouTube)

Durante a entrevista ao vivo, batemos um pico de 50 visualizações simultâneas na transmissão e 191 comentários. O vídeo, hoje, possui mais de 50 curtidas e 290 visualizações.

Mensagens do chat

191

Durante a transmissão ao vivo

Total de mensagens de chat



Espectadores simultâneos

50

Durante a transmissão ao vivo

Pico de espectadores

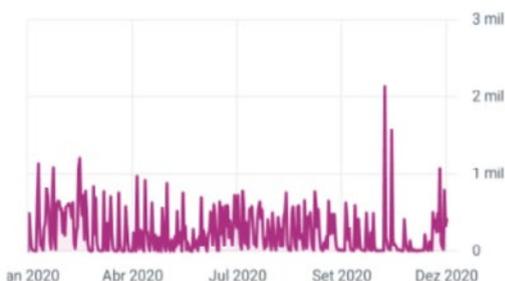


Figura 17 e 18: Quantidade de mensagens e espectadores durante a transmissão ao vivo (Fonte: Análise do YouTube)

Com as ações de 2020, percebemos um maior alcance das redes sociais do projeto. No *YouTube*, tivemos 12.947 visualizações em 2020, com um pico de visualizações em dezembro — com a Ação Natalina — e mais 293 inscritos no nosso canal. No *Instagram*, obtivemos um alcance de 178,9% a mais que no ano de 2019.

Alcance do Instagram 📌

10,97K ↑ 178,9%



Seus vídeos tiveram 12.947 visualizações em 2020



Figura 19 e 20: Informações de métrica do canal do YouTube e do Instagram, respectivamente (Fonte: Análise do YouTube)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível perceber uma marca importante do Projeto de Extensão Alunos Contadores de Histórias: o protagonismo dos extensionistas. O ACH cresceu e se desenvolveu ao longo dos anos, muito pelo envolvimento e participação ativa dos alunos que nele ingressam, inicialmente como contadores de histórias e, em seguida, como apoiadores, atuando diretamente no planejamento e execução de ações que extrapolam a atividade fim do nosso projeto, a de contar histórias.

A interdisciplinaridade tem sido outro fator importante que tem agregado conhecimentos ao cotidiano do projeto, viabilizando um ambiente dialógico de construção de novos conhecimentos continuamente. Isso se dá tanto na coordenação do projeto quanto no grupo de alunos que o compõe e movimenta.

A realidade atual de Projeto de Extensão em meio a uma pandemia tem sido vencida por meio de muitas ideias e contribuições para a criação de estratégias que têm garantido a continuidade das atividades, mesmo no formato virtual, mas sem perder de vista as Diretrizes da Extensão Universitária. Temos seguido confiantes no dever cumprido, mesmo com todas as limitações impostas. Esperançosos de que, em um futuro próximo, com o mesmo entusiasmo, possamos retornar às atividades presenciais e lembrar desse tempo difícil, o qual só foi possível passar porque, mesmo distantes, estávamos juntos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

#EmCasaComHistórias - playlist. 2020. 49 vídeos. Publicado pelo canal Alunos Contadores. Disponível em: <https://bit.ly/3ez1rSr>. Acesso em: 25 abr. 2021.

BOLETIM: Universidade Federal do Rio de Janeiro - Extraordinário - 3ª parte. Rio de Janeiro, n.13, 1 abr. 2020. Disponível em: <http://siarq.ufrj.br/images/bufrj/2020/13-2020-extraordinrio-3a-parte.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

ENTREVISTA com o Papai Noel. 2020. 1 vídeo (63 min). Publicado pelo canal Alunos Contadores. Disponível em: <https://bit.ly/3gCQdil>. Acesso em: 25 abr. 2021.

ERA UMA vez - Apresentações em vídeo/Atividade de extensão. 2020. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Alunos Contadores. Disponível em: <https://bit.ly/3g-CPyh1>. Acesso em: 25 abr. 2021.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, maio. 2012.

HISTÓRIAS por Sorrisos - Videoclipe comemorativo. 2019. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Alunos Contadores. Disponível em: <https://bit.ly/2QvKjVB>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MANFERRARI, Marina. Histórias são naus que cruzam fronteiras. Pro-Posições, v. 22, n. 2, p. 51-62, ago. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73072011000200005>.

MENSAGEM do Papai Noel + A árvore de Beto #EmCasaComHistórias. 2020. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Alunos Contadores. Disponível em: <https://bit.ly/3euczjh>. Acesso em: 25 abr. 2021.

O BICHO Peludo e o Zumzum do Mosquito #EmCasaComHistórias. 2020. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Alunos Contadores. Disponível em: <https://bit.ly/2QScfCW>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SILVA, Catarina Ferreira da *et al.* Alunos contadores de histórias e suas ações de extensão fora dos muros da universidade. *In*: Congresso de Extensão da UFRJ, 15, 2018, Rio de Janeiro. Caderno de Resumos da 10ª Semana de Integração Acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. v. CCS, p. 375. Disponível em: <https://bityli.com/UXh4Y>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SILVA, Catarina Ferreira da *et al.* Alunos contadores de histórias e suas ações de extensão fora dos muros da universidade. *In*: Congresso Internacional da Rede Unida, 14., 2020, Niterói. Anais [...] . Niterói: Rede Unida, 2020. v. 6, supl. 3. ISSN 2446-4813. Disponível em: <https://bityli.com/Fc6WS>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SL10 - Alunos Contadores de Histórias: Dialogando a interdisciplinaridade e o. 2020. 1 vídeo (63 min). Publicado pelo canal Extensão UFRJ. Disponível em: <https://bit.ly/3xkCz9w>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SL18 - SEGUNDO HORÁRIO - Contadores de Histórias entrevista Professora Ana Creliá Dias. 2020. 1 vídeo (62 min). Publicado pelo canal webTVUFRJ. Disponível em: <https://bit.ly/3aDGgoo>. Acesso em: 25 abr. 2021.

AMAMENTAÇÃO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO: ACOLHIMENTO QUE SE FAZ NECESSÁRIO

ISIS VANESSA NAZARETH

COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO NASCEU E AGORA? EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA O CUIDADO MATERNO COM O BEBÊ

ANA JÚLLIA GARCIA MARTINS

DISCENTE NO INSTITUTO DE ENFERMAGEM - UFRJ-MACAE

GIZELE DA CONCEIÇÃO SOARES MARTINS

DOCENTE NO INSTITUTO DE ENFERMAGEM - UFRJ-MACAE

POLLYANA ABREU CAMPOS DA CRUZ

ENFERMEIRA PELO INSTITUTO DE ENFERMAGEM - UFRJ-MACAE

RESUMO

Introdução: Durante o período de pandemia e isolamento social, o suporte à mãe que amamenta foi encarado com dificuldades e para isso foi preciso reinventar o acolhimento e atendimento a essa mulher. **Objetivo:** Conhecer como está sendo o acolhimento das mães durante o puerpério e a amamentação em tempos da pandemia causada pela COVID-19. **Método:** Trata-se de um relato de experiência da atividade extensionista no formato remoto sobre amamentação em tempos de pandemia da COVID-19. **Discussão:** Escuta ativa, acolhimento, rede de apoio, o olhar sobre a mulher como um ser individual e sobre as preocupações frente ao lidar com o seu bebê no período da quarentena, são pontos a serem levados em consideração no acolhimento à mãe. **Conclusão:** O profissional de saúde precisa avaliar com a mulher suas necessidades individuais, visando o bem estar físico e emocional no âmbito familiar.

PALAVRAS-CHAVE

Enfermagem Materno-infantil; Amamentação; Acolhimento; Infecções por Coronavírus.

1. INTRODUÇÃO

A China, em dezembro de 2019, informou a OMS (Organização Mundial da Saúde), sobre o surto de uma doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19). Em janeiro de 2020, novos casos dessa doença foram notificados fora da China e, com isso, foi declarada emergência internacional em saúde pública. Com a chegada da COVID-19 no Brasil, medidas de controle e prevenção para a doença foram adotadas pelas autoridades sanitárias, e, entre todas essas, a mais difundida foi a prática do isolamento social. Contudo, o isolamento causou grande impacto na vida das pessoas, principalmente com relação à saúde mental da mulher que gesta, materna e amamenta (BEZERRA et al., 2020).

O período do puerpério, ou pós-parto, é um momento de rápidas e intensas mudanças para a mãe e envolve toda a dinâmica familiar. Ocorre uma reorganização para se adaptarem à nova rotina que se anuncia com a chegada de um recém-nascido. Além disso, as alterações físicas e psíquicas da gestação mantêm a mulher em um estado de sensibilidade além do esperado. Essa sensibilidade se intensifica diante das demandas da amamentação, da privação do sono, das dificuldades de identificar os sinais do bebê, sendo um desafio ainda maior em meio ao cenário proposto pelo isolamento social. (LIMA et al., 2020)

Assim, pode-se dizer que a rede de apoio é fundamental nesse processo. Segundo Silva, Sanches, Rodrigues, Lucena e Santos (2020), a rede de apoio é aquela que oferece suporte, entendendo que a mãe precisa de momentos só para si, que o casal precisa de privacidade e que as atividades precisam ser divididas entre os que desejam partilhar os cuidados com o bebê e a nova conformação familiar. Os integrantes da rede de apoio podem ser parentes, vizinhos, amigos e pode ser construída também em grupos de apoio psicológico que trabalhe com prevenção primária de doenças psíquicas e com atenção e promoção de saúde desde o planejamento da gestação até o pós-parto, favorecendo a vinculação saudável entre os envolvidos (CARDOSO et al., 2021).

Mas, diante do caráter inédito vivenciado, deve-se também considerar o potencial impacto para a saúde mental materna consequente ao enfrentamento da pandemia em um momento de tamanha fragilidade. A ansiedade é um sintoma que acomete grande parte das mães após o parto, principalmente relacionado ao contexto incerto do avanço da infecção pela COVID-19, que pode agravar os sentimentos de medo e insegurança, principalmente

devido às restrições de rede de apoio impostas pelo isolamento social (CARDOSO et al., 2021).

Por isso, a escuta ativa dos profissionais de saúde, mesmo que por ferramentas à distância, com esclarecimentos sobre as condutas que serão adotadas durante o puerpério e o contexto da amamentação, podem auxiliar no manejo emocional materno. Sempre que possível, o suporte psicológico é recomendado, associado ao apoio emocional do acompanhante. Sabe-se que as primeiras duas semanas após o parto consistem no período de adaptações hormonais que caracterizam a tristeza puerperal (*baby blues*), e uma possível separação entre a mãe-bebê e a rede de apoio podem intensificar os sintomas e até mesmo levar ao estabelecimento da depressão puerperal. (CARDOSO et al., 2021).

No cenário da pandemia, o dia a dia das famílias foi modificado, e as mulheres recém-mães podem ter sido prejudicadas pela falta da rede de apoio, visto que a ajuda nesse início maternal é relevante. O atual momento ainda não nos permite mensurar as consequências da pandemia no âmbito da saúde materno-infantil. A coexistência do puerpério, amamentação e infecção por COVID-19 impõe muitos desafios, fazendo com que esse grupo deva ser monitorado e, para fins de saúde mental, tanto a mulher quanto o recém-nascido, devem ser acompanhados, mesmo que a distância (LIMA et al., 2020).

Nessa conjuntura, destaca-se a grande importância dos consultores da amamentação que, dentro de suas possibilidades, dão suporte às lactantes e preocupam-se com estratégias de acompanhamento, como teleconsultas e ações educativas nas mídias sociais. Essas possibilidades se tornaram cruciais para o acolhimento à mulher que amamenta nas trocas de informações e esclarecimentos de dúvidas referentes à amamentação (LIMA et al., 2020).

As atividades *on-line* feitas por acadêmicos da área da saúde em consonância com os profissionais, tais como enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, pediatras, obstetras, fisioterapeutas e consultores de amamentação, têm impactado positivamente na vida das mães, incentivando-as e esclarecendo-as quanto a amamentação, com a disseminação de informações de qualidade, com embasamento científico sobre o período da maternidade (LIMA et al., 2020).

Em tempos de quarentena, as redes sociais têm sido uma valorosa ferramenta utilizada também pelas universidades para disseminar a produção de conhecimento, que, por meio das plataformas digitais, cumpre-se um dos pilares da instituição, a extensão, e juntamente com os estudantes,

traça-se mecanismos efetores de saúde e educação, quer seja por meio de análise das problemáticas, quer seja na promoção de atividades extensionistas que agreguem o ensino e a pesquisa para promoção de bem-estar da mulher-mãe, filho e sua família.

2. OBJETIVO

Conhecer como está sendo o acolhimento das mães durante o puerpério e a amamentação em tempos da pandemia causada pela COVID-19.

3. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de uma atividade realizada em forma de *live*, através da rede social *Instagram* (perfil @nasceueagora), organizada pelas integrantes voluntárias do projeto de extensão “Nasceu e agora? Educação em saúde no cuidado materno com o bebê” da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus Macaé. O tema foi proposto através do *Instagram* por mulheres-mães que são o público alvo do projeto de extensão.

A *live* ocorreu no dia 17 de junho de 2020, através do *Instagram*, tendo como convidada a enfermeira Luiza Fernanda Thomaz Mendonça e sendo mediada pela professora Gizele Martins. O tema foi “Amamentação em tempos de isolamento: acolhimento que se faz necessário”. Luiza é enfermeira formada pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) – Campus Macaé, pós graduanda em Cuidado Materno Infantil com enfoque em aleitamento materno e consultora em aleitamento materno e doula.

4. DISCUSSÃO

Tendo enfoque sobre o tema “Amamentação em tempos de isolamento: acolhimento que se faz necessário” pode-se esclarecer diversas dúvidas sobre os desafios de ser puérpera e amamentar em meio à crise sanitária proposto pela pandemia da COVID-19.

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), o aleitamento materno é a mais sábia estratégia natural de vínculo, afeto, proteção e nutrição para

a criança, além de constituir o mais sensível, econômico e eficaz meio para a redução da morbimortalidade infantil. É um processo que envolve interação entre mãe e filho, com efeitos no estado nutricional do bebê, em sua habilidade de defender infecções, em sua fisiologia e no seu desenvolvimento cognitivo e emocional, e em sua saúde a longo prazo. Além de ter implicações na saúde física e psíquica da mãe (BRASIL, 2015).

No entanto, o período da amamentação traz desafios à mãe que acabou de parir. O momento é caracterizado por intensas adaptações do binômio mãe-filho, acarretando experiências que podem ser positivas ou negativas a depender do nível de ansiedade, medo e insegurança materna. Nas primeiras semanas, surgem complexidades com relação à maternidade, que são de repercussões psíquicas, sociais e culturais.

Essas complexidades podem aumentar as vulnerabilidades relacionadas ao aleitamento materno, suscitando experiências negativas como desmame precoce. Alguns fatores que interferem nesse ciclo da lactação são os fatores psicossociais, situação nutricional e de satisfação da criança, estilo de vida e condição da mulher, presença de dor ao amamentar, dificuldades com o posicionamento e pega da criança na mama e a falta da rede de apoio (CARREIRO et al., 2018).

Segundo a enfermeira Luiza, após o nascimento, a rotina diária da família é modificada, principalmente para a puérpera que adquire, como novo dever, o cuidado com o recém-nascido, além das responsabilidades diárias de dona de casa. Desta forma, o puerpério pode estar ligado ao sentimento de frustração, à irritação e sensação de afastamento da vida anterior, influenciando principalmente na amamentação.

Nesse sentido, a enfermeira ainda cita que:

Essa transição é explícita quando as mães retrataram as principais dificuldades no puerpério ao cuidado com recém-nascido: banho, cuidado com o coto umbilical, amamentação, identificação do choro, tipo de parto e fragilidade física, privação do sono e cansaço. Porém, a amamentação tem sido uma das principais dificuldades encontradas durante esse período.

Corroborando com este pensamento, Alves (2020) cita que há o acúmulo do papel materno na atualidade, onde existe uma certa dificuldade na adaptação à nova realidade e ao entendimento do processo a ser desempenhado no puerpério e na amamentação. Apesar de se reforçar a inclusão da família nessa prática, na maioria dos casos, identifica-se a ausência da figura paterna durante o período gestacional e puerperal. A pesquisa cita

que a presença paterna é pouco incentivada e muito menos considerada como elemento relevante na rede de apoio (ALVES et al., 2020).

Nessa discussão, a enfermeira Luiza enfatiza a importância da articulação entre os profissionais da saúde e a família no processo do puerpério para o sucesso da amamentação em tempos de pandemia:

A assistência de enfermagem no puerpério é uma prática crucial para o manejo e orientações com a amamentação, sabe-se que as ações desenvolvidas pela equipe de enfermagem são complexas e visam atender a mulher de forma humanizada e integral. Sendo assim, no contexto pandêmico, essas ações ficaram limitadas, sendo as consultas de enfermagem, orientações, visita domiciliar, o papel paterno e familiar, trazendo uma grande preocupação para os profissionais e sendo crucial para a temática proposta.

Em tempos da COVID-19, a Organização das Nações Unidas (ONU), declarou que gestantes, puérperas e bebês são considerados grupos de risco, os quais devem fazer isolamento para que não haja risco de contaminação. No entanto, essa recomendação fez com que muitas mulheres passassem por uma fase importante de suas vidas - gestar, parir e aleitar - de forma solitária e com poucas orientações, o que acabou por tornar o processo do puerpério e amamentação ainda mais difíceis, ocasionando uma maior fragilização das mulheres em torno dessa vivência.

Cabe ainda ressaltar que, diante da nova conjuntura de vulnerabilidade mundial, a possibilidade de vivenciar eventos de risco faz com que haja uma piora da tensão no quesito puerpério e amamentação, gerando sentimentos ambivalentes como a felicidade ao se tornar mãe, entrelaçado ao medo, insegurança e a incerteza decorrentes do afastamento social e também da quantidade, em massa, de informações sobre a progressão do número de casos do COVID-19 (PAIXÃO et al., 2021).

A escassa rede de apoio, um dos temas discutidos durante a *live*, se entrelaça em desafios adicionais à amamentação. A possível companhia que poderia estar ao lado da mulher para apoiá-la, ajudando nos afazeres do dia-a-dia, partilhando de saberes e, até mesmo, acolhendo-a para que tenha tempo para cuidar de si, tem sido restritiva e, com isso, mães tem se sentido sobrecarregadas, acarretando alguns malefícios, entre eles a depressão pós parto e o desmame precoce (CARDOSO et al., 2021).

A profissional Luiza mencionou esse desafio no amamentar, porém deixando claro as particularidades que cada mãe possui nesse processo e como o profissional de saúde necessita pensar junto com a mãe de forma individualizada às necessidades que ela e o bebê possuem:

Por exemplo, existem mães no transcurso do amamentar que, por estarem isoladas e insatisfeitas nesse processo, não procuram ajuda em relação a inabilidade da criança para pegar o seio materno corretamente, ou quando aparece um ferimento persistente do mamilo, causando bloqueios emocionais e demais fatores que predispõe ao desmame precoce pela insuficiência na produção do leite materno. Por conseguinte, é necessário pensar a história dessa mãe e filho de forma particular trazendo alívio, alento e soluções para os dois nesse momento.

Durante a conversa, a enfermeira Luiza relatou como estão sendo os atendimentos para o acolhimento com a mãe e bebê:

Preferivelmente no formato *online*, com toda a equipe se preparando tecnicamente e através de objetos para ensinar as mães sobre os cuidados com o recém-nascido, como bonecos, mama de crochê, ou seja, utilizando da criatividade para atender a mãe e ao bebê no momento ímpar do processo de amamentar. A mesma ressaltou que apenas em casos de urgência é feito o atendimento domiciliar, utilizando equipamentos de proteção individual necessários para assegurar a saúde da sua cliente e bebê.

Na situação atual, os profissionais de saúde devem se empenhar no uso de tecnologias para estreitar os laços e prestar o suporte necessário e essencial à mãe, lançando mão de aplicativos de mensagens e vídeos para demonstração de práticas, fazendo diligências em estratégias viáveis e eficazes para dar suportes a mesma, tentando suprir o que o distanciamento social causou e mantendo a continuidade das práticas e ações educativas em saúde (MARCHIORI et al., 2020).

A enfermeira Luiza ainda afirma que:

Com o isolamento, as dúvidas vieram ainda mais intensas e sendo esclarecidas, fazendo-se necessárias mesmo não sendo presenças. A escuta ativa, o acolhimento e a orientação de qualidade e científica são peças-chaves para que todas as transformações sejam vivenciadas de uma forma individual, leve, sem culpa, sem sobrecarga, e principalmente saber não dar ouvidos para os julgamentos e opiniões externas sem cunho científico, que podem interferir profundamente durante essa fase.

Nesse momento atual da COVID-19, muitas mães vivenciaram o receio de amamentar seus filhos por conta de infectá-los com o vírus. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e OMS, ainda não há indícios de transmissão vertical através do aleitamento materno e, como base nisso, é recomendado as mães com suspeita ou confirmação de COVID-19, que continuem amamentando seus bebês ou as crianças pequenas, visto que

os benefícios do aleitamento são superiores aos riscos da transmissão do vírus. Portanto, a amamentação é a melhor proteção natural para a criança e as repercussões negativas do desmame são maiores que a possibilidade da transmissão (OMS, 2020; OPAS, 2020; YEAGER, 2020).

O MS salienta que para uma mãe com suspeita ou confirmação do novo coronavírus, deve ser realizada a higienização das mãos por pelo menos 20 segundos com água e sabão e usar álcool em gel 70% antes de tocar o bebê ou retirar o leite materno. É fundamental usar uma máscara que cubra o nariz e a boca durante as mamadas, e a troca de máscara deve ser imediata em caso de tosse ou espirro e a cada nova mamada, evite que o bebê toque o rosto da mãe (BRASIL, 2020).

O desmame é outra temática que precisa ser dialogada, mas é esquecida por muitos profissionais, como dito pela enfermeira Luiza:

Esse esquecimento se dá devido aos profissionais acharem que a mulher não necessita de ajuda para isso e muitas delas não sabem que podem recorrer a alguém para as auxiliarem. O desmame não é determinado somente por fatores genéticos e pelo instinto, mas por fatores sociais, culturais, econômicos, étnicos e comportamentais, onde a mulher opta ou não pela amamentação e decide por quanto tempo vai ou pode amamentar. É essencial salientar que o desmame não é um evento e sim um processo que faz parte da evolução da mulher como mãe e do desenvolvimento da criança.

A Sociedade Brasileira de Pediatria afirma que o processo do desmame pode ocorrer de forma natural, no qual a criança se auto desmama sendo de forma gradual ou pode ser súbita. O natural proporciona uma transição mais tranquila e menos estressante para a mãe e o bebê. A interrupção do aleitamento abrupto deve ser desencorajado, pois pode gerar insegurança e rebeldia no bebê por se sentir rejeitado pela mãe, além de ocasionar problemas com as mamas, como o ingurgitamento mamário e a mastite. Nos casos abruptos, pode-se citar também a depressão na mãe e o luto pela perda da amamentação (GIUGLIANI, 2012).

É crucial estar atento aos sinais que o bebê dá para esse processo e, em casos de uma criança com uma idade mais avançada, pode ser planejado com ela o desmame, como propor uma data, encurtar as mamadas e adiá-las, ou até mesmo oferecer uma recompensa. A dupla, mãe e bebê, precisam estar preparados para as mudanças físicas e emocionais que o desmame desencadeia e, sobretudo, entender que a decisão deve ser única e exclusivamente dos dois, cabendo ao profissional da

saúde ouvir e ajudar, respeitando e apoiando a mulher nas suas decisões (GIUGLIANI, 2012).

É importante destacar que algumas mães desmamaram precocemente seus filhos, seja porque precisaram ser afastadas por conta de internação ou por estarem debilitadas devido à COVID-19. Para esses casos, a OMS recomenda avaliar a viabilidade da relactação, que se dá pela indução da produção de prolactina e de ocitocina após esse período de interrupção da lactação por ausência ou diminuição da produção do leite materno (OMS, 2020).

Porém, para que haja sucesso nesse processo, é importante a motivação levando a mãe a refletir sobre os valores nutricionais, a vinculação emocional, o contato físico e a proximidade com o filho. Outro ponto importante é estimular a confiança da mulher incentivando-a a perseverar na amamentação, gerindo o estresse e a ansiedade; estimular frequentemente a mama e a sucção do bebê, auxiliando na confiança materna e no sucesso da relactação, além de contar com o apoio da família e dos profissionais da saúde, pois o acolhimento pode ajudar nos sentimentos de rejeição, raiva, ansiedade ou fracasso (PRATA et al., 2020).

Segundo a enfermeira Luiza, ainda em relação ao desmame, algumas famílias decidiram postergar a cessação do leite materno na pandemia da COVID-19:

Seja por conta do desgaste físico e emocional do momento, ou pelo medo da mudança, ou por mudanças do trabalho e tarefas que foram trazidas ao *home office* nesse período, provocando a ideia de que esse não seria o momento ideal para realizar esses processos.

Com a atividade da *live* a enfermeira Luiza destacou a importância da mulher não se achar autossuficiente no processo da maternidade:

Ter sempre em seu pensamento que ela está fazendo o melhor que pode e que está tudo bem em pedir ajuda, pois ela não estará perdendo sua importância como mãe por isso. É crucial que haja estabilidade mental para que possam cuidar, amamentar e serem livres em suas próprias escolhas e demandas, pensando sempre no melhor para elas e seu filho. E o quanto a enfermagem é importante nesse cenário, trabalhando em prol de um público cheio de transformações que devem ser olhadas sem julgamento, tratadas sempre com empatia e por uma rede de apoio com mais sororidade no quesito materno-infantil.

5. CONCLUSÃO

Como resultado dessa discussão, pode-se observar que com a pandemia e o isolamento social promovido pelo COVID-19, o puerpério e o processo de amamentação se tornaram mais desafiadores do que antes. A rede social possibilitou uma maior interação e aproximação com essas mães, além do acolhimento, visto que a internet quebra as barreiras da distância e do isolamento que foi vigorado na pandemia.

Evidencia-se que o aleitamento materno é essencial para o crescimento e desenvolvimento da criança, contribuindo na nutrição, controle das infecções e em outros importantes aspectos fisiológicos maternos. Porém, fatores como a falta de conhecimento da puérpera e da família ou o envolvimento cultural no processo de aleitamento, além da falta de apoio, podem influenciar a um desmame precoce. As informações e orientações corretas prevalecem os obstáculos e ajudam a promover a qualidade da amamentação

Nesse contexto, as pessoas que estão presentes no cotidiano da mulher, estão fortemente ligadas ao apoio e à manutenção da amamentação. Aspectos culturais e histórico familiar influenciam diretamente nas crenças maternas, na sua compreensão sobre o processo de amamentar e em seus medos e dúvidas.

Ressalta-se a transcendência do tema em valorizar os contextos nos quais as puérperas estejam inseridas, e o quanto a influência e conhecimento dos sujeitos que compõem sua rede de apoio interferem no processo de amamentação e nas tomadas de decisões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, YR. COUTO, LL. BARRETO, ACM. QUITETE, JB. A amamentação sob a égide de redes de apoio: uma estratégia facilitadora. *Revista Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 1-8, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ean/v24n1/pt_1414-8145-ean-24-01-e20190017.pdf

BEZERRA, ACV. SILVA, CEMD. SOARES, FRG. SILVA, JAMD. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, jun./2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v25s1/1413-8123-csc-25-s1-2411.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar*

/ Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015. 184 p. : il. – (Cadernos de Atenção Básica ; n. 23). Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. *Perguntas Frequentes – Amamentação e covid-19 (MS)*. Brasília. 2020. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/perguntas-frequentes-amamentacao-e-covid-19-ms/>

CARDOSO, PC. SOUZA, TMD. ROCHA, DDS. MENEZES, LRDD. SANTOS, LCD. A saúde materno-infantil no contexto da pandemia de COVID-19: evidências, recomendações e desafios. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 21, n. 1, p. 5221-5228. fev./2021. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v21s1/pt_1519-3829-rbsmi-21-s1-0213.pdf

CARREIRO, JA. FRANCISCO, AA. ABRÃO, ACFV. MARCACINE, KO. ABUCHAIM, ESV. COCA, KP. Dificuldades relacionadas ao aleitamento materno: análise de um serviço especializado em amamentação. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 31, n. 4, p. 430-438, ago./2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v31n4/1982-0194-ape-31-04-0430.pdf>

CUNHA, ACB. ALBUQUERQUE, KA. *Maternidade em tempos de covid-19: como enfrentar a pandemia quando sou mãe de um bebê menor de seis meses?*. LEPIDES. Rio de Janeiro, 2020.

GIUGLIANI, ERJ. *Desmame: fatos e mitos*. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2010. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2012/12/Desmame-Fatos-e-Mitos.pdf

LIMA, ACMACC. CHAVES, AFL. OLIVEIRA, MGD. LIMA, SAFCC. MACHADO, MMT. ORIÁ, MOB. Consultoria em amamentação durante a pandemia COVID-19: relato de experiência. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 24, dez./2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v24nspe/1414-8145-ean-24-spe-e20200350.pdf>

MARCHIORI, GRS. ALVES, VH. PEREIRA, AV. RODRIGUES, DP. DULFE, PAM. SANTOS, MV. Ações da enfermagem nos bancos de leite humano em tempos de COVID-19. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, n. 2, p. 1-9, out./2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So0341672020001400155&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Organização Mundial da Saúde. Benefícios da amamentação superam riscos de infecção por COVID-19: OPAS/OMS; 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/1-9-2020-beneficios-da-amamentacao-superam-riscos-infeccao-por-covid-19-afirmam-opas-e-oms> Acesso em: 3 de março de 2021

PAIXÃO, GPDN. CAMPOS, LM. CARNEIRO, JB. FRAGA, CDS. A solidão materna diante das novas orientações em tempos de SARS-COV-2: um recorte brasileiro. *Revista Gaúcha de Enfermagem* 2021, n. 42, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200165>

PRATA, AP. RESENDE, IG. SOUSA, JAC. CARDOSO, JFF. CAMELO, MCSP. SANTOS, MR. Relactação: promover a amamentação em mães separadas dos filhos devido ao covid-19. *Enfermagem em Foco*, v. 11, n. 2, p. 240-245, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3736/1013>

SILVA, JM. SANTOS, AAP. SANCHES, MET. RODRIGUES, STC. LUCENA, TS. SANTOS, JAM. Rede de apoio e expectativas maternas para o aleitamento. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 8, p. 59322-59331, ago/2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/15172/12521>

YEAGER, A. *O leite materno contém anticorpos para SARS-COV-2*. IBFAN Brasil; 2020. Disponível em: <http://www.ibfan.org.br/site/noticias/o-leite-materno-contem-anticorpos-para-sars-cov-2.html>

ARAUTOS DO MUNDO: ISOLADOS, MAS INTEIROS¹ (CRI)ATIVIDADE E (RE)EXISTÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

06

ROSA ALBA SARNO OLIVEIRA

COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO ARAUTOS DO MUNDO

ISABEL REIS

VICE-COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO ARAUTOS DO MUNDO

NATALIA SOUZA

GRADUANDA DA FACULDADE DE LETRAS - UFRJ

RESUMO

O projeto de extensão *Arautos do Mundo* trabalha com estratégias de empoderamento, tornando acessíveis recursos humanos, simbólicos, teóricos, tecnológicos e espaços de circulação pela cidade para o seu público-alvo. Desse modo, são estabelecidas parcerias com outras unidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e com projetos externos à universidade, formando-se uma rede de cooperação entre diferentes equipes que disponibilizam diversos recursos mutuamente. É o acesso a esses meios que funciona como estratégia de empoderamento e de ampliação de habilidades sociais do nosso público-alvo, composto por servidores da UFRJ, usuários dos serviços do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB-UFRJ) e outros integrantes de grupos vulnerabilizados.

PALAVRAS-CHAVE

Educação em Direitos Humanos; Comunicação Participativa; Patrimônio Histórico Cultural; Rede de Cooperação; Empoderamento.

1 Slogan de autoria de Milton Penna, o responsável pelo programa “Piadas” da ‘Rádio Arautos em 15’

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão *Arautos do Mundo* trabalha com estratégias de empoderamento, visando ampliar as habilidades sociais e a sensibilidade sócio-cultural¹ do seu público-alvo, para, inclusive, enriquecer as estratégias que eles já utilizam no combate à intolerância e à exclusão social. Com esse objetivo, o projeto estabelece parcerias e uma rede de cooperação com equipes externas e internas à UFRJ, utilizando ferramentas da educação em direitos humanos², da comunicação participativa³ e do patrimônio histórico cultural brasileiro.

No contexto da necessidade de isolamento social, para evitar o aumento da contaminação pela COVID-19 e não sobrecarregar os trabalhadores do SUS, o projeto passou a funcionar de forma não presencial. Essa foi a maneira segura e ética de continuar as ações de extensão com usuários, servidores dos Institutos de Psiquiatria e de Psicologia, da Escola de Comunicação, da Casa da Ciência e da Faculdade Nacional de Direito e com parcerias externas, sem deixar de cuidar da saúde e oferecer suporte uns aos outros.

2. OBJETIVOS

Promover o empoderamento e a saúde mental do público alvo, tornando disponíveis recursos de diversas unidades da UFRJ e da cidade do RJ, estimulando que sejam compartilhados os próprios recursos que cada indivíduo construiu a partir da própria experiência de vida. Favorecer o funcionamento de uma rede de cooperação entre diversas unidades da UFRJ, de equipes e de projetos de empoderamento externo. Contribuir para a formação dos extensionistas, para a capacitação de servidores da UFRJ e membros da comunidade externa, fortalecendo o espírito crítico e o compromisso social, mediante experiências e atividades que envolvem

1 Gallardo (2014) se propõe a discutir a educação em direitos humanos como visando ampliar a sensibilidade sócio-cultural das pessoas.

2 Candau (2007) descreve essa ferramenta a partir da correlação entre três elementos: a formação de sujeitos de direito individual coletiva, o empoderamento e a transformação social.

3 Peruzzo (2008) define essa modalidade de comunicação como garantindo o direito à comunicação, por permitir que grupos vulnerabilizados possam produzir e difundir conteúdos acerca de sua concepção de mundo, como protagonistas de projetos de transformação social.

interculturalidade, diversidade, pluralidade, alteridade e a percepção de si e do outro como sujeitos de direito.

3. METODOLOGIA

A equipe de execução do projeto utiliza a observação participante ao longo das reuniões com o público alvo com o qual trabalha de forma cooperativa na decisão e execução das atividades (rodas de conversa, visitas a espaços culturais, ou, na produção de recursos de mídia, cursos ou eventos). Após esses momentos de interação, toda equipe faz registros nos diários de campo.

Tal como afirmam Fernandes e Moreira (2013), a observação participante se aplica a situações em que busca-se entender relações entre pessoas e instituições, assim como práticas estabelecidas, visões de mundo e as opiniões dos sujeitos investigados. Esses autores valorizam o uso dessa técnica por vários pesquisadores, pois a observação em equipe permite a confrontação dos dados obtidos pelos diversos observadores, o que favorece o surgimento de uma riqueza na dimensão, no alcance e na variedade de observações efetuadas.

A partir do reconhecimento da existência de grupos sociais que estão submetidos a processos históricos e sistemáticos de intolerância e discriminação (PNDH-3, 2010), foi definido o roteiro de campo do projeto. De acordo com este roteiro, são registrados nos diários de campo: os relatos sobre as diferentes formas de opressão vivenciadas, as estratégias de resistência utilizadas e os efeitos no público alvo do acesso aos recursos oferecidos pelo projeto. Na análise desses relatos, serão destacados o grau de participação e reflexão gerados e a aquisição de novas habilidades sociais, como, por exemplo, estratégias de empoderamento. Esses dados serão compilados para a avaliação dos resultados produzidos.

4. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

Há oito anos, a equipe do Projeto de Extensão *Arautos do Mundo* trabalha com estratégias de empoderamento com representantes de grupos historicamente excluídos, como os usuários do IPUB-UFRJ. Enquanto a equipe ainda não tinha o formato de um projeto de extensão, era

produzido coletivamente um jornal com textos, imagens e entrevistas de autoria dos usuários, chamado “Cuc@s Frescas & online”.

Posteriormente, as entrevistas, antes filmadas e transcritas para compor o jornal, passaram a constituir material audiovisual de uma série de vídeos, construídos coletivamente. Essa migração para a produção de filmes levou o projeto a realizar a primeira parceria com outra unidade da UFRJ, o Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária da Escola de Comunicação da UFRJ (LECC-ECO-UFRJ).

O LECC fez os encaminhamentos dos primeiros extensionistas do projeto e, também, indicou diversos pesquisadores da capoeira e grupos de capoeiristas, como o Prof. Muniz Sodré, o Mestre Camisa e a Associação Abadá de Capoeira.

A aproximação dos pesquisadores e capoeiristas que são referência foi fundamental para o aprofundamento no conhecimento desse patrimônio cultural afro-brasileiro. O tema da capoeira foi trazido à equipe por um dos usuários do IPUB-UFRJ e resultou em um filme totalmente produzido pelos Arautos, “Capoeira: um jogo sem exclusão que não tem vencedores nem vencidos”. Ao trabalho com profissionais e projetos que valorizam a história de resistência da população negra, somaram-se parcerias com equipes de empoderamento de mulheres negras — a Webnequinha — e de empreendedorismo negro — o Kilombu.

Também a partir do contato com o LECC, foi possível participar da atividade de mentoria e capacitação do Laboratório de Inovação Cidadã (LABIC) e produzir o Programa de Rádio “Arautos em 15”, juntamente com a equipe do Estúdio de Rádio da ECO-UFRJ.

Já a parceria com o Laboratório de Memória, Território e Ocupação do Instituto de Psicologia da UFRJ (LABMENS-IP-UFRJ) possibilitou a aproximação dos debates em torno da interculturalidade e de diversos representantes da população indígena. Alguns desses representantes tornaram-se parceiros externos do projeto, ajudando na construção do filme “A presença indígena no Rio de Janeiro”.

Nesse filme, cinco lideranças indígenas relataram saberes e práticas que remetem à identidade de seus povos. E, ao serem entrevistadas, apontaram para a forte influência indígena na sociedade brasileira em relação aos hábitos mais cotidianos, como banhos diários, consumir tapioca ou mingau, falar piadas e na própria estrutura da língua portuguesa. Tais entrevistas funcionaram como ferramentas de educação em

direitos humanos e anti-racistas porque convocaram a equipe do projeto a enriquecer seus referenciais de pertencimento e mudar antigas posturas.

Foi possível testemunhar o quanto o entendimento da humanidade como algo homogêneo, como descreve Krenak (2019), tem promovido exclusão e violência e tornado grande parcela de nossa população alienada do mínimo de exercício do ser. Não foi à toa que o nome escolhido para o filme fruto do encontro dos Arautos com lideranças indígenas é "A presença indígena no Rio de Janeiro". Afinal, esse encontro explicitou a força da presença indígena na construção da identidade brasileira e do patrimônio histórico e cultural deste país.

O patrimônio histórico cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. Tais bens culturais, registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), representam as vozes e as expressões da comunidade brasileira, cuja presença indígena e de matriz africana ainda é negada.

O Projeto de Extensão *Arautos do Mundo* tem favorecido o contato com essas expressões coletivas invisibilizadas, como um desafio para que cada um reconheça em si mesmo uma dimensão de diversidade que é viva, mutante e atual.

Em total acordo com Petit (2015), tem-se constatado o quanto é importante abordar a conexão brasileira ao tronco histórico e cultural africano e indígena para, assim, promover um senso de pertencimento e de afirmação dessa ascendência.

Isso permite que a gravidade dos efeitos de se viver sem história sejam mitigados, já que a origem indígena e a afrodescendência são a história comum do povo brasileiro. Krenak (2020) explicita os riscos para a saúde mental de se viver sem vínculos com a memória ancestral e com as referências que dão sustentação à nossa identidade.

Nesse sentido, o patrimônio material e imaterial brasileiro constitui uma ferramenta indispensável para qualquer trabalho em educação em direitos humanos. Krenak (2020) aponta para a necessidade de ruptura com a lógica hegemônica que suprime e exclui diversidades e nega a pluralidade das formas de vida e de existência. Esta ruptura permite o contato com novas perguntas e novas respostas diante do mundo atual e da possibilidade de construir novos mundos para uma existência sem fraturas nas relações.

Além disso, outra parceria crucial para a constituição deste projeto de extensão foi a Casa da Ciência, através da disponibilidade de transporte e agendamento de visitas guiadas a espaços históricos e culturais importantes. A partir de Harvey (2014), é possível entender tais atividades como exercício do direito à cidade e perceber que as visitas realizadas pelo projeto não se reduzem a meros passeios, mas têm a função de promover acessibilidade cultural⁴, no sentido de garantir os direitos culturais, a partir do reconhecimento da pluralidade das formas humanas. Para mais, busca-se através das visitas, também, dar acesso à história, à memória e à identidade do povo brasileiro.

A parceria com o Laboratório de Direitos Humanos e Arte da Faculdade Nacional de Direito da UFRJ (LADIH) foi fundamental para aperfeiçoar o trabalho desenvolvido com educação em direitos humanos. O LADIH ofereceu o curso “Janelas Abertas para o Mundo”, ao longo do qual foi construído coletivamente um cordel sobre direitos humanos e realizada uma exposição com folhetos de cordel, fotos das aulas e uma palestra com o presidente da Academia Brasileira de Cordel. Em um dos vídeo-cordéis feitos durante a pandemia, as equipes do Arautos e do LADIH recitaram o texto de cordel que construíram coletivamente no curso.

Mais recentemente, com a inclusão do Projeto dos Arautos no Pólo de Atenção à Saúde Mental dos trabalhadores no Instituto de Psiquiatria da UFRJ, novos servidores da UFRJ interessaram-se em trabalhar no projeto. A presença deles na equipe renovou a dinâmica do trabalho, por exemplo, ao trazer outro bem do patrimônio histórico cultural brasileiro que é a literatura de cordel.

A apropriação desse bem material que traz à cena a força e a criatividade do povo nordestino tem sido abordada na oficina de cordel do projeto, através da análise da história do cordel. Como diz Gonçalo Ferreira (2011), o cordel chegou ao Brasil dentro de um balaio trazido pelos portugueses. Mas, já em solo nacional, sofreu toda sorte de transformações, passando a refletir a diversidade do povo brasileiro, como nos ensina Nóbrega (2020).

O cordel como manifestação literária complexa apresenta a força da tradição oral e dos testemunhos transmitidos verbalmente de uma geração a outra dentro da cultura brasileira. Segundo Hampatê Bâ (1982), para os povos de matriz africana, essa tradição manifesta o caráter sagrado da

4 Cardoso, E. Cuty, J.(2012) trazem importantes contribuições para o debate em torno da acessibilidade cultural.

fala como força vital, como vibração que produz ritmo e música, gerando movimento, vida e ação.

Com a chegada da pandemia da COVID-19, o projeto submeteu-se a diversas adaptações, sobretudo às plataformas de videoconferência, redefinindo suas reuniões e ações. Isso resultou na interrupção de algumas atividades que não ajustavam-se às ferramentas das redes sociais e do trabalho com alguns parceiros que não dispunham de equipamentos e suporte tecnológicos para reunirem-se virtualmente.

Desde março de 2020, a equipe do projeto tem trabalhado de forma não presencial, realizando reuniões de equipe, de supervisão e com parceiros através de plataformas como *WhatsApp*, *Zoom* ou *Google Meet*. Além disso, a prioridade dos Arautos tornou-se a produção de conteúdos para o blog e o canal no *YouTube* do projeto.

Devido ao agravamento da crise sanitária e política brasileira, houve o prolongamento do 'funcionamento online', o que tem exigido a mobilização, pela equipe, de recursos simbólicos e emocionais diversos para lidar com o desgaste e ansiedade gerados. Por outro lado, isso não impediu a criação de novos produtos, como os vídeo-depoimentos, os vídeo-cordéis, web eventos e o aprofundamento das atividades da oficina de cordel, em que foram produzidos textos de cordel e xilogravuras.

O acesso a recursos das redes sociais sobre diversas temáticas para compartilhamento nas reuniões do projeto ganhou mais espaço, promovendo o acúmulo de novas habilidades, tais como o uso de plataformas e registros de imagens. Ademais, também foi retomada, com força, a captação de imagens com o celular, ela que foi uma das primeiras técnicas aprendidas pela equipe do projeto. As apresentações públicas em eventos online foram mantidas, como é o caso da VIII SINTAE⁵, do Festival do Conhecimento da UFRJ e dos “21 dias de ativismo contra o racismo”, neles foram expostos vídeos produzidos durante a pandemia.

Além disso, integrantes da equipe de execução participaram de cursos online fundamentais para o projeto. Também merece destaque, aqui, a produção, pelo projeto, de uma vídeo-homenagem ao Prof. Muniz Sodré, que faz parte do *e-book*, organizado, em virtude de sua recuperação da COVID-19, por MARTINS, Z. , GABBAY, M., MOISEIS, R. J (2020).

No início do segundo ano da pandemia, foi iniciada uma nova parceria com a equipe do evento “21 dias de ativismo contra o racismo”. A

5 Seminário de Integração dos Servidores Técnicos Administrativos em Educação.

equipe do Arautos participou das reuniões deles e exibiu um vídeo-cordel anti racista e o filme *A presença indígena no Rio de Janeiro* durante esse evento no canal do *YouTube* do evento.

5. RESULTADOS OBSERVADOS

Dentre os resultados da decisão da equipe do “Arautos” por manter o projeto ativo mesmo não presencialmente, estão: 1) Manutenção da rede de cooperação formada por parcerias internas e externas; 2) Acesso a novos recursos simbólicos e técnicos e a retomada de recursos já conhecidos; e, 3) Contribuição para formação, capacitação e compromisso social de nossos extensionistas e servidores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, é importante dizer que a decisão por manter nosso projeto de extensão ativo durante a pandemia da COVID-19 é um exercício constante reafirmado a cada encontro virtual e a cada nova atividade que é desenvolvida em meio a dúvidas e a uma diversidade de emoções.

O título deste trabalho foi sugerido por um dos usuários do IPUB-UFRJ para nomear os vídeo-depoimentos feitos sobre o significado do trabalho não presencial para muitos componentes. O nome: “Arautos: isolados, mas inteiros”, de uma forma brilhante, resume o quanto o projeto conseguiu manter sua identidade, mesmo tendo que mudar o modo de funcionamento, até para a equipe poder ser (cri)ativa.

As cosmovisões indígena e africana dão enorme importância ao fazer coletivo, ao pertencimento a um grupo, à criatividade, à linguagem artística e às culturas de resistência. E durante a pandemia, estes elementos têm feito parte da dinâmica do Arautos mais intensamente, sobretudo, nas ações realizadas com as ferramentas da educação em direitos humanos e anti-racistas.

Além disso, a dinâmica online promoveu a retomada da produção audiovisual junto aos usuários de serviços do IPUB-UFRJ. O que, desde o início do projeto, tem sido fundamental para que a equipe do projeto seja identificada, muito mais, como produtores de filmes do que como provedores e receptores de cuidados em saúde mental. Uma usuária e referência dentro do ativismo na saúde mental estadunidense como Chamberlin

(1997) já chamava a atenção para o fato de que passar a ser percebido pelos outros por suas competências e capacidades de agir, sentir-se pertencendo a um grupo no qual a participação de cada um faz diferença, aprender habilidades novas e ser encorajado a pensar criticamente têm efeitos significativos sobre a saúde mental.

Todo o material produzido desde março de 2020 revela o quanto não foram sem efeito os esforços da equipe por manter as reuniões por vídeo-conferências com os usuários do IPUB-UFRJ e com representantes da população negra e indígenas, mesmo com todas as dificuldades técnicas, a perda de calor humano e o desgaste que a exposição a telas de celulares e notebooks pode gerar. E, mesmo que muitas equipes internas da universidade e externas não possam estar com a equipe do Arautos, todos podem ter acesso a grande parte do trabalho pelo canal do *YouTube* e nos eventos online. Assim, ainda tem sido possível fazer circular dentro e fora da universidade as ações que o projeto desenvolve e manter uma rede de cooperação operando, mesmo que não presencialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANAU, V. M. Educação em direitos humanos: desafios atuais. In: SILVERIA, Rosa Maria G. et al. (org.). *Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Universitária, 2007.

CARDOSO, E.; CUTY, J (Orgs.). *Acessibilidade em ambientes culturais*. Porto Alegre: Marca Visual, 2012.

CHARBERLIN, J. A working definition of empowerment, Em: *Psychiatry Rehabilitation Journal*, v. 20, n. 4, p. 43-46. 1997.

FERNANDES, F.M.B; MOREIRA, M.R. Considerações metodológicas sobre a possibilidade da aplicação da técnica de observação participante da Saúde Coletiva Physis. *Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 23 (2): 511-529, 2013.

GUALLARDO, H. *Teoria e crítica dos direitos humanos — matriz e possibilidade de direitos humanos*. São Paulo: UNESP, 2014.

HAMPATÉ B. A. A tradição viva. In: KI-ZERBO (org.). *História Geral da África*. Vol. 1. São Paulo: Ed. Ática/UNESCO, 1982.

HARVEY, D. *Cidades rebeldes — do direito à cidade revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. *O Amanhã não está à venda*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2020.

KROHLING PERUZZO, Círcia M. *Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados*. Reelaboraões no setor. Palabra Clave, Chia , v. 11, n. 2, p. 367-379, Dec. 2008, em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=s>, acessado em 10/03/21.

MARTINS, Z.; GABBAY, M.; MOISEIS, R. J. *Muniz Sodré — homenagem à vida e ao amor*. Rio de Janeiro: Périplos, 2020.

NÓBREGA, A. *Brincante em casa — aula 40*, em <https://youtu.be/lzzZqA9qvGI>, acessado em 10-07-2020.

PETIT, S., H. *Pretagogia: Pertencimento, Corpo-dança Afro Ancestral e Tradição Oral — contribuições do legado africano para a implementação da lei 10.639*. Fortaleza: Ed. UECE, 2015.

PLANO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS (PNDH-3). Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República. Brasília: SEDH/PR, 2010.

PROJETO DE EXTENSÃO ARAUTOS DO MUNDO, em <https://www.youtube.com/channel/UC2r1nqVWh4tVZa6Grk5kLsQ>, acessado em 03-03-2021.

SILVA, F. Gonçalo. *Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel*. 7. ed. RJ: Revelle, 2011.

BIODIVERSIDADE NA ADVERSIDADE: ESTRATÉGIAS REMOTAS DE EDUCAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

VINÍCIUS ALBANO ARAÚJO

COORDENADOR DO PROJETO INSETVIDAS: SERVIÇOS ECOLÓGICOS INTERMEDIANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DO PROJETO IURUKUÁ: EDUCAÇÃO OCEÂNICA E CONSERVAÇÃO DE TARTARUGAS MARINHAS

CAIO HENRIQUE GONÇALVES CUTRIM

GRADUADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS PELA UFRRJ - MACAÉ

RESUMO

As rápidas transformações no ambiente natural, em grande parte pelas ações antrópicas, ameaçam os serviços ecológicos colocando em risco o equilíbrio dos ecossistemas. Dessa forma, torna-se fundamental estratégias de educação ambiental que visem a conscientização e adoção de práticas sustentáveis com mobilizações sociais para a conservação da biodiversidade. Os projetos *Iurukuá* e *Etnoentomologia* são ativos desde 2016 com ações de extensão contínuas nas regiões dos Lagos e Norte fluminense. Em decorrência da Pandemia de COVID-19 e a restrição social, desenvolvemos alternativas ao modelo presencial. Para isso, foi realizada capacitação dos integrantes e os canais de divulgação foram fortalecidos para disseminar os novos materiais didáticos (vídeos oficinas, livretos, cursos remotos e ebooks infantis) que convidam a sociedade a somar forças em um time que visa o respeito e a conservação da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão Universitária; Educação Oceânica; Inovações Metodológicas; Conservação; Serviços Ecológicos.

1. INTRODUÇÃO

O conjunto de saberes relacionados ao meio ambiente e aos seus processos ecológicos demonstram a importância e a funcionalidade dos animais para as populações humanas, tanto do ponto de vista ecológico, como sociocultural (POSEY, 1987; MARTIN, 1995). A etnozootologia, ciência que busca entender as interações do ser humano com os animais, permite otimizar a implementação de ações ambientais estratégicas para a conservação da biodiversidade (ALVES, VIEIRA & SANTANA, 2008; ALVES et al., 2014; AGUIAR, FRAXE & SANTIAGO, 2011).

A proximidade entre populações humanas e ambientes naturais promove o desenvolvimento de relações íntimas com os recursos disponíveis, gerando e modificando os sistemas de conhecimento ecológico local sobre esses recursos (SIEBER, MEDEIROS & ALBUQUERQUE, 2011). Esses sistemas de conhecimento podem permitir que as sociedades desenvolvam estratégias para a conservação dos recursos utilizados (LYKKE, 2000) contribuindo, dessa forma, para um desenvolvimento sustentável (MARTIN, 1995; SILVA & TOPF, 2020).

A diversidade de animais é percebida, classificada, conhecida e utilizada de diferentes formas pelas populações humanas. Considerando os aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais da complexa relação dos seres humanos com os animais, torna-se importante propor ações que possam desmistificar a visão pejorativa atribuída aos insetos, grupo dominante da fauna atual. Ações extensionistas envolvendo insetos, visam ressaltar suas funções ecossistêmicas, fundamentais para a manutenção do equilíbrio da vida. Por outro lado, animais como as tartarugas marinhas são considerados bandeira em programas de conservação e modelos para educação ambiental na propagação de ações que visam preservar o ecossistema marinho.

As rápidas mudanças no cenário ambiental global têm demonstrado a importância de relacionar percepções locais com estratégias que possam ser usadas para minimizar ou conter as transformações da paisagem e as ameaças aos recursos naturais (GILL & LANTZ, 2014; SILVA & TOPF, 2020). Uma sociedade harmônica e saudável é dependente do equilíbrio ambiental e devemos ampliar ações que minimizem a exploração não sustentável dos recursos naturais e a desconstrução da própria humanidade. A pandemia da COVID-19 sinaliza o desequilíbrio das nossas relações com a natureza, alertando a sociedade para a necessidade de

esforços coletivos que possam transformar nossos hábitos e implementar uma cultura de respeito à vida e sustentabilidade nas nossas práticas de uso da terra e das águas.

A extensão universitária no Brasil é um compromisso com a disseminação e compartilhamento de saberes e experiências, construindo coletivamente pontes que possam contribuir com as transformações sociais, culturais e ambientais. “Se eu tive acesso à Universidade e ao conhecimento que são negados à maioria, eu tenho uma dívida com essa maioria” (Eduardo Marinho, 2015). Nesse contexto, o presente relato de experiência em vivências extensionistas, visa demonstrar a rápida resposta adaptativa da Universidade Pública do Brasil frente a situações adversas, como a Pandemia de COVID-19. Para isso, serão analisadas práticas metodológicas remotas que exemplificam a capacidade de reinvenção e adaptação para continuar disseminando saberes, oportunidades e esperanças de transformações sociais, culturais e ambientais na sociedade brasileira.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para facilitar a compreensão e melhor assimilação das ações ambientais propostas, foram inseridos elementos teóricos em todas as atividades para introduzir conceitos que envolvem a biologia dos animais em geral, insetos e as tartarugas marinhas (suas principais características, modos de vida, habitats e importância) e toda sua dinâmica com os ecossistemas terrestres e marinho.

As estratégias remotas de educação ambiental envolveram a produção de maquetes e banners que induzem um formato interativo e dinâmico para as vídeo oficinas. As maquetes e elementos que compõem os ecossistemas envolvidos foram usadas para gravação das oficinas remotas, as quais foram disponibilizadas para o público alvo através dos parceiros externos envolvidos e pelo alcance das redes sociais (*Facebook*, *Instagram* e canal do *YouTube*) dos Projeto Iurukuá e Etnoentomologia (InsetVidas), as quais podem ser consultadas nas *flow.page*:

<https://www.flowcode.com/page/projetoiurukua> e [flowcode.com/page/projetoinsetvidas](https://www.flowcode.com/page/projetoinsetvidas).

Durante todo o período de restrição social e a impossibilidade de atividades presenciais, foram desenvolvidas oficinas remotas que abordaram os produtos de divulgação científica, conscientização ambiental e

entretenimento elaborados na forma de vídeos, livretos, livros e *e-books* infante-juvenil. Foi utilizada, principalmente, a plataforma digital *Canva.com* para a diagramação e design dos produtos.

Para criação dos novos produtos foram realizadas oficinas de capacitação dos extensionistas, através de encontros regulares pela plataforma *Google Meet* disponibilizada pela UFRJ durante o período remoto. Esta plataforma foi o ambiente virtual de organização, estruturação dos produtos gerados e execução de parte das nossas ações. Usamos a plataforma *streamyard* e o canal do *YouTube* do projeto para desenvolver uma Oficina de Multiplicadores de Ação Ambiental, usando tartarugas marinhas como modelo, que aconteceu em quatro módulos na modalidade remota (Módulo 01 e 02: Biologia de tartarugas marinhas; Módulo 03: Modelos e estudos de casos: relatos de experiências de 10 Projetos do Brasil e de Cabo Verde vinculados a educação ambiental envolvendo tartarugas marinhas; Módulo 04: Iurukuá: histórico, modelo de oficinas, produtos gerados e perspectivas futuras e direcionamento dos trabalhos de 2021.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o início do ano de 2020, a pandemia de COVID-19 modificou o cenário global com grandes impactos socioculturais e comportamentais, incluindo a dinâmica e estratégia educacional. As Universidades públicas do Brasil sempre se destacam pela sua velocidade de resposta, transformações e adaptação a diferentes cenários. Com a necessidade de restrição e distanciamento social, as atividades de educação, incluindo a extensão universitária, viram-se comprometidas e foram necessárias mudanças nas ações de estratégias e de engajamento. Nos projetos de extensão da UFRJ, Iurukuá e Etnoentomologia, as equipes se articularam remotamente através de encontros virtuais na plataforma *Google Meet*, onde, coletivamente, a equipe se qualificou para produção de novos conteúdos e materiais.

Para o projeto Iurukuá a estratégia inicial do grupo foi o fortalecimento das redes sociais, incluindo uma *flow.page* (Fig. 1A) para armazenar todo o conteúdo educativo para disseminação em massa e direcionamento para as redes sociais do projeto, como *Facebook*, *Instagram* (Fig. 1B) e o canal do *YouTube* (Fig. 1C).

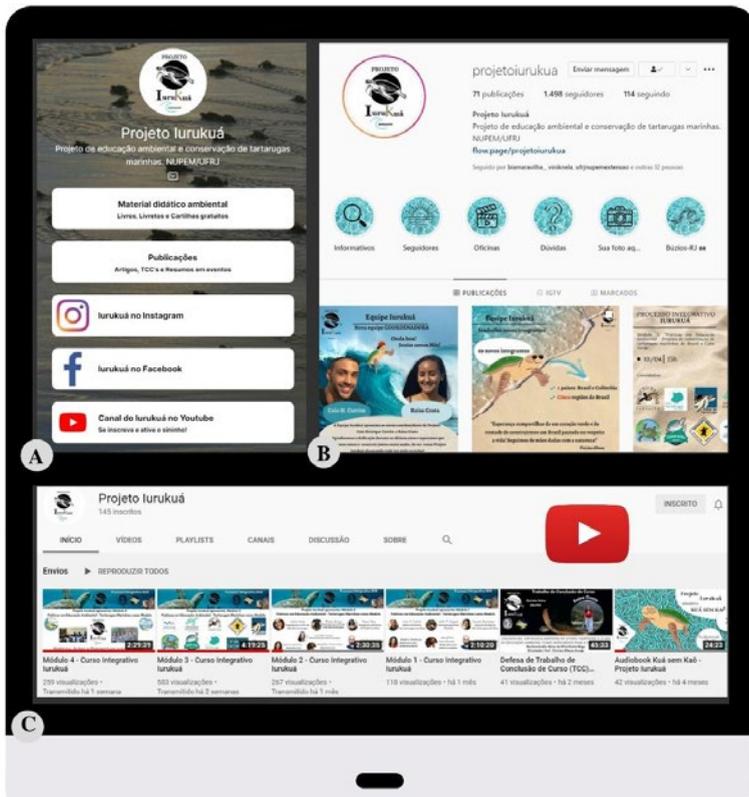


Figura 1. A. Flow.page e redes sociais de divulgação do projeto Iurukúá (<https://www.flowcode.com/page/projetoIurukua>), em B. Instagram, e C. Canal do YouTube.

Durante o ano de 2020 as redes sociais tiveram aumento significativo, com o *Instagram* atingindo 1.498 seguidores com grande interatividade na plataforma (Fig. 1B). Esses canais foram fundamentais para a divulgação dos produtos gerados: um livro infantil publicado na Editora NUPEM/UFRJ em 2020 (Fig. 2A) conta uma história protagonizada por uma tartaruga verde, Kuá, que viaja pelo litoral brasileiro apresentando seu ciclo de vida, as ameaças antrópicas, medidas de conscientização ambiental e brincadeiras lúdicas. Um livreto Kuá nos 7 mares (Fig. 2B) apresenta uma série de brincadeiras interativas usando tartarugas marinhas como modelo de educação oceânica. O livreto foi amplamente compartilhado e foi matéria em uma reportagem do GI. Cubos didáticos ajudam a entender a relação entre a biologia das tartarugas marinhas e as ameaças antrópicas, disponíveis na flow.page. (Fig. 2C).



Figura 2. A. Livro infantil *Kuá sem Kaô* publicado pela Editora Nupem UFRJ durante a Pandemia. B. Livreto *Kuá nos 7 mares*, ampla divulgação e matéria de jornalismo no G1 e C. Exemplo de cubos didáticos de educação oceânica. Todos os materiais são gratuitos e acessados em: (<https://www.flowcode.com/page/projetoiurukuá>).

Para substituir as oficinas presenciais, foi desenvolvido um modelo de vídeo-oficina e disponibilizado para diversas escolas públicas. A oficina pode ser acessada via flow.page. A dinâmica é construída em cima do ciclo de vida de tartarugas e todas as suas possíveis interações com os fatores de ameaça, usando um banner explicativo (Fig. 3).



Figura 3. Material didático desenvolvido como estratégia para oficinas de educação ambiental remotas. A - Banner ilustrando o ciclo de vida das tartarugas, cobrindo aspectos da sua biologia como oviposição (1), incubação de ovos na areia (2), inimigos naturais como caranguejos e pássaros (3), problemas decorrentes da urbanização, como iluminação em praias, lixo, veículos e esgoto (4), ameaças no ambiente marinho como embarcações (5), resíduos sólidos como plásticos (6), redes de pesca (7) e atividade petrolífera (8) (Aplicativo: canva.com). B-C- Modelos esquemáticos com características das espécies de tartarugas que ocorrem na costa do Brasil. D - Amostras de resíduos sólidos retiradas do estômago de tartarugas marinhas encalhadas nas praias.

Foi desenvolvido um processo integrativo com mais de 150 envolvidos de todas as regiões do Brasil, dos quais 70 se voluntariaram para participar do Projeto Iurukuá e serão capacitados como multiplicadores de ações de educação ambiental usando tartarugas e o projeto da UFRJ como modelo. O curso foi ofertado pela equipe atual em 04 módulos que envolveram formação para capacitação de produção de materiais, produtos e realização das oficinas de educação ambiental. Todo curso está disponível na íntegra no canal do *YouTube* do projeto (Fig. 1C). Cerca de 109 pessoas realizaram o curso, sendo que o canal obteve 145 inscritos em 5 meses. Dados do curso: módulo 4 - 259 visualizações em 1 semana; módulo 3

- 583 visualizações em 2 semanas; módulo 2 - 267 visualizações em 1 mês; módulo 1 - 118 visualizações em 1 mês.

As atividades do Projeto Etnoentomologia também usaram da estratégia para educação ambiental remota, através da flow.page (Fig. 4A), para divulgar as vídeos-oficinas e os produtos educacionais gerados. Este projeto conta com 523 seguidores no *Instagram* (Fig.4B).

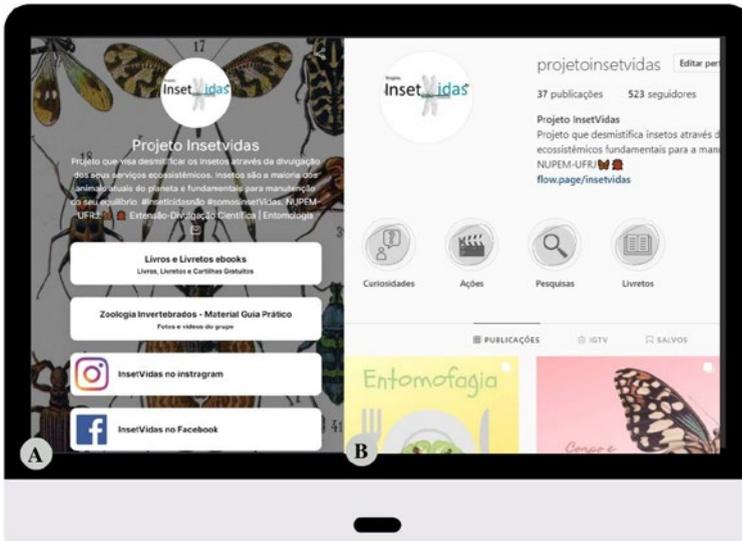


Figura 4. A. Flow.page para armazenar produtos e direcionar para as redes sociais de divulgação do projeto Iurukuá (<https://www.flowcode.com/page/insetvidas>), em B. Instagram.

O Projeto Etnoentomologia durante a pandemia desenvolveu diversos materiais didáticos, os quais foram gratuitamente compartilhados nas redes sociais e em escolas, incluindo os livretos: “Amores Canibais”, o qual conta história do comportamento reprodutivo e do canibalismo em algumas espécies de louva a deus, direcionado ao público adolescente (Fig. 5A). O livreto “Descobrimo as Formigas” é altamente ilustrado e apresenta todas as curiosidades do universo de vida social das formigas (Fig. 5B). A cartilha ilustrada “Leishmaniose” é um guia prático que aborda a doença no Brasil, sua disseminação e, de forma prática, os cuidados e informações relevantes para a saúde pública (Fig. 5C). O livro “Tardígrados, carinhosos e super poderosos” fala de forma irreverente sobre um dos grupos

animais mais intrigantes e como suas características adaptativas fascinam o público, sempre com um contexto conservacionista (Fig. 5D).



Figura 5. Produtos didáticos desenvolvidos pelo projeto Etnoentomologia. A. Livro Amores Canibais; B. Livreto Descobrimo as Formigas; C. Cartilha Ilustrada Leishmaniose; D. Livro infantil Tardígrados, Carinhos e Super poderosos; E. Livro infantil Titica rola-bosta. F. Folder divulgação Reserva Ecológica Serra do Tangará. G. Jogo didático Borboletando. Todos os produtos disponíveis na flow.page (<https://www.flowcode.com/page/insetvidas>).

No livro “Titica, rola-bosta” a biologia curiosa do grupo é trazida em um contexto de preservação na maior área de Restinga do Brasil, o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba (Fig. 5E). O grupo também produziu um folder de divulgação de uma área de preservação da Mata Atlântica, Reserva Ecológica do Tangará, onde a comunidade civil desenvolve um exemplar trabalho de conservação (Fig. 5F). Foi construído um jogo didático, “Jogo Borboleteando”, como uma proposta de ferramenta didática alternativa para o ensino de Ciências/Zoologia. O jogo envolve aspectos da biologia, ciclo de vida e ecologia das borboletas, considerado o animal-bandeira capaz de sensibilizar os alunos para questões ambientais e funções ecológicas dos insetos. O jogo foi avaliado de forma remota por 54 licenciandos em Ciências Biológicas e professores recém egressos de oito Universidades Públicas. Os entrevistados consideraram o jogo viável e com potencial de interface entre aspectos teóricos e práticos (Fig. 5F).

No projeto “Etnoentomologia/InsetVidas” surgiu a iniciativa de oferecer um curso aplicado para a sociedade, prático e com potencial econômico. Em parceria com a bióloga do Nupem/UFRJ, Amanda Miranda Soares, e o agrônomo Marcelo Silva (Incra/Salvador) ofertamos remotamente o curso “Meliponicultura: Potencial Econômico Sustentável” para 56 pessoas, em sua maioria, membros externos da Universidade, evidenciado fortemente o caráter extensionista desta ação (Fig. 6).

Curso de Extensão
Meliponicultura
Potencial econômico sustentável

Introdução a biologia e manejo de abelhas indígenas sem ferrão

- **Quando?** Setembro/2020
- **Quartas-feiras (09, 16, 23 e 30/09)**
- **Horário: 10-12 horas**
- **Público-alvo = interessados no tema**
- **Carga horária = 08 horas**

Programa: Diversidade e biologia de abelhas; criação racional de abelhas sem ferrão; introdução às técnicas de criação e manejo; instalação de meliponário em áreas urbanas e rurais; comercialização de enxames e dos produtos meliponícolas (mel, pólen, própolis, cera); Legislação no Brasil; perspectivas de renda sustentável com a Meliponicultura.

- **Capacitação e alternativas de renda**
- **Formação técnica**
- **Temática: trabalho e Sustentabilidade**

• **Inscrição e informações:** vialbano@gmail.com

Figura 06. Folder de divulgação do I Curso de Meliponicultura: Potencial Econômico Sustentável

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças e transformações fazem parte da história da humanidade, diferente é a forma como respondemos às adversidades. Sempre temos a escolha de tentar, movimentar e reconstruir novos olhares para as novas realidades. A pandemia de COVID-19 modificou nossas vidas, nossa forma de trabalhar e afetou fortemente nossa sociedade, trazendo medo, angústias, ansiedade e incertezas. As equipes extensionistas vinculadas aos projetos Iurukuá, Etnoentomologia e ao Curso Meliponicultura, reuniram durante a pandemia dezenas de jovens, todos voluntários, que dedicaram tempo, energia, foco e muitas horas de trabalho na construção

de ações, produtos inovadores didáticos e atividades remotas. Tais ações não somente levaram uma mensagem leve, bonita e de esperança em um mundo mais sustentável, como também buscaram oferecer entretenimento e oportunidade de olhar o duro cenário, com a certeza de que não iríamos desistir, desacreditar nas Vidas ou deixar de alcançar pessoas com as mensagens de educação ambiental que acreditamos. Durante esse tempo, produzimos vários livretos e livros infantis, vídeos oficinas, cursos, interagimos e alcançamos centenas de pessoas da sociedade brasileira. Integramos a redes internacionais e o coordenador dos projetos, prof. Vinicius Albano, se tornou coordenador Brasil da Rede Relato Oceano: Rede de Educação Oceânica da América Latina e Caribe. Somos um time extensionista que acredita na vida e busca formas de disseminar ideais de respeito com a sensibilização ambiental. Quanto mais pessoas conhecerem as diversas expressões de vida, mais corações serão alcançados e se tornarão alinhados ao mundo de oportunidades e equilíbrio que acreditamos. “Eu não tenho hora pra morrer, por isso, sonho” - continuaremos sonhando que a educação e extensão universitária podem ser plataformas para fazerem nossos sonhos acontecerem. A educação é o melhor atalho para o Brasil que acreditamos, para o mundo que buscamos. Salve a Educação, as Instituições Públicas do Brasil e a sua pluralidade de saberes. Resistiremos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, J., FRAXE, T.D.J.P., & SANTIAGO, J.L. *11845-Aspectos etnoecológicos relacionados às roças de mandioca no Amazonas*. Cadernos de Agroecologia, v. 6, n. 2, 2011.
- ALVES, R.R.N., VIEIRA, W.L.S.; & SANTANA, G.G. *Reptiles used in traditional folk medicine: conservation implications*. Biodiversity and Conservation, v. 17, n. 8, p. 2037-2049, 2008.
- ALVES, R.R.N., SILVA, V.N., TROVÃO, D.M., OLIVEIRA, J.V., MOURÃO, J.S., DIAS, T.L., ALVES, A.G., LUCENA, R.F., BARBOZA, R.R., MONTENEGRO, P.F., VIEIRA, W.L., & SOUTO, W.M. *Students' attitudes toward and knowledge about snakes in the semiarid region of Northeastern Brazil*. Journal of ethnobiology and ethnomedicine, v. 10, n. 1, p. 1-8, 2014.
- GILL, H., & LANTZ, T. *A community-based approach to mapping Gwich'in observations of environmental changes in the Lower Peel River Watershed, NT*. Journal of Ethnobiology, v. 34, n. 3, p. 294-314, 2014.

LYKKE, A.M. *Local perceptions of vegetation change and priorities for conservation of woody-savanna vegetation in Senegal*. Journal of Environmental Management, v. 59, n. 2, p. 107-120, 2000.

MARTIN, G.J. *Ethnobotany: A people and plants conservation manual*. London: Chapman & Hall. 240p. 1995.

POSEY, D.A. *Etnobiologia: teoria e prática*. Suma etnológica brasileira, v. 1, p. 15-25, 1987.

SIEBER, S.S., MEDEIROS, P.M., & ALBUQUERQUE, U.P. *Local perception of environmental change in a semi-arid area of Northeast Brazil: a new approach for the use of participatory methods at the level of family units*. Journal of Agricultural and Environmental Ethics, v. 24, n. 5, p. 511-531, 2011.

SILVA, J.M.C., & TOPF, J. *Conservation and development: a cross-disciplinary overview*. Environmental Conservation, v. 47, n. 4, p. 234-242, 2020.

CONEXÕES PARA REDUZIR DANOS: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E MÍDIAS SOCIAIS

KERONLAY DA SILVA MACHADO

COORDENADORA DO PROJETO CONEXÃO RD E TERAPEUTA OCUPACIONAL DO PROGRAMA DE ESTUDOS E ASSISTÊNCIA AO USO DE DROGAS

BRUNA DE OLIVEIRA BIZARRO

GRADUANDA EM PSICOLOGIA - UFRJ

LORENA SOUTO XAVIER

GRADUANDA EM PSICOLOGIA - UFRJ

MIRIAM YUMI KOMODA

PSICÓLOGA, DISCENTE DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ASSISTÊNCIA A USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS - PROJAD/IPUB/UFRJ

PEDRO FORTES DE AZEVEDO RANGEL

GRADUANDO EM PSICOLOGIA - UFRJ

RAMIRES MILENA PORTO COSTA

GRADUANDA EM TERAPIA OCUPACIONAL - UFRJ

RESUMO

Este Relato de Experiência apresenta o trabalho realizado pela equipe do projeto de extensão *Conexão RD*, vinculado ao PROJAD/IPUB e ao Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina. O objetivo principal é a promoção de saúde a indivíduos que apresentam uso problemático de drogas pela perspectiva da Redução de Danos. O isolamento social imposto pela pandemia interrompeu o principal dispositivo de ação junto ao público alvo: a convivência. Diante deste cenário, houve a convocação para se reinventar e buscar alternativas para a execução das nossas ações.

PALAVRAS-CHAVE

Redução do Dano; Pandemia; Território Virtual; Comunicação; Transtorno por Uso de Substâncias.

1. INTRODUÇÃO AO CONEXÃO RD

O PROJAD (Programa de Estudos e Assistência ao Uso Indevido de Drogas) é o dispositivo institucional a partir do qual o projeto de extensão *Conexão RD* estrutura suas intervenções. Constituído por uma equipe interdisciplinar, entre profissionais, alunos de pós-graduação e de especialização, o PROJAD visa o acolhimento e a assistência a pessoas que fazem uso de risco de substâncias psicoativas. Nesse campo, é responsável por desenvolver atividades nos três eixos indissociáveis da universidade: pesquisa, ensino e extensão. Situado no IPUB (Instituto de Psiquiatria da UFRJ), o PROJAD dispõe de um Centro de Convivência, onde são realizadas diversas oficinas e atividades culturais com os usuários, conduzidas pela equipe interdisciplinar junto a estudantes extensionistas do *Conexão RD*. Dentre os serviços oferecidos no âmbito da assistência, além das oficinas terapêuticas supracitadas, estão o ambulatório individual e o atendimento em grupo, o atendimento a familiares e, quando necessário, o encaminhamento para internação.

Vinculado ao PROJAD/IPUB e ao Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da UFRJ, o projeto *Conexão RD*, originalmente denominado “*Redução de Danos, Rede e Território: Conexões do Centro de Convivência do PROJAD na interface arte/saúde/cultura*” surgiu com o objetivo de promover o cuidado aos sujeitos que apresentam uso problemático de drogas, a partir da perspectiva da Redução de Danos e da interface arte/saúde/cultura. Essa atuação se dá através de diversas oficinas - mosaico, culinária, expressão e arte, jogos teatrais, fotografia, musicoterapia, yoga, arteterapia e leitura - realizadas no Centro de Convivência do PROJAD, rodas de conversas, eventos culturais, atividades na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), em Unidades Básicas de Saúde, CAPS, entre outros. Assim como ações itinerantes para além das instituições e centros de saúde, voltadas à rua, como a distribuição de kits de redução de danos nos blocos “Tá Pirando, Pirado, Pirou!” e “Planta na Mente”.

Diante dos avanços da era tecnológica, os espaços virtuais vêm tornando-se cada vez mais utilizados como meio de interação. Para além desse fato, a chegada da Pandemia do Sars-Cov-2, o vírus que se espalhou desde o fim do ano de 2019, condicionou a todos novas experiências a partir das atividades remotas, as únicas possíveis durante o período de isolamento. Enquanto projeto de extensão vinculado às oficinas e demais

ações executadas no Centro de Convivência, foram necessárias a criação de vertentes e novas frentes de atuação. Com isso, a utilização de serviços de streaming como o *YouTube*, *Instagram*, *Facebook*, *Spotify* e outros tornaram-se grandes mecanismos de disseminação das intervenções na Redução de Danos (RD) por meio da arte e cultura.

2. OBJETIVOS

O projeto de extensão *Conexão RD* busca intervir, interagir e fomentar a convivência com pessoas que apresentam problemas relacionados ao consumo de drogas. Além disso, abarcando os eixos de ensino e pesquisa, o projeto visa ampliar a oferta de formação técnico-científica de caráter interdisciplinar no campo de álcool e drogas aos discentes de graduação e pós-graduação. Diante do desafio sem precedentes imposto pela pandemia do Sars-Cov-2, as ferramentas de trabalho foram adaptadas para as circunstâncias virtuais, mas os objetivos permaneceram os mesmos. Desbravando as redes, o *Conexão RD* buscou novas vias de promover o cuidado, de maneira a preservar o dispositivo da convivência e o caráter dialógico da extensão universitária.

3. METODOLOGIA

A virtualização do projeto e suas ações passaram por diferentes etapas. As reuniões de educação permanente foram adaptadas ao *Google Meet* e permaneceram no mesmo horário, uma vez por semana. Os encontros semanais funcionam como a principal via de troca e debate entre os extensionistas e a coordenadora do projeto, contando também com convidados esporádicos, sendo o principal laboratório de ideias do *Conexão RD*. Para cada frente de trabalho elaborada e assumida por parte da equipe, um grupo de *WhatsApp* foi criado a fim de tornar a comunicação mais eficiente, além de um grupo geral do projeto, já existente. As plataformas do *YouTube*, *Facebook* e *Instagram* foram as principais ferramentas utilizadas para propagar o conteúdo produzido. Para cada uma dessas plataformas e suas especificidades, foi necessária a experimentação de diferentes instrumentos digitais que, por tentativa e erro, foram gradualmente incorporados à rotina do projeto. Dentre eles, figuram-se principalmente a plataforma de criação gráfica *Canva*, utilizada para as

publicações das redes sociais, e o aplicativo de gravação Anchor, utilizado para a gravação e distribuição do podcast.

4. ATUAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Com o intuito de abranger um público-alvo cada vez maior, a estratégia foi expandir o alcance dos conteúdos através da aposta em mídias sociais diversas e distintas entre si. Isso significa dizer que, uma vez que o objetivo da extensão é transpor os muros da universidade e dialogar com a sociedade, a equipe sabia que seria preciso compreender quais eram/são os principais meios e as ferramentas pelas quais as pessoas costumam buscar informações. Chegou-se ao consenso de que, conforme somos seres singulares com gostos específicos, acabamos por buscar plataformas, lugares virtuais, múltiplos e distintos, a fim de alcançar tais objetivos de aprender sempre as novidades e comunicar globalmente.

Adentrando por essa aventura digital, o *Instagram* destacou-se como meio mais utilizado para as ações do projeto; criou-se um cronograma de postagens, que visou o engajamento na rede e a propagação de informações sobre Redução de Danos. Foi por meio desse também que houve a divulgação das *lives* realizadas em parceria com o Centro de Convivência Virtual, denominada Oficina Redução de Danos e Cotidiano. A cada encontro a oficina abordou um tema diferente do mundo que a Redução de Danos atravessa.

O quadro Larica Artística surgiu trazendo indicações para pensar o consumo de substâncias e os conceitos da RD de uma forma mais leve e descontraída. Podendo ser aplicada até mesmo como meio de inserir a temática para pessoas que não a acessam por inúmeros motivos, sendo esse um dos objetivos principais. O quadro foi inspirado em indicações de filmes que foram feitas a um seguidor da página.

Dicas de RD na quarentena é um dos outros quadros criados nesse período inicial, que buscou disseminar informações e práticas de Redução de Danos que poderiam ser facilmente utilizadas durante a fase inicial de isolamento mais restrito. Partindo da redução de riscos com drogas e mesmo com o vírus, expondo até em dado momento sobre as práticas de primeiros socorros para casos em que pessoas passam mal em decorrência do uso de drogas.

Seguindo uma hashtag criada na plataforma do *Instagram* utilizada para recordar momentos registrados por fotografias semanalmente às

quintas, postaram-se ações feitas de modo presencial com a #TBT (*throwback thursday*). Fazendo uso dessa até para as divulgações dos episódios de podcast que foram produzidos em meio ao período pandêmico.

O *Facebook*, além de reproduzir as postagens feitas pelo *Instagram*, sediou as *lives* que ocorreram quinzenalmente às quartas-feiras no mesmo horário, às 15:00 horas. Ambas as plataformas permitiram que a comunicação com outros projetos, pesquisadores, coletivos e estudantes fosse desencadeada e estabelecida de forma ampla, para trocas de conteúdo e também para dúvidas sobre a abordagem do uso de drogas. Além disso, o interesse em entender o funcionamento do projeto de extensão também foi despertado pelos conteúdos que este compartilhou por suas redes.

Dito isso, outra rede social que exploramos foi o *YouTube*. Por lá, criamos um canal da extensão “*Conexão RD*” divulgando conteúdos mais lúdicos e informativos. Um exemplo de vídeo que divulgamos durante a pandemia foi de apresentação da nossa equipe, bem como das atividades que estávamos executando até então, com a proposta dos seguidores do canal ou do público externo saberem quem nós éramos, o que fazíamos e a partir de quais pressupostos práticos e teóricos.

5. PODCAST CONEXÃO RD

A ideia de produzirmos um podcast surge antes mesmo da pandemia, período no qual esse formato de comunicação se popularizou amplamente nas redes. Foi durante uma oficina no Centro de Convivência do PROJAD que, mediante as demandas dos usuários ali presentes, uma extensionista do *Conexão RD* trouxe à tona essa possibilidade. O formato do podcast surgiu como uma solução possível para atender aos anseios por novas atividades culturais, novos canais de expressão da voz do usuário, novos dispositivos de convivência e, por parte dos extensionistas, novas ferramentas de divulgação e visibilidade. Originalmente, como as demais oficinas terapêuticas do PROJAD, a ideia incluía os usuários do serviço e da RAPS como protagonistas da ação.

Pouco tempo depois, com o advento da pandemia e o início dos trabalhos remotos, a ideia do podcast sofreu algumas adaptações necessárias para a sua concretização. Através dos encontros virtuais de educação permanente, pode-se debater minuciosamente as etapas necessárias para desenvolver o projeto. Foi definido que para cada episódio contar-se-ia

com três ou quatro extensionistas e possivelmente um convidado para compor a mesa, além de um extensionista responsável pela edição do podcast e a publicação em plataformas digitais. A participação ativa dos usuários tornou-se insustentável durante o período de isolamento social, visto que a grande maioria não dispõe do acesso necessário à internet.

A primeira etapa da construção de um episódio consiste na formulação de um tema. É através das reuniões de educação permanente que esse estágio de criação acontece, em que dedicamos parte do encontro para debater sobre determinado assunto, levantar problematizações, avaliar se é de interesse do grupo e fechar o tema. Tendo isso definido, a segunda etapa é a pesquisa. Nesse momento, a equipe do episódio já estará organizada em um grupo de *WhatsApp*, em que cada um dedicar-se-á a uma parte específica da pesquisa. A terceira etapa ocorre simultaneamente e consiste na elaboração de um roteiro básico: é aqui que cada membro do grupo separa seus subtópicos de maior interesse, tornando-se responsável por desenvolver as próprias ideias relativas a esses subtópicos. Caso o episódio em questão inclua um convidado, esse será adicionado ao grupo de *WhatsApp* para participar da elaboração do roteiro. Apesar da divisão metódica de tarefas, vale frisar que todas as etapas são altamente colaborativas e as ideias costumam entrecruzar-se nesses estágios.

Finalizadas as etapas estruturantes, geralmente é agendada uma reunião virtual para a revisão geral das falas e da ordem em que os subtópicos serão abordados. Em seguida, é hora de gravar o episódio. Através do aplicativo Anchor, que todos os participantes devem ter instalado, é criada uma sala de gravação virtual. Depois, o extensionista encarregado da edição será responsável por reduzir o tempo de conversa, realizar cortes necessários e enviar o arquivo de volta para o Anchor, que distribuirá o episódio em plataformas de streaming. Por fim, a última etapa do processo é a divulgação do podcast nas redes sociais e, no caso do *YouTube*, a legendagem integral do episódio.

Dentre os três episódios já lançados, abordamos temas diversos sob a perspectiva da Redução de Danos: consumo de drogas na quarentena, guerra às drogas, racismo, encarceramento feminino e psicodélicos. O primeiro episódio foi o de caráter mais experimental e introdutório e contou com dois extensionistas, a orientadora do projeto e um agente redutor de danos. No segundo episódio, já mais estruturado, conseguimos a presença de Sharllene Silva, enfermeira e especialista em saúde mental e ativista dos direitos das mulheres em privação de liberdade, além de três

extensionistas. Para abordar a história e o futuro dos psicodélicos, estiveram presentes três extensionistas e o convidado Gustavo Nizzo, psicólogo e redutor de danos.

Construir um podcast do zero proporcionou a todos os extensionistas do projeto uma nova experiência, já que ninguém da equipe dispunha da técnica ou de conhecimento prévio sobre o formato. Foram necessários pesquisa, investigação e muito empenho. Cada membro do *Conexão RD* se propôs a fazer o que estava dentro do alcance de suas habilidades, afinidades e disponibilidades, ainda que a rotina de cada um se encontrasse tão desregulada em meio à pandemia. Além da riqueza de aprendizados obtidos pelos extensionistas, o formato proporcionou ao público uma via alternativa de troca e convivência, que são os principais dispositivos de ação do projeto *Conexão RD*.

6. GRUPOS DE REDUÇÃO DE DANOS NO TERRITÓRIO DA ROCINHA

Um dos braços do projeto *Conexão RD* é o trabalho realizado nos grupos de redução de danos que ocorrem no território da Rocinha, Rio de Janeiro. Os grupos são realizados pelo redutor de danos Devaldo, junto aos profissionais de saúde das UBSs e do CAPS, oferecendo acolhimento, escuta e empatia às pessoas com problemas relacionados ao uso de drogas lícitas ou ilícitas.

Ao todo existem quatro grupos de redução de danos no território, que acontecem nos seguintes locais: Clínica da Família Maria do Socorro, CAPS III Maria do Socorro, Centro Municipal de Saúde (CMS) Dr. Albert Sabin e Clínica da Família Rinaldo de Lamare. Os encontros ocorrem uma vez por semana, com duração aproximada de 1h30min e possibilitam o vínculo entre os usuários e os profissionais da saúde. O *Conexão RD* é parceiro neste trabalho desde 2018, através da presença e acompanhamento de nossos extensionistas nesses grupos, que são tão potentes e oferecem muitas conexões e trocas de experiências.

No início da pandemia, os encontros presenciais foram suspensos e retornaram em junho de 2020, devido à demanda dos usuários do serviço. Para que o *Conexão RD* pudesse manter-se nesses espaços, optou-se pela realização de videochamadas através do aplicativo *Zoom* entre o celular do Devaldo Oliveira, Redutor de Danos das RAPS do município e

colaborador do projeto, e de uma das extensionistas. Toda quarta-feira, no início da reunião do grupo no CMS Dr Albert Sabin, a ligação por vídeo é realizada e Devaldo coloca seu celular na mesa do local, de maneira que a aluna possa ver os participantes que estão presencialmente.

Muitas vezes a extensionista não conseguia ouvir as falas dos usuários e as intervenções realizadas pelos profissionais, porém isso não impediu o conhecimento de outro universo de vivências e nem as variadas relações que são desenvolvidas com as drogas. As videochamadas também fazem parte da dinâmica do que ocorre naquele ambiente e, assim, o projeto se mantém presente e ativo nesse grupo de redução de danos.

Estar remotamente nos encontros é uma maneira de diminuir a distância que a pandemia gerou e possibilita que o *Conexão RD* dê continuidade às trocas realizadas com os usuários e com os profissionais. Os grupos funcionam como fator de proteção às pessoas que utilizam alguma substância, por isso, permanecer nesses espaços de produção de alternativas de vida para além do uso de drogas mostra resistência e resiliência diante do atual cenário.

7. RESULTADOS OBSERVADOS

Por um longo período, ficamos e, de certa forma, ainda estamos sem previsão de um retorno presencial. Como é sabido, o crescimento da COVID-19 acelerou o processo de transposição dos serviços para plataformas digitais; fez com que quem não estivesse presente nas redes sociais, fosse incluído; provocou a produção de materiais virtuais que deram suporte a essa mudança e ainda evidenciou um território já existente, mas negligenciado por muitos setores da academia.

O território virtual passou rapidamente da margem para o centro das ações extensionistas. Configurando-se como a principal interface entre o projeto e o público externo, as frentes nas redes sociais foram a ponte que permitiram superar a dicotomia entre sociedade e universidade, à medida que se respeitou o distanciamento social sem, por outro lado, excluir a sociedade desse diálogo.

Nesse sentido, a partir de nossas iniciativas e pela interação com outros projetos dentro e fora da Universidade, observamos a potência na ocupação da rede, da divulgação científica proporcionada por este meio digital e conectado. Por essas razões, mesmo quando for possível o retorno

presencial, compreendemos que a vida tende a ser cada vez mais híbrida e que precisamos atuar nesses espaços. Importante mencionar, portanto, que a ocupação do território virtual diferencia-se de uma precarização do tripé ensino-pesquisa-extensão, pois não busca substituir o trabalho presencial, mas expandir os alcances e conquistar novos públicos alvos.

Pensando por essa perspectiva na qual exploramos o território online, podemos apontar algumas questões que ocorreram nesse processo. A primeira, quanto às barreiras e dificuldades encontradas, é de que aceitamos o desafio de mergulhar em um meio sem conhecimentos prévios específicos de comunicação, de aprender com o caminho. Além disso, dentro das redes, no *Instagram*, por exemplo, defrontamos-nos com a formação de nichos temáticos - tendência do meio virtual -, e de pensar em como podemos rompê-los e ultrapassá-los pela divulgação dos trabalhos.

Ainda no campo dos problemas, o acesso aos meios - ter os instrumentos necessários, ter a rede de internet disponível - sempre foi e será um grande limite, tanto para a equipe quanto para o público, que, entretanto, escapa de nossas mãos. Por outro lado, o domínio das redes e a acessibilidade dos conteúdos foram temas que balizaram nossa produção, como foi citado.

Já quando falamos das potências desse período que ficarão daqui para frente presentes na Extensão, precisamos ressaltar a reinvenção do funcionamento da equipe e do projeto nesse novo território, junto às implicações suscitadas desta transformação. Em um momento como o que estamos vivendo, reclusos em casa com grande parte do direcionamento diário voltado às telas, o uso excessivo da internet e dos meios de comunicação configuram-se como um alto risco em muitas dimensões.

Tivemos a oportunidade de realizar uma conversa em formato de *live*, na qual convidamos a pró-reitora de extensão Ivana Bentes para trocar sobre o tema “Comunicação e Saúde Mental: Usos e Abusos do/no Universo Digital”. Na ocasião, transmitida por dois canais no *YouTube* e por uma página no *Facebook*, a discussão trouxe à tona desde problemas físicos acarretados pelo abuso das telas, como enxaquecas, exaustão, dores na coluna, atenção limitada etc, até psicológicos como adicção, solidão, insônia, *burnout* devido ao aumento do tempo e carga de trabalho.

Em contraponto, também desvelamos as possibilidades diante desse cenário. Compreendemos que não só a UFRJ e as outras universidades, mas toda a educação pública poderia beneficiar-se do uso das tecnologias de comunicação. Não para construir muros como quando acontece da

categoria de profissionais ficarem sobrecarregados; à medida que auxílios são cortados; não é disponibilizado uma forma de acesso aos estudantes; não realiza-se uma capacitação para docentes e técnicos; não existe o desenvolvimento de uma plataforma pública e segura em que as atividades possam ser desenvolvidas.

Por outro lado, acreditamos que a tecnologia deva ser usada para expandir horizontes sem que prejudique a qualidade do ensino ou promova a precarização da vida. Como o *Conexão RD* constrói-se também dentro do campo da saúde, observamos cada vez mais a necessidade do engendramento do próprio SUS nesse campo virtual que, pelo seu tamanho infinito, carece de iniciativas que tenham como objetivo a promoção de saúde, o combate às *fake news* e o aperfeiçoamento organizativo de filas e atendimentos.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destas e de reflexões pela experiência na construção, entendemos a abordagem online, sendo uma estratégia que amplia a promoção de saúde e de ensino, como uma forma redutora dos danos provocados pela pandemia. Ademais, através de reuniões, trocas e análises internas, verificou-se que os processos que integraram o desenvolvimento da extensão serviram muitas vezes como válvulas de escape no confinamento pandêmico e possibilitaram um convívio virtual importante para a sustentabilidade da saúde mental, ou seja, serviram como força criativa que permitiram a produção de novos modos de existências, os quais possibilitaram que continuássemos seguindo e apostando no trabalho.

A produção de cards, reuniões, pesquisas, edição de vídeo, postagem dos conteúdos, transmitir *lives*, gravar podcasts... Grande parte dos fatores advindos da prática extensionista, em especial neste momento de isolamento social, partindo da relação imanente entre universidade-sociedade-discente-docente, têm contribuído para reduzir sensações de incerteza, estresse, solidão, inquietação e todas outras implicações que compartilhamos diante do contexto pandêmico e do quadro atual de avanço da necropolítica como face mais cruel do neoliberalismo.

Dentre os recentes e numerosos retrocessos que vivenciamos no âmbito das políticas públicas, está o reordenamento da política de drogas em 1 de março de 2018, pelo Conselho Nacional de Políticas sobre

Drogas (CONAD) através da Resolução 01/2018 (BRASIL, 2018). Tal reordenamento implicou em um redirecionamento do modelo assistencial da redução de danos para a abstinência, impondo uma diretriz de cuidado orientada pela proibição do consumo. A PNAD 2019 (BRASIL, 2019) confere destaque à importância da internação e inclui as instituições privadas que perderam espaço com o advento da Reforma Psiquiátrica Brasileira na rede de cuidado à pessoas com problemas relacionados ao uso de drogas, além da ampliação do financiamento público para as Comunidades Terapêuticas.

Diante deste cenário que inclui uma pandemia, consideramos também ser um ato de resistência sustentar a ética da Redução de Danos a partir de um projeto de extensão em uma universidade pública. O “ser extensionista”, portanto, a própria Extensão Universitária, torna-se uma redução de danos frente ao duro cotidiano brasileiro e é potência para a construção de uma realidade outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas. Resolução n. 1, de 9 de março de 2018, define as diretrizes para o realinhamento e fortalecimento da PNAD - Política Nacional sobre Drogas, aprovada pelo Decreto 4.345, de 26 de agosto de 2002. Diário Oficial da União 2005; 28 out.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 13.840, de 05 de junho de 2019. Altera as Leis n.11.343, entre outras, para dispor sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas e as condições de atenção aos usuários ou dependentes de drogas e para tratar do financiamento das políticas sobre drogas. Diário Oficial da União, Brasília: Presidência da República, 2019.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). *Política Nacional de Extensão Universitária*. Gráfica da UFRGS. Porto Alegre, RS, 2012 (Coleção Extensão Universitária); v. 7

MAZZILLI, Sueli. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. *RBPAE (Revista Brasileira de Política e Administração da Educação)*, 2011.

CONSTRUINDO PONTES: 10 ANOS DE EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA EM MEIO AOS DESAFIOS DO CENÁRIO DA PANDEMIA

ULIANA PONTES

COORDENADORA DO PROJETO CONSTRUINDO PONTES

JANE DE CARLOS SANTANA CAPELLI

DOCENTE NO INSTITUTO DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO - UFRJ-MACAÉ

LEONARDO GOMES DA SILVA

DOCENTE NO INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR DE QUÍMICA - UFRJ-MACAÉ

LUCIARA LEIRÓS DOS SANTOS LIMA VASCONCELOS

PRECEPTORA DO CURSO DE MEDICINA - UFRJ-MACAÉ

BIANCA PINTO SILVA DO NASCIMENTO

PÓS-GRADUADA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

JEANETE SIMONE FENDELER HÖELZ

MESTRE EM CIÊNCIA AMBIENTAIS E CONSERVAÇÃO

MÔNICA TEREZA RIBEIRO NETO TAVARES

PÓS-GRADUADA EM ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

MAYARA COUTINHO MICHELOTE DA SILVA

GRADUADA EM ENFERMAGEM

RESUMO

O projeto de extensão *Construindo Pontes* (UFRJ-Macaé) tem como objetivo principal promover diálogos sobre temas contemporâneos e relevantes em saúde coletiva e suas interfaces com a diversidade humana e as interações entre mídia e sociedade. Em 2020, completou 10 anos e, devido à pandemia, teve que migrar compulsoriamente para o ambiente virtual. Este relato conta como as redes sociais do projeto tornaram-se uma ferramenta de interação dialógica, como os encontros com profissionais de saúde e ações em um colégio estadual converteram-se em *lives* e como conseguimos a manutenção da qualidade do trabalho aliada ao cuidado dos laços de afetos e da saúde de nossa equipe.

PALAVRAS-CHAVE

Equidade; Comunicação e Divulgação Científica; Meios de Comunicação de Massa; Pesquisa em Saúde.

1. INTRODUÇÃO

O conjunto de saberes relacionados ao meio ambiente e aos seus processos, no ano em que completou 10 anos de existência, o projeto de extensão *Construindo Pontes*, da Universidade Federal do Rio de Janeiro Campus UFRJ-Macaé Professor Aloísio Teixeira (UFRJ-Macaé), enfrentou seu maior desafio: a pandemia de COVID-19. Ao invés das atividades presenciais de costume ou daquelas planejadas para celebrar o Jubileu de 10 anos do projeto, precisamos migrar compulsoriamente para o ambiente virtual, ainda inédito para nós, e lidar com as angústias, incertezas e perdas trazidas pelo avanço da pandemia, e as mudanças repentinas em nossas vidas pessoais e acadêmicas.

Criado em janeiro de 2010 pela professora Uliana Pontes (Medicina UFRJ-Macaé) e conduzido ao longo dos anos com a participação de diferentes colaboradores, com destaque para a professora Jane Capelli (Nutrição UFRJ-Macaé) e o professor Leonardo Gomes (Bioquímica UFRJ-Macaé), que compõem a equipe desde o início, o projeto tem como objetivo principal promover diálogos sobre temas contemporâneos e relevantes em saúde coletiva, suas interfaces com a diversidade humana e as interações entre mídia e sociedade. *Construindo Pontes* aborda questões como equidade de gênero, combate ao racismo, saúde mental, representatividade, equidade e inclusão na ciência, debatendo aspectos científicos, culturais e sociais que permeiam esses fenômenos.

O *Construindo Pontes* tem como público alvo principal estudantes e profissionais de saúde e de educação. Realizava, antes da pandemia, rodas de conversas, seminários e outros encontros em unidades de Atenção Básica e Estratégia de Saúde da Família e escolas municipais de ensino fundamental e médio situadas em Macaé (RJ), e também em espaços do campus da UFRJ-Macaé, dentre outros locais. O projeto possui perfis em redes sociais, que antes da pandemia tinham como função principal divulgar a agenda de atividades do projeto e conteúdo geral relacionado. A equipe executora passou por mudanças naturais ao longo do tempo, porém sempre mantendo um perfil interdisciplinar, tanto entre os membros profissionais da saúde e da educação, com diferentes expertises e áreas de atuação, como entre estudantes de graduação, bolsistas ou voluntários de diferentes cursos da área da saúde.

São abordados temas como a diversidade humana e estereótipos no âmbito da ciência e da saúde mental; equidade de gênero; racismo e

representatividade negra; tendo como eixos transversais o papel da mídia na perpetuação ou no combate a estigmas e preconceitos e da universidade na desconstrução desses estereótipos, à medida que é possível realizar cenários de práticas de ensino e pesquisas que sejam mais incluídas, que valorizem e respeitem a diversidade humana e que prezem pela participação ativa de grupos historicamente excluídos.

Atualmente, a equipe é composta por estudantes de Medicina e de Farmácia da UFRJ-Macaé, duas docentes e uma técnica da UFRJ que atuam nos campos da saúde coletiva e do ensino de ciências, e por colaboradoras externas: uma enfermeira pós graduanda em Estratégia de Saúde da Família, uma médica da rede do Sistema Único de Saúde – SUS da região e preceptora do curso de Medicina UFRJ-Macaé, uma fonoaudióloga professora de Saúde coletiva, e duas professoras do Ensino Médio que atuam no ensino de ciências em um colégio estadual parceiro do projeto. Para a realização dos encontros, frequentemente convidamos pessoas com diferentes formações profissionais para compartilhar conhecimentos e experiências.

Cabe destacar que a proximidade do *Construindo Pontes* com seu público foi construída e consolidada a partir da interação dos membros da equipe, em especial a coordenadora do projeto, com diferentes atores sociais, como profissionais de saúde da rede do Sistema Único de Saúde – SUS do município de Macaé e professores da rede pública de ensino, que protagonizaram a sugestão e a construção de ações voltadas para seus pares em temas relacionados aos objetivos do projeto. Dessas interações, por exemplo, surgiram ampliações do projeto como sua inserção no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) edição 2012, do Ministério da Saúde, conduzindo ações sobre informação e o cuidado com pessoas com doenças crônicas no âmbito da Atenção Básica; e, mais recente, o evento extensionista, criado em 2018, “*Construindo Pontes: formando profissionais pesquisadores*”, que busca, por meio de eventos bimestrais abertos a profissionais de saúde, promover debates sobre pesquisa em saúde e assistência no SUS e fortalecer a integração ensino-pesquisa-serviço.

Nesse contexto, iniciamos, em 2017, parceria com o Colégio Estadual Luís Reid, situado em Macaé, envolvendo estudantes do ensino médio. Em 2018, com a colaboração de professoras regentes das turmas participantes, passamos a realizar encontros mensais com uma turma de terceiro ano (formanda) de Magistério, visando sensibilizar as futuras professoras para

a importância da educação e do conhecimento como ferramentas para a transformação social. Esse plano de ações é atualizado junto às turmas, à medida em que os trabalhos são desenvolvidos, refletindo as especificidades de cada grupo e o trabalho vivo desenvolvido, mantendo sempre como pano de fundo as questões voltadas para equidade, diversidade, saúde, ciência e sociedade. Junto ao colégio, objetivamos: a) apresentar possibilidades de continuidade dos estudos, privilegiando o ingresso em universidades públicas; b) incentivar o exercício do magistério e o posicionamento ético e crítico como educadores; c) estimular o interesse pelas ciências e artes; d) valorizar e respeitar a diversidade humana, promovendo cultura de paz e inclusão. Em 2019, ampliamos o trabalho para duas turmas do terceiro ano de Magistério, o que perdura até hoje, dentro das limitações impostas pela pandemia.

Desde sua concepção, pensamos o *Construindo Pontes* como um espaço onde estudantes extensionistas possam desenvolver visão e prática mais críticas quanto aos fenômenos de saúde-doença-cuidado, contextualizando esses fenômenos no cenário contemporâneo social, cultural e científico. Com isso, poderão se tornar profissionais de saúde com mais habilidades para promoção da equidade e integralidade em saúde. Acreditamos que a produção acadêmica, seja ela no âmbito da extensão, do ensino ou da pesquisa, deve ser pautada por relações que prezam pelo respeito à diversidade e pluralidade, pela promoção e pela manutenção de uma cultura de paz e da saúde em suas diversas dimensões e pela ruptura com modelos e práticas que perpetuam estereótipos, segregações e outras atitudes nocivas.

Portanto, foi com esse histórico, que deveria ser celebrado no ano do Jubileu de 10 anos do projeto *Construindo Pontes*, sob a égide de Minerva, que nos deparamos com o questionamento: o que faremos para manter as atividades durante a pandemia, de forma coerente com os valores cultivados no projeto? Essa pergunta suscitou muitas outras e a forma como coletivamente respondemos a elas e nos reinventamos é o que trazemos neste relato de experiência.

2. OBJETIVOS

Relatar a experiência de migrar as atividades presenciais do projeto de extensão *Construindo Pontes* e do evento de extensão “*Construindo Pontes: formando profissionais pesquisadores*”, para o ambiente 100% virtual.

3. METODOLOGIA

Para elaboração deste relato, foram consultadas as memórias das reuniões, conversas, relatórios do projeto e demais registros da historicidade da construção e execução das propostas de trabalho do projeto de extensão *Construindo Pontes* e do evento de extensão “*Construindo Pontes: formando profissionais pesquisadores*”.

Para a migração das atividades de extensão para o ambiente virtual, foram realizadas reuniões de equipe e com representantes do público alvo e parceiros do projeto para repactuações, as quais foram submetidas e aprovadas na chamada de Revalidação da Extensão, convocada pela Pró Reitoria de Extensão (PR-5) em 2020.

4. CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

Em março de 2020, tínhamos planejado o retorno das atividades presenciais do projeto, o que incluía a) encontros mensais, de março a novembro, envolvendo as turmas 3001 e 3002 do terceiro ano de Magistério do Colégio Estadual Luís Reid; b) ciclo de seminários, a começar em abril, para debater questões relativas a saúde coletiva e saúde do trabalhador; e c) Oficinas sobre pesquisa em saúde para a Residência Médica da Prefeitura de Macaé. Estávamos também começando a colher fotos, pôsteres e outros registros dos 10 anos do projeto e pretendíamos fazer um evento comemorativo no polo universitário, durante a Semana de Integração Acadêmica da UFRJ. Os perfis do projeto nas redes sociais *Facebook* e *Instagram* (@construindopontesufrj) traziam postagens regulares duas vezes por semana, com informes sobre nossa agenda e conteúdos relevantes para as temáticas que abordamos.

Para evitar o avanço da pandemia de COVID-19, é necessário isolamento social e tanto a UFRJ quanto o poder público emitiram instrumentos legais suspendendo as atividades presenciais não essenciais, o que nos obrigou a cancelar as agendas e enfrentar as primeiras semanas na incerteza sobre quando poderíamos retomar os planos originais. Ainda tínhamos esperança de que em poucos meses retornaríamos a certa normalidade. Os meses de abril a maio foram marcados pela tomada de consciência da situação crítica que se estava instalando, adaptação compulsória ao novo normal e às demandas acadêmicas que a pandemia trouxe. Não

tínhamos o hábito de fazer reuniões online e precisamos aprender a usar ferramentas para tal, bem como a lidar com as fragilidades e vulnerabilidades que surgiram em função da pandemia, as angústias do isolamento social, das incertezas quanto à profilaxia e tratamento da COVID-19, da dificuldade no acesso à internet e em transformar a sala de casa em sala de reuniões e sala de aula, o que foi experienciado de diferentes maneiras por estudantes e docentes da UFRJ e colaboradoras do projeto. A equipe executora, além de dar continuidade a seus projetos e compromissos acadêmicos prévios, ainda respondeu ao chamado para integrar o Grupo de Trabalho Multidisciplinar de Combate à COVID-19 da UFRJ-Macacé.

Passamos a fazer reuniões online com os estudantes toda segunda-feira para conversar sobre as novas rotinas, expectativas e possibilidades, e fortalecer nossa rede de apoio e laços de afeto. As reuniões inspiravam publicação de conteúdo relacionado ao enfrentamento da pandemia e de material relacionado a temas desenvolvidos pelo grupo em seus projetos de Iniciação Científica (IC). Destaca-se que no *Construindo Pontes* a extensão induz à pesquisa e a partir das atividades extensionistas conduzidas há os seguintes projetos de IC: representação de transtornos mentais e de pessoas com deficiência em telenovelas (PIBIC UFRJ – 2020); representação de pessoas negras em capas de revistas para adolescentes; saúde do homem no âmbito da Estratégia de Saúde da Família; Fake News e saúde. Entretanto fomos observando desgaste físico e emocional na produção desse conteúdo para alimentar as nossas redes sociais, pois além de estarmos mudando o perfil das nossas redes de forma compulsória, parecia artificial trazer esses temas à discussão enquanto o mundo se debruça a entender SARS-COV-19. O tema “Fake News e saúde”, em especial, começou a causar-nos certo desconforto emocional: como lidar com pessoas formadoras de opinião e com grande projeção na mídia, que adotam postura negacionista em plena pandemia?

Apesar das adversidades, fomos brindados com o ingresso de uma estudante de medicina, já no internato, e de uma colaboradora externa, enfermeira recém-formada, que viram em nossos trabalhos a possibilidade de se aprofundar em conhecimentos e vivências sobre a complexidade dos fenômenos de saúde-doença-cuidado, na perspectiva das interações entre mídia e sociedade.

Em junho, optamos por pausar os esforços para manter ativos os perfis do projeto nas redes sociais, em nome de um dos compromissos do *Construindo Pontes*: fazer a produção acadêmica ser um lugar saudável,

que respeita as diversidades e as individualidades, em prol de um coletivo maior. Publicamos informe em nossas redes sociais e planejamos o retorno para agosto. Nesse intervalo, retomamos o contato com parceiros e colaboradores externos, em especial com as professoras do Colégio Estadual Luís Reid e a coordenadora da Comissão de Residência Médica da Prefeitura Municipal de Macaé e demais atores sociais que representam nosso público-alvo, nossos parceiros. Logramos êxito nesses diálogos, pois a fase mais crítica de adaptação das rotinas pessoais e de trabalho à realidade pandêmica havia passado e era o momento de resgatar planos e tarefas que tinham parado para dar lugar ao “novo normal”.

Para garantir a interação dialógica, as nossas redes sociais passaram então a oferecer espaços direcionados à participação direta do nosso público, para escolha de assuntos a serem abordados, formato e horário dos encontros virtuais, dentre outros aspectos das atividades que iríamos oferecer.

A oportunidade para retomar a integração extensão ensino se deu pela participação da coordenadora do *Construindo Pontes* em oficinas para planejamento das disciplinas de Saúde da Comunidade 1, 2 e 3, formato remoto, promovidas pelo grupo de docentes de Saúde Coletiva de Medicina da UFRJ-Macaé com a participação de estudantes dos três primeiros períodos do curso. Não haveria a possibilidade de essas disciplinas serem ofertadas durante o Período Letivo Especial, porém se percebeu oportuno retomar o evento extensionista “*Construindo Pontes: formando profissionais para a pesquisa*” por meio de seminários integrados, voltados para estudantes e profissionais de saúde.

As atividades outrora presenciais do *Construindo Pontes*, voltadas para debater equidade de gênero, raça, representatividade e etc., assumiram o formato de *lives* no *Instagram* do projeto, a partir de temas sugeridos pelos seguidores de nossas páginas. Ao colégio Luís Reid retornaríamos por meio de apenas quatro encontros quinzenais e interações com as turmas através de nossos perfis nas redes sociais.

Mantínhamos assim as perspectivas de transformação social a partir do conhecimento gerado e compartilhado em um cenário de cultura de paz, respeito às diversidades, o consumo ético e crítico de informações, do incentivo às práticas de cuidado e assistência à saúde resolutivas, equitativas, integrais e articuladas com a pesquisa em saúde. Submetemos ambas propostas ao processo de Validação da Extensão Virtual, convocado pela PR-5, tendo obtido êxito e aprovação para continuar com nossas ações.

5. RESULTADOS OBSERVADOS

Desde o início da pandemia, todas as atividades, sejam de planejamento interno sejam abertas ao público, estão acontecendo exclusivamente no âmbito virtual. Os eventos do “*Construindo Pontes: formando profissionais pesquisadores*” aconteceram como Seminários Integrados nos meses de agosto e setembro de 2020 com os temas: “Modas e modos: a sociedade de consumo e os hábitos em saúde”, “Projeto terapêutico e caso clínico: qual a diferença?”, “Epidemia de obesidade: uma revisão conceitual e prática para a compreensão dos corpos gordos”, “História da Saúde do Trabalhador”, “Mortalidade materna no contexto da COVID-19: biopoder e gestão da vida”, “O uso de histórias de vida na construção de projetos terapêuticos” e “Saúde do Trabalhador e COVID”. Os seminários contaram com a participação de mais de 100 pessoas, das cinco regiões do Brasil, um alcance que não teria sido atingido se estivéssemos em ambiente presencial. Realizamos ainda um encontro com a Residência Médica da Prefeitura de Macaé, aberto ao público em geral, para debate sobre pesquisa e metodologia científica.



Imagem 1: Cartazes de divulgação dos Seminários Integrados.

No âmbito do *Construindo Pontes*, retomamos os debates por meio de *lives* semanais no *Instagram*, disponíveis no IGTV do projeto, a partir de enquetes que consultavam o público qual seria o tema do mês. Em outubro, o assunto escolhido foi “Mulheres na Ciência”, e em novembro, “Representatividade Negra”. Destaca-se a participação de Raquel Leal, mestranda na UFRJ no campus Ilha do Fundão e cria da Maré, que abordou as distâncias e proximidades entre esses dois espaços; e a participação da médica Lara Luiza Souza, egressa do *Construindo Pontes*, que despertou nosso olhar para questão da pessoa negra na sociedade, colorindo as nossas trajetórias. Também em outubro retornamos ao Colégio Estadual Luís Reid por meio de Rodas de Conversa online, onde debatemos com as turmas 3001 e 3002, questões relativas à Saúde Mental no ambiente escolar, ensino à distância e inclusão social.



Imagem 2: Postagens para consulta sobre o tema do mês e de divulgação da live.

Para encerrar esse ano atípico, que ceifou tantas vidas de uma forma tão dolorosa e solitária, vimos a necessidade de conciliar as dores dos lutos, os esforços das lutas e o muito que temos a agradecer por permanecermos firmes. Então, em dezembro de 2020, resgatamos a nossa história e contamos nossa trajetória de 10 anos de existência como registro de nossa resistência. Por meio de postagens em nossas redes sociais, nós lembramos fatos marcantes da trajetória do *Construindo Pontes*, numa forma singela de homenagearmos a vida, a troca e o encontro de vidas humanas.

Em 2021, utilizamos as *lives* no *Instagram* novamente como estratégia para realização das Rodas de Conversa do *Construindo Pontes*. Consultamos nossos seguidores nas redes sociais sobre o tema que

gostariam que debatêssemos em fevereiro e março e entre as opções apresentadas, “Mulheres, carreira e empreendedorismo” foi escolhido, com os recortes dos desafios da pandemia: ensino a distância, *home office*, carreira profissional e acadêmica. Com a participação de mulheres com diferentes formações e trajetórias acadêmico-profissionais, trabalhamos os seguintes temas: “Redirecionamento profissional: quando a proposta é ser feliz, não existe contraproposta”, “Parentalidade na Ciência e o Programa AMANHÃ de incentivo a mulheres cientistas”, “Maternidade e carreira: propósitos não excludentes nem compulsórios”, “Ensino híbrido, renovação das práticas de aula e parceria família-escola”, “Estratégias para conciliar trabalho, estudo para concursos/pós-graduação e qualidade de vida”.

A temática da equidade de gênero e representatividade de mulheres na sociedade é recorrente no *Construindo Pontes* por ser muito sugerida pelo nosso público. Dessas interações dialógicas surgiu a proposta, já aprovada na PR-5, da realização do *workshop* “Mais Mulher, menos sobrecarga”, que trabalhará temas como carreira, propósito, saúde e imagem corporal, previsto para junho de 2021.

Os trabalhos no colégio Luís Reid seguem com duas novas turmas de 3º ano de Magistério. No primeiro semestre estamos desenvolvendo o tema escolhido pelos estudantes: “Meio ambiente e Natureza”, que foi sugerido junto com “Matemática no dia a dia” e “Ciências no cotidiano”, pelas professoras regentes e colaboradoras do *Construindo Pontes*. No segundo semestre trabalharemos questões relacionadas à inclusão social, com recorte escolhido pelas turmas.

No âmbito do evento “*Construindo Pontes*, formando profissionais para a pesquisa”, iniciamos 2021 ampliando a parceria junto à Residência Médica da Prefeitura de Macaé para também a Residência Médica do Hospital da Unimed Costa do Sol, numa articulação entre extensão e ensino de pós graduação, que inclui a oferta de 4 encontros mensais, entre abril e agosto, abertos ao público em geral, para debatermos questões relativas à pesquisa em saúde. Entre setembro e novembro de 2021, pretendemos fazer nova edição dos Seminários Integrados, sobre assuntos sugeridos por nossos seguidores nas redes sociais e nossos interlocutores na rede SUS de Macaé e região.

6. RESULTADOS OBSERVADOS

Existir, resistir, ressignificar: lições aprendidas nos 10 anos do *Construindo Pontes* e nas transformações vividas na pandemia. O êxito na migração para o ambiente virtual foi graças aos vínculos criados anteriormente, fortalecidos por valores inegociáveis como ética, cultura de paz, confiança e respeito, por estarmos motivados por uma concepção de saúde que envolve múltiplas dimensões da existência humana, por defender ciência, saúde, cultura e educação como patrimônios de valor inestimável que deve estar acessível a todas as pessoas.

A pandemia de COVID-19 afetou nossas singularidades e nosso espírito coletivo de diferentes formas. Pôs à prova nossa capacidade de lidar com a finitude, a incerteza, a saudade, as subjetividades das relações humanas. A recompensa é ter ainda mais forte nossa noção do valor inestimável da vida. As mudanças impostas pela pandemia nos trouxeram ainda a oportunidade de contemplar a participação de pessoas de diferentes regiões do Brasil em nossas atividades, o que raramente acontecia nos eventos presenciais, ampliando significativamente as trocas de experiências e conhecimentos e os impactos sociais e na formação dos nossos estudantes.

Nossos agradecimentos a Barbara Soares de Oliveira Souza, Bruna Fernanda Silva Bastos, Camila Leirós Vasconcelos, Gabrielli Rosa Cantarino, Milena Merçon Cândido, Paula Ingrid Alves da Silva, Rodrigo Lousada, Sarah dos Santos Salve e Susan Viana Curty, estudantes que fazem parte desse relato. O *Construindo Pontes* existe por vocês, nossa maior esperança por dias melhores. Que possamos nos abraçar em breve e celebrar as pontes construídas, os caminhos cruzados e tudo que vivenciamos juntos.



Figura 3: Dezembro de 2019 e dezembro de 2020: nossa confraternização de fim de ano mudou de espaço, mas não de significado.

CRIAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO EM ARTES VISUAIS POR VIAS VIRTUAIS: PERSPECTIVAS A PARTIR DO SUJEITO

ISADORA DE OLIVEIRA BARRETO ESPÍNDOLA
GRADUADA EM ARTES VISUAIS/ESCULTURA - UFRJ

RESUMO

O presente relato trata do primeiro módulo do curso de extensão *Criação de projetos e experimentação em artes visuais por vias virtuais: perspectivas a partir do sujeito*, a partir da visão de extensionista da autora. Para desenvolver e rememorar o lugar de experiência do curso, encontros e práticas realizadas são descritas. Para isso, são tratadas as questões discutidas em aulas pelos participantes através das propostas de exercícios e leituras, e é observada a repetição de pautas atuais, como a virtualidade, e temas da ancestralidade e saberes da vivência aliados aos saberes acadêmicos.

PALAVRAS-CHAVE

Artes Visuais; Virtualidade; Performance; Ancestralidade.

1. ENCONTROS DO CURSO DE EXTENSÃO

O primeiro encontro do curso de extensão “Criação de projetos e experimentação em artes visuais por vias virtuais: perspectivas a partir do sujeito” se iniciou com a apresentação da coordenadora geral, a Profa. Dra. Dinah de Oliveira (BAE-EBA) e da ministrante, a doutoranda Mery Horta. Prosseguiu-se com a apresentação geral do curso, explicando os exercícios, nomeados *crias*, que seriam propostos a partir da realização de práticas em aula e posteriormente postados pelos extensionistas na página de *Instagram* do curso (@experimentacaoemviasvirtuais), que passou a funcionar como um portfólio aberto e coletivo. O curso aconteceu inteiramente de maneira remota pela plataforma *Zoom*, e contou com leituras e discussões de textos propostos pela ministrante, além da participação de artistas convidadas que apresentaram sua trajetória artística e acadêmica. São elas: Fernanda Nicolini, Laís Castro, Luana Aguiar, Luanda Francisco, Ruth Torralba e Tamara Catharino.

Um dos motivadores do curso foi justamente continuar o trabalho da universidade em apresentar e discutir questões de ancestralidade e de saberes advindos de vivência dos participantes em relação aos saberes acadêmicos. Assim, o curso foi estruturado por meio de uma dinâmica que incluía leituras de textos e práticas laboratoriais. A variedade do grupo de alunos se fez notada, com pessoas de diferentes regiões do estado do Rio de Janeiro, idades diversas - entre 20 anos a 70 anos - e formações em variadas áreas do conhecimento, como Letras, Dança, Arquitetura, Psicologia, entre outras. Esse atravessamento foi fundamental para que a diversidade dos trabalhos e modos de existência pudessem aparecer.

A primeira leitura trabalhada em aula foi o texto “O conceito de extra-campo no cinema: o plano do invisível”, de Ricardo Weschefelder. As questões introduzidas pelo texto podem ser comparadas com o meio virtual e serviram para inspirar os exercícios e trabalhos propostos. São questões como as noções de enquadramento, interior/exterior da imagem e a relação do campo virtual com o campo físico e as noções de aura e rastro de Walter Benjamin. Sempre foi interessante perceber como as questões trazidas por este e pelos outros textos lidos ao longo do curso dialogavam com as áreas de atuação e interesse de cada participante. A partir dessa leitura, especificamente, os estudantes trouxeram a relação do extracampo com a Gestalt na Psicologia, tensionamento de

linguagens, a hipervisualidade atual e questões sobre apreensão da imagem e modos de entendimento do tempo.

O primeiro exercício prático realizado em aula foi nomeado *zonas limítrofes*. Com a turma dividida em duplas, indicou-se que os estudantes ficassem em pé, de frente para a câmera, de onde estivessem assistindo a aula, olhassem para algo que estivesse fora do quadro da câmera e, através da intenção do olhar, manifestassem essa visualização, sendo que esse objeto poderia estar presente no espaço físico, mas também no imaginário de quem realizava a prática. Na sequência, foi proposto que cada pessoa da dupla, por vez, em duas rodadas, explorasse e ocupasse o espaço recortado da tela, sem deixar visível o corpo inteiro. Quem realizava a prática deveria pensar nas relações de perto/longe, presença/ausência e selecionar, das imagens criadas com o corpo, duas posições, para permanecer nelas nos momentos indicados. A pessoa que assistia à sua dupla anotava suas impressões. Por fim, foi sugerida uma escrita automática sobre as percepções da prática. A partir das práticas, foi proposta a primeira *cria*, que consistiu em produzir uma ou duas fotografias que explorem a zona da imagem e o conceito discutido de extracampo. No espaço aberto para comentários e impressões finais sobre a aula e o exercício, houve algumas observações dos participantes sobre a maneira que o texto lido reverberou nos exercícios realizados.

Nos encontros seguintes, os extensionistas passaram a introduzir os textos lidos no início das aulas para iniciar a discussão, discorrendo brevemente sobre as questões presentes nos textos e fazendo ligações com seus próprios processos e pesquisas artísticas. Na terceira aula, eu apresentei o texto “O devir otaku do mundo” de Christine Greiner, e discute brevemente alguns pontos tratados, como a relação da cultura japonesa com a tecnologia e o fluxo intenso e contínuo de imagens, ao qual somos expostos especialmente através do meio virtual. Em seguida, a extensionista Paula Eiras apresentou o texto “Experimentações artísticas nas redes telemáticas”, de Gilberto Prado, apontando a validação de imagens postadas em redes sociais e questões de seu próprio processo artístico. Após a introdução feita por nós, extensionistas, a discussão sobre o texto foi aberta para os participantes. Relacionando os dois textos apresentados, foram pontuadas pelos estudantes questões como a atribuição de espírito em objetos inanimados, o lugar contraditório das tecnologias e a necessidade de artistas de usar e explorar esse lugar e a presença física e virtual do corpo na sociedade. Também foi apontado o lugar da produção nesse

período de isolamento e, a partir disso, foi colocada a questão da forma de registro dos processos dos exercícios propostos.

As artistas convidadas Fernanda Nicolini e Tamara Catharino apresentaram suas trajetórias artísticas também no terceiro encontro. A pesquisa de Fernanda Nicolini se relaciona com o assunto anteriormente discutido no texto de Greiner sobre objetos inanimados ao tratar de objeto e sujeito e as fricções entre esses papéis, como apontadas por ela. A artista apresentou um vídeo curto que evidenciava a relação de consumo e descarte da sociedade com os objetos e explicou os pontos de partida da sua pesquisa. Logo depois, a artista Tamara Catharino começou sua apresentação discutindo uma partilha de pensamentos e a escolha de ferramentas e dispositivos por artistas. Por conta disso, ela realizou uma performance para dar a ver de melhor maneira seu próprio processo. Ela usou o som, seu corpo em movimento e diferentes dispositivos, como o celular, o monitor e o compartilhamento de tela nesse momento da sua apresentação. Posteriormente, a artista citou pensamento em fluxo, performance instantânea e escrita automática em seu processo criativo. É possível notarmos que os temas de escrita automática, processo artístico e as novas relações com dispositivos tecnológicos se repetem não somente ao longo desse encontro, mas durante todo o curso.

Seguimos nas dinâmicas entre as leituras e as práticas. No quinto encontro, a artista convidada Laís Castro apresentou sua pesquisa e alguns de seus trabalhos em vídeos, observando a presença de máscaras e a relação entre dança, vídeo e performance que existe em sua produção. Também comentou sobre seu pensamento de escala e movimento na apresentação de imagens no espaço. Posteriormente, a artista Luana Aguiar apresentou sua trajetória acadêmica e trabalhos de performance em fotografia e em vídeo, tratando da construção da cena, do campo do sagrado, da representação dos “furos” no corpo na arte. Além disso, discorreu sobre questões que são trabalhadas desde o início de sua produção e do autoerotismo presente em suas performances.

Uma das práticas mais interessantes foi a da *autoficção*. Com a possibilidade de escolha na forma de apresentação dos textos autoficcionais escritos para o trabalho proposto, tivemos fotografias, vídeos e performances para acompanhá-los, mostrando a diversidade de processos dos participantes. Tanto pela crescente intimidade entre os estudantes quanto pelo teor autobiográfico dos textos, as trocas realizadas nesse encontro, ao ouvir e comentar os trabalhos, foram afetivas e entusiasmadas. Depois,

um importante texto foi apresentado pela extensionista Júlia Vicente para a discussão, “Fragmentos de yapa em torno a la noción de lo ch’ixi” de Silvia Cusicanqui. A extensionista introduziu o texto falando sobre a autora e enunciando os diversos pontos, como a temporalidade, a relação de passado, presente e futuro, uma proposição de não separação entre o pensamento acadêmico e uma reflexividade da vida cotidiana, entre outros. Aqui uma conexão fundamental pode ser repetida: a da relação entre os processos de vida e os aprendizados em arte na universidade com as pautas atuais.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do curso de extensão, presenciamos as discussões dos textos e a apresentação de artistas convidadas, além da repetição de temas e importantes aprendizados, como a ancestralidade e os saberes advindos da vivência em relação aos estudos acadêmicos. Além de participar como extensionista, optei por experimentar o curso como aluna, realizando todas as práticas e *crias* propostas. Por dentro de ambas essas visões, foi interessante observar a construção do curso e, ao mesmo tempo, estar em diálogo direto com os outros participantes.

Com as práticas realizadas em aula, pude pensar, junto aos outros participantes, uma relação da performance com a virtualidade a qual estamos submetidos e uma nova criação de imagem utilizando e dialogando com a tela dos dispositivos tecnológicos. Os diversos assuntos discutidos em aula ganhavam uma renovada força ao serem postos em prática experimental e levados às proposições dos trabalhos.

A partir das *crias* propostas, experimentei novas formas de produzir, elaborando as fotografias, vídeos e textos de forma mais livre, explorando outros caminhos dentro da minha pesquisa, mas sempre ligada às questões amplamente discutidas durante as aulas. Depois, pude analisar e reinserir esse aprendizado na minha própria pesquisa artística. Além disso, a presença das artistas pesquisadoras convidadas proporcionou outros exemplos de processos criativos.

O perfil do *Instagram* do curso de extensão, construído com todas as *crias* realizadas pelos participantes durante o curso e agindo como portfólio coletivo do grupo, torna visível os processos de experimentação e convida a uma observação cuidadosa de um possível espectador, pois

confronta o propósito mais simples do algoritmo da rede social ao lidar com a pluralidade de imagens e pensamentos contidos dentro destas.

Ao final do curso, foi possível perceber a proximidade que se desenvolveu entre os participantes, a partir das contínuas trocas durante as práticas e discussões das *crias* de cada um. Todos pudemos observar o desenvolvimento na forma de fazer uns dos outros ao longo da duração do curso, com temas e imaginários que se repetiam ou ganhavam novas camadas a cada exercício proposto. E, com isso, as pesquisas pessoais puderam se desenvolver, como observamos em retrospectiva durante a última aula do curso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUSICANQUI, Silvia. Fragmentos de Yapa em torno a la noción de *ló ch'ixi*. *Revista Arte e Ensaios*. Rio de Janeiro, PPGAV EBA UFRJ, n. 38, p. 226-238, jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/27927/15209>. Acesso em: 08 ago, 2020

GREINER, Christine. *O devir otaku do mundo*. N1 edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/019>. Acesso em: 08 set, 2020

PRADO, Gilbertto. *Experimentações artísticas nas redes telemáticas. Arte Telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

WESCHEFELDER, Ricardo. O conceito de extra-campo no cinema: o plano do invisível. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*. Blumenau, v. 10, n. 2, p. 306-320, mai./ago. 2016

EXU MATOU UM PÁSSARO ONTEM COM A PEDRA QUE ARREMESSOU HOJE: EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, PSICOLOGIA E COMPROMISSO SOCIAL



PEDRO PAULO GASTALHO DE BICALHO

DOCENTE NO INSTITUTO DE PSICOLOGIA - UFRJ

CLARA PROENÇA BRAGA

GRADUANDA EM PSICOLOGIA - UFRJ

RESUMO

O relato aborda a experiência da disciplina “Extensão Universitária, Psicologia e Compromisso Social II (EXUPCS II)” durante o semestre remoto de 2020.1. Almejou-se articular o panorama histórico-político da psicologia e da extensão universitária com a transformação social que ambas têm como fundamentais em suas organizações. Por fim, todo este debate se dá seguindo o currículo de EXUPCS II, trazendo as reflexões e conclusões geradas a partir do ensino remoto somado à importância do papel democrático e dialógico da formação universitária.

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia; Extensão Universitária; Exu; Compromisso Social.

1. INTRODUÇÃO

Ao adentrar na graduação de Psicologia, o imaginário presente nos estudantes é o de um terapeuta ouvindo um paciente deitado no divã. Essa imagem não está dissociada do que, por muitos anos, foi a atuação primordial da psicóloga¹ no Brasil.

Contudo, analisando uma pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) de 2017, detectou-se que 60,8%² das psicólogas trabalham direta ou indiretamente com políticas públicas. Em contrapartida, das 48 disciplinas obrigatórias disponibilizadas pelo Instituto de Psicologia, apenas duas abordam diretamente a atuação profissional em políticas públicas, sendo ambas referentes à área de saúde.

Logo, o nível de protagonismo dado às políticas públicas no âmbito da formação da psicóloga fica, em sua grande maioria, a critério do professor. Porém, em que isso se relaciona com a extensão universitária? A conexão se dá a partir da criação das matérias “Extensão Universitária, Psicologia e Compromisso Social I e II (EXUPCS’s)” pelo Instituto de Psicologia.

Em especial no segundo segmento da disciplina, traça-se um paralelo sobre a extensão, as políticas públicas e o compromisso social da Psicologia e da própria universidade em si. Portanto, essa é a aposta que as equipes responsáveis por ministrar EXUPCS fazem ao adentrarem as salas de aulas: despertar nos estudantes recém-ingressos a importância de uma atuação profissional e de um saber universitário estruturado na transformação social.

Entretanto, com a pandemia, o desafio encontra-se redobrado. Além de abrir os caminhos dos estudantes para a prática da Psicologia, é também preciso sobrepor todos os desafios que revestem o ensino remoto, entendendo que, em momentos de crises tão dramáticas, o compromisso social da universidade e da Psicologia emergem como urgências e, claro, potências.

1 Conforme o Infográfico disponibilizado pelo CFP, a psicologia é uma profissão majoritariamente feminina. Respeitando esses dados, optou-se por usar “psicólogas” e não “psicólogos” ao longo deste artigo. Porém, ressalta-se que o português é uma língua pautada no gênero, fazendo com que ambas as nomenclaturas excluam os profissionais não-binários atuantes na área. Dados disponíveis em: <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acessado em: 12 abr. 2021.

2 Disponível em: <https://www.dieese.org.br/perfildecategoria/2016/psicologos-MercadoTrabalho.html>. Acessado em: 12 abril 2021.

2. OBJETIVOS

O presente relato tem como objetivo mostrar, por meio da atuação da monitoria na disciplina “Extensão Universitária, Psicologia e Compromisso Social II”, como o conteúdo ministrado nas aulas atua em um despertar para a importância de extensões e atuações na Psicologia que visem a transformação social e a troca dialógica com a sociedade — o que, na pandemia, mostra-se fundamental.

3. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência baseado na vivência como monitora da disciplina “Extensão Universitária, Psicologia e Compromisso Social II” somado às contribuições trazidas pelos estudantes sobre a matéria referida e avaliação no último dia de aula.

4. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

A disciplina “Extensão Universitária, Psicologia e Compromisso Social (EXUPCS)” foi desenvolvida em 2012 para possuir dois segmentos e ser ministrada no primeiro e no segundo períodos, respectivamente. Seu objetivo é apresentar a história e a proposta da extensão, bem como vinculá-la ao compromisso social da Psicologia.

O debate da disciplina ocorreu em 2014.1 ao ganhar caráter obrigatório na reforma curricular de 2016. Desde então, 13 turmas passaram pelas matérias, somando aproximadamente 1170 estudantes em contato com a extensão logo no princípio da formação profissional.

Porém, 2020.1 foi a primeira experiência de EXUPCS no ensino remoto. A disciplina aconteceu entre 30 de novembro de 2020 e 6 de março de 2021, usando para os encontros síncronos a plataforma *Google Meets* e o Ambiente Virtual (AVA) da UFRJ para organização dos textos e vídeos. Ademais, cada semana contava com vídeos assíncronos para os alunos que não pudessem acessar a discussão ao vivo.

EXU II, como a matéria é apelidada por estudantes, professores e monitores, é uma disciplina que se estrutura em três blocos: (1) apanhado histórico-político da Psicologia brasileira, bem como sua organização como categoria profissional; (2) apresentação dos Centros de Referências Técnicas

em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP's); e (3) avaliações a partir da criação em grupo de um projeto de extensão e de um diário de ressonância.

5. APANHADO HISTÓRICO-POLÍTICO DA PSICOLOGIA BRASILEIRA E ORGANIZAÇÃO PROFISSIONAL

Os primeiros períodos ainda têm pouco contato com a prática da Psicologia, portanto, acreditam que sua atuação é, primordialmente, o atendimento individualizado nos consultórios privados. Essa é uma visão que foi solidificada devido a décadas de atuação profissional liberal e descolada das questões sociais.

Bock (1999, p.319) define essa primeira etapa da Psicologia Brasileira em três tempos: “o controle no período colonial, para a higienização do início do século XIX, para a diferenciação no século XX”. Portanto, é possível perceber que os saberes *psi* atuavam fortalecendo as lógicas de controle hegemônicas presentes na sociedade.

Após uma longa trajetória vinculada a outros saberes e faculdades, a regulamentação da Psicologia como profissão ocorreu em 1962. Porém, a formação, bem como a atuação da psicóloga, encontram-se profundamente vinculadas a uma clínica elitizada e individualizada, conforme a seguinte lógica:

Psicologia, ao pensar o indivíduo descolado de seu mundo social e cultural, viu o desenvolvimento deste ser como produzido pelo seu próprio movimento. Algo dentro de nós nos movimenta. O mundo social ficou isento. Construímos uma Psicologia que não precisa fazer qualquer referência ao mundo social e cultural para falar do humano (BOCK, 1999, p.325).

Essa contextualização da trajetória da Psicologia se dá logo nas primeiras aulas de EXU II, seguida do questionamento: “Isso ainda se aplica?”. O objetivo é colocar a imagem construída pelo imaginário dos estudantes em confronto com o que se tem de fato na prática. A construção dessa oposição é fundamental devido aos acontecimentos advindos da redemocratização brasileira e da implementação da Constituição Cidadã de 1988, que impactaram diretamente a Psicologia e a extensão.

As décadas de 1970 e 1980 foram marcadas pelas confluências de diversas lutas políticas, como as “Diretas Já”, a luta antimanicomial, a VIII Conferência de Saúde e outros debates que borbulhavam a importância da participação social, bem como de uma universidade e de uma atuação da

Psicologia que saíssem de seus castelos, quebrassem os muros e se entendessem como parte integrante da sociedade.

No que tange à Psicologia, os movimentos políticos marcam a cisão da atuação profissional individualizada para uma prática envolvida com as políticas públicas de saúde, educação, esporte, ou seja, o mundo social e cultural passa a invadir o conhecimento da psicologia e já não se pode mais falar de mundo psicológico sem considerar o mundo social e cultural (BOCK, 1999).

Por sua vez, a Extensão Universitária passa a integrar o tripé ensino-pesquisa-extensão definido pelo artigo 207 da Constituição Federal. Mesmo já aparecendo anteriormente, é com esse marco legal que se torna “a base sobre a qual se redimensionaria a ação extensionista, superando a antiga visão de transmissão de conhecimento e assistencialismo de discussões” (NOGUEIRA, 2013, p. 38), para então assumir seu caráter dialógico e de transformação social.

Em vista disso, nessa primeira etapa de EXU II, o corpo discente tem como desafio mostrar histórias, aparentemente desconexas, unindo-se a partir de um conjunto de lutas sócio-políticas que originam as condições de possibilidade para a existência e necessidade da disciplina.

Todavia, esse não é um lugar posto e permanente. É evidente, a partir da observação do cenário político, que a luta pela continuidade das políticas públicas e da universidade são constantes. Por isso, é preciso relembrar a história e destacar a importância das conquistas hoje colocadas em risco com o avanço neofacista.

Dessa forma, fecha-se o primeiro bloco da disciplina com a explicação da organização política da Psicologia, esmiuçando o sistema de conselhos e trazendo à discussão os controles sociais que as psicólogas se apropriaram ao longo dessas décadas de reformulação profissional. É explicando a atuação da Comissão Nacional de Prevenção e Combate a Tortura, por exemplo, que os estudantes apreendem o que foi pautado na Carta de Serra Negra:

os princípios norteadores: o compromisso social, a postura crítica, investigadora e criativa, a interdisciplinaridade e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a adequação das práticas profissionais à realidade sociocultural (BICALHO et al, 2018, p.200).

Assim, o bloco “Apanhado histórico-político da Psicologia Brasileira, bem como sua organização como categoria profissional” visa despertar a

importância da transformação social por meio das políticas públicas e da extensão.

Por fim, é importante ressaltar que, devido à pandemia, o Sistema Único de Saúde atravessou, diversas vezes, as discussões tratadas em aula, entendendo-se que é impossível descolar o ensino dos acontecimentos recentes. Logo, o conhecimento da própria história profissional somado à necessidade emergente do SUS fez com os estudantes se sentissem ainda mais interessados e orgulhosos da Psicologia crítica e combativa que se desenvolveu no Brasil após a redemocratização.

6. APRESENTAÇÃO DOS CENTROS DE REFERÊNCIAS TÉCNICAS EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS (CREPOP'S)

Apesar de toda reformulação política, a formação em Psicologia ainda encontra-se defasada em relação ao que se encontrará no campo prático por estar diretamente vinculada à clínica. A questão estende-se:

Cintra e Bernardo (2017) apontam a defasagem na formação de muitas(os) psicólogas(os) que chegam à saúde pública sem o devido preparo e com um desconhecimento sobre possibilidades de atuação que vão além da clínica. Nota-se uma dificuldade das(os) psicólogas(os) em reconhecerem como prática psicológica o que não está associado à imagem de psicoterapeuta. (BICALHO et al, 2018, p.200)

Diante desse problema, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) desenvolveu os Centros de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP's) em 2006 com um propósito técnico, ético e político alinhado à nova realidade profissional. Constam, atualmente, de 20 publicações acerca de áreas variadas, desenvolvidas com uma metodologia própria e em permanente revisão e atualização.

Contudo, em se tratando da inserção do CREPOP na formação de Psicologia, bem como o debate sobre a parte prática de ser psicóloga, a realidade ainda é muito distante do ideal. Mantém-se o enfoque em autores clássicos e em uma perspectiva academicista, faltando uma atualização e regionalização dos saberes *psi* que dialoguem com o que se apresenta no mercado de trabalho.

Em observância de tal situação, EXU II sempre priorizou o estudo e debate de diversos CREPOP's. Para isso, contou com convidados que atuam nas áreas referenciadas no material para trazerem não só contribuições

teóricas, mas todas as nuances envolvidas em adaptar um saber eurocentrado e clínico às práticas coletivas e brasileiras de Psicologia.

Infelizmente, esse foi o bloco mais prejudicado pela pandemia. Devido ao semestre de 12 semanas, o que antes contava com seis aulas teve que ser reduzido a duas. Portanto, optou-se por falar sobre Psicologia no enfrentamento ao racismo e LGBTQIfobia, entendendo que são temas essenciais na atuação crítica das psicólogas.

Durante a avaliação da disciplina e nos diários de ressonância, esse foi o bloco mais elogiado e colocado como fundamental para a formação dos alunos como profissionais, porque se entendeu que essas são questões que sempre atravessam a atuação da Psicologia e que são causa de muito sofrimento psíquico.

Finalmente, percebe-se, então, que um dos efeitos negativos advindos do estudo remoto foi a duração reduzida do período. Sendo EXU II uma das poucas, ou a única, matéria a apresentar os CREPOP's, a redução do bloco faz com que a formação já defasada ficasse ainda mais deficitária diante da prática.

7. AVALIAÇÕES A PARTIR DA CRIAÇÃO EM GRUPO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO E DE UM DIÁRIO DE RESSONÂNCIA

A primeira avaliação consiste no desenvolvimento de um projeto de extensão cuja única exigência é a citação de um CREPOP. O objetivo é instigá-los a pensar além das atuações clássicas da Psicologia e ousarem ocupar novos espaços a partir da extensão universitária.

Os trabalhos apresentados no período remoto ousaram falar de dança, educação, gênero, sexualidade, esporte, meio ambiente, morte e combate às consequências da pandemia. Ao final das apresentações, foi impossível conter o sentimento de esperança diante da pluralidade de atuação e transformação da Psicologia.

Ademais, a partir do momento em que se convocam os estudantes a montarem um projeto que respeita o exigido pela UFRJ, eles passam a apropriar-se das diretrizes da extensão e dos seus objetivos e os articulam ao compromisso social da psicologia, juntando tudo que foi abordado durante o semestre.

Um detalhe importante foi o de que todos os estudantes se dedicaram na produção de slides belíssimos, principalmente por ser uma

apresentação virtual. Eles estavam particularmente nervosos diante dessa nova experiência, mas, ao mesmo tempo, a turma mostrou-se mais receptiva e empática, fazendo constantes elogios a todos os grupos e às ideias expostas. Essa troca teve uma recepção bem positiva na avaliação final da disciplina como um momento de aumento da confiança.

Por fim, a última avaliação consiste em um diário de ressonância em que os estudantes deveriam colocar suas impressões, críticas e sugestões sobre o funcionamento da disciplina. A escolha por esse modelo avaliativo dá-se por entender que, assim como a extensão e as políticas públicas, a disciplina de EXU II é fundamentalmente dialógica e que é essencial que se escute os estudantes sem uma lógica hierárquica para que a matéria se coloque sempre como democrática e plural em sua construção.

8. RESULTADOS OBSERVADOS

No Iorubá, Exu apresenta-se como:

O orixá que abre caminho para o acontecimento. Na mitologia, quando joga a pedra por trás do ombro e mata o pássaro no dia anterior, Exu reinventa o passado. Ensina que as coisas podem ser reinauguradas a qualquer momento.³

Portanto, nesse momento, pede-se licença para que este relato contorne caminhos mais filosóficos e sonhadores a partir de uma correlação de Exu na mitologia com a disciplina EXU II no percurso dos estudantes de Psicologia.

A disciplina EXUPCS II *abre os caminhos* para a pluralidade de atuação da psicologia. Ela se coloca, tal como o orixá, arremessando uma pedra e reinventando o passado, para que se (re)inaugure um novo futuro.

A pedra nada mais é do que o repassar pela história sócio-política da Psicologia e da extensão, a apresentação dos CREPOPs e a possibilidade de se criar do zero um projeto extensionista. São com essas pedrinhas, à primeira vista inocentes, que se reformula o passado individualista e elitista. É no encontro e na troca constante que se abrem caminhos para um futuro que ainda não se conhece, mas se almeja.

³ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-voltas-que-o-mundo-da/>. Acessado em: 12 abr. 2021.

Tanto na avaliação final da aula quanto nos diários de ressonância, a maioria dos estudantes sinalizou a importância dessa disciplina para reformular o imaginário quanto à atuação da Psicologia. Da mesma forma, muitos colocaram que, diante da desmotivação advinda do ensino remoto, EXU II colocava-se como uma injeção de ânimo para entender e acreditar na sua escolha profissional.

Portanto, fica evidente a importância e a potência da disciplina de “Extensão Universitária, Psicologia e Compromisso Social II” no despertar do compromisso social da extensão e da Psicologia, abrindo caminhos para possibilidades inúmeras mesmo nos cenários mais áridos.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia Brasileira e a extensão universitária ficaram por vários anos descoladas da sociedade, atuando de maneira encastelada e assistencialista, não se propondo a adentrar nas nuances das questões político-sociais que traçaram os desenhos e rumos do país.

Todavia, é a partir da redemocratização que mudanças estruturais relevantes acontecem, aproximando a Psicologia e a Universidade das construções políticas e das demandas da sociedade. Porém, essa não é uma escolha permanente e, sim, uma decisão diária que, cada vez mais, vem sendo ameaçada.

A disciplina “Extensão Universitária, Psicologia e Compromisso Social II” vem, então, como um contramovimento ao retrocesso, a partir dos seus blocos: (1) apanhado histórico-político da Psicologia Brasileira, bem como sua organização como categoria profissional; (2) apresentação dos Centros de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP's); e (3) avaliações a partir da criação em grupo de um projeto de extensão e de um diário de ressonância, lembrando a centralidade da transformação social nas diretrizes da universidade e da Psicologia.

Assim como o orixá Exu, a disciplina Exu visa abrir os caminhos para os estudantes de Psicologia ainda em seus primeiros períodos, permanentemente modificando o passado e (re)inaugurando um futuro ainda mais democrático e dialógico que o presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, A. M. B. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 2, n. 4, p. 315-329, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v4n2/a08v4n2>. Acesso em: 12 abr. 2021.

MAZZILLI, S. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do estado. *RBPAE*, v. 27, n. 2, p. 205-221, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpaee/article/view/24770/14361>. Acesso em: 12 abr. 2021.

NOGUEIRA, M. D. P. O Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras: um ator social em construção. *Interfaces: Revista de Extensão*, v. 1, n. 1, p. 35-47, 2013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/revistainterfaces/index.php/IREXT/article/view/7/8>. Acesso em: 9 abr. 2021

PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceito e proposta. *Interfaces: Revista de Extensão*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930/15904>. Acesso em: 9 abr. 2021.

SILVEIRA, D. P.; COSTA, J. S.; GOMES, J. A. M.; REIS, M. N.; CASTAGNA, M. J. C.; MARTINS, I. S.; BICALHO, P. P. G. Psicologia e Compromisso Social: a inserção da profissão no monitoramento das políticas públicas no Brasil. In: Angela Soligo; Pedro Paulo Gastalho de Bicalho; Horácio Maldonado; Francisco Teixeira Portugal. (Org.). *Formação em Psicologia para a transformação psicossocial na América Latina*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfepsi, 2018, v. 3, p. 191-204.

VIEIRA, E. S. (Eu) sou porque (nós) fomos: a extensão universitária e seus efeitos no psicólogo em construção. In: Angela Soligo; Pedro Paulo Gastalho de Bicalho; Horácio Maldonado; Francisco Teixeira Portugal. (Org.). *Trabalhos Completos/ VII Congresso da Alfepsi: Formação em Psicologia para a transformação psicossocial na América Latina*. 1ed. Rio de Janeiro: Alfepsi, 2018, v. 1, p. 25-33.

VILELA, A. M. J. História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 32, p. 28-43, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500004. Acesso em: 12 abr. 2021.

HORTINHA DA PV: LIMITES E DESAFIOS À FORMAÇÃO AGROECOLÓGICA DOS TRABALHADORES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

12

MÔNICA DELGADO

COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO *HORTINHA DA PV*

JULIA FOIS

GRADUANDA EM SERVIÇO SOCIAL - UFRJ

LUIZA RIBEIRO

GRADUANDA EM SERVIÇO SOCIAL - UFRJ

LUCAS BARROSO

GRADUANDO EM HISTÓRIA - UFRJ

RESUMO

O projeto de extensão *Hortinha da PV* (Praia Vermelha) vem oportunizando a troca de saberes entre os diferentes segmentos que compõem o corpo acadêmico e moradores da comunidade local preocupados com temas que circundam o paradigma da agroecologia. Com a crise sanitária e a exigência de isolamento físico, o projeto precisou reinventar suas práticas para seguir buscando, por meio de ações fundamentadas na educação ambiental, contribuir com o processo de emancipação da população, em particular da base da classe trabalhadora, que cotidianamente faz uso de alimentos contaminados por agrotóxicos. Este relato, portanto, apresenta o desafio de desenvolver extensão à distância, mantendo seus pressupostos fundamentais e desenvolvendo ações criativas que possibilitam a reflexão sobre alternativas ao consumo de produtos cultivados com o objetivo somente de comercialização e lucro.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Ambiental; Agroecologia; Extensão Universitária; Bem Viver.

1. INTRODUÇÃO

A aproximação efetiva da Escola de Serviço Social/UFRJ com a questão agrária se iniciou com a instituição do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) em 1998, que possibilitou o acesso à escolarização de jovens e adultos que trabalhavam e estavam assentados em áreas de reforma agrária sem acesso à plena escolarização. A primeira turma de Serviço Social PRONERA foi instituída em 2011 e tal programa possibilitou o surgimento de turmas até 2016, quando foi encerrado. A partir dessa articulação com os assentados da reforma agrária e com os movimentos sociais do campo, a ESS/UFRJ elaborou a criação do Laboratório Questão Agrária em Debate, responsável pela criação e divulgação da produção científica referente a temática da questão agrária, assim como a concepção de projetos de extensão que dialogam com a sociedade civil. É dessa articulação que se origina o projeto de extensão Hortinha da PV, estruturado de forma que suas bases e alicerces estão em torno da formação agroecológica e do fortalecimento da classe trabalhadora.

Tendo isso em vista, a Escola de Serviço Social/UFRJ, comprometida com a democratização do acesso ao ensino superior, reitera a função social da Universidade e reconhece a importância das alianças estabelecidas com a comunidade e movimentos sociais para construção de uma universidade pública, popular, gratuita, laica, de qualidade e socialmente referenciada capaz de responder às demandas de grupos socialmente oprimidos. Neste sentido, a universidade pública brasileira, um *locus* por excelência da produção do conhecimento científico, deve garantir, além do desenvolvimento de atividades científicas e culturais, atividades extensionistas que contribuam para o fortalecimento da autonomia das lideranças dos movimentos sociais. Dessa forma, visando estimular a relação fraterna entre movimentos sociais da sociedade civil e o meio universitário, criou-se, no ano de 2018, a Horta Agroecológica da Praia Vermelha, que a partir de sua urgência em falar sobre a alimentação saudável e socialmente engajada, transformou-se, no segundo semestre de 2019, em um projeto de extensão oficial da instituição.

A Horta Agroecológica da Praia Vermelha está situada na Urca, no campus da Praia Vermelha da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ela foi criada a partir de uma articulação da rede de agroecologia da UFRJ com os estudantes do campus e membros da comunidade local. Considerando que a sala de aula não se limita ao espaço físico tradicionalmente utilizado,

o projeto em tela apresenta o canteiro da horta agroecológica como espaço alternativo de troca de saberes, onde o conhecimento é construído por meio da interação entre diferentes setores da sociedade, a saber, os terceirizados, alunos da graduação, moradores locais, docentes e técnicos.

O projeto constitui-se, portanto, um importante instrumento sobre o direito à alimentação sem aditivos e agrotóxicos, bem como para o fortalecimento de práticas agroecológicas no campus da Praia Vermelha. Vale ainda ressaltar que essa ação de extensão reitera a atuação dos estudantes e dos trabalhadores terceirizados da UFRJ como partes fundamentais do processo de construção do conhecimento, contribuindo para a ampliação dos seus universos de referência, pois permite que tenham contato com questões contemporâneas fundamentais, que, ao mesmo tempo, estimulam a reflexão sobre a sociedade em que vivemos, cujos valores materiais se sobrepõem aos de convivência humana e exigem um posicionamento no mundo.

Entretanto, em virtude do isolamento físico decorrente da pandemia do novo coronavírus, as ações presenciais do projeto precisaram ser virtualizadas e novas ferramentas criativas tiveram que ser (re)pensadas para que a Hortinha da PV pudesse manter a sua urgência e atualidade em tempos de crise sanitária. Sendo assim, o presente relato tem o objetivo de apresentar o novo funcionamento *on-line* do projeto, tendo como ponto de partida os seus objetivos gerais, seguido pela sua metodologia, as suas ações remotas e os seus resultados.

2. OBJETIVOS GERAIS

Dentre os objetivos e metas que norteiam a organização do projeto de extensão *Hortinha da PV/UFRJ*, destacam-se a sua intenção em:

- a. Capacitar os trabalhadores terceirizados e a comunidade acadêmica em sistemas agroflorestais, compostagem, educação ambiental por meio de cursos, oficinas e rodas de conversas;
- b. Contribuir para a integralização das horas destinadas a extensão dos discentes da UFRJ;
- c. Incentivar os mutirões no processo de manutenção da horta, fortalecendo, assim, os laços de solidariedade e vizinhança entre a comunidade acadêmica e local;

- d. Oferecer a oportunidade, aos diferentes segmentos que compõem a comunidade acadêmica e local, de cultivar a terra e consumir produtos livres de agrotóxico;
- e. Fomentar a parceria e a articulação entre movimentos sociais e a Universidade;
- f. Ampliar o diálogo com escolas da rede pública de ensino básico, contribuindo com a formação dos estudantes através de oficinas e rodas de conversas sobre agroecologia, alimentação e comportamento saudáveis;
- g. Democratizar a produção do conhecimento produzido na Universidade e contribuir para a reflexão sobre escolhas saudáveis.

3. METODOLOGIA

A proposta do projeto de extensão Hortinha da PV possui como eixos centrais o manejo/cultivo da terra, a formação articulada à educação ambiental e a construção do conhecimento, considerando os saberes elaborados em conjunto com os movimentos sociais e populares. Nessa direção, as ações de extensão ressaltam a importância da luta pelo direito à terra e à alimentação livre de agrotóxicos, bem como o fortalecimento dos vínculos ideo-políticos com o Movimento de Universidade Popular (MUP), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MTST) e o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

Nesse sentido, ressaltamos:

- a. a articulação com os projetos de extensão e pesquisa desenvolvidos pelo Serviço Social, buscando o fortalecimento de pesquisas, ações de assessoria e acompanhamento aos movimentos sociais que já possuem uma vinculação com a Escola de Serviço Social;
- b. o fortalecimento dos movimentos sociais ligados a luta pela terra, colocando a Universidade a serviço dos movimentos em suas demandas por espaço e debate de suas temáticas principais;
- c. a organização de oficinas, rodas de conversas e debates com os movimentos sociais, com programas e temáticas previamente definidas e construídas coletivamente, atividades que, no período da pandemia, estão sendo desenvolvidas na modalidade a distância.

Nossa proposta, portanto, busca contribuir para a formação de uma consciência crítica e propositiva, além de instrumentalizar os trabalhadores terceirizados da UFRJ para que possam responder de forma mais qualificada às necessidades sociais que emergem em seus diversos espaços de atuação.

4. AÇÕES DA EXTENSÃO DESENVOLVIDAS NA MODALIDADE REMOTA

No ano de 2020, em consequência da pandemia de COVID-19, as ações, que antes aconteciam exclusivamente de forma presencial, tiveram que ser adaptadas ao novo contexto. À princípio, tentou-se dar continuidade ao trabalho que havia sido iniciado com os trabalhadores terceirizados da Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ) em 2019. No entanto, a equipe do projeto, ao entrar em contato com esses trabalhadores, deparou-se com a realidade de que grande parte deles havia sido demitida. A partir desse momento, percebeu-se a necessidade de repensar as ações e adequá-las ao contexto virtual que nos tem sido imposto. Desse modo, decidiu-se priorizar atividades no âmbito do estudo e da pesquisa, por meio de leituras e debates de textos em consonância com os objetivos do projeto, bem como da produção remota de material impresso e audiovisual que será utilizado posteriormente em oficinas e rodas de conversas. Assim, foi possível escolher um caminho possível neste momento repleto de limitações e de possibilidades. Desde então, a prática de estudos e debates se tornou constante em nosso grupo, sendo realizada quinzenalmente de forma remota.

O trabalho de pesquisa tem resultado na criação de cartilhas informativas sobre diferentes temas, a saber, a sazonalidade dos alimentos, o aproveitamento integral dos alimentos, as cores e os nutrientes dos alimentos e as plantas alimentícias não convencionais (PANCs). O foco na criação de materiais socioeducativos acerca da temática agroecológica é uma estratégia importante para construir o diálogo com a sociedade.

A pesquisa, a sistematização de conhecimentos, a produção e o compartilhamento das cartilhas têm permitido aos extensionistas o contato didático com temas e questões do universo agroecológico, da mesma forma que têm proporcionado à comunidade (a base da classe trabalhadora) a ampliação de saberes, reflexões e debates que podem ser travados no cotidiano dos trabalhadores e trabalhadoras (isto é, formação agroecológica).

Por último, tem-se realizado um mapeamento remoto das hortas urbanas da cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de descobrir novos espaços de produção agroecológica e analisar as diversas formas de produção e organização, assim como acompanhar as ações de formação agroecológica com a comunidade local. Além disso, também está em curso a produção de um banco público de dados dos agrotóxicos liberados durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2023), momento em que a aprovação de tais substâncias bateu seu recorde. Nesse sentido, a ação de sistematização tem o intuito de publicizar e catalogar o uso exagerado de agrotóxicos na produção alimentícia brasileira.

5. RESULTADOS

Considerando as diretrizes que orientam a formulação e implementação das ações de Extensão Universitária: Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e interprofissionalidade, Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão, Impacto na Formação do Estudante e Impacto e Transformação Social, o projeto de extensão Hortinha da PV desenvolveu, antes do período pandêmico, um conjunto de ações que resultaram em importantes trabalhos realizados com a colaboração e apoio da base dos trabalhadores terceirizados do campus da Praia Vermelha.

Além do desenvolvimento de oficinas sobre alimentação agroecológica e compostagem, rodas de conversa - direcionadas aos trabalhadores terceirizados e usuários da saúde mental - entre outras atividades, os estudantes extensionistas vivenciaram a experiência de produzir um instrumento e consolidar os dados da pesquisa sobre o perfil alimentar do trabalhador terceirizado do campus Praia Vermelha. Tais atividades materializaram o pressuposto de que “o estudante, assim como a comunidade com a qual se desenvolve a ação de Extensão, deixa de ser mero receptáculo de um conhecimento validado pelo professor para se tornar participante do processo” (FORPROEX, 2012).

A partir da sistematização dos dados da pesquisa e a construção do perfil obtido com informações sobre raça, classe, gênero, orientação sexual, engajamento político-social, hábitos alimentares, entre outros, foi possível traçar estratégias para a organização de atividades que correspondessem às demandas reais dos trabalhadores e respeitassem suas necessidades sociais. É importante ressaltar, ainda, que a participação nas

oficinas, no período presencial, possibilitou ao público participante refletir sobre sua própria alimentação e a possibilidade de mudança, como a introdução da alimentação viva em seus hábitos alimentares. Na perspectiva da interação dialógica, vale destacar que a troca de saberes entre os atores sociais presentes na ação de extensão (por exemplo, trabalhadores terceirizados, estudantes da graduação, integrantes de organização não governamental) é fundamental para o desenvolvimento de um saber novo, produzido na interação entre os diferentes grupos sociais presentes na ação. Logo, o projeto Hortinha da PV, institui um espaço de debate sobre desigualdades geradas pela má distribuição da terra e da riqueza produzida pela sociedade, formação agroecológica e bem viver.

Em função do isolamento físico decorrente da pandemia do novo coronavírus, foi necessário rever a metodologia e as práticas presenciais para que o projeto pudesse seguir adiante com seus objetivos. Neste período, portanto, tem-se priorizado, como já descrito anteriormente, o trabalho de leitura, reflexão e debate sobre os temas norteadores do projeto, bem como a produção de material digital, impresso e audiovisual sobre questões estruturantes e que serão utilizados posteriormente com a retomada do trabalho presencial.

Tem-se, ainda, investido mais energia na produção de trabalhos que possam ser ambientados nas ferramentas tecnológicas, isto é, blogs e redes sociais, como *Facebook*, *YouTUBE*, *WhatsApp* etc. Neste sentido, o projeto vem experimentando, por intermédio das novas tecnologias, formas inovadoras de comunicação e interação entre a Universidade e a Sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reestruturação das ações de extensão, exigidas neste período pandêmico, tem sido um desafio para o projeto e para a Universidade de forma geral. Contudo, tem sido uma oportunidade para aprender, adaptar e inventar novas práticas acadêmicas, bem como novas formas de produzir ciência, de estabelecer comunicação, de firmar parcerias e de construir interação com a sociedade.

O universo digital, portanto, é, ao mesmo tempo, um desafio, pois nos impõe, por um lado, limites quanto à realização de ações que poderiam impactar mais rapidamente na vida de determinados grupos sociais

com os quais desenvolvemos atividades, e por outro, nos apresenta uma infinidade de possibilidades.

Desenvolver extensão em um ambiente virtual, sem presença física e sem deslocamento para outro espaço físico, fora do campus e da sala de aula, tem exigido das equipes e dos projetos, criatividade. É preciso, também, *resistir* para que os vínculos, já construídos entre a Universidade e outros setores da sociedade, possam permanecer vivos e *acreditar* que tudo isso vai passar e que retornarão as boas e antigas práticas de extensão em que pessoas de diferentes lugares se encontram presencialmente, constroem alianças e produzem juntos novos saberes. Contudo, enquanto ainda é necessário manter o distanciamento físico, continua-se experimentando, aprendendo e reinventando novas formas criativas de se fazer extensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus. 2012

INOVAÇÃO DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

13

LUIS CARLOS SOVAT MARTINS

MESTRANDO EM AMBIENTE, SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO - UFRJ-MACAÉ

FERNANDO CARLOS ROSA FERNANDES

MESTRANDO EM AMBIENTE, SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO - UFRJ-MACAÉ

FRANCIELLE MARINS CALAZANS

MESTRANDA EM AMBIENTE, SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO - UFRJ-MACAÉ

RESUMO

O presente texto apresenta reflexões sobre uma proposta de atividade de extensão, elaborada de maneira coletiva a partir da disciplina Inovação de Atividades de Extensão, entre os meses de novembro de 2020 a março de 2021, oferecida no Programa de Pós-Graduação profissional em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento da UFRJ (PPG-ProASD). Nossas reflexões partem do diálogo com o autor João Antônio de Paula, que nos apresenta o desenvolvimento da extensão universitária a partir de uma perspectiva histórica e conceitual. Busca-se em Paulo Freire a reflexão sobre as atividades de extensão universitária que dialoguem com a realidade histórica. A metodologia para a escrita do texto será a narrativa de formação, com aporte em Josso. Como objetivo principal pretende-se demonstrar como a ferramenta do *Instagram* foi utilizada para realização de uma atividade que gerou ressignificação, em tempos de pandemia de COVID-19, das diretrizes da extensão universitária.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão Universitária; Narrativas de Formação; Novas Mídias Digitais; Lives no Instagram.

1. INTRODUÇÃO

Este texto surge em um contexto de Pandemia de COVID-19, durante o programa de mestrado profissional em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento, da UFRJ Macaé. A disciplina Inovação de Atividades de Extensão apresentou para os discentes os conceitos da extensão universitária e as viabilidades e fragilidades dos projetos nesse campo acadêmico. Ao iniciarmos as interações remotas, nós, discentes, fomos provocados a pensar a extensão universitária em sua natureza intrinsecamente interdisciplinar (PAULA, 2013, p.5), colocando em pauta a principal característica do PPG-ProASD, a heterogeneidade profissional dos mestrandos. Partiremos das experiências as quais ressaltamos como formativas durante a realização do trabalho final para a disciplina citada, e caminhamos pela narrativa autobiográfica de formação que completa as categorias metodológicas tradicionais das ciências do humano, dando lugar às vivências refletidas e conscientizadas (JOSSO, 2007, p.417). Apesar de ser um trabalho final realizado em grupo, tomamos consciência do processo de formação em nós quando nos colocamos como sujeitos centrais do percurso traçado coletivamente, porém na reflexão individual e singular do que muda e/ou fortalece em nossas concepções.

A universidade pública se encaixa no conceito de política pública, sendo assim é importante ratificar a extensão como parte essencial de uma efetiva interação com a sociedade, identificando as demandas sociais e agindo como caminho de formação dos sujeitos imersos nos projetos. O compartilhamento de saberes nas ações de extensão universitária é acrescido de um conhecimento que ultrapassa a teoria, como afirma Paula (2013):

Para dizer de forma simples, a extensão universitária é o que permanente e sistematicamente convoca a universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social, que aproxima a produção e a transmissão de conhecimento de seus efetivos destinatários, cuidando de corrigir, nesse processo, as interdições e bloqueios, que fazem com que seja assimétrica e desigual a apropriação social do conhecimento, das ciências, das tecnologias (PAULA, 2013, p.13).

2. A DISCIPLINA INOVAÇÕES DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO

No percurso da disciplina os mestrandos foram provocados a pensar uma ação de extensão como proposta de trabalho final, durante o tempo de pandemia de COVID-19, e que atendesse às especificidades do momento de distanciamento social. Recorremos às leituras que suleariam as interações durante as aulas e ponderamos, em grupo, a aproximação da perspectiva humanista (FREIRE, 2013) para uma ação de extensão como ato educativo. Inicialmente, pensamos na utilização das redes sociais para divulgação e como forma de alcançar mais indivíduos dentro da instabilidade que a pandemia nos apresenta, porém com a necessidade de não “coisificar” (FREIRE, 2013) às pessoas, não transformar a ação em portadora de números, e sim em um caminho para a circularidade do ensino-pesquisa-extensão.

Pensar as diretrizes para a extensão universitária e tentar uma aproximação, quando possível, era uma das exigências para conclusão do trabalho. Nosso grupo refletiu sobre o uso do *Instagram*, por ser uma ferramenta que permitiria um setor da sociedade, que conseguiríamos alcançar, ser sujeita de interpelações às discussões científicas, e não um objeto de pesquisa (SANTOS; FILHO, 2008). Para contemplar a interação dialógica foram utilizadas outras redes sociais (*Facebook* e *Google Forms*), aplicadas enquetes objetivas e discursivas que sulearam os principais temas a serem abordados nas interações remotas. A partir dos levantamentos feitos, foi possível traçar os temas de comum relevância, como saúde mental durante a pandemia; ensino remoto e interação com as famílias; saúde do corpo durante o *home office*; o que são aerossóis? E outros que surgiram durante as interações para as *lives* pelo *Instagram* como forma de aliança entre indivíduos, movimentos, setores e organizações sociais (BRASIL, 2012). Nesse movimento dialógico, pudemos perceber a dimensão ética entre as partes que estabelecem a execução do conceito de extensão universitária, deixando de lado o processo de hierarquização do saber.

3. UM CANAL NO INSTAGRAM E DEMAIS DIRETRIZES PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

A proposta de realizar *lives*, por meio do canal Giro Ciência, criado no *Instagram* e administrado pelo grupo de mestrandos que se reuniram

para o trabalho final da disciplina supracitada, na proposta de uma roda de conversa com diversos atores sociais nesse momento de pandemia, possibilitou alianças intersetoriais sem criar um ambiente hegemônico e que pautou a diretriz interdisciplinaridade e interprofissionalidade, no momento no qual convidamos profissionais e outros setores da sociedade para consolidar a teoria e efetividade da ação de extensão. Para Freire (2013), o conhecimento é gerado em uma relação social, com vários sujeitos que pensam, dialogam e comunicam, construindo a si mesmos.

No primeiro momento de encontro remoto, percebemos o quanto o tema saúde mental se desconstruía em nós e o quanto a conversa com um enfermeiro, especialista em saúde mental, nos aproximava do inédito, constituindo uma formação que designa especificamente o próprio processo de integração, segundo Josso (2010). O contato com o profissional e o convite para que o mesmo participasse da interação com nosso grupo foi possibilitado através dos ambientes profissionais e trajetórias de formação compartilhados.

Na criação de espaços não formais de educação, ao usar plataformas e redes sociais para uma ação de extensão, caminhamos para desfazer o conceito de dominação em que um sabe e o outro desconhece. Indissociabilizar o ensino, a pesquisa e a extensão reafirma um processo acadêmico, vinculando formação de pessoas e geração de conhecimentos. Esse processo que encaminha o estudante como protagonista da sua formação técnica e a sua formação cidadã (BRASIL, 2012) conduz a diretriz da indissociabilidade a uma experiência junto à realidade, que busca ações e soluções para o contexto social, que aprimora a sensibilidade. Josso (2010) afirma que, ao pensarmos a formação do ponto de vista do aprendente é, evidentemente, não ignorar o que dizem as ciências humanas. Assim, inserem-se múltiplas possibilidades de pesquisa, escritas (auto)biográficas e artigos que visam a produção de conhecimento, utilizando as metodologias participativas.

Ao construir novas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo, os resultados esperados no percurso do projeto de extensão é o alinhamento e o impacto na formação do estudante, segundo a Política Nacional de Extensão Universitária (2012):

As atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensejam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem o enriquecimento da experiência

discente em termos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que abrem espaços para reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública brasileira. (BRASIL, 2012, p.34)

O envolvimento em atividades extensionistas possibilita ao estudante compreender essa parte importante do processo de formação. Desta forma, em um outro momento, uma *live* realizada com uma ex-aluna de um dos mestrandos, que reencontramos nesse momento de distanciamento social pelo *Instagram*, chamou atenção pelo fato de discutirmos, em formato interativo, as informações vinculadas a mídia sobre tipos de máscaras, aerossóis e transmissão da COVID-19. Convidada para interagir com o canal, a ex-aluna e agora colaboradora, uma administradora formada pela UFF, relatou a sua pesquisa individual ao perceber que precisava melhorar a proteção dos seus familiares no cotidiano de suas rotinas. Ela procurou informações importantes e, ao compartilhar, abriu uma porta de comunicação com outros setores da sociedade. Sem *slogans*, sem sobrepor saberes, exercitando a sua prática, com o aporte tecnológico disponibilizado por um grupo de mestrandos, traçando um caminho que sai da mera opinião ingênua das coisas para o verdadeiro saber, o saber compartilhado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar as organizações, reflexões e mediação das *lives* propostas pelo Giro Ciência em nosso processo de experiência formação, partimos das nossas experiências cotidianas, cada qual em sua área de atuação profissional e anseios gerados em tempos de pandemias, para repensarmos caminhos e reafirmarmos concepções do processo extensionista, sobretudo, o diálogo, que para Freire (2013) é um encontro amoroso entre os sujeitos no qual transformam e são transformados. Sem essa transformação, não conseguiríamos organizar nossos pensamentos sobre o impacto e a transformação social que o canal Giro Ciência poderia reafirmar como projeto.

Cabe ressaltar, como citado no resumo deste texto, resignificar as diretrizes para a extensão universitária não trata, de forma alguma, de desconfigurar as mesmas, e sim adaptá-las ao momento inédito que estamos vivendo em âmbito mundial. A proposta da disciplina mediada foi pensar um produto que se assemelhasse a uma ação de extensão universitária ou

comunicação, priorizando a interlocução com as diretrizes. Acreditamos que, ao pensarmos em grupo, o canal Giro Ciência, pelo *Instagram*, construímos caminhos que relatados numa narrativa de formação são, ou podem vir a ser, experiências formadoras (JOSSO, 2010).

Para Paula, (2013) a extensão universitária deve ser vista como uma cultura, um compromisso que ratifica a universidade pública como instrumento emancipatório. Diríamos que, além de instrumento emancipatório, um projeto de extensão é formativo quando reconhece e propõe a narrar como uma prática de formação que integra o saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade de registros, sendo o aprender o próprio processo de integração (JOSSO, 2010).

Para além dos resultados que o Giro Ciência pretendia alcançar ao entrecruzar histórias de vidas, interprofissionalidade e interdisciplinaridade em *lives* que comunicam, na sua essência, ciência em tempos de pandemia, destacamos como considerações finais os percursos formativos da disciplina Inovações de Atividades de Extensão que nos formam, e mesmo em tempos de distanciamento social, permitem a construção de um pensamento que não é isolado, visto que não há homem isolado (FREIRE, 2013). Nos processos que experienciamos, apontamos a importância de buscar soluções nos momentos em que o diálogo e a construção parecem difíceis. Com a provocação feita pelo professor da disciplina, o plano de um projeto de extensão virtual, em tempos de pandemia, se tornou real, integrando diversas realidades em um caminho feito por mestrandos que foram se fazendo, formando, constituindo. O *Instagram* Giro Ciência continua ativo, mesmo com o término da disciplina. O processo formativo importa, as interações importam e seus resultados são para além do espaço de diálogo, parte das conversas, das *lives* para os cotidianos, em um movimento contra hegemônico de partilhar conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Política Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Manaus, 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf> Acesso em: 15/04/2021

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. 2. ed. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceitos e propostas. *Interfaces – revista de extensão*, v. 1, n. 1, p. 5-23, jul./nov. 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa; FILHO, Naomar de Almeida. *A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova*. Coimbra, outubro, 2008.

MITOLOGANDO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

14

KATIA TEONIA COSTA DE AZEVEDO

COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO MITOLOGANDO

RESUMO

O projeto de extensão *Mitologando* visa explorar o imaginário clássico de crianças e jovens e ampliar seus olhares sobre o mundo antigo, apresentando a literatura clássica grega e latina e suas culturas, e fomentando o interesse de crianças e jovens para o estudo dessas culturas. Propomos, neste relato de experiência, apresentar os desafios encontrados, os caminhos percorridos e os expedientes assumidos para assegurar a continuidade das ações do projeto de extensão *Mitologando* durante o funesto período da pandemia de covid-19.

PALAVRAS-CHAVE

Mitologando; Projeto de Extensão; Pandemia de COVID-19; Extensão Universitária.

O projeto de extensão *Mitologando* propõe apresentar a cultura clássica grega e romana e fomentar o interesse de crianças e jovens para o estudo dessas culturas, promovendo discussões sobre as mais variadas temáticas, tomando como base reflexões que atravessam a questão do que há de clássicos em nós e o que não há. A partir da contação de histórias, da mediação literária e de leituras dramatizadas do repertório mitológico e da literatura infantil e juvenil com a temática da antiguidade clássica publicada em língua portuguesa no mercado editorial brasileiro, buscamos ampliar os saberes de crianças e jovens sobre o mundo antigo, considerando os saberes já existentes sobre essas antiguidades.

O objetivo do projeto de extensão *Mitologando* é explorar o imaginário clássico de crianças e jovens e ampliar seus olhares sobre o mundo antigo, apresentando a literatura clássica grega e latina e suas culturas a partir de textos fundamentais da cultura ocidental, como por exemplo, a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero, a *Teogonia* de Hesíodo, as *Metamorfoses* de Ovídio e a *Eneida* de Virgílio, em um diálogo que contribui para a contextualização e ampliação dos saberes já formulados, em grande parte, pela cultura pop, através de filmes, desenhos animados, jogos eletrônicos, etc. Nesse sentido, vimos desenvolvendo, desde 2019, ações presenciais em espaços escolares, buscando integrar, sempre que possível, as ações do projeto de extensão *Mitologando* aos temas e conteúdos trabalhados, por exemplo, nas disciplinas de língua portuguesa de variados segmentos da educação básica. Ao longo do ano de 2019, antes de sermos atingidos pela tragédia da pandemia, estivemos em escolas públicas do município do Rio de Janeiro e municípios adjacentes, onde realizamos algumas contações de histórias apresentando desde mitos da fundação de Roma, como o mito dos famigerados gêmeos Rômulo e Remo, bem como o mito do Minotauro. Além da contação de histórias, também desenvolvemos com as alunas e os alunos dessas escolas algumas dinâmicas de grupo, que procuravam estimular o pensamento crítico e o debate, tomando como base as narrativas míticas apresentadas e a cultura clássica grega e romana de uma forma geral, como pode ser observado nos registros que seguem:



Figura 1. Mariana Jabor, estudante extensionista do projeto de extensão Mitologando, realizando uma contação de histórias no Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, no município de Duque de Caxias. Registro realizado em 07 de outubro de 2019.

Com o terrível surgimento da pandemia de covid-19 no Brasil, no início do primeiro semestre de 2020, as escolas e as universidades foram fechadas e as atividades presenciais foram suspensas, de modo que não foi mais possível desenvolver as ações do projeto de maneira presencial, em sala de aula. A pandemia não atingiu somente as atividades escolares e acadêmicas, as nossas vidas de uma forma geral ficaram suspensas diante do assombroso aumento do número de pessoas contaminadas e do expressivo número de mortes, que permaneceu crescente durante um longo e lancinante período. Perdemos colegas, estudantes, familiares. Uma de nossas alunas extensionistas experimentou, durante a pandemia, a orfandade. O seu pai foi uma das vítimas do covid-19. Um luto que não pôde ser adequadamente vivido, porque a pandemia também nos usurpou o direito aos ritos fúnebres coletivos, fundamentais para a elaboração do luto. Um cenário tão fúnebre e de tantas angústias torna tudo desenhado, especialmente diante da perda de pessoas queridas. Como seguir diante de tanto sofrimento? Como dar continuidade às ações do projeto de extensão diante de tanto pesar? Foi preciso esperar algum tempo para que

conseguíssemos reunir as forças necessárias para seguirmos. Um tempo que foi se moldando e nos moldando aos poucos e nos revelando novos caminhos possíveis. Além do restabelecimento emocional, foi necessário também nos ajustarmos à nova realidade e dinâmica tecnológica, às novas interações – a tela do computador, que antes nos servia para ver, agora era também o lugar onde éramos vistas e vistos. A nossa casa, o nosso canto no mundo, lugar de pessoalidade e intimidade, passou a ser o cenário para *lives*. Foi preciso adquirir novos equipamentos, como câmeras, microfones, laptops e também se dedicar ao aprendizado de novas tecnologias. Com a migração das atividades presenciais para o espaço *online*, compreendemos que não seria possível, em um primeiro momento, acessar o corpo discente das escolas parceiras, uma vez que as dificuldades de acessibilidade tecnológica, além de um novo contexto social, apresentaram-se como importantes entraves na relação com os estudantes atendidos pelo projeto. Nessa perspectiva, elaboramos uma nova proposta de trabalho, que tinha como público-alvo não mais o corpo discente, isto é, as alunas e os alunos das escolas parceiras, mas o corpo docente dessas escolas, além de licenciandas e licenciandos, educadoras e educadores de uma forma geral. Isso porque compreendemos que, a despeito de toda adversidade imposta pelo contexto pandêmico, esse novo público-alvo poderia ter mais elementos estruturais que permitiriam acessar as novas atividades propostas pelo projeto de forma remota.

No entendimento de que os estudos clássicos se caracterizam pela sua natureza interdisciplinar, visto que compreendem os saberes de diversas áreas como Letras Clássicas, História Antiga, Filosofia Antiga, História da Arte etc., percebemos que o projeto de extensão *Mitologando* poderia dialogar mais diretamente com docentes do ensino fundamental e médio, com licenciandas e licenciandos desses cursos e ainda com professoras e professores que atuam em salas de leitura.

Após a redefinição do público-alvo, reconfiguramos o objetivo das nossas ações no sentido de buscar oferecer às educadoras e aos educadores uma reflexão teórica e prática sobre o uso da Antiguidade Clássica Grega e Romana no espaço da sala de aula. Tendo, pois, reelaborado uma nova proposta para o nosso projeto, que pudesse ser executada remotamente, buscamos novos colaboradores que pudessem contribuir com as novas ações do projeto e, muito felizmente, foi possível contar com a colaboração de especialistas brasileiros que pudessem cooperar mais profundamente com o novo debate oferecido. Cabe destacar que as ferramentas

online, em especial as plataformas de videoconferência, foram importantes recursos para executar e conectar, de forma rápida e sem custo, o projeto de extensão *Mitologando* aos profissionais da educação de todo o Brasil e do exterior.

A nova ação do projeto de extensão *Mitologando* consistia, pois, na realização de um ciclo de atividades remotas, voltadas para educadoras e educadores de uma forma geral, realizadas de julho a novembro de 2020, com a colaboração de especialistas de diversas áreas que compreendem os Estudos Clássicos. A primeira convidada foi a docente Viviane de Caldas, professora doutora de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que proferiu a palestra *O texto clássico na escola: Como ler uma tragédia grega com meus alunos?* Em seguida, contamos com a participação da docente Evelyne Azevedo, professora doutora do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que proferiu a palestra *O que a arte Greco-Romana tem de grega?* Em agosto, recebemos o professor doutor Guilherme Moerbeck, docente de Teoria e Ensino da História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que lecionou o minicurso *O conceito de Antiguidade Clássica e o uso do mito em sala de aula*. Ainda durante o mês de agosto, contamos com a colaboração do professor doutor Leandro Hecko da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), que apresentou a palestra *Na mesa com os gregos antigos: mito e alimentação*. Em setembro tivemos a participação do professor mestre Victor Menezes, que ministrou três aulas em um minicurso sobre *A Antiguidade Greco-Romana na Literatura Jovem Adulto*, tendo dedicado o primeiro dia a Harry Potter, o segundo a Percy Jackson e o terceiro aos Jogos Vorazes. Por fim, no mês de outubro, recebemos o professor doutor José Maria Neto, professor de História Antiga da Universidade de Pernambuco (UPE), tendo proferido a palestra *Teatro, cinema e ensino: A Antiguidade Clássica Greco-Romana em sala de aula*. Com essa programação, o ciclo de atividades remotas se desenvolveu ao longo de quatro meses e recebeu um total de 1.643 solicitações de inscrição para participação em nossas palestras e minicursos de pessoas provenientes de diversas regiões do Brasil e do exterior, de países como Portugal e Argentina. Essa expressiva e diversificada participação de ouvintes só foi possível pelas condições assumidas em decorrência do contexto remoto emergencial, mecanismos que se apresentaram como recursos facilitadores, que possibilitaram, conforme já destacado, a presença de um público amplo e variado, bem como permitiram a participação e a colaboração

como palestrantes de professoras e professores de várias regiões do Brasil e do exterior, como por exemplo, o professor Guilherme Moerbeck, que se encontrava, naquela ocasião, no Canadá, como *chercheur associé* na Faculté des Sciences de l'Éducation na Université de Montréal. Essas ações eram mediadas pela coordenadora do projeto, professora Katia Teonia, e pelos estudantes extensionistas, que também auxiliavam na divulgação das ações pelas redes sociais, no controle das inscrições e na elaboração e envio dos certificados aos participantes.



Figura 2. Cartazes das atividades de extensão realizadas de julho a outubro de 2020, no âmbito do projeto de extensão Mitologando, durante a pandemia de covid-19.

Ainda no segundo semestre de 2020, foi criado um canal no *YouTube* para o projeto de extensão *Mitologando* com a finalidade de armazenar e compartilhar publicamente os vídeos com as gravações das palestras e dos minicursos ministrados durante o ciclo de atividades remotas. Além desses vídeos, também dispomos no canal do *Mitologando* no *YouTube*, outros vídeos com participações do projeto *Mitologando* em eventos online que foram realizados durante o período da pandemia, tais como, o I Congresso

Online da Especialização em Literatura Infantil e Juvenil da UFRJ, evento em que participamos como palestrantes em uma mesa-redonda.

Ainda durante o ano de 2020, foi possível idealizar, elaborar e lançar o site do projeto *Mitologando*¹, reunindo todas as ações desenvolvidas no âmbito do nosso projeto. Na ocasião do lançamento do site, as ações de extensão e pesquisa ainda estavam vinculadas exclusivamente ao projeto de extensão *Mitologando*, por esse motivo, se vinculava a projeto de extensão *Mitologando* uma linha de pesquisa que dedicada à recepção da cultura clássica, na qual se integrava a pesquisa de iniciação científica da Mariana Jabor, graduanda do curso de Letras: Português-Latim e aluna extensionista do projeto de extensão *Mitologando*.

Em conjunto com o lançamento do site, também realizamos, ao longo de 2020, o lançamento do FABULA – *Repertório bibliográfico sobre a antiguidade clássica na literatura infantil e juvenil no Brasil*². O repertório reunia um catálogo com 140 títulos publicados no Brasil destinados ao público infantil e juvenil e que apresenta como matéria temática a Antiguidade Grega e Romana. Além de buscar desenvolver a formação de leitores, pretendemos que o FABULA possa oferecer um repertório diversificado e atualizado de leituras sobre a Antiguidade Greco-Romana, que possam ser realizadas em sala de aula, bibliotecas ou, ainda, em espaços domiciliares.

Diante da potência científica encontrada na linha de pesquisa sobre os estudos da recepção clássica na literatura infantil e juvenil, criou-se um grupo de pesquisa denominado FABULA, exclusivamente dedicado à recepção da Antiguidade Clássica na Literatura Infantil e Juvenil³, de modo que o *Mitologando* passa a ser o espaço de atuação e prática por meio da extensão universitária e o FABULA o espaço de pesquisa.

No âmbito da capacitação da nossa equipe de discentes extensionistas, oferecemos, ao longo de 2020, duas atividades organizadas e ministradas de forma remota, a saber, uma *Oficina de mediação literária e oralidade com narrativas greco-romanas*, ministrada pela nossa parceira, a educadora e atriz Eliza Morenno, e o minicurso *Refletindo e debatendo a literatura infantil*, com a escritora e professora doutora Georgina Martins. Ainda durante o período pandêmico, no segundo semestre de 2021, oferecemos ao nosso grupo de discentes extensionistas as oficinas

1 www.mitologando.letas.ufrj

2 www.mitologando.letas.ufrj/fabula

3 Para mais informações: www.fabula.letas.ufrj.br

Ilíada e Odisseia: uma introdução amorosa à épica de Homero, ministrada pela colaboradora Fernanda Lemos de Lima, professora doutora de Língua e Literatura Grega da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a *Oficina de voz Tout court*, elaborada e ministrada pela nossa parceira, professora doutora Lidia Becker, docente do Departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A partir das atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2020 e dos desafios assumidos decorrentes do contexto pandêmico, foi possível perceber que as transformações realizadas no âmbito do público-alvo e dos objetivos do projeto permitiram um aprofundamento metodológico bastante relevante. Além disso, em virtude de as atividades terem sido realizadas de forma remota, foi possível alcançar um número bastante expressivo de pessoas, permitindo um debate mais amplo das propostas apresentadas em nosso ciclo de atividades remotas e também uma maior visibilidade para o projeto.

A despeito das imensas e áridas adversidades que a pandemia nos compeliu desde o início do ano de 2020 e que, lamentavelmente, se prolongou durante o ano de 2021, esperamos que o projeto de extensão *Mitologando* possa continuar contribuindo para a formação do pensamento crítico e reflexivo de crianças, jovens, educadoras e educadores, no sentido de desenvolver, a partir de autores gregos e latinos e de todo o repertório literário com a temática da Antiguidade disponível no Brasil para crianças e jovens, uma reflexão sobre a Antiguidade Grega e Romana, múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas, e ainda que o projeto de extensão *Mitologando* possa contribuir para a compreensão da presença de valores sociais, culturais e humanos, bem como de diferentes visões de mundo desde a Antiguidade Clássica Grega e Romana até a contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. TEXTOS ANTIGOS

HESÍODO. *Teogonia. A origem dos deuses*. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 5. ed. Iluminuras, São Paulo, 2003.

HOMERO. *Ilíada de Homero*. Vol. I e II. Introdução e organização de Trajano Vieira. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Benvirá, 2010.

HOMERO. *Odisseia*. Edição bilingue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. Ensaio de Italo Calvino. São Paulo: Editora 34, 2011.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014.

2. ESTUDOS

BARROS, M. H. T. C.; SILVA, R. J.; BORTOLIN, S. *Leitura: mediação e mediador*. São Paulo: FA, 2006.

BAKOGIANNI, Anastasia. O que há de tão ‘clássico’ na recepção dos clássicos? Teorias, metodologias, e perspectivas futuras. *Codex, Revista de Estudos Clássicos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 01, 2016, pp. 114-131

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1986.

COENTRO, Viviane Silva. A arte de contar histórias e letramento literário: caminhos possíveis. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2008. 196p.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989. p.11-24.

HARDWICK, Lorna; STRAY, Christopher. Introduction: Making Connections. In. HARDWICK, Lorna; STRAY, Christopher (Org.) *A Companion to classical receptions*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008, p. 1-10.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2017

MATOS, Gislayne A. *A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MATOS, Gislayne A; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MÚSICA E SAÚDE NAS MÍDIAS SOCIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA OFICINAS MUSICAIS: PROMOVENDO APRENDIZAGEM, CRIATIVIDADE E CIDADANIA

GUNNAR GLAUCO DE CUNTO CARELLI TAETS

COORDENADOR DO PROJETO DE EXTENSÃO OFICINAS MUSICAIS: DESENVOLVENDO APRENDIZAGEM, CRIATIVIDADE E CIDADANIA

ANA BEATRIZ ACIOLI MENDES

GRADUADA EM HISTÓRIA DA ARTE - UFRJ

GEISIANE SOUZA SANTOS DE JESUS

GRADUANDA EM ENFERMAGEM - UFRJ-MACAÉ

LARISSA MENDES XAVIER

GRADUANDA EM ENFERMAGEM - UFRJ-MACAÉ

LETÍCIA MENDES XAVIER

GRADUANDA EM ENFERMAGEM - UFRJ-MACAÉ

MARIA DE NAZARÉ MATOS DA SILVA

GRADUANDA EM ENFERMAGEM - UFRJ-MACAÉ

RESUMO

Este artigo consiste em um relato de experiência sobre a experiência vivenciada por cinco extensionistas do projeto *Oficinas Musicais: promovendo aprendizagem, criatividade e cidadania* acerca das atividades de extensão realizadas durante a pandemia à comunidade de forma remota, ressaltando o grau de importância das mesmas. O objetivo do referido projeto é a troca de conhecimento visando a aprendizagem de música e para que isso seja entendido, o método de expor as experiências de natureza qualitativa, a partir da vivência das extensionistas durante o período de distanciamento sanitário causado pela pandemia do novo coronavírus com atividades elaboradas via plataformas digitais. Com base nisso, cada atividade possui um grau de desenvolvimento pautado na disseminação de conteúdo voltados para música, ciência e saúde.

PALAVRAS-CHAVE

Música; Promoção da Saúde; Redes Sociais; Criatividade; Cidadania.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por cinco extensionistas do projeto de extensão *Oficinas Musicais: promovendo aprendizagem, criatividade e cidadania* do Programa Interdisciplinar de Promoção da Saúde (PIPS). Orientadas pelo professor e doutor Gunnar Glauco De Cunto Carelli Taets, as estudantes dissertam acerca das atividades de extensão realizadas durante a pandemia à comunidade de forma remota, ressaltando o grau de importância das mesmas.

A extensão universitária é uma das partes mais importantes durante a graduação, visto que é um dos três pilares da universidade e que estes se encontram interligados, e portanto, são indissociáveis. Ela acontece a partir dos interesses compartilhados entre o meio acadêmico e o corpo social num processo mútuo de aprendizagem, para que o diálogo entre a Universidade e os demais segmentos da sociedade seja efetivo, alcançando um equilíbrio entre o compartilhamento do conhecimento técnico-científico, a humanização e o compromisso social.

No ano de 2020, uma nova cepa da família coronavírus foi identificada, denominada SARS-COV-2, causadora da COVID-19. Devido a sua alta e rápida transmissibilidade, a doença conquistou escala mundial e assim, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), caracterizando-a como pandemia.

Dessa forma, as universidades necessitaram se adequar ao novo contexto e adaptar todas as suas atividades de ensino, pesquisa e extensão para o meio virtual, de forma que as mesmas pudessem ser mantidas. Com isso, diversos projetos de extensão passaram a utilizar plataformas digitais como *WhatsApp* e *Zoom Meetings* para manter o contato e realizar reuniões, as quais antes ocorriam presencialmente e, também, reforçaram a utilização de outras plataformas como *Instagram* e *YouTube* para promover a visibilidade, promoção e divulgação do conteúdo do projeto.

O projeto de extensão *Oficinas Musicais: promovendo aprendizagem, criatividade e cidadania* realizava antes da pandemia atividades como o canto coral, o qual ao ser adaptado para o meio virtual encontrou alguns obstáculos com o *delay* das chamadas de vídeos, dificultando um bom aproveitamento dos ensaios que eram realizados anteriormente. Além da impossibilidade de promover o canto coral para as instituições parceiras,

como a Casa do Idoso e o Hospital São João Batista, ambos na cidade de Macaé, no estado do Rio de Janeiro.

Conseqüentemente, o que era desenvolvido em Macaé, passou a ser compartilhado para qualquer pessoa que estivesse seguindo o “Oficinas Musicais” nas redes sociais, tais como: *Facebook*, *Instagram* e *YouTube* através de *live streaming* semanais; vídeos performáticos, a citar as músicas: “A Paz” da banda Roupas Novas, “O Que É, O Que É” do Gonzaguinha e “Pausa” da cantora Vicka; e postagens de conteúdo educativo e de vertente científica.

Dessa forma, o projeto procurou outras formas de levar conhecimento, promoção a saúde e música para o público por meio de eventos virtuais, produção de conteúdo educativo e *lives* em seu perfil no *Instagram*; produção científica por meio de submissões e consequentes aprovações de trabalhos das bolsistas para eventos científicos como o 9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (Cbeu) e a XLII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC).

É fato que a extensão universitária com atuação de discentes e docentes em campo faz muita falta e não será jamais substituída. A troca cultural, política e de conhecimentos perde muito de sua riqueza sem o contato presencial, mas a extensão pode atingir ainda mais territórios e públicos utilizando as estratégias da tecnologia da informação.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de natureza qualitativa, o qual permite a descrição das experiências vivenciadas, pois são evidenciados aspectos subjetivos do ser humano.¹ Englobando as experiências de cinco extensionistas – quatro delas são bolsistas Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão (PROFAEX) do projeto de extensão *Oficinas Musicais: promovendo aprendizagem, criatividade e cidadania* – temos, através da escrita de cada aluna, a descrição dessas atividades que ocorreram a partir do mês de abril de 2020 até abril de 2021.

Portanto, os relatos foram obtidos a partir da vivência e retratam o aprendizado pessoal de cada uma de forma singular e de reflexão sobre o papel da música durante o período de distanciamento sanitário causado

¹ CARVALHO, *et al*, 2012, p. 466.

pela pandemia do novo coronavírus, contando o início de seu vínculo até as recentes contribuições.

A análise dos dados foi realizada segundo análise de conteúdo de Bardin (2009). As etapas da análise foram: 1) pré-análise, 2) exploração do material, 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

RELATO EXTENSIONISTA A

O contato iniciado no ano de 2020 foi fruto de um interesse já antigo sobre atividades musicais nas quais a interação entre os participantes é primordial. Por isso, ingressei no “Oficinas Musicais” da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - Campus Macaé).

Estar, mesmo que seja mediada por uma tela virtual, com pessoas que prezam a interdisciplinaridade foi importante para a saúde mental de todos. Além disso, as reuniões buscavam ser sempre democráticas e abertas para a comunidade.

A exemplo, temos as *lives*. Elas são transmissões em tempo real na plataforma chamada *Instagram*. Sua criação partiu do anseio de impulsionar o diálogo por meio das canções que cada convidado trazia. Isto é, o coordenador Gunnar Taets geralmente as conduzia perguntando às pessoas, que apareciam nos comentários, se elas gostariam de sugerir alguma música e, caso ela aceitasse, ambos dividiam a *live*. Desse modo, essa aproximação garantia interação entre públicos, fazendo com que todos conhecessem sua história e seus gostos.

A participação ocorria de forma fluída com a dinâmica já explicada. A primeira na qual participei, aconteceu no dia 19 de agosto de 2020 via *Instagram*; e a segunda, no dia 08 de março de 2021 via *YouTube* – dessa vez, eu na condução da transmissão, junto com outras extensionistas.

Devido à própria distância entre o Rio de Janeiro e Macaé, mesmo com a pandemia, me vi abraçada virtualmente pelo projeto e por sua entrega musical com os idosos dos asilos/casas de repouso ou profissionais de saúde com as atividades “Música do Coração” (2020) e “Cantando com os Idosos” (2021) – esse último, participei três vezes.

Além de colaborar na feitura de conteúdo digital para as redes sociais e material audiovisual cantando músicas que trazem alegria e esperança, venho desde abril de 2021, acompanhando os encontros do projeto parceiro chamado “Música Transformando Vidas” (PROMUVI). Coordenado e regido por Paulo Mauá, o projeto é voltado para educação musical para deficientes visuais ou de baixa visão.

Logo, é notória a relevância tomada entre a promoção e a prevenção da saúde, além da Musicoterapia como campo a ser desbravado nos meios digitais. Tal fato a ser comentado foi quando cantei para um paciente acamado. Foi durante uma ligação por vídeo via *WhatsApp* para a psicóloga da Casa do Idoso em Macaé. Nessa ligação, pude me conectar com o idoso através das músicas sertanejas tidas como caipiras ou de raiz que ele tanto gosta. Ouvir ele acompanhar as letras das canções e dividir suas histórias quando era mais novo foi simplesmente inesquecível.

RELATO EXTENSIONISTA B

Ao ingressar na universidade no ano de 2016, conheci o projeto “Oficinas Musicais” e logo me identifiquei com o trabalho realizado. Como sempre tive muita paixão pela música e pelas sensações que ela me traz, iniciei minha trajetória como extensionista no referido projeto e participei de várias atividades promovidas ao longo desses anos.

Nossas reuniões presenciais eram realizadas às quartas-feiras e era sem dúvidas o melhor momento da semana. Com os ensaios dinâmicos e sempre muito divertidos, particularmente, nossos encontros me serviam de uma válvula de escape diante de todo stress e responsabilidades que o ambiente acadêmico ocasionalmente nos proporciona. Nossas atividades presenciais no ambiente hospitalar e em asilos institucionalizados eram transformadoras.

Com a reinvenção dos nossos métodos de encontro, iniciamos as atividades virtualmente. No *Instagram*, participei algumas vezes cantando e interagindo com o público que nos assistia e, como bolsista, estive a frente de uma dessas *lives*. Gravamos um vídeo com todos os extensionistas e divulgamos nas nossas redes sociais, tendo um alcance maior do que imaginávamos. Promover a saúde através da música sempre foi algo que me encantou e tudo que promovemos enquanto projeto de extensão nos permite viver momentos de muita alegria e relaxamento.

Gravei um vídeo cantando uma música chamada “Girassol” de Priscila Alcântara e Whindersson Nunes e também estive envolvida com planejamento de publicações e conteúdos digitais. Juntamente com outros extensionistas, promovemos uma oficina de música com um doutorando em Música pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde pudemos trocar informações, agregar técnicas e entender melhor sobre composições.

Diante do novo cenário causado pelo distanciamento sanitário, a música se fez necessária para muitas pessoas como forma de cuidado emocional. Nos nossos encontros virtuais, me proporcionaram reencontrar pessoas queridas com o objetivo de aliviar toda tensão que estamos vivendo. Cantar, para mim, sempre foi meu melhor remédio e fazer isso, mesmo que virtualmente, me faz seguir apaixonada pela profissão que escolhi e pelo projeto pelo qual eu tenho me dedicado.

RELATO EXTENSIONISTA C

A minha participação no projeto “Oficinas Musicais” se iniciou em 2018, quando eu estava no segundo período do curso de Enfermagem. Nesse período, havia uma disciplina em que era necessária a inscrição em alguma atividade ou projeto para conseguir horas de extensão, as quais seriam validadas pela disciplina. Com isso, encontrei o “Oficinas Musicais”, o qual me encantou desde o início, pois trabalhava com a música. Algo que sempre esteve muito presente na minha vida e junto a isso, poder promover a saúde por meio da música, reafirmou ainda mais a minha vontade de atuar na área da saúde.

Cada vez mais o meu interesse pelo projeto aumentou. Cantar com meus amigos na universidade, aliviar um pouco o estresse acadêmico, participar de eventos cantando, cantar para idosos, para pacientes em um hospital e participar de eventos nos apresentando, foi o que me motivou a estar no projeto até os dias de hoje. Atualmente, sou bolsista no projeto e, além de realizar as atividades comuns entre os extensionistas, também auxilio na realização das listas de presenças, preparação do ambiente nos dias de ensaio, divulgação do projeto entre outras coisas.

Infelizmente, a pandemia da COVID-19 trouxe uma mudança drástica ao estilo de vida da população e com as medidas de distanciamento sanitário, foram necessárias algumas adaptações nas atividades do projeto. Eu, como extensionista e bolsista, passei a auxiliar na confecção e divulgação de cartazes semanais para convidar o público para os encontros abertos ao público e para promover a visibilidade do projeto; na produção e divulgação de conteúdos que promovam a educação em saúde em nosso perfil do *Instagram* e também na realização das listas de presença dos nossos encontros virtuais, além de estar presente como apoio para quaisquer necessidades advindas do projeto.

Outras atividades, as quais pude desenvolver e participar no ano de 2020, foram a participação dos vídeos já citados anteriormente e a

elaboração da atividade intitulada “Música do Coração”, a qual funcionava a partir da captação pelo *WhatsApp* de sugestões musicais de idosos institucionalizados e profissionais de saúde, em que gravávamos vídeos com as canções e uma mensagem para quem fosse receber.

Já em 2021, o professor Gunnar utilizou outra estratégia para realização das ações de extensão, dividindo todos os extensionistas em grupos com temas, como saúde mental em universitários; profissionais de saúde e familiares; idosos institucionalizados e não institucionalizados; pacientes com câncer e familiares; adolescentes e acalantos. Cada grupo é responsável por desenvolver ações de extensão de modo virtual, focando na prevenção e promoção da saúde por meio da música e da educação em saúde.

O projeto “Oficinas Musicais” é fundamental na minha formação acadêmica e pessoal, principalmente durante a pandemia, pois mesmo de longe, no modo virtual, a essência do projeto de levar música, alegria e conscientização, promovendo nossa criatividade e cidadania se manteve. Nesse ano, pudemos ir muito além dos muros da faculdade, visto que a *internet* nos possibilitou conhecer pessoas de outros estados do Brasil e através disso, criamos conexões com essas pessoas pela música e trocamos cultura, conhecimento e experiências.

RELATO EXTENSIONISTA D

Escolhi participar do projeto “Oficinas Musicais” no primeiro semestre de 2018. Desde pequena sempre fui muito ligada à música e esse foi um dos motivos que me levaram a escolher esse projeto. Um outro motivo se dá pelo fato de que bem no início da graduação, descobri minha área de interesse: as Práticas Integrativas e Complementares. A musicoterapia é uma delas, e achei que seria muito agradável unir o útil ao agradável: um projeto de extensão que me garantisse as horas de extensão necessárias aliado à música e PICs. Assim, em 2021 completei três anos no projeto.

Como bolsista do projeto, tenho funções específicas. Em condições normais de não pandemia, além de preparar o ambiente e fazer o acolhimento dos extensionistas, eu auxilio o professor coordenador do projeto com os eventos que fazemos tanto no polo Macaé, quanto extramuros, além de ser responsável quando necessário pelas pastas que contêm as músicas dos ensaios. Sempre foi muito agradável e enriquecedor participar dos encontros semanais.

Entretanto, devido à pandemia do novo coronavírus declarada em 2020, tenho sido responsável por auxiliar o professor coordenador na

criação do ambiente virtual para as reuniões do projeto, trabalhando com a divulgação das mesmas e confeccionando os certificados de participação. Além disso, produzo o material visual e didático para alimentar as redes sociais do projeto e dar continuidade à extensão.

O projeto “Oficinas Musicais” tem um impacto muito positivo na minha formação acadêmica e cidadã, visto que por meio dele a rotina da minha formação se tornou mais leve dado os momentos de descontração em grupo aliados à música. Além disso, o contato extramuros que o projeto permite (contato com pessoas de fora da comunidade acadêmica), promove um rico intercâmbio de culturas e vivências. Fico muito grata por poder promover a saúde por meio da música, pois sei que isso gera resultados que impactam diretamente na saúde das pessoas, inclusive na minha. Isso sempre renova as minhas energias!

RELATO EXTENSIONISTA E

Minha jornada no projeto “Oficinas Musicais”, deu-se no ano de 2017, mesmo ano que ingressei na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - Campus Macaé). Como bolsista do projeto, eu auxiliava ao professor e até mesmo aos colegas com produção de postagens semanais, sendo esse um rodízio entre as bolsistas.

Em 2019 e até fevereiro de 2020, desenvolvemos ações junto a idosos institucionalizados moradores da Casa do Idoso em Macaé, junto a pacientes, familiares e funcionários do Hospital São João Batista em diversos setores como Oncologia, Centro de Tratamento Intensivo (CTI) e enfermarias. No mesmo ano, participei da Jornada de Pesquisa e Extensão do Campus Macaé.

Durante esse período remoto, tivemos a oportunidade de gravar três vídeos com a participação dos extensionistas, além de vídeos para idosos institucionalizados e para os profissionais de saúde com músicas que os mesmos solicitaram.

Esse projeto é muito especial, pois a música é algo que me motiva por ter me impactado positivamente e principalmente por despertar nos pacientes sentimentos de esperança, fé e paz. Em 2020, todos tivemos que nos adaptarmos, mas, mesmo à distância, tenho certeza que conseguimos alcançar nossos objetivos, que é a promoção e prevenção de saúde mental bem como conscientização promovendo cidadania. Apesar de ser um projeto para o outro, sou eu a maior beneficiada com todo carinho que recebo de volta.

3. RESULTADO

Observou-se que o relato de experiência vivenciado pelas extensionistas, causou impactos psicológicos, sociais e espirituais positivamente. E alguns benefícios como sensação de bem estar, promoção de bem estar emocional do próprio paciente, sentir-se útil, doação de tempo, mergulho na espiritualidade, resgate da vontade de cantar e fazer com que isso se transforme em qualidade de vida para o outro, puderam ser sentidos e foram descritos pelas mesmas, e esse fato foi validado por meios de relatos verbais e não verbais tais como: expressões de afeto, choro ou sorriso.

Para Leinig (2008), “Enquanto que outros estímulos despertam uma conduta negativa ou positiva no homem, a música quando escolhida adequadamente, consegue levá-lo a um estado de ânimo positivo”² fato esse vivenciado pelas extensionistas.

4. DISCUSSÃO

A música é útil, eficaz e agradável como forma de cuidado, pois proporciona prazer tanto para quem toca e/ou canta, quanto para quem a escuta. Como uma onda, a música desenvolve a empatia e possibilita a sintonia entre os participantes, tornando possível o compartilhamento de emoções, pensamentos e lembranças, desenvolvendo a interação e facilitando o relacionamento entre os atores sociais envolvidos no processo (Bergold & Sobral, 2003).

Para Flusser (2013), “a música é uma linguagem apropriada para uma ação de humanização das instituições sociais e de saúde”³. Ampliam-se as modalidades de intervenções musicais nos ambientes hospitalares e assim surgem pesquisas científicas que se propõe a testar a eficácia da música na produção de benefícios físicos e emocionais em pacientes hospitalizados. Dessa forma, pode-se afirmar que a música, além de alcançar toda a equipe e pacientes, afeta principalmente os acadêmicos que são beneficiados com sentimentos positivos.

2 LEINIG, 2008, p. 251.

3 FLUSSER, 2013 p. 74.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento no projeto de extensão já é entendido como uma prática de troca dos universitários com seu público alvo externo. Mas como tivemos que nos adaptar às atividades remotas do coral, por exemplo, essa prática se dedicou à fruição de cada aluno com a música, primeiramente, e depois, para eventos externos com a comunidade. Uma tarefa intensa e de aprofundamento coletivo, e sobretudo individual, de saúde mental.

Portanto, a experiência contínua da promoção da saúde através da música tornou-se um pilar de interação social, paradoxalmente ao distanciamento social. Estar todas as quartas-feiras juntos, encontro marcado via plataforma *Zoom Meetings*, conversando e cantando sobre assuntos que permeiam, desde a vida particular até a acadêmica, não se afastaram da tríade de pautas do Oficinas: saúde, ciência e arte.

Por meio das reuniões, *lives* e vídeos produzidos foi possível aliviar um pouco o estresse gerado pela faculdade e por esse momento que todos estamos vivenciando. O “Oficinas Musicais” promove a interação entre as pessoas com carinho, afeto, paz e alegria através da música, e quando plantamos coisas positivas, recebemos tudo isso de volta.

Em virtude do que foi discorrido, pensando na disseminação de informações científicas e explicações técnicas sobre a potencialidade da música em nossos corpos – no que diz respeito às emoções, comportamentos, memória etc., sejam experiências boas ou ruins – o “Oficinas Musicais” apresenta de forma lúdica e acessível a qualquer um que queira conhecer mais sobre esses pontos. Sendo um prazer imenso em poder vivenciar essas sensações com outras pessoas.

Desse jeito, o projeto de extensão mostrou-se ser enriquecedor não só para os estudantes em meio de suas formações acadêmicas diversas, mas também, fomentador de debates sobre a saúde principalmente em um momento crítico e de negacionismo sobre a efetividade da ciência no território brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGOLD, Leila; SOBRAL, Vera. Music for care humanization. *Online Brazilian Journal of Nursing*, v. 2, n. 3, p. 23-28, 2003. Disponível em: <http://www.uff.br/nepae/objn203bergolbsobral.htm>. Acesso em: 29 abr. 2021.

CARVALHO, Isaiane da Silva, *et al.* Monitoria em semiologia e semiotécnica para a enfermagem: um relato de experiência. *Revista de Enfermagem da UFSM*, v. 2, n. 2, p. 464-471, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/3212/3775>. Acesso em: 29 abr. 2021.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. In: *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 29 abr. 2021.

FLUSSER, Victor. *Músicos do Elo – Músicos atuantes humanizando hospitais*. São Paulo: Annablume Editora, 2013.

LEINIG, Clotilde Espínola. *A música e a ciência se encontram: um estudo integrado entre a música, a ciência e a musicoterapia*. Curitiba: Juruá, 2008.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, v. 16, n. 1, may 2015. ISSN 1677-4280. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>. Acesso em: 29 apr. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18391/qualitas.v16i1.2113>.

VERAS, Valdiclea de Jesus, *et al.* Impacto da musicoterapia na unidade de terapia intensiva em São Luis MA, relato de experiência. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 2, p. 16900-16907, fev. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/24900/19850>. Acesso em: 29 abr. 2021.

PARENTALIDADE E CARREIRA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

16

ISIS VANESSA NAZARETH

COORDENADORA DO PROJETO NASCEU E AGORA? EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA O CUIDADO MATERNO COM O BEBÊ

GIZELE DA CONCEIÇÃO SOARES MARTINS

DOCENTE NO INSTITUTO DE ENFERMAGEM - UFRJ-MACAÉ

ISADORA OLIVEIRA DO AMARAL

GRADUANDA EM ENFERMAGEM - UFRJ-MACAÉ

KELLY PINHEIRO VIEIRA

GRADUANDA EM ENFERMAGEM - UFRJ-MACAÉ

RESUMO

Introdução: Por questões sanitárias, a sociedade vivencia o período de isolamento social com reflexos familiares, no que diz respeito à parentalidade e à carreira. Objetivos: Incitar discussões entre mães e suas famílias sobre parentalidade e carreira em tempos de isolamento social, envolvendo o aluno nas trocas de experiências para melhor adesão ao projeto de extensão. Metodologia: Relato de experiência, atividade remota sobre parentalidade em tempos de pandemia, realizado como atividade extensionista com a participação de duas convidadas. Conclusão: Foi possível abrir discussões no âmbito familiar relacionando com o período de isolamento social promovido pela pandemia do COVID-19. Acentuou-se como a desigualdade de gênero, que já existia na divisão de tarefas domésticas e no exercício da parentalidade, se agravou e como deve-se refletir sobre ela.

PALAVRAS-CHAVES

Enfermagem Materno-infantil; Parentalidade; Maternidade; Infecções por Coronavírus; Estudos de Gênero.

1. INTRODUÇÃO

Corona Virus Disease, mais conhecida como COVID-19, é uma doença que surgiu na China, no final do ano de 2019 e teve um rápido crescimento para outros países, sendo, então, declarada, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020, uma epidemia de caráter emergencial em todo o mundo. As novas ordens de saúde pública incluíam medidas como isolamento social, além de outras normas de higiene e limpeza. Essas novas mudanças ocasionaram impactos significativos em diversas áreas, entre elas: econômicas e familiares (MACÊDO, 2020).

A permanência em casa modificou a rotina de muitas famílias. Os pais, que antes trabalhavam fora das suas residências, passaram a realizar seus trabalhos dentro do domicílio: o *home office*. As creches e escolas também foram fechadas neste tempo, fazendo com que as crianças permanecessem em casa. Com a orientação do distanciamento social e a obrigação de reduzir a circulação de pessoas, o serviço prestado por babás ou empregadas domésticas passou a ser assumido pelos pais. Logo, as famílias, que puderam cumprir o isolamento, tiveram suas rotinas completamente alteradas, tendo que assumir toda a responsabilidade de cuidado dos filhos, inclusive, realização das atividades escolares. Conciliar essas atividades com a adaptação ao trabalho remoto e o trabalho doméstico, evidenciou as assimetrias de gênero e a sobrecarga da mulher. A adaptação a esse tempo foi, e tem sido, um grande desafio (MACÊDO, 2020).

Pensando nesse contexto, se discute sobre o trabalho do lar e suas funções. No Brasil, sabe-se que os trabalhos domésticos, sejam eles formais ou não, culturalmente destinam-se às mulheres, desvelando a desigualdade de gênero na sociedade. Há uma naturalização da posição feminina como subalterna, o que acarreta uma sobrecarga de tarefas e, muitas vezes, um adoecimento físico e mental pela exaustão de realizá-las sozinha. Tanto os processos do trabalho remoto quanto da divisão das atividades no ambiente doméstico trouxeram desafios e deixaram mais explícito a carga invisível absorvida pelas mulheres. (MACÊDO, 2020; ONU, 2020).

Muitas questões históricas ligadas à desigualdade de gênero e parentalidade foram sublinhadas conforme o novo coronavírus se espalhou pelo mundo. As novas situações de sobrecarga entre casa, filhos e trabalho criaram a preocupação com a qualidade de vida das mulheres, que são submetidas diariamente a responsabilidades extras (MACÊDO, 2020; ONU, 2020).

A ONU, por meio da ONU Mulheres, publicou, no início de abril de 2020, um documento que lista uma série de impactos potencialmente sofridos durante a pandemia em função do gênero. Na publicação, a ONU cita um aumento global nos casos de violência causados pelo estresse econômico e social somado às medidas de restrição de circulação e contato. Tais fatores são exacerbados por casas cheias demais, abuso de substâncias psicotrópicas, acesso limitado a serviços e falta de apoio (ONU, 2020; KFF, 2020).

A mudança na rotina, associada com as altas demandas profissionais, serviu para acentuar o papel social que é imposto à mulher, e isso afeta diretamente a saúde mental dos responsáveis pela criança. Entre casais heterossexuais, a mulher sente-se cobrada quando é exigido uma boa produtividade no trabalho, casa arrumada e filhos com bom desempenho na escola virtual (TEIXEIRA, 2010; ONU 2020).

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos pela Kaiser Family Foundation (KFF) aponta que 4 entre 10 norte-americanos acreditam que sua vida doméstica foi muito afetada pelas novas dinâmicas impostas com a pandemia, principalmente desde que a OMS recomendou o isolamento. O grupo era composto majoritariamente por pessoas casadas e com filhos de até 18 anos. Entre as mães que enfrentam o fechamento de escolas ou creches, dois terços (66%) dizem que sua vida foi interrompida (ONU, 2020;).

As mulheres de baixa renda e aquelas que trabalham em empregos não-assalariados são as mais propensas a dizer que é difícil encontrar assistência infantil alternativa com o fechamento da escola, pois também estão isoladas da sua rede de apoio, como cuidadores secundários que as apoiavam, tais como avós ou tios (ONU, 2020; KFF, 2020).

Até o momento, no Brasil, não há estudo numericamente detalhado. No entanto, segundo a KFF, um número maior de mulheres - em comparação com os homens - tem se sentido mais estressada devido ao acúmulo de funções, além de temerem pelo futuro do trabalho e da economia e se sentirem ansiosas.

Diante dos impasses, é importante que o núcleo familiar encontre a melhor forma de lidar com as diferenças, visando o bem estar das crianças, sendo estas últimas uma das grandes afetadas por mudanças na rotina. A discussão sobre parentalidade e carreira é importante, pois auxilia na conscientização acerca de novas formas saudáveis para o cuidado com o outro no momento do isolamento exigido pela pandemia do COVID-19, além de incentivar estratégias de enfrentamento para conciliar o trabalho, o cuidado com os filhos e o lar.

2. OBJETIVOS

Incitar discussões entre mães e suas famílias sobre a parentalidade e carreira em tempos de isolamento social.

3. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência da atividade intitulada “Parentalidade e Carreira em Tempos de Isolamento Social: A Evidência da Desigualdade de Gênero”. Realizado remotamente, no formato de *live*, no dia 24 de junho de 2020, através da rede social *Instagram* (@nasceuea-goraufrij) do projeto de extensão intitulado “Nasceu e agora? Educação em saúde no cuidado materno com o bebê” da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus Macaé.

A atividade foi mediada pela Professora Doutora Gizele da Conceição Soares Martins e teve como convidada a Psicanalista Doutora Vera Iaconelli, do Instituto Gerar de Psicanálise.

A *live* teve duração de uma hora e, posteriormente, foi armazenada na rede social do projeto. O tema abordado surgiu decorrente de demandas trazidas pelo público alvo do projeto, que são mães de recém-nascidos e suas famílias, assim como os alunos voluntários inseridos nas atividades. Apesar da interação com a convidada ter sido com a referida professora, as alunas extensionistas estavam diretamente envolvidas na atividade, inclusive, com a elaboração das perguntas que pudessem relacionar o tema ao público alvo do projeto.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de compartilhar saberes, a *live* levantou debates relevantes com temáticas que influenciam a parentalidade, as condições de trabalho e a carreira em período de isolamento social.

A luta das mulheres em busca de um lugar de visibilidade na sociedade começou há muitos anos. Devido ao machismo estruturante da sociedade, a mulher, além de gerar o bebê por cerca de nove meses, é submetida a assumir toda a responsabilidade sobre a criança, sobre o lar e também faz com que ela pense que é exclusiva em todo esse processo, eximindo a responsabilidade do homem nas tarefas domésticas e no cuidado

com os filhos. O silenciamento das dores e incertezas que a mulher sofre nesse processo, gera, muitas vezes, sofrimento e até adoecimento. E, aquelas que não se calam, muitas vezes, são vistas como fracas ou mães que amam pouco seus filhos.

Então, quando se pensa em uma gravidez, a maior afetada acaba sendo a mulher, pois a mesma vai ter seu corpo mudado, sua rotina será diferente e, após o nascimento, ela precisará disponibilizar tempo para os cuidados, como a amamentação, sono, higiene do bebê, além de estar responsável pelas outras tarefas do lar, o que ficou ainda mais evidente em tempos de pandemia.

Toda essa dinâmica familiar está atrelada a um papel social que foi atribuído à mulher ao longo dos anos. Ela era vista como cuidadora, o que se reflete até hoje, ao olhar, por exemplo, famílias que cuidam de idosos ou de outro familiar, normalmente o cuidador principal é uma mulher. E este se tornou um lugar de prestígio: a mulher como cuidadora e o homem como o provedor do lar. Entende-se que, por conta da gestação, o valor da mulher é ligado constantemente à maternidade e é onde precisa acontecer uma metanoia buscando entender e enxergar a mulher para além da maternidade.

Ao encontrarmos um caso de separação dos pais, a guarda compartilhada faz com que o pai exerça a parentalidade de forma mais efetiva e ativa. Se antes havia uma “fuga” desse trabalho, agora ele precisará praticá-la em sua completude. Contudo, na maioria das vezes, esse trabalho é delegado a outra mulher, seja avó, tia ou babá. O processo de separação também causa impactos diretos, principalmente para os filhos, e não deveria ser necessário para que a paternidade fosse vivida em sua totalidade.

Pensando no contexto da pandemia do COVID-19 e no isolamento social, a família passou a exercer todas suas atividades de dentro de casa. O *home office* e o ensino a distância das escolas exigiram mudanças na rotina dos lares. Se for levado em consideração que o pai e a mãe trabalham fora de casa, os dois precisam se dedicar no *home office*. Mas, além disso, as atividades domésticas precisam ser realizadas: cozinhar, limpar a casa, cuidar do filho, ajudar nas tarefas escolares, lavar roupa e muito mais. Se esse trabalho não for dividido entre os dois, com certeza, um ficará mais sobrecarregado que o outro, e, na maioria dos casos, é a mulher que assume a frente de todas essas tarefas.

Para além da execução de todas as atividades, é preciso fazer o planejamento, ter um tempo para pensar na criação de estratégias para

organizar tudo que precisa ser feito no tempo necessário. Todo esse trabalho acaba ficando muito invisível, por trás dos bastidores e gera uma “carga mental”, que abrange os cuidados com o filho e com as atividades da família. Esse período de isolamento social colocou essa questão em maior evidência. Para a psicanalista, as mulheres apresentaram e levantaram a questão da grande sobrecarga mental e física, principalmente nesse tempo de pandemia.

Para mulheres que se encontram em uma situação de sobrecarga, há dois passos para tentar resolver a situação. A primeira reflexão a ser feita é reconhecer a problemática, e isso se dá com a identificação da raiz do problema, que pode estar na própria mulher, como quando ela se torna a centralizadora das tarefas, por pensar que seu valor está na maternidade e no cuidado com o lar, por exemplo, ou pode estar no parceiro que não executa e nem planeja as tarefas a serem realizadas e acaba gerando uma sobrecarga feminina. Seja qual for a razão, identificar e aceitar onde está a falha é o primeiro passo para sua resolução, e, depois, tomar uma atitude que atue no problema identificado anteriormente. Essa ação pode ser deixar de realizar algumas tarefas, conversar com o parceiro e renegociar a divisão dos afazeres.

Atualmente, é visto que os homens têm se conscientizado cada vez mais sobre o seus papéis como pais e homens, estão ressignificando a paternidade, pois eles têm percebido o quanto podem ganhar sendo pais ativos. Recebem afeto, carinho e criam relações saudáveis com seus filhos. Essa nova paternidade também tem se mostrado benéfica às mães, que vislumbram uma divisão mais igualitária no cuidado com a criança, e, se esse movimento continuar, há boas perspectivas de melhora nas relações entre mulheres e homens com menos violência, mais diálogo e uma participação parental equilibrada.

Esse nova forma de paternidade vem sendo construída passo a passo, pois ao contrário das mulheres, poucos homens tiveram exemplos de paternidade ativa e nunca foram ensinados a isso. Então, vem ocorrendo uma quebra de paradigmas e uma reformulação do que é ser pai. Já as mulheres, historicamente, são incentivadas e ensinadas a serem cuidadoras - da casa, dos filhos e do marido. Desde brincueiros a comportamentos aceitáveis, tudo gira em função de construir uma família e cuidar dela.

A parentalidade ativa nas famílias brasileiras encontra um grande obstáculo que é a terceirização das tarefas domésticas e dos cuidados com os seus filhos. O movimento é sempre ter uma mulher substituindo

outra mulher, geralmente, uma mulher preta substituindo uma branca. Isso é decorrente da desigualdade social e é um tema que vem sendo amplamente debatido. Nos últimos anos, no Brasil, há um movimento de ampliação de vagas para mulheres pretas ingressarem nas universidades. Esse movimento é fundamental para a retirada das minorias de situações de vulnerabilidade, além de oferecer melhores oportunidades para elas conseguirem empregos com maior remuneração e estabilidade.

Quando indagada acerca da pressão sobre as mulheres em dar conta de tudo, a psicanalista advertiu sobre os perigos que há em centralizar todos os serviços na figura feminina e que a sociedade vende uma falácia de que mulher perfeita é aquela que é bem sucedida no emprego, cuida dos filhos de forma exemplar, que tem tempo para o marido, tem casa sempre arrumada, está sempre bonita e, ainda, esbanja bom humor. Essa mulher perfeita não existe e esse tema tem sido um tabu ao longo do tempo, pois elas carregam esse fardo de serem perfeitas, não conseguem espaço para dialogar umas com as outras, e, por vezes, têm o seu direito de fala reprimido pelo julgamento de outros. Esse fardo tem sido muito pesado e tem adoecido mulheres em todo o mundo, principalmente na área da saúde mental.

Também é importante se atentar ao fato que não há parentalidade correta, cada família tem sua especificidade, seu contexto social, econômico e, em consenso, individualmente, vão encontrar ou criar a melhor forma de lidar com seus filhos, promovendo um ambiente confortável para que eles cresçam seguros e saudáveis.

Por fim, quando questionada sobre como a universidade contribui na formação de profissionais que agreguem na diminuição da diferenciação de gênero na parentalidade e na saúde mental materna, a psicóloga cita duas atitudes fundamentais. A primeira é refletir sobre nosso discurso e cruzá-lo com questões raciais, antropológicas, históricas e pensarmos de onde ele vem, com isso, identificamos pensamentos preconceituosos e ideias erradas sobre esses assuntos. A segunda é identificar as lacunas de conhecimentos que temos, pois, nosso discurso não é fechado, sempre tem algum aspecto que não conhecemos ou não entendemos, identificar essas lacunas é importante para aprender e melhorar nossas atitudes.

5. CONCLUSÃO

Com a discussão sobre “parentalidade e carreira em tempos de isolamento social: a evidência da desigualdade de gênero” foi possível abrir discussões no âmbito familiar, relacionando com o período de isolamento social promovido pela COVID-19. Acentuou-se como as diferenças de gênero, que já existiam na divisão de tarefas domésticas e no exercício da parentalidade, se agravaram e como deve-se refletir sobre ela.

Destaca-se que este tema precisa ser cada vez mais abordado no contexto universitário, seja no ensino, na pesquisa e na extensão. Pontua-se a relevância de novas discussões e criação de estratégias para o enfrentamento de desigualdades que possam prejudicar a carreira e a saúde mental dos integrantes da família, em especial, a mulher.

É importante ressaltar que não existe modelo correto de parentalidade, cada casal irá se adequar de acordo com suas rotinas. Vale lembrar que os casais homoafetivos também tem suas particularidades e enfrentam dificuldades que não foram abordados na explanação. A singularidade de cada lar irá contribuir para construção de um ambiente seguro e saudável para o desenvolvimento de seus filhos e enfrentamento da pandemia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KAISER FAMILY FOUNDATION. *Coronavirus Poll*. March 2020.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. *Rev. NUFEN*, Belém, v. 12 n. 2, maio/ago. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012

TEIXEIRA, DV. Desigualdade de gênero: sobre garantias e responsabilidades sociais de homens e mulheres. *Revista Direito GV*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 253-274, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rdgv/v6n1/12.pdf>

TORRES, EC. MATEOS, JT. ROSELL, EC. COVID-19 from a gender perspective. *SESPAS*, v. 34, n. 5, p. 419-421, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2020.04.007>

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Chefe da ONU alerta para aumento da violência doméstica em meio à pandemia do coronavírus*. 2020 Disponível em: <https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-oronavirus/amp/>. Acesso em: 23 jun. 2020.

PRÁTICAS EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS: ATIVIDADES INTEGRADAS DE ENSINO E EXTENSÃO

17

LAÍS BURITI DE BARROS

COORDENADORA DO PROJETO DE EXTENSÃO ALIMENTOS E MEIO AMBIENTE:
ESTRATÉGIAS PARA REDUÇÃO DO IMPACTO AMBIENTAL NA PRODUÇÃO
E NO PROCESSAMENTO DE ALIMENTOS

PRISCILA VIEIRA PONTES

DOCENTE DO INSTITUTO DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO UFRJ - MACAÉ

BEATRIZ DO NASCIMENTO CORRÊA DOS SANTOS

DOCENTE DO INSTITUTO DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO UFRJ - MACAÉ

REMELY RODRIGUES SANTOS

GRADUANDA EM NUTRIÇÃO - UFRJ-MACAÉ

RESUMO

O relato apresenta a experiência desenvolvida na disciplina obrigatória “Práticas em Ciência e Tecnologia de Alimentos”, do Curso de Nutrição da UFRJ – Macaé, durante o período letivo remoto de 2020.1. Trata-se da integração entre ensino e extensão universitária, que promove a aproximação dos discentes com a sociedade, especialmente com produtores e processadores artesanais de alimentos da Região Norte Fluminense. Com o cenário remoto, algumas limitações foram apresentadas, porém os trabalhos desenvolvidos pelos discentes atenderam as diretrizes da extensão universitária e apresentaram possibilidades, tais como o aprimoramento de habilidades tecnológicas e o desenvolvimento de criatividade para o planejamento e desenvolvimento das ações.

PALAVRAS-CHAVE

*Ciência e Tecnologia de Alimentos; Extensão Universitária;
Ensino Superior; Produção Artesanal de Alimentos.*

1. INTRODUÇÃO

Práticas em Ciência e Tecnologia de Alimentos (PCTA) é uma disciplina obrigatória com carga horária total de 90h semestrais, distribuídas em 15h de teoria, 30h de prática e 45h de extensão, cursada regularmente no quinto período do Curso de Nutrição do *Campus* UFRJ-Macaé. A disciplina tem como proposta o treinamento prático em controle e garantia de qualidade das matérias-primas, produtos acabados e processos, através de análises físicas, químicas, microbiológicas e sensoriais. Desde a sua criação, PCTA contemplava no seu plano de ensino visitas técnicas a locais de produção, processamento e controle da qualidade de alimentos, o que permitia um contato presencial com a sociedade, garantindo que os alunos conhecessem os cenários reais de atuação profissional e entendessem as demandas da comunidade no âmbito da Ciência e Tecnologia de Alimentos.

As atividades realizadas em PCTA envolvem os discentes, organizados em grupos de três a, no máximo, cinco membros, para desenvolver ações junto ao projeto de extensão *“Alimentos e meio ambiente: estratégias para redução do impacto ambiental na produção e no processamento de alimentos”*, pautadas nas diretrizes da extensão universitária (FORPROEX, 2012) e nas premissas do modelo metodológico participativo (pesquisa-ação) por estimular a ajuda mútua, o comprometimento e solidariedade entre os envolvidos (THIOLLENT, 2008). As fases das atividades desenvolvidas incluem a fase preliminar, fase exploratória (estudo de campo), fase principal (planejamento da ação), fase da ação e fase de avaliação (QUEIROZ, 2012).

A fase preliminar é composta da seleção do local e dos parceiros, momento no qual se estabelece o vínculo entre os discentes e os produtores e processadores de alimentos da Região Norte Fluminense.

Na fase exploratória é realizado o diagnóstico situacional que visa identificar as condições de produção e processamento de alimentos e as percepções quanto às práticas sustentáveis. É também nesta fase que inicia-se o diálogo com os parceiros para conhecimento das reais demandas, através de uma escuta qualificada. Em sequência, com a atuação do docente como orientador do processo, os discentes elaboraram o planejamento estratégico que tem como objetivo avaliar os resultados da fase exploratória, no intuito de estabelecer e pactuar ações a serem desenvolvidas.

Na fase de ação ocorre o desenvolvimento das ações previstas no planejamento estratégico. Entre as ações implementadas desde a criação do PCTA predominam trabalhos que envolvem, por exemplo, o aprimoramento tecnológico de produtos alimentícios; desenvolvimento de novas formulações; rotulagem; treinamento e consultoria e *marketing*.

Na fase de avaliação, após o levantamento dos resultados, são discutidos de forma ampla e com participação coletiva, o potencial das ações e os principais entraves a serem superados. Deste modo, o contato permanente entre os envolvidos, em todas as etapas do processo, favorece o atendimento com excelência ao tripé ensino, pesquisa e extensão por meio da integração entre a Universidade e a comunidade da Região Norte Fluminense.

Face ao formato previsto para PCTA, evidenciou-se o desafio de adaptação desta disciplina para o modelo de ensino remoto adotado pela UFRJ como consequência das restrições sanitárias impostas em decorrência da pandemia de COVID-19. Sendo assim, este relato tem como objetivo apresentar as atividades integradas de ensino e extensão desenvolvidas durante o período 2020/1 remoto.

2. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO

A principal proposta de PCTA é o treinamento prático dos discentes que já concluíram todas as demais disciplinas obrigatórias do eixo de Ciência e Tecnologia de Alimentos, compreendidas por Composição e Bioquímica de Alimentos, Microbiologia e Higiene de Alimentos, Processamento de Alimentos I e Processamento de Alimentos II. Sendo assim, PCTA corresponde ao cume prático de consolidação dos conhecimentos nesta área de ensino para formação profissional dos discentes, considerando que não há estágio supervisionado na referida área no presente Curso.

Cabe destacar que todas as atividades realizadas ocorriam de modo presencial, como visitas técnicas iniciais de ambientação; visita exploratória no local selecionado para desenvolvimento da proposta de trabalho e, de forma subsequente, para implementação das ações e avaliação das mesmas; encontros semanais de orientação, acompanhamento e supervisão docente em sala de aula e/ou em laboratórios.

Entretanto, considerando a situação atípica do ensino presencial decorrente da pandemia de COVID-19, mediante autorização para ensino remoto como soluções transitórias para o Ensino de Graduação na UFRJ (UFRJ, 2020), a realização das atividades de PCTA durante o período de isolamento social, deu-se em caráter excepcional por meio de tecnologias digitais de informação e comunicação de forma exclusiva, ou seja sem atividades presenciais.

Este relato de experiência foi produzido a partir da percepção construída de forma coletiva entre as três docentes responsáveis pela condução de PCTA, no período 2020/1 remoto, com base na avaliação individual e conjunta das docentes sobre o transcorrer de PCTA no referido período; no desempenho individual e coletivo dos discentes; bem como na avaliação discente somada aos depoimentos dos parceiros atendidos pelos trabalhos desenvolvidos neste período. Registra-se ainda, que o período 2020/1 ocorreu com apenas doze semanas letivas, sendo o mais curto já vivenciado por PCTA desde a sua implementação.

3. PROCEDIMENTOS REALIZADOS

Para o período 2020/1 as atividades de PCTA foram desenvolvidas junto ao projeto de extensão *“Alimentos e meio ambiente: estratégias para redução do impacto ambiental na produção e no processamento de alimentos”*, tendo a temática norteadora para as propostas de trabalho: sustentabilidade, alimentos e meio ambiente.

Em respeito e atendimento ao isolamento social, abraçou-se o ensino remoto para condução de PCTA e fez-se necessário adotar as seguintes medidas para realização das atividades:

1. O acolhimento dos discentes, a apresentação da disciplina e aulas teóricas foram ministradas em ambiente virtual de forma síncrona pela plataforma *Zoom*, inclusive para conteúdos teóricos específicos como: Planejamento estratégico; Empreendedorismo e Inovação em Ciência e Tecnologia de Alimentos, contou-se com a participação remota de especialistas externos.
2. As aulas síncronas foram gravadas e disponibilizadas na plataforma *Google Classroom*, bem como também foram compartilhados materiais didáticos com orientações pedagógicas, material complementar de leitura, atividades, plano de ensino, normas e cronograma.

3. As visitas técnicas iniciais foram totalmente suspensas e substituídas pela apresentação dos parceiros da disciplina e do projeto de extensão vinculado a PCTA, realizada pela docente coordenadora do referido projeto pela plataforma *Zoom*.
4. Formação de grupos de trabalho entre os discentes por meio de livre escolha.
5. Concessão de liberdade na busca e escolha de novos parceiros para realização dos trabalhos pelos discentes, dentro da temática norteadora do período letivo, a fim de preservar o atendimento do público alvo definido pelo projeto de extensão vinculado a PCTA.
6. Apresentação das propostas de trabalho pelos grupos, ocorreu em um encontro coletivo para a turma de forma síncrona pela plataforma *Zoom* com realização de *brainstorming*, técnica de dinâmica de grupo, desenvolvida para explorar a potencialidade criativa, utilizando a diversidade de pensamentos e experiências para gerar soluções inovadoras.
7. Divisão dos grupos de trabalho entre os três docentes para orientação, acompanhamento e supervisão das atividades, realizados semanalmente, no horário regular da disciplina.
8. A avaliação dos trabalhos deu-se em duas fases, ambas compostas por trabalho escrito e seminário, o primeiro entregue em formato digital por correio eletrônico e o último realizado de forma síncrona pela plataforma *Zoom*, em encontro coletivo para a turma. Na primeira fase, a avaliação referiu-se ao planejamento estratégico e, na segunda fase, às etapas subsequentes de desenvolvimento da ação, avaliação de resultados e conclusão do trabalho.
9. A avaliação de PCTA foi realizada pelos discentes de forma individual, por meio de questionário *online* anônimo, a fim de identificar pontos positivos e de melhoria para o constante aprimoramento da disciplina, considerando aspectos de auto-avaliação e do processo de ensino-aprendizagem, sobretudo no contexto de ensino remoto.
10. O encontro final de partilha e discussão coletiva sobre PCTA como um todo: condução, expectativas, experiências, desempenho, avaliação docente e discente, foi realizado pela plataforma *Zoom*, de modo síncrono.

4. RESULTADOS

No período de 2020/1 foram desenvolvidos seis trabalhos pelos vinte e nove concluintes de PCTA. Todos os trabalhos atenderam aos objetivos do projeto de extensão vinculado à unidade curricular, promovendo iniciativas sustentáveis para parceiros que atuam no ramo de alimentos. Os temas dos trabalhos, os parceiros, as demandas e as principais ações e produtos estão apresentados no *Quadro 1*.

| Título do trabalho | Parceiro / local | Demanda | Principais ações e produtos |
|---|---------------------------------------|--|--|
| Aproveitamento de resíduo de malte de uma cervejaria artesanal para elaboração de um produto alimentício. | Cervejaria artesanal – Cantagalo, RJ. | Desenvolvimento de uma alternativa para dar destino ao bagaço de malte proveniente da produção de cerveja. | Elaboração de pães à base de bagaço de malte. Desenvolvimento das fichas técnicas de preparo e do rótulo nutricional. |
| Elaboração de cardápio digital e cartão de visita interativo, como estratégia de marketing para uma microempresa de buffet em Niterói – RJ. | Microempresa de buffet – Niterói, RJ. | Elaborar um plano de marketing digital. | Criação de um cardápio digital contendo informações sobre a lista de ingredientes e as informações nutricionais das preparações. Criação de um cartão de visita digital interativo com QR code, para uso nas redes sociais. |

| Título do trabalho | Parceiro / local | Demanda | Principais ações e produtos |
|--|--|---|--|
| Elaboração de um livro de receitas priorizando hortaliças da safra de fevereiro e março - Travessão, Campos dos Goytacazes-RJ. | Microempresa de refeições - Campos dos Goytacazes, RJ. | Desenvolvimento de novas receitas para diversificação do cardápio. | Criação de um livro contendo cinco novas receitas, cada uma com a ficha técnica de preparo e o rótulo nutricional. Criação de um formulário para pesquisa de satisfação dos clientes; Elaboração de <i>posts</i> para marketing digital. |
| Embalagem sustentável para um produto de chocolate. | Microempresa de chocolate artesanal – Macaé, RJ. | Criação de uma embalagem sustentável para ovo de páscoa de chocolate artesanal. | Criação de embalagens primárias e secundárias sustentáveis e com bom custo-benefício para ovo de páscoa de chocolate artesanal. |
| Estratégias para a redução do desperdício de frutas comercializadas em mercados de bairro. | Dois Mercados e uma padaria – Macaé, RJ. | Criação de estratégias para redução do desperdício de frutas em três estabelecimentos comerciais. | Levantamento dos pontos críticos para desperdício das frutas comercializadas. Material informativo com sugestões para redução do desperdício. |

| Título do trabalho | Parceiro / local | Demanda | Principais ações e produtos |
|---|---|---|---|
| Treinamento em boas práticas de fabricação para restaurante delivery especializado em comida japonesa da região Norte Fluminense. | Rede de restaurantes delivery – Macaé, Trajano de Moraes e Santa Maria Madalena | Treinamento dos manipuladores de alimentos. | Desenvolvimento de cinco vídeos sobre Boas Práticas de Fabricação. Treinamento com manipuladores de alimentos. |

Dos seis trabalhos, cinco atenderam empresas de produção, processamento ou comercialização de alimentos de Macaé, Campos de Goytacazes, Trajano de Moraes e Santa Maria Madalena, municípios da região Norte-fluminense, como previsto pelo projeto de extensão. Entretanto, diante do cenário remoto e da possibilidade de interação dialógica com os parceiros através de plataformas digitais, houve a ampliação das ações para outros municípios, como o caso de um dos trabalhos que atendeu um prestador de serviços de alimentação de Niterói. Todos os parceiros foram escolhidos pelos discentes, sendo que em dois trabalhos o próprio parceiro era integrante do grupo.

O diálogo virtual de certo se difere do presencial. Uma preocupação inicial tanto dos docentes quanto dos discentes, relatados por eles na avaliação, referiu-se sobre como se daria o estabelecimento de vínculo e a interação dialógica com os parceiros. No entanto, este não foi um entrave apresentado pelo formato remoto, pois todos os grupos, através dos meios digitais, mantiveram contato com os seus parceiros durante todo o período letivo.

As ações planejadas para atender as demandas dos parceiros foram desenvolvidas a contento. Foi percebido pelas docentes que a autonomia e o protagonismo dos discentes, características estimuladas na disciplina no formato presencial, foram mantidas e até potencializadas no formato remoto, uma vez que um cenário novo se apresentou, impondo algumas restrições como, por exemplo, o desenvolvimento de ações que necessitavam de laboratórios.

Uma possibilidade do formato remoto foi a participação de convidadas externas, de outras regiões, que participaram de aulas síncronas para

trocar saberes sobre planejamento estratégico, empreendedorismo e inovação na área de alimentos, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades necessárias à formação profissional. Os encontros virtuais também permitiram a participação de alguns parceiros na apresentação final dos trabalhos, o que poderia ser um dificultador no formato presencial.

Importante registrar que alguns parceiros relataram que as ações desenvolvidas de forma conjunta com os discentes superaram as suas expectativas. Os depoimentos dos parceiros expressaram gratidão, de forma emocionada, à oportunidade de ter melhorias nos seus serviços, fruto de uma integração da universidade com a sociedade. Os discentes também relataram que um dos pontos fortes de PCTA foi a possibilidade de trocar saberes com os parceiros, permitindo a aproximação com a atuação profissional. Percebe-se assim que, mesmo com o formato remoto, PCTA conseguiu manter a integração ensino e extensão universitária, compartilhando conhecimento para atender às reais demandas da sociedade.

É inegável que o formato remoto impôs algumas limitações. De uma forma geral, a ausência de ambiente adequado, a dificuldade de acesso à internet e a necessidade de trabalhar no horário da aula foram alguns entraves apontados pelos discentes para a adaptação ao ensino remoto. Mais especificamente sobre PCTA, o sentimento de frustração foi manifestado pelos discentes quanto à impossibilidade de realizar as visitas técnicas. Relataram que já tinham criado expectativa de conhecer locais de produção e processamento de alimentos, pois já haviam compartilhado com os colegas de períodos mais avançados sobre esta experiência que impacta positivamente na formação.

O formato remoto também limitou algumas ações que poderiam ser desenvolvidas pelos discentes, como o desenvolvimento e a análise sensorial de novos produtos, que aconteciam presencialmente nos laboratórios do Curso de Nutrição. Um dos grupos de 2020/1 optou pelo desenvolvimento de um produto alimentício, que foi o caso do pão à base de bagaço de malte. Entretanto, os docentes avaliaram que houve limitações no trabalho, que era para desenvolver em grupo e foi, na prática, desenvolvido por apenas um dos integrantes. Além disso, a análise sensorial do produto foi inadequada, pois não foi possível seguir as exigências do método que envolvem um número elevado de provadores. Esta experiência influenciou na decisão das docentes de permitir trabalhos dessa natureza apenas quando retornarem às atividades presenciais.

Cabe destacar que parte das limitações foi consequência do apertado cronograma de 2020/1. Docentes e discentes consideraram o período de doze semanas muito curto para o desenvolvimento da disciplina, o que refletiu na necessidade de encontros fora do horário previsto e sensação de sobrecarga de trabalho. Além disso, mesmo havendo o planejamento estratégico dos trabalhos, algumas ações ficaram prejudicadas ou até mesmo impossibilitadas de serem realizadas, devido a inflexibilidade do cronograma. Embora a continuidade das parcerias seja prevista e incentivada em PCTA, através dos trabalhos desenvolvidos pelos próximos ingressantes ou extensionistas do projeto de extensão vinculado, é edificante para o discente quando ele consegue finalizar o trabalho proposto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação dialógica, a interdisciplinaridade e a interprofissionalidade, a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, o impacto na formação do estudante e o impacto na transformação social, diretrizes da extensão universitária, foram atendidas nas ações desenvolvidas pelos discentes em PCTA.

A adaptação ao ensino remoto foi desafiadora e exigiu mais empenho e dedicação, tanto das docentes quanto dos discentes. Entretanto, mesmo com as limitações impostas, foram percebidas algumas possibilidades deste formato, tais como a participação de convidados e de parceiros de outras regiões. Além disso, o novo cenário oportunizou aos discentes o aprimoramento de habilidades tecnológicas e o desenvolvimento de criatividade para o planejamento e desenvolvimento das ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FORPROEX.FÓRUMDEPRÓ-REITORESDEEXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDDISCIPLINA AÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Porto Alegre: Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. (Coleção Extensão Universitária, v. 7).

GONDIN, S.M.G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

QUEIROZ, A. C. L.; CARDOSO, L. S. M.; HELLER, L.; CAIRNCROSS, S. O uso da pesquisa-ação para a avaliação e o aprimoramento de práticas integradas para a vigilância da qualidade da água para consumo humano: potencialidades e desafios. *Engenharia Sanitária e Ambiental*, v. 17, n. 3, p. 277-286, 2012.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 132 p.

UFRJ, CEG. Resolução CEG n. 03, de 17 de junho de 2020. Dispõe sobre a adoção de períodos letivos excepcionais e autorização de ensino remoto [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 25 de jun. 2020. *Boletim extraordinário*, n. 26, p. 1-2. Disponível em: <http://www.psicologia.ufrj.br/images/26-2020-extraordinrio.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

PRAZER EM CONHECER - TEMAS DA ATUALIDADE: COVID-19

18

MIRELLA PUPO SANTOS

COORDENADORA DO PROJETO PRAZER EM CONHECER - TEMAS DA ATUALIDADE: COVID-19

ARTHUR VINÍCIUS DE SANT'ANNA LOPES • LUIGI PEREIRA CUNHA • AMÉRICO DE ARAÚJO PASTOR JUNIOR • ANA CAROLINA ALMEIDA FERNANDES • ALINE LEMOS FERREIRA • ALINE MAIA ALVES • DAIANA VIEIRA LOPES ALVES • DANIEL BASILIO ZANDONADI • ENOQUE RIBEIRO • HENRIQUE ROCHA MENDONÇA • IASMIM AQUINO PACHECO BARBOSA • JOÃO VICTOR DA SILVA RABELO ARAUJO • LETÍCIA DE ALBUQUERQUE DUARTE • LORRANA FARIA FONSECA • LUPIS RIBEIRO GOMES NETO • MANUELA LEAL DA SILVA • MAGDALENA NASCIMENTO RENNÓ • VINNÍCIUS MACHADO SCHELK GOMES

INSTITUTO DE BIODIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE, NUPEM — UFRJ

ANA CAROLINA SILVA BULLA

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

CAROLINE DO AMARAL E SILVA

PAULA ALVAREZ ABREU

YAGO FROSSARD CARVALHO CÉLEM

FACULDADE MUNICIPAL DE MACAÉ - PROFESSOR MIGUEL NGELO DA SILVA SANTOS

RESUMO

Atentando para a situação da pandemia de COVID-19, o projeto de extensão universitária *Prazer em conhecer: Temas da atualidade*, vem desenvolvendo ações de divulgação científica sobre a doença, tendo em vista a problemática das *Fake News* e desinformação sobre o tema. Em primeiro plano, as atividades do projeto focaram na produção de uma coleção de cartilhas, intituladas "De Olho na COVID-19", além de publicações em redes sociais. Foram produzidas mais de 50 postagens, as quais foram utilizadas na confecção de três cartilhas digitais. Considerando apenas o *Instagram*, tivemos como resultado mais de 19.000 contas alcançadas, 2344 reações positivas e 1782 compartilhamentos. Diante dos resultados preliminares, esperamos produzir novas edições de cartilhas de forma a contribuir com a divulgação científica de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE

COVID-19; Divulgação Científica; Mídia Social; Cartilhas Educativas.

1. INTRODUÇÃO

Pesquisas científicas estão, majoritariamente, limitadas a plataformas específicas, de naturezas altamente exclusivas, o que culmina em um grave problema social: a informação sequer chega a grande parte da população. Entre diversos outros impulsionadores dessa questão, pode-se citar o fato da linguagem científica não ser acessível a uma parcela significativa da sociedade. Portanto, mesmo que determinada mensagem consiga chegar ao grande público, não há garantias de que os espectadores irão entendê-las do mesmo modo que foi intencionado. Dessa forma, todo esse conhecimento produzido na academia está, de modo geral, desconectado do cotidiano das pessoas.

Esse cenário revela a importância de se refletir sobre as complexidades envolvidas nos processos comunicativos. Isso se tornou ainda mais evidente quando, durante a pandemia, a ciência ganhou destaque em diversas esferas e contextos, com perspectivas tanto positivas quanto negativas.

Sem dúvida a percepção das contribuições das ciências à sociedade tem variado historicamente ao longo dos anos. No entanto, mesmo sabendo que o problema da dificuldade de entendimento de resultados e informações científicas tem como cerne o ensino e o letramento científico precários na educação básica dos brasileiros, nós como universidade, pesquisadores, futuros docentes e profissionais, devemos atuar de alguma forma, tentando dirimir esses problemas.

No contexto da pandemia do novo coronavírus, a imprensa de grande circulação tem tido, em geral, um importante papel em orientar acerca de condutas de prevenção. Ainda assim, uma parcela da população apresenta uma aparente resistência em adotar tais práticas. Esse quadro se torna ainda mais complexo quando observamos que disputas políticas polarizaram o enfrentamento da pandemia, lançando conseqüentemente uma série de desconfianças sobre a ciência, os pesquisadores, os médicos e os demais profissionais da saúde. Portanto, as ciências estão em dupla jornada: não só se esforçando para desenvolver soluções diretas a pandemia (medicamentos, vacinas, tratamentos, estratégias de saúde pública, etc.), mas também buscando fazer divulgação científica e combater informações falsas.

Atualmente, não há como ignorar o papel fundamental das redes sociais no mundo. A necessidade de acesso rápido à informação em tempos de pandemia impõe uma série de adaptações à rotina dinâmica das

redes. Essas, sem dúvida, passaram a ser canais centrais para a difusão e perfusão de todo tipo de informação - nem sempre correta, de qualidade, mas altamente “viral”, sendo capaz de chegar a milhões de pessoas.

Assim, a divulgação científica não pode se eximir da responsabilidade de se tornar mais acessível, como é idealizada, principalmente no contexto atual da pandemia de COVID-19. Nas redes sociais, principalmente *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*, já se observam diversas iniciativas de extensão e divulgação científica cavando seu espaço, mesmo que timidamente. É evidente que a linguagem das redes não se demonstra muito acolhedora de jargões e elucubrações científicas, que têm importância, porém em outro contexto - o acadêmico. A informação deve ser atrativa, resumida, visual, esquemática e didática, porém sem perder seu caráter científico e sua qualidade. Esse deve ser um dos grandes desafios da comunidade científica, e, sem dúvidas, componente necessário para a potencialização da pesquisa científica.

Sob essa ótica, torna-se indispensável a divulgação de pesquisas científicas publicadas num formato didático, de modo a promover a troca e a produção de novos conhecimentos. O projeto *Prazer em conhecer: Temas da atualidade* surgiu, portanto, com o foco de atuar justamente na divulgação científica e, conseqüentemente, no combate à desinformação. As atividades dos primeiros meses de projeto focaram na produção de materiais educativos no formato de cartilha e nas publicações em redes sociais (*Instagram* e *Facebook*). O presente trabalho descreve o processo de elaboração e produção dos materiais, bem como elucida o alcance da divulgação científica na sociedade.

2. OBJETIVO GERAL:

Produzir mídias, oficinas e minicursos voltados à comunicação científica de modo que melhor consigam abordar a população e dar a ela acesso a conhecimentos produzidos na academia.

3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Combater as *fake news* (desinformação);
- Democratizar os artigos científicos;

- Trabalhar a capacidade de leitura e de síntese de conteúdo;
- Incentivar o prazer de conhecer novos assuntos e aprofundá-los;
- Desmistificar o conhecimento científico tornando-o palpável para além dos muros da universidade;
- Promover a formação continuada de profissionais por meio de minicursos.

4. METODOLOGIA

Tendo em vista o cenário da pandemia de COVID-19 no Brasil, todos os processos de organização, produção e ajustes das ações de extensão do projeto foram realizados de modo online. Foi estabelecido que o projeto se dividiria em três etapas:

1. Produção e divulgação de materiais em formato de *post* (*Instagram* e *Facebook*) e confecção de cartilhas educativas a partir dos materiais desenvolvidos para os *posts*;
2. Produção de minivídeos e *podcasts* sobre temas de destaque do meio científico;
3. Produção, organização e divulgação de minicursos.

Durante os primeiros meses, definiu-se que todos os integrantes do projeto estariam envolvidos com a produção e a divulgação de *posts* de divulgação científica. Isso se deu em primeiro plano para que o projeto se estruturasse, amadurecesse e conquistasse engajamento nas redes sociais e, uma vez que a produção de vídeos, *podcast* e minicursos (etapas 2 e 3) requer uma série de aptidões, desenvolvimento de habilidades e estrutura, além de demandar mais tempo, os *posts* foram considerados ferramentas ideais de trabalho na amplificação da comunicação científica.

O desenvolvimento das mídias de divulgação seguiu as seguintes etapas:

4.1. ESCOLHA DO TEMA CENTRAL A SER ABORDADO.

Todos os *posts* do projeto têm e tiveram como grande tema a COVID-19, no entanto os pontos de maior destaque no período foram escolhidos como os mais interessantes para a proposta do trabalho. Esses pontos de destaque foram interpretados como dúvidas frequentes, combate à *fake news* “virais”, resultados científicos proeminentes, entre outros. Portanto,

o objetivo não era apenas divulgar eventuais trabalhos científicos de destaque, mas sim estar diretamente conectado com as reais demandas da sociedade sobre o tema.

4.2. PRODUÇÃO E AJUSTES DAS MÍDIAS

Todos os *posts* se basearam em artigos científicos, que foram traduzidos e sintetizados, tendo sido a sua linguagem adaptada, com o intuito de tornar a mensagem acessível à grande parte da população.

Após a produção de cada *post*, todos os integrantes do projeto faziam suas considerações sobre o material, recomendando tópicos a serem elucidados, tamanho de fonte, destaque de alguns conteúdos, cores, formas e objetos, para controle das leituras esperadas, acentuação de características e manipulação dos recursos estéticos para o reforço da mensagem.

Essa etapa de ajustes foi crucial para que os materiais desenvolvidos pelo projeto se aproximassem cada vez mais do objetivo de tornar a linguagem científica mais acessível.

4.3. DIVULGAÇÃO

Todos os posts foram publicados nas páginas do *Instagram* @ufrjprazeremconhecercovid19 e *Facebook*, além de contas pessoais de integrantes do projeto. Materiais também foram encaminhados internamente por aplicativos de mensagem, como *Whatsapp*.

4.4. CONFECÇÃO DA COLEÇÃO DE CARTILHAS EDUCATIVAS

Com o avanço das publicações nas redes sociais, parte dos integrantes do projeto ficaram responsáveis por compilar todos os materiais produzidos até aquele momento em diferentes cartilhas, disponibilizadas em formato e-book. Toda a diagramação, a organização, as cores, os esquemas, os infográficos e o fluxo de leitura foram pensados de modo a garantir que o material fosse acessível, fácil e direto para o leitor.

5. RESULTADOS

Com apenas um ano, as ações de extensão do projeto já alcançaram frutos interessantes. Em primeiro plano, é importante destacar alguns resultados gerais até o momento.

Em cerca de 12 meses, as páginas de divulgação científica em redes sociais foram desenvolvidas e passaram a ser o principal canal do projeto para a divulgação das mídias produzidas. Nesse período, o perfil do *Instagram*, por exemplo, passou de algumas dezenas de seguidores nos primeiros meses para mais de 1300, em abril de 2021.

Vale destacar que, inicialmente, a maioria dos seguidores estava limitado a integrantes do projeto, professores ou estudantes do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade - NUPEM/UFRJ. Atualmente, pode-se observar uma grande diversidade das contas que acompanham o trabalho do projeto. As contas alcançadas já se estendem por grande parte do estado do Rio de Janeiro, com destaque para a capital, Macaé, Rio das Ostras, Campos dos Goytacazes e Niterói. A cidade do Rio de Janeiro, inclusive, já ultrapassou o número de seguidores de Macaé, berço do presente projeto de extensão. Os materiais de divulgação também já alcançam pessoas das 5 regiões do Brasil. Uma parcela bem reduzida de contas, cerca de 1% do total de seguidores, está localizada em outros países, como Argentina, Austrália, Colômbia e Peru.

No entanto, nota-se que o crescimento das plataformas digitais do projeto está-se dando de modo exponencial. Comparem-se alguns resultados das mídias produzidas em dois períodos específicos: novembro de 2020 e abril de 2021, oito e doze meses após o início do projeto, respectivamente.

Em novembro de 2020, os posts produzidos pelo projeto e publicados no *Instagram* contava com um total de 9.900 contas alcançadas, 1.080 reações positivas (curtidas) e 553 compartilhamentos.

Já em abril de 2021, esses números chegaram a um total de 19.869 contas alcançadas, 2.344 reações positivas (curtidas) e 1.782 compartilhamentos.

É importante destacar o curto período entre tais dados, em que se atingiu, mesmo assim, mais que o dobro dos valores em todas as categorias observadas.

Ao todo, até o momento, foram produzidas 58 postagens, que tiveram como referência cerca de 210 artigos científicos. Tais materiais foram compilados e divididos em uma coleção de três cartilhas digitais. A primeira cartilha, lançada em junho de 2020, conta com 27 artigos científicos, já a segunda, de setembro de 2020, 67 artigos científicos e a terceira, por sua vez, de janeiro de 2021, totalizou 88 artigos científicos. Essas três cartilhas estão disponíveis para leitura e download no site do NUPEM/UFRJ (<https://www.macaueufrj.br/nupem/>), bem como no site da UFRJ,

na página <https://coronavirus.ufrj.br/>. A quarta cartilha já está em processo de produção e vai contar com pelo menos 30 artigos científicos.

Mesmo que sejam de difícil mensuração, outras questões também muito interessantes foram observadas. Com o avanço do projeto e o amadurecimento das redes sociais, a cada novo material publicado cresce o número de interações entre as pessoas e o perfil do projeto. Assim, é possível que o perfil da extensão esteja na direção correta, consolidando-se como um ambiente de fonte e troca de informações entre diversos setores da sociedade. Atualmente, é mais frequente observar postagens com seguidores comentando algum relato pessoal, fazendo questionamentos, tirando dúvidas, agradecendo, entre outros. Em números, isso pode ser constatado com o aumento de 330% nas interações com o conteúdo no mês de março de 2021, no perfil do *Instagram*.

Por fim, observamos que uma considerável parcela dos nossos seguidores é composta por profissionais da saúde e outros perfis de divulgação científica, que recorrentemente utilizam nossos materiais para divulgação em seus próprios perfis.

Apesar dos números ainda modestos, acreditamos que tais resultados mostram que o projeto está no caminho certo, progredindo, aperfeiçoando-se e conseguindo aos poucos romper as barreiras da academia, auxiliando a que o conhecimento científico chegue à sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, houve um aumento significativo do uso diário de redes sociais e de mídias digitais como fontes de informação. Essas ocorrem em grande intensidade e frequência, alcançando assim uma ampla diversidade de público, que por vezes não distingue informações confiáveis de *fake news*. De fato, há também um problema quase crônico da ciência: o distanciamento ou a dificuldade de alguns cientistas com atividades que busquem sua popularização. Assim, o presente projeto vem buscando justamente auxiliar na construção da ponte entre ciência e sociedade. Como consequência, esperamos contribuir para elevar o potencial educativo da população geral, auxiliando-os no entendimento sobre a ciência e os seus métodos. Diante dos resultados preliminares, esperamos produzir novas edições de cartilhas de forma a contribuir com a divulgação científica de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 7ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GARCIA, Leila Posenato; DUARTE, Elisete. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. 2020.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. *The spread of true and false news online*. Science, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.

PROJETO LEITURA DE TEXTOS: CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA: DESAFIOS E PRÁTICAS



REGINA SOUZA GOMES

COORDENADORA DO PROJETO LEITURA DE TEXTOS: CONTRIBUIÇÕES DA SEMIÓTICA

SARA RAQUEL ARAUJO DA SILVA

GRADUADA EM LETRAS - UFRJ

RESUMO

O projeto *Leitura de textos: contribuições da semiótica* pretende aplicar e divulgar, a partir da fundamentação teórica da semiótica discursiva, uma metodologia de leitura eficiente e reflexiva de textos de diversos gêneros (midiáticos, poéticos etc.), voltado para a formação docente e discente, por um lado, e para a divulgação de estratégias sólidas de leitura para um público mais amplo, de outro. O projeto propiciou, em 2018-2019, atividades em turmas de ensino médio com a parceria de docentes de instituições de ensino básico, de modo a permitir trocas de natureza teórica e prática, aliada à divulgação, por meio de um site, de materiais para o exercício da leitura para interessados em geral. Além do site, foi realizado em 2020 um Ciclo de Entrevistas, transmitido pelo *YouTube*, em que se pôde estabelecer uma conversa com docentes e pesquisadoras de ensino básico e universitário, autoras de livros didáticos.

PALAVRAS-CHAVE

Semiótica; Discurso; Ensino de Leitura; Divulgação Científica.

1. INTRODUÇÃO

Essencial para nossa inserção numa sociedade letrada, a preocupação com a leitura competente ultrapassa os limites das aulas de Português, tornando-se necessária na ampliação e organização dos saberes das outras disciplinas, facilitando, muitas vezes, a sua aprendizagem e o acesso a outros campos do conhecimento não restritos à instituição escolar ou acadêmica. Reconhecida a sua importância, não faltam estudos e produções científicas sobre o tema, tratado sob diversas abordagens que, no entanto, ainda não o esgotaram. A questão da leitura e de seu ensino continua a ser um desafio e, apesar das contribuições que vêm sendo feitas, ainda há espaço para novas abordagens para esse velho problema, especialmente no tocante à leitura de textos de gêneros diversos, incluindo os não-verbais ou os sincréticos (que reúnem mais de uma linguagem de expressão, como os vídeos, os quadrinhos, os memes etc.).

Para que a leitura não se restrinja à intuição do leitor e ao acaso e não se atenha apenas aos elementos superficiais dos textos nem se restrinja a uma paráfrase, é preciso que os leitores estejam munidos de metodologia que oriente a sua leitura, que os faça observar os elementos relevantes do discurso, relacionar suas partes (não de forma sequencial e linear, mas levando em conta sua estrutura profunda), para, enfim, apreender seus possíveis sentidos, identificando os sentidos que não podem ser apreendidos também. Para isso, além de apreender satisfatoriamente os conteúdos que os textos veiculam, é necessário também compreender as estratégias e recursos de que se valem os diversos textos para a construção dos seus sentidos.

Considerando essas premissas, o projeto “Leitura de textos: contribuições da semiótica”, cuja coordenação está situada na Faculdade de Letras da UFRJ, procura divulgar as pesquisas que se desenvolvem no âmbito universitário sobre o texto e o discurso (no nosso caso, no Núcleo de Pesquisas em Semiótica – NUPES-UFRJ) e ampliar as trocas de conhecimento para além dos seus limites. O projeto acolhe, então, experiências e descobertas docentes em diferentes níveis de ensino nas instituições parceiras e estabelece um diálogo mais amplo com os interessados em geral, por meio da criação de um site, alimentado periodicamente com a participação dos graduandos extensionistas, sempre com base em leituras teóricas e debates sobre suas possíveis transposições didáticas em encontros quinzenais do grupo.

Esse projeto é, então, realizado com a participação ativa e dinâmica dos extensionistas e voltado para um público-alvo constituído de alunos de diversos níveis de ensino, mais especificamente a partir do ensino médio, e para interessados em geral que pretendam aprimorar sua perspicácia na leitura produtiva de textos. Dirige-se também para os docentes de ensino fundamental, médio e superior que pretendam embasar suas aulas de leitura por meio de uma metodologia adequada e sólida, dando-lhes segurança para a abordagem dos textos e avaliação das possíveis leituras de seus alunos. Os docentes de outras áreas de conhecimento que não sejam a da Língua Portuguesa também podem se beneficiar de uma metodologia de leitura, propiciando uma abordagem mais eficaz dos textos voltados para suas áreas.

A atuação dos extensionistas inclui: (a) a preparação e a aplicação de atividades de leitura em turmas de ensino básico com a supervisão de docentes responsáveis das instituições parceiras; (b) a alimentação do site com produção de conteúdo (textos escritos, orais e audiovisuais de divulgação científica, atividades de leitura de diversos gêneros de textos, divulgação de eventos relacionados ao tema e produções acadêmicas voltadas para o ensino de leitura etc.) e (c) posteriormente, com a criação de canal de *YouTube* do projeto, a colaboração na organização de um ciclo de entrevistas com convidados de reconhecida atuação no ensino.

O projeto vem se desenvolvendo desde o segundo semestre de 2018, mantendo-se de forma presencial até março de 2020, tendo se adaptado para a continuidade de suas atividades por meio remoto, diante das limitações impostas pelo surgimento da pandemia de COVID-19. Participam do projeto, como responsáveis de outras unidades da UFRJ e instituições parceiras, na supervisão de ações em suas instituições, as professoras doutoras Raquel Silveira Fonseca (CAp-UFRJ) e Marcia Andrade Morais Cabral (CEFET-RJ). Vários extensionistas já integraram o projeto, que enumero a seguir: Dayana Romeiro Teixeira, Dukellen Silva dos Santos do Prado, Alessandra Scofano Batista, Monique Gomes de Macedo, Débora Ramalho Souza Silva, Jéssica Leonila de Sousa, Samuel Malaquias da Silva, Camilla Pinto de Aveiro, Andrey Istvan Mendes Carvalho, Lucielle da Silva Veras, Vanessa Akemi de Vasconcelos Yamahata, Sara Raquel Araujo Silva, Mateus da Silva Dias, Sarah de Araujo Alves, os quatro últimos participando do projeto desde o seu início.

Nas seções seguintes, explicitaremos os objetivos do projeto, sua metodologia de trabalho e um relato dos resultados obtidos até o momento e suas perspectivas futuras.

2. OBJETIVOS

O projeto de Extensão *Leitura de textos: contribuições da semiótica* tem como objetivos gerais:

1. Contribuir para o desenvolvimento da proficiência na leitura e interpretação de textos de diversos gêneros, a partir de uma metodologia adequada, de modo que o leitor possa não só apreender os sentidos possíveis no texto (o que o texto diz), mas também identificar os recursos empregados pelo enunciador para a sua constituição (o modo como diz).
2. Promover a relação entre a docência/pesquisa universitárias e a extensão, por meio da parceria com instituições de diferentes graus de ensino e institutos de cultura, além da divulgação das pesquisas desenvolvidas para um público mais amplo por meio digital (site, canal no *YouTube*, *Facebook* e *Instagram*).

Como objetivos específicos, destacam-se os relacionados a seguir:

1. Fomentar, em diversas instituições, encontros e *workshops* para discussão sobre uma metodologia de abordagem do texto, envolvendo docentes e discentes.
2. Estimular alunos da graduação da UFRJ, especialmente do curso de Letras, mas também incluindo outras áreas de interesse afim, a participar de um núcleo de estudos sobre o texto e discurso e de aplicação da metodologia semiótica para a leitura de textos, de modo a prepará-los para sua atuação nas atividades extramuro, a ter lugar em instituições de ensino e outras de natureza cultural e científica.
3. A partir dos resultados do núcleo de estudos, divulgar artigos científicos e de divulgação científica, assim como atividades com estratégias para leitura por meio de mídias digitais (site do projeto, página no *Facebook* e no *Instagram*, canal no *YouTube*).
4. Organizar, manter e moderar um site e uma página no *Facebook* e no *Instagram* e um canal no *YouTube* sobre o tema do projeto.

3. METODOLOGIAS

Para atingir os objetivos propostos, o projeto mantém um grupo de estudos dos fundamentos teórico-metodológicos de leitura de textos, baseado na teoria semiótica de linha francesa. A teoria parte do texto

(realização material do processo linguístico) para analisar o percurso do conteúdo, procurando depreender os diversos patamares de construção do sentido, conforme o nível de abstração em que é tomado o conteúdo. Considera três níveis de abstração: o *nível fundamental*, mais profundo e gerador dos demais; o *nível narrativo*, intermediário; e o *nível discursivo*, mais concreto e complexo. Todos esses níveis constituem-se de uma sintaxe e uma semântica (GREIMAS, COURTÉS, 2008, p. 232-235). Mesmo considerando essa organização interna do sentido, a semiótica não deixa de considerar o texto como um objeto histórico, cujas determinações contextuais são imprescindíveis tanto na produção quanto na interpretação (BARROS, 1988, p. 7).

Essa base teórico-metodológica orienta para os problemas mais frequentes de quem se ocupa em aperfeiçoar sua habilidade leitora, que podem ser concretizados pelas questões: se um texto pode ter vários sentidos, pode-se atribuir qualquer sentido ao texto? Como identificar quais os sentidos possíveis e quais os inaceitáveis? Para que a leitura seja verdadeiramente interlocutória, é preciso que o leitor se abra para uma “escuta” do texto. Não se pode perder de vista que os sentidos podem ser vários, mas não ilimitados. Além das determinações implicadas pelo contexto sócio-histórico, que restringem as possibilidades de leitura, a intervenção do leitor na formulação do(s) sentido(s) deve estar sempre apoiada no texto. Para saber ler é preciso, primeiramente, observar os elementos concretos do texto e como eles se articulam. Qualquer leitura que se faça deve poder ser justificada a partir desses elementos. O texto, então, é o ponto de partida das leituras que dele se pode fazer.

Abandonando de vez o jogo de adivinhação nada divertido que muitas vezes representa a atividade de ler, assim como a cômoda posição de doadores exclusivos da significação dos textos (que assim se limitam a meros reflexos de nossos desejos, ideologias, visões de mundo), sugerimos fazer da leitura uma oportunidade de interlocução, de interação e, conseqüentemente, de aprendizagem e transformação. Para tanto, é necessário seguir as pistas distribuídas nos textos, nem sempre evidentes, mas que, quanto menos evidentes, mais surpreendentes, intrigantes e interessantes. A atividade de leitura requer demora e trabalho, um “debruçar-se” sobre o texto. Somente assim é possível perceber sua engenhosidade e pode-se falar, apropriadamente, em prazer da leitura. O prazer de ler se conquista; mais que o enredo, a descoberta da trama que compõe a tessitura do texto (o modo de dizer o que diz) nos conduz ao encantamento da descoberta do sentido.

Tendo esclarecido muito resumidamente alguns dos parâmetros que envolvem a base teórico-metodológica em que se apoia o projeto, para que este fosse colocado em prática, foram feitos encontros que ocorreram de início semanalmente e, no atual momento, quinzenalmente. A organização desse grupo de estudos é assumida pela coordenadora do projeto, com a colaboração dos monitores mais experientes. Os alunos, nessas reuniões, sugerem ações e atividades extramuro, a serem realizadas com a supervisão do coordenador e dos responsáveis pelas instituições parceiras. Os monitores e voluntários atuam também na manutenção e alimentação de um site, uma página de *Facebook*, no *Instagram* e *YouTube*, também desenvolvidos e supervisionados pela coordenação do projeto.

Assim, a atuação dos participantes está assim organizada:

1. Planejamento das ações para a divulgação de metodologias de leitura, efetuada com a colaboração de docentes, monitores e graduandos voluntários;
2. Orientação e condução do grupo de estudos pelo coordenador, monitores e docentes das instituições parceiras;
3. Desenvolvimento, supervisão, alimentação e manutenção do site e página na mídia social pelo coordenador, com a colaboração dos monitores e graduandos voluntários;
4. Monitoria, com atividades de apoio para as atividades a serem sugeridas, executadas pelos graduandos voluntários.
5. Elaboração, por parte dos graduandos, de resenhas das atividades desenvolvidas (com registro fotográfico, se possível) para a alimentação do site e da página e para a construção de um registro das atividades e de seus resultados.

A avaliação vem sendo feita pela discussão, ao final do semestre, sobre os avanços e as dificuldades relativos aos estudos teóricos, julgando os progressos individuais e coletivos no grupo. Após as atividades extramuro, foi feita uma reunião de balanço, verificando se as tarefas atribuídas aos participantes foram cumpridas, quais as dificuldades enfrentadas e se os objetivos foram alcançados, com a recolha de sugestões para aprimoramento das atividades. A redação de um relatório também vem sendo realizada após as atividades. Os impactos da divulgação nas mídias digitais são avaliados pelo alcance quantitativo informado nessas mídias.

4. RESULTADOS OBTIDOS

O projeto passou por várias etapas de realização, que serão relatadas a seguir, ainda havendo outras ações a serem desenvolvidas futuramente.

Em 2018, após as reuniões de estudo teórico, realizou-se uma atividade no Colégio de Aplicação da UFRJ com resultados extremamente satisfatórios, com a supervisão da Profa. Dra. Raquel Fonseca (CAp-UFRJ) e a coordenação de Regina Gomes (Faculdade de Letras-UFRJ). Participaram da ação os seguintes extensionistas, graduandos da Faculdade de Letras: Dukellen do Prado, Mateus da Silva Dias, Sara Raquel Araujo da Silva, Sarah de Araujo Alves e Vanessa Akemi de Vasconcelos Yamahata. A proposta específica dessa ação era produzir material didático com base nos procedimentos de tematização e figurativização da semiótica discursiva, visando à aplicação da teoria na prática do ensino da disciplina de Língua Portuguesa e Produção Textual no Ensino Médio.

Foi realizada uma oficina oferecida por Raquel Fonseca no Colégio de Aplicação da UFRJ, com carga horária total de 10 horas, constituída de quatro encontros, entre 19 de outubro e 13 de novembro de 2018.

No primeiro encontro, houve a exposição do conteúdo teórico geral a ser trabalhado. Por meio de slides e oralmente, a abordagem semiótica do texto foi exemplificada em imagens e poesias, com a participação dos alunos-voluntários nas interpretações imanentes prováveis de cada exemplo. O exercício proposto nesse encontro foi o de investigar, em alguns livros didáticos, se há, de alguma forma, a transposição desse recurso discursivo nas questões interpretativas desse material. Foram encontrados alguns exemplos em livros cujas autoras partiam da mesma base teórica.

Nos encontros seguintes, debateu-se um texto teórico (BERTRAND, 2003) e fez-se um exercício de análise. Foram vistos também exemplos de projetos escolares já realizados pela professora, que envolveram a participação e o engajamento de toda a turma, com a aplicação de categorias teóricas para o ensino de leitura. Todos os projetos envolviam a teoria semiótica em termos compreensíveis a cada série, como ferramenta para a leitura e interpretação de textos de forma lógica e imanente e para a produção de novos textos. As dúvidas dos extensionistas foram esclarecidas, além de ter havido incentivo para produção de atividades criativas de aplicação teórica para propostas de ensino.

A partir de todos os exemplos práticos e exposições da parte teórica, os extensionistas foram incentivados a produzirem um material didático

com base em algum aspecto da teoria abordada. Apresentar algo lúdico como um vídeo, música, poesias, slides foram algumas sugestões para a apresentação final. A partir de um vídeo que uma das participantes sugeriu, intitulado “Azul-lado”, com a mediação da professora, foi programada uma sequência pedagógica das atividades que seriam realizadas em sala de aula, que envolveria entrosamento inicial com os alunos da turma por meio de uma breve apresentação pessoal, apresentar a proposta, as temáticas envolvidas, o conteúdo, os exemplos e, enfim, a atividade propriamente com a classe, todas essas etapas preparadas em conjunto e realizadas no último encontro, em turma de ensino médio sob a regência da professora supervisora.

O conteúdo basilar da apresentação – figurativização e tematização – já fora apresentado pela professora ao longo do ano aos alunos, portanto, eles já estavam familiarizados com essa abordagem interpretativa. O grupo, então, selecionou o que iria falar como uma revisão. A atividade consistiu em compor um texto de outro gênero textual – slam, miniconto, cadavre exquis, poesia e música – utilizando figuras do vídeo motivador – como calha, lixeira, noite, guarda-chuva etc. – contanto que o resultado mantivesse um dos temas presentes no conteúdo visual, nomeado por cada grupo de alunos do ensino médio. Todos os alunos participaram ativamente em todas as etapas da apresentação, preparando textos criativos, demonstrando ter compreendido os temas centrais do texto motivador, as limitações e coerções específicas de cada gênero textual (o motivador e o produzido pelo aluno), aliando atividades de leitura e produção textual. Os alunos engajaram-se ativamente na atividade, apresentando oralmente suas produções textuais com animação e interesse. As atividades foram registradas por meio de vídeos e fotos, mas, por não terem sido tomados os cuidados necessários para garantir a divulgação dos registros, não puderam ser veiculados. Os extensionistas, licenciandos da Faculdade de Letras, por sua vez, vivenciaram uma experiência ímpar de como é possível fazer a transposição didática das pesquisas realizadas no âmbito acadêmico para o ensino básico.

Os resultados dessa ação foram apresentados na 10ª SIAC, sob o título “‘Projeto de Extensão *Leitura de textos: contribuições da semiótica*’: relato de experiência e resultados”, em outubro de 2019.

Em 2019, vários imprevistos impediram a realização desse tipo de ação nas escolas parceiras, tornando-se impossível, por conta da

pandemia, sua realização em 2020. No entanto, foi dada maior ênfase à implementação de ações nos meios digitais.

Foi construído um site, ainda em processo de elaboração, que pode ser acessado pelo link: <https://leituradetxtosufr.wixsite.com/leituradetxtos>. O site se divide principalmente em três seções, relacionadas aos objetivos do projeto. Uma primeira seção é voltada para um público mais amplo de jovens e adultos que pretendem aprimorar suas competências de leitura. Nela, está publicada a conceituação de texto, com subseções ainda em construção, uma delas com textos, vídeos e podcasts explicativos sobre o que observar nos textos para alcançar uma leitura adequada e outra com exercícios de leitura. Uma segunda seção volta-se para o ensino de leitura. Nessa seção, já estão publicados vídeos com palestras e entrevistas e sugestões bibliográficas voltados para professores. Uma terceira seção informa sobre o projeto, seus participantes, as atividades do grupo e como participar. Um convite é dirigido tanto para os graduandos da UFRJ quanto para profissionais de ensino básico que queiram se engajar no projeto.

Para alimentar o site, os extensionistas participaram de reuniões semanais em 2020 (atualmente, quinzenais), quando escolhem textos e preparam materiais didáticos explicativos referentes a recursos discursivos que constituem os sentidos dos textos escolhidos. Esses materiais servem como modelo metodológico para interpretação e exercícios de leitura. Essa dinâmica é desenvolvida em subgrupos, para haver diversidade de materiais. Cada subgrupo apresenta, nas reuniões, seu trabalho para todos os extensionistas do projeto, que lhe fazem críticas positivas, sugerem alterações, acréscimos e questões. Ao serem finalizados os debates sobre os materiais produzidos, são publicados no site.

O site, apesar de ainda estar em processo de elaboração, já se encontra publicado na web e já apresenta mais de 300 visualizações. Alguns alunos de diversas áreas como Serviço Social, Terapia Ocupacional e Psicologia já entraram em contato, por meio do site, mostrando interesse no projeto. Da mesma forma, alguns professores de ensino básico também entraram em contato, elogiando o projeto.

Sugerido pelos próprios extensionistas, foi realizado, em 2020, o “Ciclo de Entrevistas: semiótica e ensino”, transmitido pelo canal do *YouTube* do projeto. Foram convidadas para serem entrevistadas a Profa. Dra. Karla Cristina de Araujo Faria, professora da rede particular e pública de Niterói e do Rio de Janeiro e coautora da coleção didática *Apoema*, juntamente com Lucia Teixeira, Silvia Maria de Sousa e Nadja Patresi,

publicada pela Editora do Brasil (<https://www.youtube.com/watch?v=-4-X2lluI9nE>) e a Profa. Dra. Lucia Teixeira, titular da UFF, pesquisadora 1-C do CNPq, autora de diversas obras sobre sincretismo de linguagem, semiótica plástica, com vasta experiência em aplicação da semiótica ao ensino de português e também coautora da coleção *Apoema* (<https://www.youtube.com/watch?v=GSZax6jYEjQ>). A primeira entrevista teve quase 700 visualizações e a segunda 340.

Para que se concretizassem as entrevistas, a preparação foi conjunta: todos os extensionistas leram textos publicados pelas convidadas e elaboraram um banco de perguntas apropriadas às especialidades de cada uma delas. As questões foram avaliadas e selecionadas em reuniões do grupo. A cada sessão do Ciclo de Entrevistas, dois extensionistas ficaram responsáveis por conduzir a entrevista, enquanto outros dois ajudaram nos problemas técnicos e na condução das perguntas do público que assistiu ao evento postadas no chat. As entrevistas foram bem acolhidas, muito elogiadas, e os debates no chat foram produtivos e instigantes. A repercussão da atividade foi tão grande que o grupo considera torná-la em projeto próprio, a ser desenvolvido neste ano de 2021.

O mais fundamental de todas essas ações foi o exercício de um trabalho de fato compartilhado, debatido e preparado em colaboração de docentes, graduandos e alunos de ensino básico. O retorno do público que acessa o site pelas mensagens de e-mail e as intervenções inteligentes e ricas do público que participou das entrevistas pelo *YouTube* colaboraram para perceber a repercussão positiva do projeto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *Leitura de textos: contribuições da semiótica* já vem se renovando há mais de dois anos, tendo contado com a participação de mais de uma dezena de graduandos da Letras, além de parcerias com docentes de outras instituições de ensino básico, em diferentes momentos de seu desenvolvimento. Com a pandemia de COVID-19, precisou reinventar-se. Apesar de a divulgação de sua produção pelos meios digitais como forma de ampliar o público-alvo já estar prevista desde seu início, acabou por se tornar a única forma de dar continuidade ao projeto. O engajamento dos graduandos permaneceu animado, apesar das dificuldades relativas ao distanciamento social e a necessária suspensão das atividades

acadêmicas presenciais. Outras sugestões de ações surgiram, como o Ciclo de Entrevistas, que certamente permanecerão, tão bem acolhidas foram.

Se as ações já colocadas em prática foram tão gratificantes e proporcionaram ricas trocas de saberes aos que participaram do projeto, ainda faltam alguns passos para que os objetivos do projeto sejam plenamente realizados: o site ainda está em processo de construção, as páginas no *Facebook* e no *Instagram* ainda precisam ser criadas e alimentadas, outras instituições de ensino que se mostraram interessadas precisam se integrar ao projeto, entre outras possibilidades.

Mas o que já foi produzido permitiu verificar os caminhos que se abrem ao estabelecer um diálogo entre a produção acadêmica na universidade, o ensino da graduação e algumas instâncias sociais que o projeto pode atingir. Por meio desse projeto, o estudante de graduação conhece uma das teorias do texto e do discurso, aprimora sua capacidade leitora, experimenta sua aplicação em atividades de leitura na escola de ensino básico, produzindo também material didático adequado a um público amplo, nos meios digitais. É também uma importante oportunidade para que as pesquisas acadêmicas se disponham a participar das discussões sociais relevantes trazidas pelo público a que se dirigem, escutar suas demandas e aprender com elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

BERTRAND, D. *Caminhos da Semiótica literária*. São Paulo: EDUSC, 2003.

GREIMAS, A-J; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

PROJETO *ESCOLA SOLAR*: CONSTRUINDO PONTES PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL

MARIA LUIZA ROCCO DUARTE PEREIRA

COORDENADORA DO PROJETO *ESCOLA SOLAR*

AMANDA GARCEZ DA VEIGA

DOUTORANDA EM ENGENHARIA DE MATERIAIS PELA COPPE - UFRJ

BRUNO GABRIEL ALVES LEITE BORGES

PÓS-DOUTORANDO PELO IQ - UFRJ

RESUMO

O Projeto *Escola Solar* se propõe a construir uma ponte entre a UFRJ e a rede pública de ensino. Esta iniciativa visa promover um despertar sobre questões socioambientais e contribuir para a formação de jovens mais críticos, conscientes e transformadores da realidade em que vivem. O projeto prevê a realização de palestras, minicursos, oficinas e a implantação de sistemas de células solares orgânicas que atuarão como instrumentos pedagógicos interdisciplinares. Devido às restrições sanitárias, o trabalho se concentrou no planejamento estratégico das ações previstas, além da elaboração de materiais didáticos acessíveis aos estudantes do Ensino Médio para serem disponibilizados em uma rede social, com o intuito de compartilhar e fomentar a discussão sobre conhecimentos relevantes acerca da produção de energia sustentável e outros temas relativos à sustentabilidade.

PALAVRAS-CHAVE

Fontes Renováveis de Energia; Sustentabilidade; Células Solares.

1. INTRODUÇÃO

A capacidade de geração de energia é um dos fatores mais relevantes para a sustentabilidade econômica de um país, pois está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento de sua produção em condições competitivas e ambientalmente sustentáveis (TOLMASQUIM, 2012).

Segundo o Balanço Energético Nacional de 2020 realizado pela Empresa de Pesquisa Energética do Ministério de Minas e Energia, 46,1% da oferta interna de energia é, segundo critério próprio, classificada como renovável, e inclui modalidades como: a biomassa de cana de açúcar, a energia hidráulica, lenha e carvão vegetal, e 7% de outras formas de energia renovável. O relatório aponta, ainda, que a contribuição da energia solar para oferta interna no ano de 2019 representou apenas 0,2% do total (EPE, 2020).

Vale ressaltar que, em apenas três semanas, estima-se que o Sol emita a mesma energia contida em toda a reserva fóssil remanescente no mundo (TESTER, 2012) e que uma hora de irradiação solar, se totalmente convertida em eletricidade, poderia suprir toda a demanda energética mundial por um ano (BAGHER, 2014).

Neste cenário, o Brasil (e mais especificamente o Estado do Rio de Janeiro) possui localização geográfica privilegiada, sendo uma das regiões com maior irradiação média solar do mundo (SOLARGIS, 2020). Neste sentido, uma tecnologia acessível de conversão de energia solar em energia elétrica poderia ser extremamente útil para suprir a demanda energética brasileira em um futuro não muito distante.

Muitos estudos e iniciativas já são realizados no Brasil com intuito de aprimorar e popularizar a tecnologia das células solares e também popularizar o seu uso. Segundo a Associação Brasileira de Energia Solar, em 2020, o Brasil bateu o recorde de 7 GW de potência elétrica instalada em energia solar. Em números atualizados em abril de 2021, a energia solar já corresponde a 1,8% da matriz elétrica brasileira. Dentre os destaques em geração de energia solar, despontam os estados de Minas Gerais com 18,1%, seguidos do Rio Grande do Sul e São Paulo com cerca de 12% cada um. O Rio de Janeiro aparece com apenas 4% da potência instalada no país, o que aponta para a necessidade de ampliação de investimentos no setor (ABSOLAR, 2021).

Esta demanda crescente pela energia solar vem ao encontro dos esforços de diferentes grupos de pesquisa do país que atuam na otimização e na criação de novas tecnologias na área. Apesar disso, a efetiva incorporação da energia solar no contexto socioeconômico brasileiro ainda é incipiente.

Para a maioria dos brasileiros, as tecnologias de aproveitamento da energia solar são complexas e inacessíveis.

Neste contexto, uma mudança de paradigma que promova o abandono gradativo das fontes não-renováveis e estimule a geração de energia sustentável passa por uma forte conscientização da sociedade sobre a questão socioambiental, que só será possível através de ações efetivas de incentivo ao amplo uso da energia solar.

É neste cenário que a proposta do Projeto *Escola Solar* se articula: criando uma ponte universidade-escola para formação de um fluxo contínuo de conhecimentos que se conecte com estudantes da educação básica para que estes possam ser atuantes na construção de uma trajetória rumo a um futuro mais sustentável.

2. PANORAMA

O Projeto *Escola Solar* foi criado com a perspectiva de desmistificar o ensino superior e aproximar os estudantes do Ensino Médio de vivências de construção de conhecimentos através de atividades teórico-práticas pautadas na inter e transdisciplinaridade que fossem capazes de promover uma maior compreensão sobre conceitos complexos ligados à geração de energia sustentável e suas implicações.

Por isso, desde a sua construção, esse projeto foi elaborado com o apoio de uma escola da rede estadual, o Colégio Estadual Olga Benário Prestes, que funciona como escola-piloto e tem participado de forma ativa para efetivação desse projeto, principalmente através da atuação do Professor Bruno Borges.

Durante o ano de 2020, a equipe executora contou com a participação dos três membros permanentes e quatro alunos extensionistas de diferentes unidades da UFRJ: dois alunos do curso de Meteorologia, um do curso de Biologia e uma estudante do curso de Engenharia do Petróleo. No presente ano, dois novos alunos extensionistas do curso de Engenharia Elétrica ingressaram no projeto.

3. OBJETIVOS E METAS

O principal objetivo proposto é promover a integração com a comunidade escolar a partir da realização de palestras, oficinas, minicursos e

outros eventos, onde os conhecimentos produzidos pela relação universidade-escola se tornem sementes de novos saberes. Dentre os objetivos específicos, é importante destacar: a promoção de debates que suscitam uma visão crítica sobre meio ambiente e sustentabilidade energética, e suas implicações científicas, tecnológicas e socioeconômicas; o estímulo ao interesse tecnológico e científico; a participação do corpo docente da escola na realização e desenvolvimento das atividades; conexão entre as atividades e temas transversais do currículo mínimo das diferentes áreas.

Entre as principais metas estipuladas estão: promover encontros docentes de planejamento e execução das atividades; capacitar alunos de todas as séries do Ensino Médio como multiplicadores do conhecimento em células solares orgânicas; conscientizar e motivar a comunidade escolar (alunos, docentes, direção, funcionários, pais etc.) da importância do projeto e dos ideais que propaga; transformar a escola num polo de divulgação de ciência e tecnologia para a comunidade do entorno.

Com o advento da crise sanitária provocada pela COVID-19, e com o intuito de não paralisar suas atividades, o projeto foi, ao longo dos meses, realizado com a participação dos alunos extensionistas, estabelecendo novas metas:

(a) Criar um perfil na rede social *Instagram* para formalizar uma conexão com o público-alvo (alunos do EM) e iniciar o processo de divulgação de informações relativas às formas de geração de energia sustentável, em especial, a energia solar.

(b) Realizar o planejamento prévio das atividades a serem conduzidas desde a introdução do projeto na unidade escolar até a culminância final. As atividades previstas são: palestra de apresentação; ações motivacionais; oficinas de iniciação científica; minicursos de formação de monitores; oficinas de criação dos kits de células solares orgânicas; eventos de instalação das células solares orgânicas; oficinas de monitoramento e acompanhamento de atividades; preparação das visitas guiadas: roteiro e planejamento executivo.

4. METODOLOGIAS

O projeto prevê a integração de diferentes saberes da equipe executora e dos professores de diferentes disciplinas para coletar sugestões, críticas e fomentar a participação ativa no desenvolvimento das atividades

que conectam os temas do projeto com o currículo mínimo básico de disciplinas como a Química, Física, Biologia, História, Geografia e outras, utilizando as células solares orgânicas como ferramenta pedagógica.

Nas escolas, serão discutidos temas como meio ambiente, sustentabilidade e uso de energias renováveis a partir de atividades práticas e lúdicas como oficinas, palestras e minicursos, aulas práticas de preparação de materiais e construção de módulos solares e visitas guiadas ao LaQuiS-IQ-UFRJ.

Cada etapa de construção destes módulos servirá como ferramenta de avaliação do andamento do projeto e da recepção da comunidade escolar e desempenho dos estudantes frente aos desafios propostos. Entre os produtos finais esperados estão os módulos solares instalados em diferentes pontos da escola-piloto, relatórios de monitoramento dos mesmos, cartilhas e outros materiais de divulgação, além de artigos e outras formas de produção acadêmica.

No contexto da pandemia de COVID-19, as atividades do projeto foram realizadas de forma remota. As demandas eram acordadas durante as reuniões quinzenais, e o acompanhamento das atividades foi realizado através de orientações contínuas via aplicativos de mensagens e e-mails.

Foram utilizadas diferentes ferramentas para o trabalho remoto com os alunos extensionistas, entre elas, destaca-se:

- a. Estudo dirigido de artigos científicos;
- b. Discussão de conceitos a partir de material audiovisual;
- c. Criação de mapas mentais de conceitos relevantes ao projeto a partir da perspectiva de seus cursos de graduação;
- d. Criação de materiais para postagens no perfil do *Instagram*;
- e. Uso de ferramentas de cocriação para elaboração e planejamento das atividades presenciais futuras.

Considerando a situação de virtualidade, a avaliação da participação e motivação dos alunos extensionistas tem sido realizada a partir de seu envolvimento na produção dos infográficos para publicação, dos materiais didáticos solicitados, entre outras atividades realizadas durante as reuniões. Além disso, os alunos são sempre estimulados a se manifestarem sobre suas opiniões e convidados a dar sugestões. Inclusive, a ideia de criar um perfil no *Instagram* foi dos alunos, e estes se mostraram muito motivados em trabalhar neste sentido.

5. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

Para além de todos os problemas sociais e de saúde, a pandemia de COVID-19 representou um momento de ruptura para o projeto que estava em vias de iniciar suas atividades presenciais na escola-piloto, após um longo ano de etapas burocráticas com a Secretaria Estadual de Educação.

A virtualidade trouxe, também para o projeto, uma enorme quantidade de dúvidas e incertezas quanto à continuidade deste sonho. Após algumas semanas de adaptação, ficou decidido que seriam realizadas reuniões quinzenais e que nestas reuniões seriam tratados os temas essenciais para nivelar os alunos extensionistas de diferentes áreas e prepará-los para, assim que fosse possível, a realização das atividades na escola.

Desta forma, foram conduzidas algumas reuniões, a partir de discussões de vídeos e artigos científicos específicos sobre a construção de kits de células solares para estudo. Um dos extensionistas, inclusive, trabalhou com divulgação científica para alunos do Ensino Fundamental e apresentou seu trabalho sobre energia solar.

As primeiras reuniões transcorreram bem e os alunos pareciam motivados. Eles foram estimulados a preparar materiais de divulgação com linguagem adequada para o Ensino Médio, relacionando temas como tipos de energia, produção de energia, dentre outros, com a perspectiva de seus cursos. Neste momento, três alunos introduziram a ferramenta de mapa mental para apresentação de seus materiais e este procedimento foi sugerido para os outros alunos também.

A partir da aplicação dos mapas mentais, muitos produtos excelentes foram obtidos. Os alunos de Meteorologia abordaram o tema das energias sustentáveis e da própria energia solar trazendo elementos da meteorologia como contribuição. A aluna de Engenharia do Petróleo resolveu tratar da comparação entre energias renováveis e não-renováveis, além de trazer como adendo a complexidade de diferentes aplicações do petróleo e discutir sobre consumo consciente. E o aluno de Biologia se dedicou a avaliar a sustentabilidade da produção das próprias células solares orgânicas.

Com o decorrer dos meses, os alunos se mostraram ainda mais empenhados em produzir e sugeriram a criação de um perfil no *Instagram* para que estes materiais que estavam sendo produzidos pudessem chegar ao público-alvo. Assim, os mapas mentais e outros materiais produzidos foram tomando contornos mais criativos e se tornando viáveis para publicação.

Nos últimos meses, o planejamento do perfil está se concretizando. O Projeto *Escola Solar* ganhou uma logomarca. O portfólio de publicações já conta com um número razoável de materiais supervisionados e aprovados, e um cronograma de publicações especial está quase pronto. É previsto que o perfil esteja ativo até junho deste ano.

O recente ingresso de dois novos extensionistas do curso de Engenharia Elétrica trouxe uma atmosfera adicional de renovação ao grupo, uma vez que estes estudantes chegaram muito motivados a contribuir com seus conhecimentos em elétrica e eletrônica, principalmente no tocante ao planejamento da montagem e instalação das células solares.

6. RESULTADOS OBSERVADOS

Em tempos tão insólitos, quando a sociedade brasileira é atravessada por uma pandemia descontrolada, o maior dos resultados observados foi todos estarem saudáveis até o momento deste relato. É difícil não se emocionar com esta perspectiva, com a morte à espreita de todos. Apesar disso, perceber que, depois de um ano tão difícil, não só a equipe se manteve coesa como recebeu novos membros, essa de fato foi nossa maior vitória!!!

Entre os resultados acadêmicos e práticos, é possível ressaltar que foi notável acompanhar a tenacidade dos alunos em desenvolver suas atividades (mediante sugestão do conceito a ser abordado) em consonância com as suas áreas de atuação e produzirem materiais de alta qualidade visual e de conteúdo.

Esses materiais produzidos sob diferentes abordagens foram essenciais para a realização de discussões relevantes para estabelecer conexões transversais entre os conhecimentos de suas áreas e as tecnologias de células solares que atuaram como eixo central destas relações e interações de saberes.

Neste período, foi possível perceber, também, a construção de um processo dialógico entre os conhecimentos acadêmicos e uma linguagem mais adequada à troca de conhecimentos com a sociedade em geral, tomando como referência estudantes do Ensino Médio, o que também promoveu uma reflexão profunda sobre o nosso papel em ajudar a delinear de forma mais robusta um futuro mais sustentável.

Por fim, uma das ideias fundamentais do projeto é a busca de metodologias para uma educação mais consciente, ou seja, que promova reflexão sobre a importância de todos os saberes envolvidos na realização de uma

tarefa, desde o reconhecimento dos sinais e símbolos da língua portuguesa e sua adequada interpretação, até as equações matemáticas e suas aplicações físicas. Neste sentido, nós também avançamos bastante, pois, neste período de pandemia, assim como aprendemos a valorizar cada minuto de nossas vidas, também começamos a ficar mais atentos aos detalhes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2020 foi muito turbulento, mas também cheio de aprendizados. No fim, seria impossível não ressaltar a enorme evolução que a virtualidade proporcionou neste período. Muitas foram as ferramentas introduzidas no contexto da extensão e que permitiram inovações, até então, impensadas. Por isso, gostaríamos de terminar este relato agradecendo a intensa participação dos alunos que nos mantiveram motivados ao longo de toda essa trajetória e nos retroalimentaram de forças para continuar a acreditar que esse projeto e um futuro mais sustentável é possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABSOLAR – Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica. *Panorama da Energia Solar Fotovoltaica no Brasil e no Mundo*. Infográfico ABSOLAR. Atualizado em 05/04/2021. Disponível em: <https://www.absolar.org.br/mercado/infografico/>. Acesso em: 30 abril 2021.

BAGHER, A. M. Introduction to Organic Solar Cells. *Sustainable Energy*, v. 2, p. 85-90, 2014.

EMPRESA DE PESQUISA ENERGÉTICA, *Balanco Energético Nacional 2020 - Relatório Síntese / Ano Base 2019*. Disponível em: <https://www.epe.gov.br/pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/balanco-energetico-nacional-2020>. Acesso em: 29 abr. 2021.

TESTER, J. W. *et al. Sustainable Energy: Choosing Among Options*. 2. ed. Massachusetts, Estados Unidos: The MIT Press, 2012, p. 1056

TOLMASQUIM, M.T. Perspectivas e planejamento do setor energético no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 26, v. 74, p. 249, 2012.

SOLARGIS. *Solar Maps 2020*. Disponível em: <http://solargis.info/> Acesso em: 29 abr. 2021.

PROJETO ENVELHECIMENTO, NUTRIÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE: DESAFIOS, REINVENÇÃO E INOVAÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DURANTE A PANDEMIA

RENATA BORBA DE AMORIM OLIVEIRA

COORDENADORA DO PROJETO ENUSA

SABRINA RIBEIRO GONSALEZ

PROFESSORA COLABORADORA

AGATHA GIRARD PINTO

CAROLINA BARBOSA DAUMAS

ISABELLA NOGUEIRA CANTÃO

LAIZA DE MATOS GOMES

MARIA KAROLINY DOS SANTOS PAES SOARES

RAIANY LADEIRA BONAFÉ DE SOUZA

RENATA BARBOSA DA SILVA

SUZANE DE OLIVEIRA PEREIRA

GRADUANDAS EM NUTRIÇÃO - UFRJ - MACAÉ

JÚLIA BARBOSA FERRAZ VILELA

RAFAELA ESPÍNDOLA COSTA

GRADUANDAS EM MEDICINA - UFRJ - MACAÉ

RESUMO

O presente capítulo tem por objetivo relatar a experiência do Projeto *Envelhecimento, Nutrição e Promoção da Saúde (ENUSA)* durante o cenário pandêmico, em que as atividades extensionistas de planejamento, execução e avaliação foram realizadas remotamente. Atravessando desafios, buscando novas formas de fazer extensão longe dos campos práticos e encontros presenciais, a equipe discente e docente delineou estratégias de condução das ações do projeto para o enfrentamento das dificuldades, manutenção do vínculo interno e com a comunidade local, como forma de esperar coletivamente por meio de uma extensão universitária resiliente, viva e potente.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão Universitária; Promoção da Saúde; Envelhecimento Saudável.

1. INTRODUÇÃO

O projeto *Envelhecimento, Nutrição e Promoção da Saúde (ENUSA)*, integrante do Programa Interdisciplinar de Promoção da Saúde (PIPS) da Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé, foi idealizado com o objetivo de contribuir com o conhecimento sobre a realidade da saúde do idoso do município de Macaé-RJ, em seus múltiplos aspectos, integrando diferentes atores e áreas do conhecimento em prol de uma compreensão ampliada do envelhecer desses sujeitos, por meio da vivência e da prática interdisciplinar (OLIVEIRA et al., 2019). As ações do projeto buscam promover a saúde de idosos, atendendo às prioridades da Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) (BRASIL, 2010) e as diretrizes da extensão universitária brasileira (FORPROEX, 2012).

As atividades de extensão acontecem desde o ano de 2014, sendo o projeto composto por docentes e discentes do Campus UFRJ-Macaé. Desde o início, o projeto estabeleceu parceria formal com a Secretaria Municipal de Ordem Pública, da Prefeitura Municipal de Macaé, que coordena um programa governamental denominado Guarda Sênior, contemplando aproximadamente 200 idosos da comunidade. A principal finalidade do programa municipal é garantir a inserção do idoso na sociedade por meio de atividades de promoção de saúde, qualidade de vida e acesso à informações em saúde (OLIVEIRA et al, 2019).

As ações desenvolvidas no projeto consideram a pessoa idosa como protagonista. Todos os membros da equipe técnica participam ativamente do planejamento, execução e avaliação das atividades. Além disso, a socialização e troca de experiências ocorrem em uma rica convivência intergeracional entre todos os atores envolvidos.

Em março de 2020, em virtude da pandemia da COVID-19, o projeto adaptou-se para manter-se ativo. Diante de um cenário em que o distanciamento social se fez imprescindível, o atendimento às diretrizes da extensão universitária brasileira tornou-se um enorme desafio. As ferramentas tecnológicas ganharam destaque como forma de garantir os encontros e as trocas de saberes, bem como a escuta ativa e a manutenção do vínculo entre discentes, docentes e idosos.

Toda a equipe técnica encontrava-se empenhada desde o início em desenvolver alternativas para continuar propondo atividades extensionistas, porém, agora em ambiente remoto. O contato entre a equipe, desta com a comunidade, a troca de afetos e saberes, a colaboração com

informações científicas confiáveis sobre a pandemia, a saúde do idoso e outros assuntos seria de extrema importância neste momento histórico tão delicado.

2. OBJETIVOS

O objetivo deste capítulo é relatar as experiências das ações extensionistas conduzidas pelo projeto *ENUSA* durante a pandemia da COVID-19.

3. METODOLOGIAS, DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

Inicialmente, foram realizadas reuniões remotas com discentes e docentes do projeto a fim de traçar ações que seriam desenvolvidas neste novo formato. Foi possível idealizar produtos que poderiam ser construídos pela equipe técnica neste período e propor sessões científicas para instrumentalização sobre a nova realidade de saúde pública que se apresentava. Foi necessário escolher as plataformas digitais que seriam mais adequadas para a troca de saberes com os idosos, considerando as dificuldades de acesso e inclusão digital dessa população. Seria preciso testar o que de fato iria funcionar, o que iria permitir um maior alcance e cumprir com os objetivos da extensão, além da definição das novas formas de avaliação das ações.

Durante o primeiro semestre de 2020, o grupo trabalhou em um único fluxo. A partir do segundo semestre, optou-se por trabalhar ainda que de forma integrada, dividindo a equipe em grupos de trabalho (GT), em frentes específicas. Em uma reunião de equipe, foram propostos cinco GTs para planejamento, execução e avaliação das atividades, destacando-se: GT1 - responsável pela confecção de materiais técnicos; GT2 - organização e execução de painéis temáticos de transmissão síncrona; GT3 - divulgação científica e de informações em saúde nas redes sociais do projeto; GT4 - responsável pela estruturação de resumos e trabalhos científicos para eventos internos e externos; e GT 5 - subgrupo de interface com GT COVID UFRJ-Macaé, considerando a participação dos integrantes do projeto neste grupo de trabalho institucional. Todos os grupos de trabalho foram compostos por discentes do projeto e supervisionados pelas docentes da equipe.

As plataformas digitais utilizadas para as reuniões de equipe e sessões científicas foram *Google Meet* e *Zoom*, além do aplicativo *WhatsApp* para comunicações internas e externas com os idosos por meio dos grupos com os integrantes. O canal do *YouTube* do Programa Interdisciplinar de Promoção da Saúde e a comunidade fechada da Guarda Sênior no *Facebook* foram utilizadas para os encontros síncronos que pretendiam publicizar as atividades e para deixá-los gravados para acesso posterior pelos membros da comunidade que não pudessem ter acesso no dia/horário marcado. O *Instagram* do projeto tornou-se mais ativo ao realizar divulgação científica e informações em saúde, não somente temáticas sobre promoção da saúde e envelhecimento humano, como também sobre COVID-19, ampliando o público-alvo do projeto para além dos idosos, potencializando o contato com a comunidade acadêmica interna e externa ao Campus UFRJ-Macaé, bem como profissionais de saúde que buscavam como fonte segura de informações.

4. RESULTADOS

Ao consolidar o conjunto de ações desenvolvidas pelo projeto *ENUSA* até o presente momento do cenário pandêmico, é possível identificar que a readequação de atividades em novos formatos possibilitou uma rica construção coletiva a partir do exercício da dialogicidade e integração entre os membros, mesmo em tempos tão desafiadores.

Os resultados encontram-se descritos abaixo por categorias de atividades, todas tendo utilizado o meio digital como ferramenta de garantir o planejamento, execução e avaliação das ações.

Reuniões e sessões científicas: durante todo o período de pandemia foram feitas várias reuniões de equipe com os membros do projeto *ENUSA* para fins de organização das atividades remotas, além de duas sessões científicas, até o presente momento. A terceira encontra-se em fase de planejamento.

Desenvolvimento de materiais de educação em saúde e divulgação científica produzidos pela equipe e/ou baseadas em entidades, sociedades e instituições governamentais e não governamentais: investigação, troca e divulgação dos novos conhecimentos acerca da doença em seus aspectos de saúde coletiva e clínicos, diretrizes para populações específicas e orientações de manejo das condições impostas pelo distanciamento

social. Houve o desenvolvimento e divulgação de material educativo em formato de *e-book* intitulado por: “Sistema Imunológico, Envelhecimento e Alimentação em tempos de COVID-19: O que é preciso saber para ajudar a prevenir/combater a infecção viral?” (disponível em: <https://drive.google.com/file/d/12KhDzIN2NfQA3sUOq4dLmH3GsolsiY51/view>).

Esse material foi resultado do estudo prévio dos integrantes do projeto sobre aspectos importante ligados à saúde no início da pandemia e teve como objetivo reunir as principais recomendações lançadas até aquele momento, principalmente por instituições governamentais, sociedades científicas e conselhos profissionais das áreas da saúde para fornecer à sociedade um material didático com informações sérias e relevantes para o enfrentamento da COVID-19; vídeo informativo sobre o *ENUSA* que teve como objetivo principal apresentar o projeto de extensão, as ações promovidas pelo mesmo durante seus seis anos de existência, até então, e as ações remotas que vinham sendo desenvolvidas ao longo da pandemia.

Além disso, o vídeo também tinha por finalidade, lançar e ampliar a divulgação do *e-book* supracitado para que este atingisse mais pessoas. Como resultado, o *e-book* “Sistema Imunológico, Envelhecimento e Alimentação em tempos de COVID-19: O que é preciso saber para ajudar a prevenir/combater a infecção viral?” foi publicado tanto na rede social (*Instagram @enusa_ufrj*) como no site da Prefeitura de Macaé; o material educativo intitulado por “Impactos da COVID-19 em pessoas idosas” (disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1HwpQ42EI-JjgvCcndknG-WqYuPQqSc3S9/view>) e elaboração e divulgação do “Livro de receitas da Guarda Sênior de Macaé” construído em conjunto pelos integrantes do projeto *ENUSA* com os idosos (disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1dzQgVXtkuaUuGp2jkkjos2cnBRbsfbEZu/view>).

Participações em obras e eventos científicos online: participação do projeto no livro intitulado “Saberes e experiências de extensão em promoção da saúde (disponível em: https://drive.google.com/file/d/1L-SVyg_veYcpSzvdOotlSv17TrY8FK8HD/view); participação no Festival do Conhecimento da UFRJ em um painel temático sobre alimentação e nutrição em cuidados paliativos (disponível no Canal do *YouTube* web-TVUFRJ em 15/07 sala 11, 14h30), assim como um papo virtual sobre o documento da ONU consolidado e traduzido pelo projeto: “Impactos da COVID-19 em pessoas idosas” (disponível no Canal do *YouTube* webTVUFRJ em 23/07 sala 09, 14h30).

Além dessas atividades síncronas, o *ENUSA* ainda contribuiu, para o Festival do Conhecimento da UFRJ, com a participação em um vídeo sobre o PIPS (disponível no Canal do *YouTube* do Programa Interdisciplinar de Promoção da Saúde do Campus UFRJ-Macaé); participação do *ENUSA* em um evento do PIPS intitulado por: “Oficina Discente sobre Promoção da Saúde” (disponível no Canal do *YouTube* do Programa Interdisciplinar de Promoção da Saúde do Campus UFRJ-Macaé) e participação do IIº Simpósio de Geriatria e Gerontologia da UFRJ-Macaé, promovido pela Liga Acadêmica de Geriatria e Gerontologia da UFRJ-Macaé (disponível no canal do *YouTube* da Liga Acadêmica de Geriatria e Gerontologia do Campus UFRJ-Macaé); além de divulgação de publicações com conteúdo de informação em saúde e divulgação científica na rede social do projeto, cujos temas principais foram, até o presente momento, voltados à COVID-19: COVID-19 e atividade física, pontos importantes das relações humanas dos idosos durante a pandemia, COVID-19 e saúde mental e demais temas na área da Gerontologia como fatores relacionados às quedas, demência, saúde bucal, cuidados com Alzheimer, atenção à saúde do idoso, gerontecnologia, vacinação, arteterapia, dentre outros.

Sobre as atividades síncronas com os idosos: os temas de interesse foram trazidos pelos idosos e se transformaram em *lives* (todas salvas no Canal do *YouTube* do Programa Interdisciplinar de Promoção da Saúde do Campus UFRJ-Macaé), com os seguintes títulos: “Como manter a independência e a funcionalidade do idoso na quarentena”, “Estratégias fisioterapêuticas na promoção da saúde dos idosos em tempos de quarentena”, “Saúde mental do idoso”, “Qualidade de sono em idosos”, “Promoção da saúde de idosos diabéticos” e “Vacinação do idoso”. Foram convidados diferentes profissionais especialistas, dentre eles, médicos, fisioterapeutas e professores do Campus UFRJ-Macaé que colaboraram com suas expertises, alcançando um total aproximado de 1150 visualizações até o momento.

Houve estruturação de resumo para proposição em evento científico interno em 2021 intitulado Extensão universitária em tempos de pandemia: desafios e possibilidades vivenciados pelo projeto *Envelhecimento, Nutrição e Promoção da Saúde* (*ENUSA* UFRJ-Macaé), elaborado pela equipe discente e docente.

Apesar do momento ser desafiador em função da condição sanitária mundial, que impactou localmente o contato direto dos membros internos da equipe entre si e com os idosos, o *ENUSA* optou por não interromper suas atividades, que tiveram por objetivo a integração entre os

membros do projeto e a manutenção do contato e vínculo, mesmo que de forma remota com os idosos, principalmente levando em consideração os impactos do distanciamento social para o público idoso, em função do alto risco de infecção, gravidade de casos e mortalidade nessa faixa etária.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da deflagração da pandemia, o projeto buscou reinventar-se desde o início a fim de garantir a continuidade de suas ações, que foram vistas pelos integrantes como fundamentais para o público-alvo que se apresentava como um dos mais frágeis neste novo contexto: os idosos. O tempo prolongado do distanciamento social que continua se impondo localmente evidencia a importância da continuidade das ações de extensão, de forma a oportunizar a troca entre a sociedade e comunidade acadêmica, ainda que à distância.

Apesar de todas as circunstâncias desafiadoras, o projeto resiste com o propósito de manter as ações extensionistas em formato remoto e iniciar o planejamento das ações pós pandemia, quando for possível a retomada da convivência presencial. Ainda há inúmeros obstáculos a serem superados e também novos desafios surgirão. Todavia, o projeto *ENUSA* continuará em busca de alternativas no decorrer dessa trajetória a fim de proporcionar as melhores experiências possíveis e trocas de saberes entre os universitários e o grande grupo de idosos com os quais trabalhamos, tendo como pilar de construção das ações o cumprimento das diretrizes da extensão universitária brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Extensão Universitária. Brasília: *Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC*, Edição Atualizada, 2000/2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: *Política Nacional de Promoção da Saúde*, 3. ed., 2010.

FORPROEX. *Fórum de pró-reitores de extensão das instituições públicas de educação superior brasileiras*. Política Nacional de Extensão Universitária. Porto Alegre: Gráfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. (Coleção Extensão Universitária, v. 7).

OLIVEIRA *et al.* Relato de experiência do projeto Envelhecimento, Nutrição e Promoção da Saúde - ENUSA. *In:* Lourenço, Ana Eliza Port & Bergold, Leila Brito. *Saberes e experiências de extensão em promoção da saúde*. Campos dos Goytacazes: Ed Essentia, p. 81-91, 2019.

UNITED NATIONS. *Policy Brief: The Impact of COVID-19 on older person*, 2020.

RESPIRA E NÃO PIRA: A RESILIÊNCIA DAS MACROMOLÉCULAS NA PANDEMIA

22

MANUELA LEAL DA SILVA

COORDENADORA DO PROJETO A IMPORTÂNCIA DAS MACROMOLÉCULAS
NA SAÚDE HUMANA

AMÉRICO DE ARAÚJO PASTOR JUNIOR

LEONARDO ARAUJO DE ABREU

DOCENTES NO INSTITUTO DE BIODIVERSIDADE E SUSTENTABILIDADE – UFRJ-MACAÉ

MARIA FERNANDA RIBEIRO DIAS

DOCENTE NA SEDU – SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO/ES

ENOQUE GONÇALVES RIBEIRO

DOUTORANDO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS E CONSERVAÇÃO – UFRJ-MACAÉ

ANA CAROLINA SILVA BULLA

MARIA EDUARDA ALVES ESTEVES

MESTRANDAS EM BIOLOGIA COMPUTACIONAL E SISTEMAS – IOC/FIOCRUZ

ALINE MAIA ALVES

LORRANA FARIA FONSECA

GRADUANDAS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – UFRJ-MACAÉ

RESUMO

A equipe do projeto *A importância das macromoléculas na saúde humana*, do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (NUPEM/UFRJ), realizou, durante o período da pandemia do novo coronavírus, produções de mídia para a divulgação e comunicação científica por meio de redes sociais, cursos, treinamentos on-line e co-autoria de cartilhas com embasamento científico sobre a COVID-19. Foram ministrados cursos para a rede Municipal de ensino de Macaé e na 17ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) para discentes de graduação e pós-graduação. As cartilhas *De olho na Covid-19 – Vol. II e III* foram produzidas voltadas ao público adulto e juvenil e publicadas pela NUPEM Editora. Diante disso, o objetivo é expor as atividades realizadas nesse período e propor uma reflexão sobre o papel do extensionista junto à comunidade, tendo como foco informar e diminuir danos historicamente registrados.

PALAVRAS-CHAVE

Divulgação Científica; COVID-19; Extensionistas; Persistência.

1. INTRODUÇÃO

O projeto *A Importância das Macromoléculas na Saúde Humana*, iniciado em julho de 2019, foi apresentado à área temática de educação no Programa Articulado “Cuidando Da Vida: Metabolismo Natural E Metabolismo Social” do edital RUA 2019-2. A proposta inicial do projeto era enriquecer a experiência dos discentes do segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio, por meio de conteúdos aprendidos em sala de aula (em disciplinas como Ciências, Química e Biologia) com tópicos importantes para a saúde, tal como a influência das macromoléculas no organismo humano e as interações que ocorrem no organismo ao utilizar fármacos, por exemplo. A execução do projeto conta com uma equipe multidisciplinar composta por discentes de graduação, pós-graduação e docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que criaram animações, vídeos, imagens e material impresso em 3D para explorar em sala de aula as conexões entre as ciências e a vida social dos discentes.

A execução do projeto, de forma presencial, tem como escolas parceiras a Escola Municipal Olga Benário Prestes e o Colégio Estadual Luiz Reid – de segundo segmento do Ensino Fundamental, respectivamente 8º e 9º anos – e o Ensino Médio do Município de Macaé/RJ. Entretanto, as atividades presenciais foram interrompidas na primeira quinzena de março de 2020, devido à pandemia do novo coronavírus, quando os últimos ajustes no material produzido para as atividades teórico-expositivas foram realizados. Naquele momento, devido a experiências de outros países e com um entendimento superficial da real situação do Brasil, foi feita uma reorganização no grupo de extensionistas, migrando para reuniões remotas, que possibilitaram a continuação do projeto.

O avanço da pandemia, e as informações desconstruídas dos entes federados, unidos ao surgimento de inúmeros decretos e a necessidade de sermos sujeitos ativos no processo de combate à mesma, culminou na produção de material de comunicação fundamentado por conhecimento científico que pudesse ser compartilhado em mídias sociais. No âmbito de um cenário de pandemia, a proposta inicial baseou-se no processo de divulgação e letramento científico a partir da elaboração de mídias para divulgação científica e, posteriormente, na elaboração de cursos e participação na autoria de cartilhas cujos temas cerceiam a Covid-19.

No dia 01 de abril, quinze dias após o início do isolamento social e suspensão das atividades nas Instituições de Nível Superior em Macaé/RJ, a primeira postagem na conta recém-criada do projeto no *Instagram* (<https://www.instagram.com/macromoleculasnaude/>) foi feita. O primeiro conteúdo postado contemplou temas relacionados à Covid-19 em um *post* sobre os efeitos da intoxicação por Cloroquina e Hidroxicloroquina. Novas postagens com conteúdo sobre macromoléculas surgiram à medida que novos termos sem aprofundamento científico começaram a ganhar destaque na mídia. Assim, a equipe do projeto se empenhou em produzir conteúdo para explicar de forma simples e com base científica tais termos e procedimentos.

Os cursos “Ferramentas computacionais para visualização de moléculas 3D” e “Adaptação de conteúdo para divulgação científica em mídias sociais” foram elaborados para docentes do ensino básico e estudantes de graduação, e ofertados por meio do Centro de Formação Carolina Garcia, da Secretaria Municipal de Educação de Macaé. O curso “Uso da Inteligência Artificial como ferramenta computacional para visualização de moléculas em 3D” foi oferecido na 17ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2020 (SNCT) mediante parceria com o Espaço Ciência Viva, no qual foram discutidos conceitos biológicos e funcionais de macromoléculas, além do tema “Inteligência Artificial” e como esta área gera impactos positivos na saúde.

Dessa forma, o objetivo principal do projeto, ora focado nos estudantes das escolas do segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio, amplia seu público-preferencial e cria a necessidade de constância na produção do material, que segue enfatizando a divulgação e alfabetização científica no que tange às macromoléculas e à importância que as mesmas desempenham na saúde humana. A partir do contexto atual e utilizando informações científicas divulgadas sobre a pandemia, temos o propósito de contribuir para o incremento do letramento científico e digital de toda a comunidade.

2. METODOLOGIA

Com uma equipe de 17 pesquisadores – dos quais quatro professores, quatro discentes de pós-graduação e nove discentes de graduação –, a execução do projeto em 2020 e 2021 prosseguiu de forma on-line. Os

temas discutidos nas reuniões são divididos em pequenos grupos, a fim de que os discentes de graduação assumam a pesquisa e produção inicial das postagens. Acompanhados pelos discentes de pós-graduação e dos docentes, o material produzido é posteriormente discutido, suas referências e parte gráfica são revisadas e, por fim, é finalizado para postagem nas redes sociais. Em um procedimento semelhante, o material didático dos cursos foi elaborado de forma colaborativa.

Para essa rotina, foram utilizados diversos softwares. O Skype é usado para as reuniões e o trabalho colaborativo é desenvolvido nas plataformas Google Drive e Google Docs. A representação das moléculas apresentadas foi feita por meio do software PyMOL (disponível em <https://pymol.org>), e as imagens de divulgação nas redes sociais foram desenvolvidas nos programas Corel Draw e Google Apresentações. Os vídeos foram editados no Camtasia Studio (<https://www.techsmith.com/video-editor>); no trans-coder/encoder Handbrake (handbrake.fr); e no iMovie (<https://www.apple.com/br/imovie/>). Para produção das postagens e material didático, foram realizadas pesquisas nas seguintes plataformas: Periódicos CAPES, SciELO, PubMed, Google Scholar, Web of Science e bulário eletrônico da página da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Além disso, foram utilizados diferentes bancos de dados como DrugBank, Drugs.com, Protein Data Bank (PDB) e PDB-101, para busca de informações sobre as substâncias químicas abordadas e divulgadas.

3. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO E PROCEDIMENTOS

Os primeiros temas explorados foram selecionados a partir de dúvidas e distorções de informação que chegavam aos familiares e pessoas próximas da equipe, como o uso de Cloroquina e Hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19 e do que se tratava teste *in vitro*. As primeiras imagens elaboradas foram submetidas a familiares e amigos de integrantes do projeto. A partir do retorno delas, foram feitas adaptações gráficas e textuais de todo o conteúdo a ser divulgado. As imagens foram preparadas com intuito de serem facilmente copiadas e compartilhadas por aplicativos de mensagens, tendo a página no *Facebook* (<https://www.facebook.com/macromoleculasnaude/>) e o perfil no *Instagram* (@macromoleculasnaude) como principais meios de divulgação. Além das postagens, foram elaboradas em parceria com o projeto *Prazer em Conhecer: Temas*

da Atualidade – Covid-19 cartilhas que contam com mais de 20 capítulos sobre temas atuais relacionados à pandemia da Covid-19. A formação multidisciplinar e o conhecimento da equipe foram essenciais para a produção das cartilhas, cujos capítulos “Medicamentos e a Covid-19” e “Microbioma dos pacientes com Covid-19” foram publicados sob nossa autoria.

Baseado na expertise desenvolvida pela equipe do projeto para produzir o material de divulgação científica, oferecemos cursos para diferentes públicos. O primeiro curso focou na formação continuada de professores da rede pública de Macaé. Nele, foi apresentado um guia prático de produção de conteúdo para mídias digitais, com base científica e linguagem apropriada. No segundo curso, também voltado a professores, foi discutido o conceito de modelos 3D e ferramentas de visualização que pudessem ser incorporadas aos métodos de ensino-aprendizagem, agora remotos. Adicionalmente, foram abordadas definições básicas sobre biologia molecular e bioquímica, a concepção de macromoléculas, a formação de proteínas e suas funções. Em um terceiro momento, foi oferecido um curso durante a SNCT de 2020, no Espaço Ciência Viva, de tema “Inteligência Artificial e sua aplicação na saúde”.

A elaboração, organização e execução dos cursos empregou conteúdos baseados em artigos científicos e livros. As moléculas 3D utilizadas nos cursos são oriundas do site educacional PDB101 (<https://pdb101.rcsb.org/>). Dentre os tópicos abordados nos cursos oferecidos, estão: i) O que são proteínas? ii) Quais as propriedades das proteínas? e iii) Estruturas proteicas: primária, secundária, terciária e quaternária. Além disso, os integrantes do projeto acrescentaram o tema iv) Tipos de interações moleculares: interações hidrofóbicas, interações de van der Waals e ligações de hidrogênio.

Para a visualização das estruturas previamente selecionadas, foram ofertadas duas opções: o servidor online LiteMol (<https://www.litemol.org/>) e o programa PyMOL, assim como as instruções de instalação para o segundo. O LiteMol é oferecido gratuitamente e sem necessidade de realizar download ou instalação, além de disponibilizar ferramentas básicas de visualização, o que permite flexibilidade aos participantes. Por outro lado, o PyMOL é oferecido gratuitamente a acadêmicos e educadores. Ele permite a visualização e a geração de imagens e animações em alta qualidade, além de algumas funcionalidades como o alinhamento de estruturas e cálculo de Root Mean Square Deviation (RMSD), que remete à sobreposição

de átomos das moléculas alinhadas. Dessa forma, a visualização de moléculas pode ser um recurso utilizado pelos professores em suas disciplinas, agora remotas, devido à pandemia.

Como avaliação dos cursos e do conteúdo proposto, foi sugerido aos participantes o preenchimento de um questionário sobre os conceitos discutidos, avaliação didática dos ministrantes e sugestões pertinentes ao melhoramento dos ensinamentos. Ademais, debates entre os integrantes do grupo são realizados após cada curso ministrado, visando a melhoria de competências a serem aprimoradas nas próximas atividades do projeto.

4. RESULTADOS OBSERVADOS

Os conteúdos de divulgação científica foram publicados a partir de abril de 2020 pelas contas do *Instagram* e *Facebook*, com o propósito de alcançar um público que pudesse compartilhar o material. Os *posts*, em formato de imagens e vídeos, foram acompanhados de um breve texto explicativo seguido das referências utilizadas, totalizando 22 postagens relacionadas ao assunto Covid-19 e seis postagens sobre macromoléculas, que abordam características estruturais, medicamentosas e fisiológicas (figura 1). Os perfis acumularam um crescimento orgânico de 197 e 423 seguidores, respectivamente. A faixa etária majoritária dos seguidores ficou entre 18 e 44 anos, acessado das cidades de Macaé, Rio de Janeiro, Petrópolis, Rio das Ostras e Cabo Frio. As primeiras 15 postagens foram realizadas até o mês de julho de 2020 e alcançaram 472 contas, 2199 impressões (quantas vezes o público visualizou a publicação) e uma média de 252 interações (curtir, comentar e compartilhar) semanal. Na página do *Facebook*, por meio dos seguidores da página e suas ações de envolvimento com o conteúdo postado (comentários, curtidas e compartilhamentos), foram alcançados 3267 perfis de usuários até julho.

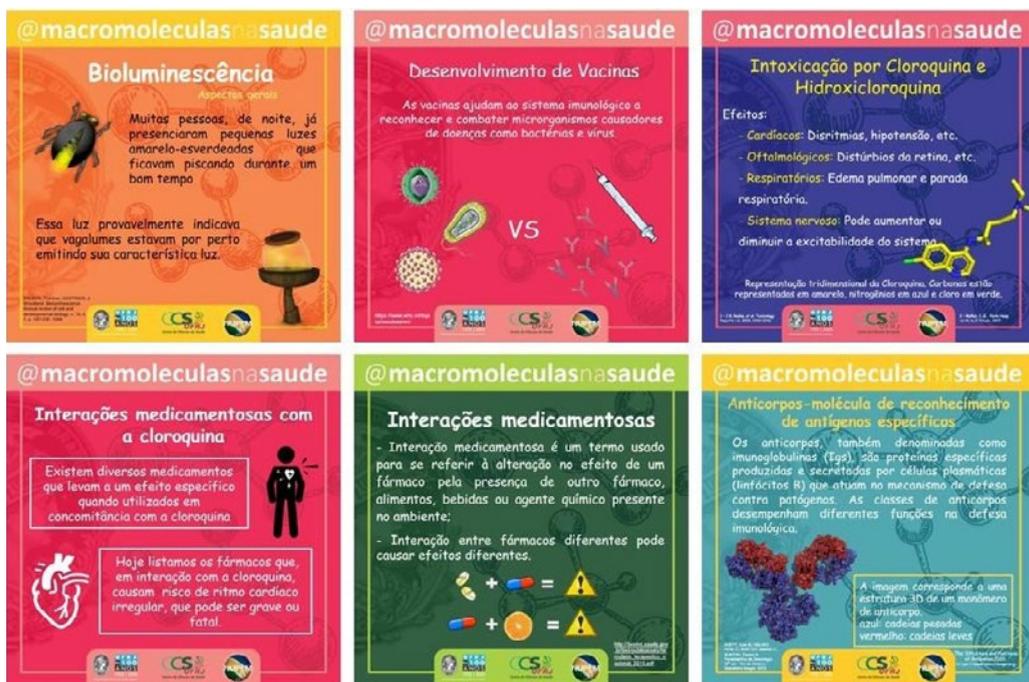


Figura 1 – Postagens sobre macromoléculas relacionadas à pandemia publicadas em redes sociais. Fonte: Compilação do autor. Disponível em: <https://www.facebook.com/macromoleculasnasaude/> e <https://www.instagram.com/macromoleculasnasaude/>

Outra produção relevante foi a co-autoria das cartilhas “De Olho na Covid-19” volumes II e III, juntamente com outros discentes e docentes da UFRJ. As cartilhas, baseadas em artigos científicos e publicadas pela NUPEM Editora, expõem, de forma clara e simplificada, aspectos da doença visando o público geral. As cartilhas estão disponíveis na página (<http://www.macaee.ufrj.br/nupem/index.php/novidades/13-novidades/776-livros>). O mesmo conteúdo foi adaptado para produção de uma série de *posts* sobre “Microbiota e Covid-19” nas redes sociais do projeto (figura 2).



Figura 2 – Postagens sobre microbiota, publicadas em redes sociais, que utilizaram como base os textos publicados nas cartilhas da NUPEM Editora. Fonte: Autoria própria. Disponível em: <https://www.facebook.com/macromoleculasnasaude/> e <https://www.instagram.com/macromoleculasnasaude/>

Os cursos remotos foram oferecidos em três momentos diferentes, sendo dois de formação continuada e um na SNCT. Os cursos de formação continuada ocorreram em junho e julho de 2020 com divulgação nas redes sociais do projeto, no site da Prefeitura de Macaé e no site da UFRJ (<https://www.macaue.ufrj.br/nupem/index.php/novidades-slideshow/1242-minicursos-para-formacao-continuada-dos-professores-do-ensino-municipal-de-macaue>). Os inscritos foram professores da rede municipal de Macaé e discentes da UFRJ-Macaé, onde 75% das vagas foram destinadas aos professores.

O primeiro curso foi voltado para o tema “Adaptação de conteúdo para divulgação científica em mídias sociais”, com oito horas de duração, sendo aplicado a uma turma com 20 inscritos. Os assuntos abordados foram: (i) bases científicas abertas para busca de artigos como Portal de Periódico CAPES e Google Scholar; (ii) organização do conteúdo pesquisado; (iii) importância de referenciar as fontes; (iv) noções de direito autoral e licenças; (v) banco de dados de imagens públicas; (vi) noções básicas de design; (vii) ferramentas e aplicativos; e (viii) onde aprender mais sobre as ferramentas apresentadas. É válido ressaltar que, quando este curso foi apresentado aos professores da rede pública, tais docentes, antes acostumados a ministrar aulas expositivas em sala, buscavam estratégias eficazes para que o conteúdo chegasse aos discentes, considerando todas as limitações e desigualdades (tecnológicas e sociais) impostas pelo momento. O conteúdo do curso possibilitou a eles conhecerem o ferramental necessário para produzir imagens que pudessem enviar por *WhatsApp*, por

exemplo, a fim de apresentar ou fixar os temas de aula. Além, é claro, da importância de boas fontes e referências, o que tende a melhorar e atualizar o conteúdo trabalhado desses profissionais da educação.

O curso “Ferramentas Computacionais para Visualização de Moléculas em 3D”, com duração de 8 horas, foi aplicado a uma turma com 20 inscritos. Os assuntos abordados foram: (i) informações sobre macromoléculas e como elas são importantes na saúde humana; (ii) informações sobre Cloroquina e Hidroxicloroquina e seus efeitos adversos, possíveis intoxicações e em que momento ambas as moléculas podem ser utilizadas segundo a Anvisa; (iii) informações sobre o vírus SARS-CoV-2 e a doença infecciosa Covid-19, visando à divulgação científica de qualidade.

Já o curso oferecido durante a SNCT, intitulado “Uso da Inteligência Artificial como ferramenta computacional para visualização de moléculas em 3D”, teve 8 horas de duração, sendo aplicado para três turmas, contemplando 48 cursistas. A programação foi subdividida em três etapas: (I) revisão de conceitos básicos em bioquímica e biologia molecular; (II) apresentação de bancos de dados de moléculas – PDB e PubChem; (III) ferramentas computacionais para visualização de moléculas 3D – PyMol e LiteMol.

A figura 3 apresenta a chamada para os três cursos citados e ministrados pela equipe do projeto “A importância das Macromoléculas na Saúde Humana”.

ADAPTAÇÃO DE CONTEÚDO PARA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM MÍDIAS SOCIAIS

Um minicurso oferecido pelo projeto de extensão A Importância das Macromoléculas na Saúde Humana do NUPEM/CCS - UFRJ

Coordenadores do minicurso: Dra. Manuela Leal e Msc. Enoque Ribeiro
Tutores: Lucas Eduardo, Ana Carolina Silva Bulla, Joyce Melo

Ferramentas Computacionais para Visualização de Moléculas em 3D

Minicurso oferecido pelo projeto de extensão:
A Importância das Macromoléculas na Saúde Humana do NUPEM/CCS - UFRJ

Coordenadores do minicurso: Dra. Manuela Leal da Silva e Yago Frossard
Tutores: Ana Carolina Silva Bulla, Enoque G. Ribeiro, Joyce Rodrigues Melo, Lorrana Faria Fonseca e Maria Fernanda Ribeiro Dias, Lucas Eduardo Melo Barboza

Escola Espaço CIÊNCIA VIVA

Curso on-line

Uso da inteligência artificial como ferramenta computacional para visualização de moléculas em 3D

Realizadores:
Manuela Leal da Silva e Magdalena Rennó (NUPEM/UFRJ),
Caio Felipe de Araujo Ribas Cheehen (UFRJ), Enoque Gonçalves Ribeiro (UFRJ),
Maria Eduarda Alves Esteves (FIOCRUZ), Ana Carolina Silva Bulla (FIOCRUZ)
Maria Fernanda Ribeiro Dias (SEDU/ES) e Lorrana Faria Fonseca (UFRJ).

Data: 20 e 22 de outubro de 2020
Horário: 9:30h às 12:30h / **Vagas:** 15
Público preferencial: Estudantes de graduação, de pós graduação e docentes.

www.ciencioviva.org.br

Figura 3 – Chamada para os cursos idealizados, produzidos e ministrados pelos integrantes do projeto A importância das macromoléculas na saúde humana, oferecidos ao longo do ano de 2020 para diferentes públicos. Fonte: Autoria própria. Chamada para o curso da SNCT, disponível em: <http://ciencioviva.org.br/>.

As reflexões sobre as atividades de 2020 resultaram na produção de dois artigos de relato de extensão, sendo uma delas apresentada e encaminhada para publicação no ebook do VI Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente Guaracira Gouvêa; e a outra publicação na revista “Raízes e Rumos” da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PROExC-UNIRIO). O volume foi dedicado a relatos de ações extensionistas e reuniu trabalhos de diferentes campos. No artigo, foram descritas e discutidas a experiência do grupo como atuantes na produção de mídias para divulgação científica voltadas ao esclarecimento de questões envolvendo transmissão, tratamento e prevenção da Covid-19. O artigo foi publicado em dezembro de 2020 e está disponível na página da revista <http://www.seer.unirio.br/index.php/raizeserumos>.

O quadro 1 apresenta o resumo das atividades realizadas pela equipe do projeto de extensão *A Importância das Macromoléculas na Saúde Humana* no período de abril de 2020 a abril de 2021, mostrando os frutos da estratégia que o grupo adotou durante o período de isolamento social.

| Atividades | Quantitativo |
|---|---------------------------------|
| Divulgação Científica | 28 publicações em redes sociais |
| Cursos ministrados | 3 |
| Co-autoria de Cartilhas relacionadas à Covid-19 | 2 |
| Produção de artigos | 2 |

Quadro 1 – Resumo das atividades realizadas pelo grupo de extensão A Importância das Macromoléculas na Saúde Humana no período de abril de 2020 a abril de 2021.

A adaptação do projeto para forma remota possibilitou a integração de professores, discentes de graduação e pós-graduação em colaborações que não seriam possíveis devido à distância geográfica. Vale ressaltar que, com a sistemática remota adotada, integrantes de outras localidades e instituições puderam participar do projeto, trazendo um novo olhar e dinâmica ao grupo e permitindo o amadurecimento da percepção e desenvolvimento de temáticas abrangentes.

A manutenção das reuniões semanais facilitou o processo de adaptação e, conseqüentemente, de produção colaborativa de conteúdos em

diversos formatos, além do crescimento interpessoal decorrente das discussões fomentadas entre os participantes do projeto com diferentes formações.

A participação dos estudantes favoreceu o reconhecimento de questões sociais relacionadas ao negacionismo e carências no ensino de ciências. Essa amplitude da dimensão contribuiu para a formação cidadã dos participantes do projeto na medida em que eles puderam reconhecer urgências sociais e, dialogicamente, desenvolver conhecimentos para oportunizar espaços de aprendizagem à comunidade. Vale destacar o perfil interdisciplinar e interprofissional da equipe, bem como sua articulação com atividades de pesquisa em educação, comunicação e, claro, em química, biologia e saúde.

Em 2021, o grupo segue com as atividades de divulgação e letramento científico. O foco das postagens permanece voltado à Covid-19, dado a onda de desinformação crescente que enfrentamos atualmente. Neste momento, o grupo segue elaborando mais um curso intitulado “Medidas Preventivas não Farmacológicas para Prevenção da Covid-19 na Escola”. O curso é voltado para educação sanitária frente à Covid-19 e será oferecido de forma remota, tendo como público-preferencial auxiliares de serviços escolares, auxiliares de serviços gerais e porteiros(as) das escolas municipais de Macaé-RJ. O curso foi elaborado sob demanda do Centro de Formação Carolina Garcia, da Secretaria Municipal de Educação de Macaé, parceiro do projeto, tendo em vista o (possível) momento de retorno das atividades escolares presenciais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, houve um aumento significativo do uso diário de redes sociais e de mídias digitais como fontes de informação. Essas ocorrem em grande intensidade e frequência, alcançando assim uma ampla diversidade de público, que por vezes não distingue informações confiáveis de *fake news*. De fato, há também um problema quase crônico da ciência: o distanciamento ou a dificuldade de alguns cientistas com atividades que busquem sua popularização. Assim, o presente projeto vem buscando justamente auxiliar na construção da ponte entre ciência e sociedade. Como consequência, esperamos contribuir para elevar o potencial educativo da população geral, auxiliando-os no entendimento sobre a ciência e os seus métodos. Diante dos resultados preliminares,

esperamos produzir novas edições de cartilhas de forma a contribuir com a divulgação científica de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMTASIA STUDIO. Versão 8 (2016). Disponível em: <https://www.techsmith.com/video-editor>.

DA SILVA, M. L.; PASTOR JUNIOR, A. A.; RIBEIRO, E. G.; FONSECA, L. F.; BULLA, A. C. S.; DIAS, M. F. R. Experiências de divulgação científica e letramento científico sobre moléculas durante a pandemia da Covid-19. *Raízes e Rumos*, v. 8, p. 252-263, 2020.

DELANO, W. L. *The PyMOL Molecular Graphics System*. DeLano Scientific: Palo Alto, CA. Disponível em: <http://www.pymol.org>.

GOOGLE, INC. *Google Apresentações*. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/slides/about/>.

CORELDRAW, *Graphic Suite 2017 Software de design grafico*. Disponível em: <https://www.coreldraw.com/>.

APPLE. *iMOVIE*. Mac App Store. Disponível em: <https://www.apple.com/br/imovie/>.

PETIT, Eric. *HandBrake*. Disponível em: <https://handbrake.fr/>.

SANTOS, M. P. O. J. *et al. De olho na Covid-19*. 1. ed. Macaé: Editora NUPEM, 2020. v. 2. 53p.

SANTOS, M. P. O. J. *et al. De olho na Covid-19*. 1. ed. Macaé: Editora NUPEM, 2021. v. 3. 56p.

SAÚDE E DANÇA: RESULTADOS DAS ADAPTAÇÕES DE UMA AÇÃO DE EXTENSÃO EM SAÚDE, DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

FERNANDO E. ZIKAN

DIRETOR DA FACULDADE DE FISIOTERAPIA - UFRJ E COORDENADOR DA AÇÃO DE EXTENSÃO DANÇA E SAÚDE – UM BELO PAS DE DEUX

BRUNO MUTUANO

GRADUANDO EM FISIOTERAPIA - UFRJ E MEMBRO DA EQUIPE EXECUTORA DA AÇÃO DE EXTENSÃO DANÇA E SAÚDE – UM BELO PAS DE DEUX

YASMIN OLIVEIRA

GRADUANDA EM FISIOTERAPIA - UFRJ E MEMBRO DA EQUIPE EXECUTORA DA AÇÃO DE EXTENSÃO DANÇA E SAÚDE – UM BELO PAS DE DEUX

RESUMO

A dança profissional exige muito esforço e tem como consequência um alto índice de morbidades. Nesse sentido, as lesões são imprevisíveis e têm grande impacto na vida dos bailarinos. Diante disso, a pandemia do COVID-19 foi outro imprevisto a ser enfrentado e, no âmbito da dança, foram desenvolvidas estratégias para dar continuidade à prática. A extensão tem como objetivo dar orientações e informações sobre saúde e, no contexto atual de isolamento, também direciona adaptações práticas. Visando realizar um diagnóstico situacional, a ação de extensão elaborou um formulário sobre condições de saúde e, a partir deste, produziu orientações necessárias a serem compartilhadas. De maneira geral, a participação dos bailarinos é bastante positiva e a extensão se mostra como grande estratégia para atender rapidamente às demandas da comunidade frente à pandemia e suas condições de saúde.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão; Ensino Remoto; Saúde; Dança.

1. INTRODUÇÃO

A dança é uma atividade profissional com participantes que são pouco orientados quanto à necessidade de um diagnóstico precoce e uma assistência à saúde apropriada. Tem como foco de atenção uma atividade profissional específica, que requer grande capacitação física e mental para a execução da atividade e que traz, como consequência, um alto índice de morbidades (ALLEN et al., 2019).

Fatores pessoais, econômicos, psicológicos e físicos aumentam o stress de bailarinos, o que resulta em elevados índices de lesões momentâneas ou permanentes e pode levar ao fim do exercício profissional, influenciando diretamente na qualidade de vida destes (STRETANSKI e WEBER, 2002).

O balé é uma prática de dança que exige alto desempenho e elevada demanda muscular e estrutural (WYON, 2010).

Devido a isso, as lesões ocorrem, na maioria das vezes, por entorses, microtraumas, excesso de treino (que leva a fadiga muscular), entre outras causas. Sendo assim, em alguns movimentos, os bailarinos sobrecarregam determinadas áreas do corpo, promovendo compensações, desequilíbrios e lesões musculoesqueléticas, modificando a biomecânica corporal, principalmente na cervical, na lombar e nos membros inferiores, sendo o tornozelo a causa mais frequente (COSTA et al., 2016).

O risco constante de ocorrer alguma lesão faz com que o bailarino sofra pressões constantes para realizar sua atividade profissional e, quando ela acontece, este passa a considerá-la como parte integrante de sua vida; o que acaba tornando, algumas vezes, mais difíceis a sua recuperação e a realização da atividade. Mesmo em um ambiente ideal, com linóleo, barras, espelhos e o toque, com o suporte do professor, que proporcionam maior atividade proprioceptiva, esse risco se mantém alto (WYON, 2010; COSTA et al., 2016).

Quando esbarramos com imprevistos nesse processo, como agir?

Nos deparamos com uma pandemia que identificou a necessidade dos alunos manterem suas atividades para não perderem condicionamentos físicos, mas agora em um outro ambiente. Este ambiente novo depende de espaço apropriado, boa conexão com a internet, orientação clara e bastante cuidado. Agora, durante a pandemia, os bailarinos precisam ter total consciência corporal e entender melhor os limites fisiológicos do seu corpo, principalmente para não serem ultrapassados e, assim, produtores de lesões.

A falta de assistência especializada no universo da dança (TWITCHETT et al., 2010), o despreparo na realização de suas atividades e na orientação quanto a condutas a serem realizadas, nos motivou a informar e atualizar o aluno e docentes de cursos de formação profissional em dança de maneiras preventivas para que evitem que as lesões ocorram. Motivando, assim, que identifiquem o perfil lesional desta população e os fatores que facilitariam a prevenção e a abordagem terapêutica (LIEDENBACH, 2010).

Como adequar e reinventar essas ações durante a pandemia? Faria sentido, entendendo toda esta complexidade? Será que os alunos possuem condições de espaço e orientações adequadas para a realização de atividades?

2. OBJETIVO

Estabelecendo uma relação dialógica entre a academia e a instituição parceira, em uma abrangência interdisciplinar, onde a Educação e a Saúde se articulam para ajudar nesse momento de mudança de ambientes e paradigmas, este depoimento tem por objetivo relatar as modificações realizadas na ação de extensão durante o período de pandemia, a fim de continuar oferecendo práticas e vivências de educação em saúde para o público desta ação.

3. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DA AÇÃO DE EXTENSÃO

Querer uma assistência em saúde detalhada, presente e preventiva envolve interesses com experiências nas lesões músculo esqueléticas, apropriada assistência de reabilitação, suporte emocional, metas razoáveis e uma preocupação compulsiva de acompanhamento, visando o retorno às atividades (STRETANSKI e WEBER, 2002; COSTA et al., 2016; TWITCHETT et al., 2010; LIEDENBACH, 2010).

3.1 PROPOSTA PREVIAMENTE CADASTRADA E REALIZADA NOS ANOS ANTERIORES

A necessidade de uma atuação fisioterapêutica direcionada para essas patologias, por meio de medidas analgésicas, anti-inflamatórias e

intervenções que considerem o reequilíbrio biomecânico, através de análise precisa e exercícios específicos, se faz presente e indispensável no universo da dança (WYON, 2010; LIEDENBACH, 2010; STEINBERG et al., 2018)

É cada vez mais frequente a lesão ortopédica e traumática decorrente de anos de treinamento da dança, devido às alterações posturais que esta prática promove e as repercussões que a sobrecarga provoca no corpo do bailarino.

Essas lesões ortopédicas e traumáticas podem se apresentar de diversas maneiras, como lesões por desgaste, por técnicas mal executadas, alterações anatômicas e lesões diretas, por exemplo, quedas, entorse e afins (RUSSEL, 2010; PHAN, 2020)

O bailarino possui a necessidade de executar movimentos de alta intensidade e altamente treinados, onde muitas das vezes os músculos e articulações possuem a necessidade de produzir um trabalho além do que o físico consegue realizar por si mesmo (KENE, e UNNITHAN, 2008).

Tendo em vista essas alterações posturais e o intenso uso do corpo humano para esta prática, se faz cada vez mais necessário a divulgação de conhecimentos sobre essas alterações, a fim de que todos os profissionais que lidam com essa prática tenham um total domínio sobre essas disfunções e possíveis lesões e, quando for necessária, a correta abordagem terapêutica (THOMAS e TAU, 2009; BIERNACKI et al, 2018).

O balé possui grande popularidade ao redor do mundo e, apesar de parecer algo tão sublime, exige muitas horas de prática, a fim de atingir tal utopia em movimentos extremamente complexos. Para chegar ao topo, muitos bailarinos passam por inúmeras dificuldades e precisam lidar com situações adversas, seja por fatores externos, como a pressão e a insegurança, seja por fatores internos, como distúrbios fisiológicos (ZIKAN, 2018; WALTER e YANKO, 2018).

A partir desse conhecimento, surgiu a ação de extensão *Saúde e Dança – um belo pas de deux* em 2016. Desde então, alunos do curso de Fisioterapia da UFRJ, planejam e monitoram aulas teóricas e práticas sobre conhecimentos anatômicos e fisiológicos, a fim de promover maior troca de informações que influem sobre cuidados e prevenção.

3.2 ADAPTAÇÕES FRENTE À PANDEMIA E O DISTANCIAMENTO SOCIAL

Com o advento da Pandemia de COVID-19, as aulas do curso de extensão foram suspensas de maneira presencial e nos trouxe uma discussão

sobre o condicionamento físico dos bailarinos e os cuidados que deveriam adquirir ao realizar exercícios e aulas em casa, de forma remota.

Assim sendo, a ação de extensão, objetivando realizar um diagnóstico situacional com a instituição parceira, elaborou um formulário para identificar como esses bailarinos veem o curso de extensão, sua importância e qual expectativa os novos bailarinos teriam.

Este trabalho foi realizado atendendo a todas as exigências e requisitos éticos, além de ter sido aprovado pela Pró-reitoria de Extensão e obtido o consentimento dos participantes.

Um formulário enviado pelos alunos da ação de extensão aos cursistas foi respondido pelos bailarinos, alunos do 2º ano do Curso Técnico de Balé Clássico, durante o mês de abril de 2020, obtendo 18 respostas (todos os alunos matriculados). A média da faixa etária dos que responderam a pesquisa foi de 20,2 anos; onde 62,5% destes já concluíram o ensino médio e, na sua maioria, são moradores das zonas Norte e Sul do município do Rio de Janeiro. Os resultados foram unânimes (100%) em seis perguntas, que abordaram as expectativas dos bailarinos acerca do projeto de extensão, da clareza do material utilizado nas aulas e sobre a carga horária relacionada ao cronograma proposto. Além disso, foi obtida unanimidade nas perguntas que abordaram a contribuição do projeto para melhoria da consciência corporal dos bailarinos e na vida profissional dos mesmos, também na aprovação das avaliações relacionadas às aulas.

Todas as respostas apontaram, de maneira satisfatória, para a ação de extensão, da relevância do curso de maneira geral, carga horária, avanço na consciência corporal, avaliações, melhora profissional e expectativas supridas. Podemos destacar que os assuntos mais relevantes ofertados pela ação foram: práticas de fortalecimento muscular e saúde mental, ambas com aprovação de 81,3%. Os resultados com os bailarinos que ainda cursam, revelam que todos estes veem necessária a ação de extensão em seu curso técnico de ballet e que concordam que é importante, como bailarino(a) e futuro professor(a), obter conhecimentos sobre seu corpo e sobre ensino em saúde. Esse resultado foi evidenciado pela unanimidade (100%) nas perguntas previamente descritas que avaliaram a importância do projeto de extensão na vida dos bailarinos.

Como fazer isso no isolamento social?

Obter conhecimento sobre seu corpo é de suma importância para os bailarinos, principalmente entender sobre as lesões e serem orientados quanto às terapias (ZIKAN, 2019).

Nossa meta, então, foi adaptar o curso presencial ao formato remoto, já que este foi um desejo da instituição parceira e uma ação desejada pelos alunos, público beneficiado pela ação.

3.3 ESTRATÉGIAS FRENTE A NOVAS DEMANDAS DA INSTITUIÇÃO PARCEIRA

O advento da internet possibilitou a expansão do conhecimento científico, econômico e histórico. Nesse contexto, a propagação mais rápida de informação teve seus prós e contras, na qual o poder de desinformação aumentou em proporções similares à rapidez da mesma (CARVALHO, LIMA e COELI, 2020). Com isso, tornou-se imprescindível a atuação dos profissionais de saúde em fornecer informações verídicas e confiáveis para a população, incluindo idosos, adultos, crianças e, nesse caso, bailarinos.

A relação entre fisioterapeutas e bailarinos pode ter duas funções: a de curar alguma disfunção e a de ensinar. Como profissional da saúde, o fisioterapeuta tem a responsabilidade não somente de tratar disfunções, mas a de proporcionar uma visão biopsicossocial da vida dos bailarinos. E, a partir disso, o fisioterapeuta pode promover maior conhecimento acerca da biomecânica do movimento corporal, utilizado na dança, tal como a fisiologia geral do corpo, e instruí-los sobre a importância de manter uma boa saúde, tanto física quanto psicológica. Cabe salientar que há uma grande pressão para obterem um desempenho impecável nos encontros presenciais, e, devido ao atual cenário pandêmico, isso se agrava pela ansiedade do retorno à rotina normal, que parece ser tão incerto (ZIKAN, 2018; 2019; WALTER e YANKO, 2018)

A partir dessa experiência e de vivência em olhar o fazer terapêutico como prática de ensino, a ação de extensão implementou três frentes de atuação:

Acompanhamento das atividades remotas oferecidas aos bailarinos – com participação em aulas, orientações sobre dançar em ambiente domiciliar, seus cuidados com: pisos, calçados, ventilação, iluminação, alimentação e fadiga;

- a. Realização de *lives* com professores de dança e direção da escola parceira, para informar os cuidados que todos devem ter, assim como a importância de manter as atividades físicas, com os devidos cuidados, para não perder condicionamento físico e habilidades motoras e realização de aulas teóricas e práticas de conteúdo já preestabelecidos pelos alunos de Fisioterapia, juntamente com coordenador do

programa de extensão. Essas aulas possuem como objetivo aumentar o conhecimento prévio dos bailarinos sobre o corpo humano, e conscientizar sobre como realizar sua prática com mais segurança. Essas atividades estão sendo realizadas com a função de fazer com que o bailarino não sinta dificuldade ou prejuízo na retomada das aulas presenciais pela falta de conteúdos. Sendo assim, o bailarino, através das aulas remotas, compreende de qual forma pode adequar suas práticas de balé no ambiente domiciliar durante esse período (BRONNER e BAUER, 2018; BOLLING e PINHEIRO, 2010).

- b. Elaboração de um formulário de investigação de saúde para os bailarinos e seus familiares, sobre a infecção por coronavírus é possível manifestação da COVID-19, para auxiliar a Direção da Escola no planejamento do retorno de suas atividades, com segurança e atendendo aos requisitos de saúde necessários e exigidos pelas autoridades sanitárias.
- c. Esta última ação, caracteriza claramente a modificação de planejamento da ação de extensão frente à uma solicitação do parceiro institucional. Dada a possibilidade de retorno às aulas, a Escola parceira solicita ao projeto ajuda no planejamento das ações de retorno. Como o parceiro tem, no projeto de extensão, sua ponte em relação à área da saúde, a extensão universitária compreende a demanda da comunidade escolar, analisa e avalia as condições e propõe soluções conjuntas para a saúde da população escolar.

3.4 RESULTADOS OBSERVADOS AO CONCLUIR A TURMA DE AÇÃO ADAPTADA

Ao final do curso, percebemos que a extensão conseguiu trazer uma visão totalmente diferente do que se tem na graduação de Fisioterapia, visto que agora estaríamos lidando com uma realidade de pessoas que exigem ao máximo do seu físico, tanto de flexibilidade, quanto de força. As aulas, mesmo que em EAD, foram cruciais para os bailarinos e para os extensionistas. Posto que, além do alto padrão de movimento exigido, os alunos do Teatro Municipal estariam lidando com um ambiente totalmente diferente do que eles estavam acostumados a realizar em suas aulas presenciais. Desta forma, precisando de uma maior orientação, acompanhamento e conhecimento sobre o corpo, conseqüentemente, melhorando sua consciência corporal.

Além disso, para os alunos extensionistas, essa adaptação ao ensino remoto foi extremamente enriquecedora. Uma vez que, nessa nova realidade, precisamos verbalizar de forma clara e didática os assuntos das aulas, principalmente das práticas. Com isso, desenvolvemos uma boa comunicação, dicção e oratória. Quanto às aulas práticas, outro desafio foi apresentado. Oferecer aulas de alongamento e fortalecimento muscular em um ambiente remoto foi um tanto intrigante, uma vez que não poderíamos oferecer uma assistência presencial na execução dos exercícios. No entanto, a participação dos alunos de balé, com todos ligando as câmeras do computador para aprender os exercícios, foi extremamente gratificante.

No que se refere ao aprendizado deles no final do curso, aplicamos uma avaliação do conteúdo geral que foi dado e o resultado dela foi bastante satisfatório. Todos eles perceberam a importância do curso ofertado para sua vida profissional e enfatizaram como ter uma boa consciência corporal pode reduzir o risco de lesões futuras. Dado que, além de serem bailarinos, eles podem se tornar professores, promovendo uma conscientização em cadeia aos futuros praticantes do balé. Logo, podemos notar que, apesar do momento atual, a extensão foi proveitosa e essencial para todos que estavam envolvidos nela.

4. CONCLUSÃO A QUE CHEGAMOS

De maneira geral, a participação dos bailarinos na ação de extensão é imensamente positiva, visto que em meio ao aumento da prática de atividades físicas e mudanças de hábitos, podemos observar que um indivíduo que possui consciência de suas capacidades e limites, somados à orientação técnica, tem como resultado uma diminuição de fatores que possam gerar danos físicos à seu corpo.

Neste período de pandemia e de isolamento social, a extensão universitária se mostra mais importante ainda, sendo um mecanismo acadêmico ágil para atender as demandas da comunidade frente às circunstâncias inesperadas de saúde e deslocamento social. Compreendendo assim suas dificuldades, potencialidades e como as IES podem interagir com os atores sociais na busca de melhores soluções.

Desta forma, a Extensão Universitária cumpre seu papel frente a necessidade de informar, formar, partilhar e multiplicar conhecimentos; a

UFRJ promovendo essa ação de extensão, do Curso de Fisioterapia, com adaptações, para oferecer encontros remotos e reflexões aos bailarinos da Escola de Dança do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e ao seu corpo social e familiares, honra seu papel de dialogar com a comunidade frente às suas necessidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, C.P. *et al.* Sport, physical activity and physical education experiences: Associations with functional body image in children. *Psychology of Sport & Exercise*, n. 45, p. 101572, 2019.

BIERNACKI *et al.* Risk Factors for Lower-Extremity Injuries in Female Ballet Dancers: A Systematic Review. *Clin J Sport Med*, 2018.

BOLLING, C.S.; PINHEIRO, T.M.M. Professional dancers and health: a literature review, *Rev Med Minas Gerais*, v. 20(2 Supl 2), p. S75-S83l, 2010.

BRONNER, S.; BAUER, N.G. Risk factors for musculoskeletal injury in elite pre-professional modern dancers: A prospective cohort prognostic study. *Physical Therapy in Sport*, v. 31, p. 42-51, 2018.

CARVALHO, M. S.; LIMA, L. D.; COELI, C. M.. Ciência em tempos de pandemia. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro , n. 36, v. 4, e00055520, 2020.

COSTA, Michelle S. S. *et al.* Characteristics and prevalence of musculoskeletal injury in professional and non-professional ballet dancers. *Braz. J. Phys. Ther.*, São Carlos , v. 20, n. 2, p. 166-175, abr. 2016.

KENE, E.; UNNITHAN, U.B. Knee and ankle strength and lower extremity power in adolescent female ballet dancers. *Journal of Dance Medicine & Science*, v. 12, n.2, 2008.

LIEDENBACH, M. Perspectives on dance science rehabilitation understanding whole body mechanics and four key principles of motor control as a basis for healthy movements. *Journal of Dance Medicine & Science*, v. 14, n. 3, 2010.

PHAN, K. Prevalence and unique patterns of lower limb hypermobility in elite ballet dancers. *Physical Therapy in Sport*, v. 41, p. 55-63, 2020.

RUSSELL, J.A. Acute ankle sprain in dancers. *Journal of Dance Medicine & Science*, v. 14, n. 3, 2010.

STEINBERG, N *et al.* The association between menarche, intensity of training and passive joint ROM in young pre-professional female dancers: A longitudinal follow-up study. *Physical Therapy in Sport*, v. 32, p. 59-66, 2018.

STRETANSKI, M.; WEBER, G. Medical and Rehabilitation issues in classical ballet. *American Journal of Physical Medicine & Rehabilitation*, v. 81, n. 5, p. 383-391, may 2002.

THOMAS, H.; TAU, J. Dancer's perceptions of pain and injury positive and negative effects. *Journal of Dance Medicine & Science*, v. 13, n. 2, 2009.

TWITCHETT, E. *et al.* Does physical fitness affect injury occurrence and time loss due to injury in elite vocational ballet students? *Journal of Dance Medicine & Science*, v. 14, n. 1, 2010.

WALTER, O.; YANKO, S. New observations on the influence of dance on body image and development of eating disorders. *Research in Dance Education*, v. 19, n. 3, p. 240-251, 2018.

WYON, M. Preparing to perform periodization and dance. *Journal of Dance Medicine & Science*, v. 2, n. 14, 2010.

ZIKAN, F. E. Relationship between the joint mobility index and the presence of injury and pain among ballet students in Brazil. *Fisioter Bras*, v. 20, n. 1, p. 77-83, 2019.

ZIKAN, F. E. Self-reported distortion of body image among classical ballet students in Brazil: classification according to the Body Shape Questionnaire. *Fisiot Bras*, v. 19, n. 6, p. 821-9, 2018.

UMA VISÃO ÍNTIMA DO MUNDO NATURAL: OS ANFÍBIOS COMO INFLUENCIADORES DIGITAIS

24

FÁBIO HEPP

DOUTOR EM ZOOLOGIA - UFRJ E COORDENADOR GERAL DO PROJETO DE EXTENSÃO UMA VISÃO ÍNTIMA DO MUNDO NATURAL: OS ANFÍBIOS COMO INFLUENCIADORES DIGITAIS

JULIANA KIRCHMEYER

DOUTORA EM ZOOLOGIA - UFRJ

BERNARDO DE LA VEGA

MESTRE EM ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO - UNIRIO

YASMIN F. O. O. TOSTA

MESTRA EM EDUCAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA - UNIVERSIDADE DE UTRECHT

ANDRESSA M. BEZERRA

DOUTORA EM ZOOLOGIA - UFRJ

RESUMO

Vivemos uma impactante crise de desinformação e negacionismo científico. A presença online de instituições de pesquisa e ensino se faz necessária para ocupar esse importante espaço de educação não-formal. Como outras ciências, as ciências naturais encontram-se vulneráveis ao atual cenário de desinformação, incluindo a perseguição de espécies com base em superstições, como é o caso dos anfíbios. Seu aspecto úmido e frio, somado a crenças populares, faz com que estes sejam mortos e indesejados em cidades e áreas rurais. Nesse contexto, o presente projeto focou na produção de conteúdo científico digital na plataforma *Instagram* para a promoção do ensino não-formal sobre anfíbios, incluindo a desmistificação e aumento da empatia por esses animais. Atualmente, a página conta com 84 publicações e 1.654 seguidores, com um crescimento mensal compatível com o crescimento orgânico da plataforma.

PALAVRAS-CHAVE

Anfíbios; Divulgação Científica; Extensão Universitária; Mídias Sociais.

1. INTRODUÇÃO

Mais de 25 anos após a primeira edição do já clássico “O Mundo Assombrado pelos Demônios” de Carl Sagan (SAGAN, 2006), o planeta parece enfrentar uma das piores crises de desinformação. O negacionismo científico e a promoção de inverdades obscurecem a razão e se refletem em opiniões e decisões sociais questionáveis (SILVA, 2021). Nesse contexto, a ciência ainda é vista como uma vela na escuridão (SAGAN, 2006), e sua divulgação ainda mais relevante. Atualmente, há uma grande mobilização para incentivo de uma cultura científica na sociedade, e as instituições de ensino se situam em posição central nessa atividade (SILVA; CARVALHO, 2013). A cultura científica é indispensável para que os cidadãos sejam capazes de julgar de maneira consciente os acontecimentos que ocorrem no mundo à sua volta (LÔRDELO; PORTO, 2012). Tal capacidade só pode ser alcançada através da compreensão de como aquilo afeta suas vidas, permitindo que sejam capazes de se posicionar conscientemente durante uma tomada de decisão. Entretanto, para que isso ocorra, é necessário que essas informações alcancem o indivíduo. É neste ponto que estratégias de educação informais e não-formais podem contribuir significativamente (SMITH, 2001).

Diferentemente do ensino formal, as dinâmicas não-formais e informais não seguem um conteúdo programático pré-estabelecido, e sim a demanda e o interesse do público-alvo (FORDHAM, 1993). A aprendizagem não-formal tem um sistema de livre escolha, em que a intenção do aprendiz tem origem no aprendiz (FALK, 2001). Nos últimos anos, é possível observar um aumento do público interessado em assuntos científicos, consolidando uma nova forma de apropriação do conhecimento (VALEIRO; PINHEIRO, 2008). Essa apropriação tem sido facilitada pela disponibilidade de ferramentas tecnológicas que alcançam um público ampliado em uma fração de segundos, aumentando o fluxo de informações e permitindo livre acesso (VALEIRO; PINHEIRO, 2008). A popularização da internet através das redes sociais democratizou o espaço público de opinião, mas ao mesmo tempo disseminou um ambiente ruidoso e acrítico (GIRON, 2013). Além disso, em um contexto de pandemia, em que as ações de divulgação são limitadas ao ambiente virtual, o qual recebe avalanches de opiniões infundadas e informações não verdadeiras, as *fake news*, a aproximação do meio acadêmico à sociedade via internet se faz imperativa (CORDEIRO, 2017; SILVA, 2021).

O presente projeto surgiu com a proposta de divulgar informações científicas sobre anfíbios, popularmente conhecidos como sapos, rãs, pererecas, salamandras e cobras-cegas, animais recorrentemente associados negativamente a mitos e crendices (BERNARDE; SANTOS, 2009; SILVA; MONTEIRO; BERNARDE, 2019). Além disso, anfíbios são uma das classes mais suscetíveis a impactos antrópicos em pequena e larga escala, como rituais supersticiosos, desmatamento e aquecimento global, os quais ameaçam a existência de suas populações e espécies. A fauna nativa de anfíbios é imprescindível para a manutenção dos ecossistemas, prestação de serviços ecológicos e possui alta valorização ambiental, contribuindo para uma melhor qualidade de vida humana (MOTTA, 1997). A aproximação das pessoas a esses animais, o entendimento que esses não apresentam riscos, que podem ajudar no controle de vetores de doenças e que funcionam como indicadores de qualidade ambiental é fundamental para a conservação dos mesmos em escala local (MIRANDA; RIBEIRO-JR; STRÜSSMANN, 2016). Por isso, a divulgação científica focada na conscientização do público amplo acerca desses animais é cada vez mais importante e urgente. O projeto prevê a educação não-formal através de diversos meios de comunicação e, durante a pandemia, focou seus esforços nas mídias sociais de amplo alcance, ambientes em que grande parte das fake news, opiniões negacionistas e não científicas têm sido disseminadas.

2. OBJETIVOS

- Formar e instrumentalizar alunos na divulgação e desmistificação da ciência, além do domínio do conteúdo disciplinar sobre anfíbios;
- Divulgar o conhecimento gerado na universidade sobre a história natural, diversidade, comportamento, evolução, ecologia, importância médica e ambiental dos anfíbios;
- Gerar empatia e afinidade para com os anfíbios através da divulgação de sua importância para a preservação ambiental e qualidade de vida humana;
- Aproximar a sociedade das metodologias utilizadas e resultados encontrados em um laboratório de pesquisa, gerando um senso de pertencimento e afinidade, humanizando a imagem

do pesquisador e aumentando a valorização da ciência e da universidade.

3. METODOLOGIA

Para este trabalho, selecionamos as produções a partir do início das atividades no primeiro semestre de 2020 até o final do mês de abril de 2021. Durante esse período, 9 alunos de graduação e pós-graduação da área das Ciências Biológicas atuaram como monitores, produzindo conteúdo de temática ambiental. Além disso, seis coordenadores, dentre biólogos, pesquisadores colaboradores e estudantes de pós-graduação de diferentes instituições atuaram na supervisão, planejamento e gerenciamento das atividades.

Selecionamos a rede social *Instagram*, um aplicativo de compartilhamento de imagens e vídeos, como principal canal de divulgação dos conteúdos educativos na forma de *posts* e *stories*. Para a criação do material visual, utilizamos a plataforma de design gráfico *Canva*, que permite a criação de conteúdo digital e fornece elementos gráficos, como figuras, fontes, gráficos, fotografias e templates. Sempre que possível, inserimos elementos de autoria própria ou de produções bibliográficas, como artigos científicos. Para a redação, utilizamos uma linguagem mais próxima da utilizada em redes sociais, acrescida de elementos de interação, como perguntas diretas, enquetes e testes.

Os *posts* foram produzidos dentro de seis temáticas principais (Apêndices 1 e 2): apresentação da equipe do laboratório; produção do laboratório; datas comemorativas; diversidade de anfíbios da Mata Atlântica; curiosidades científicas ou herpetológicas; e conservação de anfíbios e a interação Homem-herpetofauna. Similarmente, os *stories* foram confeccionados ou compartilhados de terceiros a partir de sete temáticas principais (Apêndices 3 e 4): apresentação da equipe do laboratório; produção do laboratório; datas comemorativas; divulgação; resposta; atualidades; enquetes e interações. Todos os conteúdos foram elaborados tendo como base estudos científicos e diálogos com especialistas da área correspondente, além de avaliados pela equipe da coordenação em encontros semanais antes da publicação e compartilhamento.

Para organização e gestão das atividades, utilizamos a plataforma *Trello*, uma ferramenta de colaboração coletiva na administração de

projetos e tarefas. A partir dessa plataforma, a coordenação do projeto planeja o calendário das postagens, realiza revisões dos conteúdos e deposita os materiais na forma de acervo.

A avaliação do alcance e aceitação do conteúdo foi feita a partir da análise das métricas relativas aos usuários da página extraídas do *Instagram*. As métricas utilizadas foram: número de interações (compartilhamentos somados a salvamentos) e curtidas; número de *posts* e *stories*; faixa etária dos usuários; gênero dos usuários; e cidade de acesso dos usuários. Para entendermos a percepção dos nossos alunos-monitores relativa ao projeto, coletamos seus relatos escritos referentes aos maiores desafios na sua participação no projeto e seus maiores aprendizados no contexto da prática da divulgação científica em mídias sociais.

4. RESULTADOS PRELIMINARES

4.1 MÉTRICAS DA MÍDIA SOCIAL INSTAGRAM

Até o momento, no perfil do *Instagram* foram publicados 84 *posts* (sendo 23 anteriores à criação do projeto de extensão) e 320 *stories* (Apêndices 1 e 3). Atualmente, a página conta com 1.654 seguidores, tendo um crescimento mensal compatível com o crescimento orgânico da plataforma, ou seja, segue quem tem afinidade com os assuntos disponibilizados no perfil, já que não dispomos de recursos pagos. O maior percentual do público se concentra na cidade do Rio de Janeiro (30.4%), seguido da cidade de São Paulo (3.8%). Belo Horizonte e Manaus correspondem a 1.7% cada, dos nossos seguidores. O país de maior alcance é o Brasil (93.6%), mas também apresentamos seguidores da Argentina, Bolívia, Equador e Portugal, em percentuais menores (entre 0.3 e 2.4%). Por limitação da própria plataforma, não obtivemos o restante dos percentuais relativos às cidades e países. Em relação à faixa etária, nosso público varia majoritariamente entre 18 e 34 anos, tanto para o sexo feminino, quanto para o masculino.

O engajamento do público foi crescente ao longo do segundo semestre de 2020 e início de 2021, sendo representado pelo número de curtidas, salvamentos e compartilhamentos (Figura 1). Esse crescimento é reflexo do aumento de postagens, estabelecido como, em média, dois *posts* por semana, além do aumento do número de *stories* e, conseqüentemente, da interação com o público através de enquetes, perguntas e curiosidades

sobre os anfíbios (Apêndices 1 e 3). A discrepância das métricas dos três primeiros meses do projeto em 2020 em relação aos outros trimestres se deve ao aumento da frequência de postagens decorrente da expansão da equipe do projeto a partir de junho daquele ano, o que possibilitou a elaboração e revisão concomitante de diferentes conteúdos.

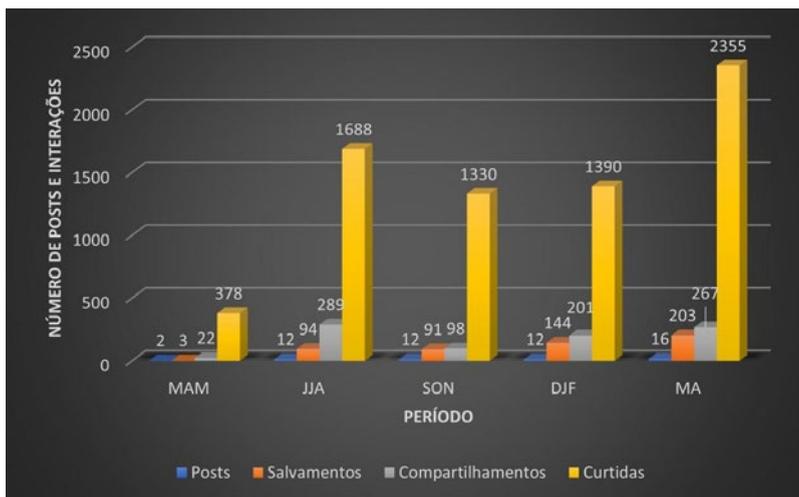


Figura 1 - Métricas de interação do público disponibilizadas pela plataforma Instagram e número de posts publicados entre os meses de março de 2020 e abril de 2021. Legenda: MAM = março, abril e maio de 2020; JJA = junho, julho e agosto de 2020; SON = setembro, outubro e novembro de 2020; DJF = dezembro de 2020, janeiro e fevereiro de 2021; MA = março e abril de 2021.

Os temas com maior número de postagens até o momento são: curiosidades científicas ou herpetológicas ($n = 21$) e apresentação da equipe do laboratório ($n = 12$), sendo o primeiro tema responsável pela maior interação do público dentre todos os temas (Apêndice 1).

4.2 INTERAÇÃO COORDENADORES-ALUNOS

As reuniões semanais entre alunos e coordenadores para a revisão das publicações têm-se mostrado importantes não só para que os alunos tirem dúvidas, mas também para que se criem laços entre a equipe, principalmente nesse momento pandêmico, em que todas as interações estão sendo online. Consonantemente, em relatos escritos dos alunos, estes declararam que a ausência de encontros presenciais foi o maior desafio encontrado durante a sua participação no projeto durante a pandemia,

principalmente para aqueles que não integravam o laboratório antes do isolamento. Reuniões presenciais facilitam a troca e discussão de ideias, contribuindo para o processo criativo de desenvolvimento dos conteúdos. Outra dificuldade secundária mencionada por eles foi a habituação às plataformas *Canva* e *Trello*, o que foi gradualmente superado após as primeiras semanas de uso contínuo.

No entanto, os relatos dos alunos também nos mostraram como eles evoluíram no aprendizado relacionado à adaptação do conteúdo acadêmico para divulgação em mídias sociais. Primeiramente, a leitura e a pesquisa semanais para a elaboração dos *posts* permitiram aos alunos um aprimoramento de seu conhecimento científico, incluindo aquele produzido pelo próprio laboratório. Além disso, ao longo dos meses, observamos que os alunos se tornaram mais capacitados em tornar tal conteúdo mais acessível ao público do *Instagram*. Isso mostrou-se claro em certo momento, pois após o processo de interpretação dos artigos e criação dos *posts*, as retificações feitas na revisão semanal tornaram-se mais breves e menos significativas. Muitas das vezes, apenas correções gramaticais foram necessárias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos maiores desafios do projeto inteiramente online tem sido a relação entre coordenadores e alunos. Tal questão foi contornada através de reuniões semanais, em que avaliamos a evolução do aprendizado de cada membro da equipe e propiciamos um momento de descontração no qual podemos conhecê-los com maior profundidade. Além disso, a pouca habilidade inicial em redigir textos com linguagem acessível ao público e de elaborar elementos gráficos visualmente atraentes influenciou na qualidade dos primeiros conteúdos feitos pelos alunos. Entretanto, com o auxílio dos coordenadores e, posteriormente, dos colegas mais experientes, essa dificuldade foi aos poucos superada. Isso posto, observamos que nossos objetivos de instrumentalizar os alunos no que se refere à escrita e criação de conteúdo digital para fins de divulgação científica têm sido atingidos.

Ao observarmos as métricas trimestrais, percebemos que a melhora na qualidade dos *posts*, bem como o aumento na frequência das postagens para dois dias na semana, foi essencial para atrair novos públicos e, portanto, para o crescimento do perfil. Desse modo, concluímos que nosso

objetivo de aproximar a sociedade à universidade e à ciência produzida nesta está sendo alcançado. Apesar disso, ainda não foi possível traçar o perfil do público atingido em sua totalidade, algo que será feito ao longo do ano de 2021 através de questionários e enquetes produzidos e analisados pela equipe do projeto. Essa interação dialógica permitirá um alcance maior do conteúdo, tendo em vista a necessidade de conhecer melhor o público-alvo, de forma a alinhar seus interesses e conhecimento prévio aos objetivos de educação não-formal inicialmente propostos pelo projeto. Essa interação se faz essencial para a construção do conhecimento de ambas as partes, também auxiliando no aperfeiçoamento da capacidade crítica e reflexiva do indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDE, P. S.; SANTOS, R. Utilização medicinal da secreção (“vacina-do-sapo”) do anfíbio kambô (*Phyllomedusa bicolor*) (Anura: Hylidae) por população não-indígena em Espigão do Oeste, Rondônia, Brasil. *Biotemas*, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7925.2009v22n3p213>. Acesso em: 27 abr. 2021.

CORDEIRO, M. Muita informação, pouco conhecimento e escassa sabedoria... sinais dos tempos. *Jornal iOnline*, Portugal, 17 jan. 2017. Disponível em: <https://ionline.sapo.pt/544274>. Acesso em: 27 abr. 2021.

FALK, J.H. Free-choice science learning: framing the issues. In: J. H. Falk (ed.). *Free-choice science education: How we learn science outside of school*. New York, NY, Teachers College Press, 2001. pp. 1-20.

FORDHAM, P. Informal, non-formal and formal education programmes. In: *YMCA George Williams College ICE301 Lifelong learning*, Unit 1 Approaching lifelong learning. London: YMCA George Williams College, 1993. Disponível em: <https://infed.org/mobi/informal-non-formal-and-formal-education-programmes/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

GIRON, L.A. Umberto Eco: “Informação demais faz mal”. *Época*, 04 jul. 2013. Disponível em: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/07/bumberto-e-cob-informacao-demais-faz-mal.html> (Entrevista originalmente publicada na revista ÉPOCA). Acesso em: 27 abr. 2021.

LORDÊLO, F. S.; PORTO, C. M. Divulgação científica e cultura científica: Conceito e aplicabilidade. *Rev. Ciênc. Ext.*, v. 8, n. 1, p. 19, 2012.

MIRANDA, E.; RIBEIRO-JR, R.P.; STRÜSSMANN, C. The Ecology of Human-Anaconda Conflict: A Study Using Internet Videos. *Tropical Conservation*

Science, v. 9, n.1, p. 43-77, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/%2F194008291600900105>. Acesso em: 27 abr. 2021.

MOTTA R. S. Manual para valoração econômica de recursos ambientais. Rio de Janeiro: IPEA/MMA/PNUD/CNPq, 1997.

SAGAN, C. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 457p.

SILVA, F. V. A. da; MONTEIRO, W. M.; BERNARDE, P. S. (2019). “Kambô” frog (*Phyllomedusa bicolor*): use in folk medicine and potential health risks. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.*, Uberaba, v. 52, e20180467, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0037-8682-0467-2018>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SILVA, O. O. N. da. (2021). O trabalho docente e o enfrentamento das fake news e fake knowledge . *Revista Espaço Acadêmico*, v. 20, n. 226, p. 175-183, 1 jan. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/52993>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SILVA, R. B.; CARVALHO, A. B. de. (2013). Educação e modos de subjetivação no capitalismo contemporâneo: reflexões a partir de Zygmunt Bauman. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 13, n. 146, p. 20-26, 28 jun. 2013.

SMITH, M. K. (2001). ‘What is non-formal education?’; *In: The encyclopedia of pedagogy and informal education*. Disponível em: <https://infed.org/mobi/what-is-non-formal-education/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

VALEIRO, P. M.; PINHEIRO, L. V. R. (2008). Da comunicação científica à divulgação. *Transinformação*, Campinas, v. 20, n. 2, p. 159-169, ago. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-37862008000200004>. Acesso em: 27 abr. 2021.

APÊNDICES

Apêndice 1. Temas e abordagens das postagens publicadas entre março de 2020 e abril de 2021, com seus respectivos números de postagens e interações. Legenda: S = número de salvamentos, C = número de compartilhamentos.

| TEMA | ABORDAGEM | NÚMERO DE POSTAGENS | INTERAÇÕES | |
|--|---|---------------------|------------|-----|
| | | | S | C |
| I. Apresentação da equipe do laboratório | Apresentação dos docentes, biólogos, colaboradores e alunos de graduação e pós-graduação | 12 | 34 | 27 |
| II. Produção do laboratório | Apresentação da produção de jogos, artigos científicos, eventos e produtos técnicos do laboratório | 6 | 96 | 41 |
| III. Datas comemorativas | Postagens comemorativas de datas relacionadas aos anfíbios ou ao meio científico | 7 | 37 | 13 |
| IV. Diversidade de anfíbios da Mata Atlântica | Conteúdo sobre espécies de anuros nativas com detalhes sobre seus modos de vida e ocorrência | 7 | 64 | 56 |
| V. Curiosidades científicas e/ou herpetológicas | Informações sobre fisiologia, anatomia, evolução, modo de vida e estudo dos anfíbios | 21 | 541 | 282 |
| VI. Conservação de anfíbios e a interação Homem-herpetofauna | Conteúdos sobre entoherpetologia e acerca das ameaças e impactos para a conservação da herpetofauna | 8 | 160 | 115 |

Apêndice 2. Exemplos de postagens dos temas de I a VI, conforme Apêndice 1.



Apêndice 3. Temas e abordagens dos *stories* publicados entre março de 2020 e abril de 2021.

| TEMA | ABORDAGEM | NÚMERO DE STORIES |
|--|--|-------------------|
| I. Apresentação da equipe do laboratório | Apresentação dos docentes, biólogos, colaboradores e alunos de graduação e pós-graduação | 13 |
| II. Produção do laboratório | Apresentação da produção de jogos, artigos científicos, eventos, defesas e dia a dia do laboratório | 25 |
| III. Datas comemorativas | Postagens comemorativas de datas relacionadas aos anfíbios ou ao meio científico | 7 |
| IV. Divulgação | Divulgação de eventos, cursos e conteúdo de outras páginas relacionadas à anfíbios ou ao meio científico | 111 |

| TEMA | ABORDAGEM | NÚMERO DE STORIES |
|---------------------------|---|-------------------|
| V. Atualidades | Divulgação de notícias e temas recentes na mídia relacionados a anfíbios ou ao meio científico | 15 |
| VI. Enquetes e interações | Enquetes, perguntas e interações em geral com o público | 137 |
| VII. Reposts | Repostagens de <i>stories</i> , acompanhados de comentários, de pessoas que divulgaram nosso conteúdo | 12 |

Apêndice 4: Exemplos de *stories* dos temas de I a VI, conforme Apêndice 3.



UNIVERSO ACESSÍVEL: ENSINANDO ASTRONOMIA A QUEM NÃO PODE VER COM OS OLHOS

25

SILVIA LORENZ MARTINS

COORDENADORA DO PROJETO UNIVERSO ACESSÍVEL

PRISCILA ALVES MARQUES

DOCENTE DE CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS – INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

AIRES DA CONCEIÇÃO SILVA

DOCENTE DE QUÍMICA – INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

RESUMO

Nosso projeto visa levar o conhecimento de Astronomia, uma ciência de grande apelo visual, às pessoas cegas e às com baixa visão. Desenvolvemos material tátil e de baixo custo para que possa ser facilmente reproduzível. Em 2020, foram criados dois jogos com a finalidade de ensinar Astronomia de uma forma lúdica. O primeiro deles, o Astrodicas, tem como conteúdo alguns eventos astronômicos (eclipses, chuva de meteoros etc.), objetos astronômicos (estrela, cometa etc.) e astrônomos e astrônomas importantes (Galileu Galilei, Vera Rubin etc.). No segundo jogo, o Unidade Astronômica, as questões estão relacionadas aos objetos do Sistema Solar. Também nesse período começamos a desenvolver um novo recurso didático sobre constelações que deverá ser adaptado para o formato em áudio. Além disso, um texto descrevendo as características principais da Lua foi transformado em livro falado.

PALAVRAS-CHAVE

Deficiência Visual; Ensino de Ciências; Astronomia; Material Tátil; Livro Falado.

1. INTRODUÇÃO

A Astronomia é uma ciência que, em si, sempre desperta nas pessoas um interesse especial e independente de sua origem cultural ou social. Esse fato se deve principalmente a questões ligadas a nossa própria existência e nosso lugar no Universo: Como surgiu o Universo? Qual o seu tamanho? Estamos sozinhos? São alguns exemplos desses questionamentos. Além disso, a Astronomia encontra-se incorporada ao nosso cotidiano nos auxiliando na compreensão do mundo em que vivemos e do qual fazemos parte como observadores e agentes modificadores. A Terra como planeta e sua movimentação no espaço, o dia e a noite, as estações do ano e a marcação do tempo são questões mais rotineiras ligadas à Astronomia. Por seu caráter atrativo, é usada como agente motivador no ensino de outras ciências, tais como Matemática, por exemplo. Na verdade, a Astronomia pode ser considerada como um dos maiores motivadores para despertar o interesse de jovens para as áreas de Ciência e Tecnologia. Além desta capacidade motivadora, servindo para atrair futuros estudantes para a área científica, a Astronomia simplesmente serve para popularizar a ciência nas diversas camadas da população.

De uma maneira geral, há diversos problemas no ensino de Ciências nos níveis Fundamental e Médio e isso se acentua no caso da Astronomia. Para pessoas cegas e com baixa visão, o ensino de Astronomia é ainda mais precário, pois carece de material específico, desenvolvido para suprir essa necessidade (CANALLE et al., 1997). Quando pensamos em Astronomia, logo nos vêm à mente as imagens fantásticas difundidas pela mídia e imaginamos que seria impossível passar tais sensações para pessoas cegas. Isso não é verdade. Se pensarmos que mesmo os videntes têm limitações causadas pela atmosfera terrestre – o que nos faz ver somente uma minúscula faixa do espectro eletromagnético – e que dependemos de satélites, telescópios espaciais e detectores específicos para enxergar o Universo, percebemos que é possível, sim, ensinar Astronomia para cegos. Temos apenas que realizar as adaptações para mostrar as cores de uma galáxia ou a formação de novos sistemas planetários, por exemplo. Neste contexto, trabalhos em relevo com diferentes texturas e contraste de cores, transcritos em braille e em formato ampliado são essenciais. Entretanto, o desenvolvimento de objetos táteis requer conhecimento do material a ser empregado. Existem poucos trabalhos que descrevem novos materiais ou técnicas para desenvolvimento de material tátil em Astronomia. Naqueles

que tivemos conhecimento, como por exemplo em Soares et al. (2015), são desenvolvidas matrizes de thermoform para a utilização em alguns experimentos. Já Bernardes (2009) faz uma descrição mais completa de como atingir o objetivo de ensino de Astronomia para pessoas cegas ou com baixa visão, utilizando todas as plataformas conhecidas.

Assim, o projeto Universo Acessível vem se desenvolvendo graças ao acordo de cooperação firmado entre a UFRJ – Observatório do Valongo e o Instituto Benjamin Constant (IBC), em 2017. Temos como objetivo levar o conhecimento da Astronomia para pessoas cegas e com baixa visão, tanto ao público visitante no Observatório do Valongo quanto aos estudantes do ensino básico. O apoio do IBC é fundamental, uma vez que o Instituto é centro de referência, a nível nacional, de questões relacionadas à deficiência visual. Possui escola, oferece formação continuada a profissionais na área de deficiência visual, assessora escolas e instituições, produz material especializado, impressos em braille e publicações científicas. Além disso, o IBC pode distribuir, mediante solicitação, material didático adaptado para instituições públicas de ensino no Brasil que atendam alunos com deficiência visual. Com o apoio de professores e profissionais cegos do IBC, desenvolvemos e testamos material 3D, utilizando papel machê e recursos didáticos em relevo, os quais abordam diferentes aspectos da Astronomia, além de realizar avaliações em sala de aula, como descreveremos na próxima seção.

2. OBJETIVOS

Diante da escassez de materiais de Ciências na área de Astronomia para alunos com deficiência visual e diante do crescente número de alunos cegos ou com baixa visão matriculados nas escolas regulares do país, este trabalho teve enfoque na produção de recursos didáticos adaptados para diferentes formatos, servindo de apoio para alunos do Ensino Fundamental com deficiência visual, buscando estimular o conhecimento acerca da Astronomia. Além disso, faz parte do escopo do trabalho que os alunos extensionistas tenham um maior contato com a deficiência visual a fim de proporcionar uma maior formação na área da Educação Especial e Inclusiva.

3. METODOLOGIA

Todo material desenvolvido no projeto segue as diretrizes apresentadas na Base Nacional Comum Curricular. Assim, cada material desenvolvido poderá ser aplicado em diferentes séries. Uma vez escolhido o tema e escrito o texto e figuras a serem adaptadas, passamos aos professores do IBC para que verifiquem a adequação das escolhas. Se aprovadas, iniciamos o processo de texturização.

Cerqueira e Ferreira (1996) afirmam que na seleção, adaptação ou elaboração de recursos didáticos para alunos com deficiência visual, o professor deve levar em conta critérios como: tamanho, significação tátil, estimulação visual, fidedignidade ao modelo original, facilidade de manuseio e segurança dos alunos, para dessa forma alcançar êxito na utilização dos mesmos (CERQUEIRA; FERREIRA, 1996).

Destacamos que o recurso pedagógico abrange alunos cegos e alunos com baixa visão. Assim, antes da transcrição para o Sistema Braille, durante a adaptação, houve a preocupação em atender as pessoas com baixa visão. Para isso, utilizamos fonte ampliada e especializada a esse público – APHont (desenvolvida pela American Printing House for the Blind) –, além de cores contrastantes em figuras. Posteriormente, foi realizada a adaptação para os cegos com a transcrição para o braille por meio do software Braille Fácil v.3.4.

É importante ressaltar que a metodologia utilizada na pesquisa é de cunho qualitativo com pesquisa de campo (NEVES, 1996). Nesse sentido, contamos com a opinião e, portanto, com a subjetividade dos sujeitos envolvidos no trabalho.

Um dos tipos de material que estamos desenvolvendo são cadernos didáticos táteis, que utilizam a técnica de termoformagem (SILVA et al., 2020). Sobre folhas previamente texturizadas, são “impressas” folhas de acetato, deixando figuras e texto em alto-relevo. Esse trabalho é desenvolvido pelo IBC. Os cadernos são separados por temas e, paralelamente, desenvolvemos material 3D, de baixo custo, a fim de complementar o aprendizado. Uma vez finalizado, levamos o material ao IBC para o teste com profissionais cegos capacitados para verificar o encaixe braille-tinta e, depois de aprovado, este é avaliado em sala de aula. Utilizamos metodologia científica para os testes e os resultados. Todo material segue este mesmo ritual: desenvolvimento, testes, ajustes, testes em sala de aula, aprovação/novos ajustes, finalização.

Para desenvolver o material a ser distribuído, contamos com uma equipe multidisciplinar. São estudantes dos cursos de Astronomia (A), Terapia Ocupacional (TO), Ciências Matemáticas e da Terra (BCMT) e Belas Artes (BA, design). Os estudantes de Astronomia e do BCMT produzem o conteúdo, os alunos de TO indicam materiais e texturas e a aluna de BA produz os desenhos e a diagramação de cadernos e jogos e também cria as identidades visuais para o material gerado. No entanto, é incentivado que todos os estudantes trabalhem com as texturizações e apresentem propostas de materiais, temas e produtos a serem desenvolvidos.

O público-alvo de nossa ação são pessoas cegas e com baixa visão, em especial os alunos do IBC, no entanto, atingimos estudantes de todo o Brasil, uma vez que o IBC distribui o material criado pelo nosso grupo, como descrito acima. Paralelamente, todo esse material estará disponível no site do projeto (em desenvolvimento) para permitir seu uso por qualquer pessoa cega que queira conhecer um pouco mais sobre Astronomia. Inclusive, este trabalho está no formato digital acessível, sendo, portanto, facilmente lido por qualquer leitor de telas utilizado por pessoas com deficiência visual. As figuras possuem texto alternativo, permitindo, assim, sua descrição aos leitores cegos. Nesse processo, foi utilizado o verificador de acessibilidade disponível no *Microsoft Word* versão 2019.

4. RESULTADOS

Procuramos desenvolver um texto (Caderno de Astronomia) associado a um material 3D, assim, quando elaboramos o Caderno de Astronomia, volume 1, desenvolvemos simultaneamente a Lua tátil para fixar o aprendizado das suas principais características físicas (crateras, planícies), mas também entender os fenômenos, tais como eclipses e fases da Lua. A Lua 3D foi feita em papel machê colado sobre o mapa real da Lua. Todas as crateras e planícies mais importantes foram preservadas a fim de manter uma correspondência real com o que normalmente enxergamos ao observá-la (SILVA et al., 2020). Paralelo a isso, o Caderno de Astronomia, volume 1, contém os movimentos entre Terra, Lua e Sol. São apresentadas as estações do ano, os eclipses do Sol e da Lua e as fases da Lua. Desse modo, a Lua 3D e o caderno podem ser usados juntos em sala de aula, enriquecendo ainda mais o aprendizado. Esse primeiro volume já foi testado e aprovado por profissionais cegos e registrado na Divisão de Desenvolvimento

e Produção de Material Especializado do IBC para fins de futura replicação nacional (Figura 1). Os revisores cegos aprovaram todas as adaptações das figuras e mostraram compreender todo o conteúdo apresentado.

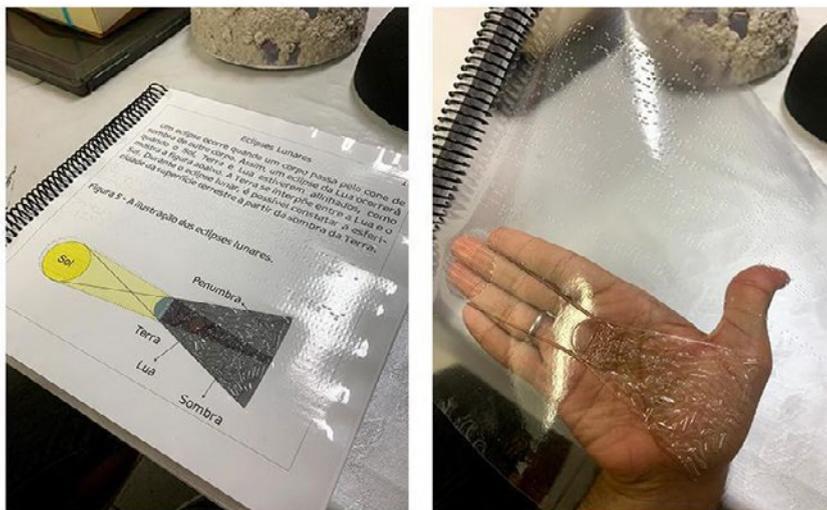


Figura 1. Representação dos eclipses lunares (Caderno de Astronomia, volume 1).
Fonte: Autores.

Com a chegada da pandemia do novo coronavírus e do isolamento social, tivemos que nos adequar à nova realidade. O Caderno de Astronomia, volume 1, não pôde ser avaliado em sala de aula. O Caderno de Astronomia, volume 2, dedicado ao Sistema Solar e sistemas extrassolares – que tem como complemento o sistema 3D Trappist 1 – e o próprio sistema Trappist 1 não puderam ser analisados pelos revisores cegos do IBC (Figura 2). O terceiro volume do caderno tátil, que descreve as estrelas, galáxias e a nossa galáxia, a Via Láctea, além de explicar a evolução do Sol, ainda requer texturização e transcrição ao Sistema Braille. As reuniões passaram a ser virtuais, assim como a orientação. Mesmo com essas dificuldades, continuamos a pesquisa e foram criados dois jogos, um novo caderno sobre constelações (ainda sem texturização) e um texto sobre a Lua que dará origem a um Livro Falado, um recurso de tecnologia assistiva em áudio utilizado por pessoas com deficiência visual.

É importante salientar que o acervo em áudio do IBC também é distribuído em âmbito nacional. Ressaltamos que o Livro Falado prioriza a

leitura branca na gravação, que é a leitura simples e objetiva que simula a voz interior de alguém que faz sua leitura silenciosa. A leitura deve respirar a pontuação, ser bem articulada, clara e fluida (FONSECA, 2020).



Figura 2. Sistema extrassolar Trappist 1 e representação texturizada do Cinturão de Kuiper (Caderno de Astronomia, volume 2).

Fonte: Autores.

Um dos jogos, o Astrodicac, pôde ser texturizado, pois o material foi enviado à casa da estudante que o desenvolveu (Figura 3), mas ainda faltam alguns ajustes e testes. Esse é um jogo de tabuleiro em que os participantes têm que apontar a resposta certa usando até cinco dicas (Figura 3). Os temas são separados em eventos astronômicos (eclipses, chuva de meteoros etc.), objetos astronômicos (buraco negro, cometa etc.) e astrônomos e astrônomas importantes (Galileu Galilei, Vera Rubin etc.).

O segundo jogo, chamado Unidade Astronômica (termo astronômico usado para definir a distância média entre a Terra e o Sol), pode ser jogado por, no mínimo, três participantes. Um será o mestre e outros dois competirão numa corrida em que a cada pergunta acertada será dado um passo à frente. Vence o jogador que acertar oito perguntas primeiro. Para esse jogo, o extensionista preparou um texto com mais de 100 perguntas e respostas sobre os diferentes objetos do Sistema Solar, sem necessidade de um caderno físico, pois os leitores de tela do computador ou celular já fazem esse trabalho.

Foi elaborado, também, um caderno sobre constelações. Nele, estão descritas algumas das constelações atuais reconhecidas pela União Astronômica Internacional, tais como as constelações do zodíaco e outras representativas dos hemisférios sul e norte. Além disso, os extensionistas também criaram uma seção onde incluíram algumas constelações indígenas. O caderno sobre constelações será adaptado para tornar-se um livro falado usando todo o conhecimento que os extensionistas acumularam para criar esse material. A transformação de um material que seria tátil em áudio foi sugerida por um dos nossos colaboradores do IBC e surgiu pela dificuldade de encontros presenciais junto às pessoas com deficiência visual durante a pandemia. Assim, neste momento, adaptaremos o material tátil ao formato áudio. Existem muitas vantagens nessa mudança e a principal delas é que o material poderá ser disponibilizado rapidamente aos estudantes do IBC que se encontram em casa. No entanto, no futuro, terminaremos o material tátil também.



Figura 3. Jogo Astrodidicas. Fonte: Autores.

Resumindo:

- Jogo Astrodicas: desenvolvido por Micah Navia (Astronomia);
- Jogo Unidade Astronômica: desenvolvido por Jackson de Farias (Ciências Matemáticas e da Terra);
 - Caderno sobre constelações: desenvolvido por Carolina Bento (Ciências Matemáticas e da Terra), Francielle Maria Antônio Silva (Astronomia) e Jackson de Farias (Ciências Matemáticas e da Terra);
 - Livro falado “Desvendando o satélite natural da Terra em formato de livro falado” desenvolvido por Mariana Gomes (Astronomia) e Mariana Regado (Física).
 - Desenhos dos cadernos, identidade visual: Bianca Mello (Belas Artes)

Esses trabalhos podem ser encontrados em https://drive.google.com/drive/folders/1jmzpE_S5jNooi_TW-_AuDJDxM89R-tvY?usp=sharing
<https://drive.google.com/drive/folders/1Uq7qJNUoIvQWTORXdZUqai8-gFBsRFIs?usp=sharing>

A seguir, deixamos os comentários e considerações feitas pelos extensionistas do grupo.

Durante a pandemia nos vimos impossibilitados de ir até o Observatório do Valongo para realizar as atividades práticas que envolviam a confecção manual de materiais táteis. Portanto, nos propusemos a partir de uma tática mais lúdica e que não carecesse desse deslocamento para ser realizada. Iniciamos a criação de jogos voltados para o público-alvo cego ou com baixa visão, buscando levar a Astronomia de uma maneira mais divertida e interativa. Mesmo com toda a desmotivação de não poder encontrar os colegas do projeto para realizar as atividades e o constante medo de contrair a doença, elaborar o jogo Astrodicas foi muito importante, porque me ajudou a desfocar do cenário que estamos vivendo e me incentivou a crer que é possível obter frutos até quando a situação não é das melhores.¹ - *Micah Navia, graduando em Astronomia.*

Neste período de pandemia, tudo se tornou mais difícil, mas através do projeto Universo Acessível foi possível ter uma interação virtual com os colegas de projeto. Essa interação foi muito importante para nos motivar a desenvolver novas ideias que poderão ajudar alunos cegos e com baixa visão.¹ - *Francielle Maria Antônio Silva, graduanda em Astronomia.*

¹ Relato do aluno(a) transcrito na íntegra pelo pesquisador.

A grande astrônoma Cecília Payne-Gaposchkin dizia que ‘os astrônomos eram otimistas incorrigíveis’. E não haveria forma melhor de se descrever o relato de uma experiência extensionista nos tempos de pandemia senão o exaustivo exercício de um olhar otimista diante da necessidade de se adaptar ao ‘novo normal’, para que o projeto pudesse seguir evoluindo à distância. Iniciando pela impossibilidade de se estar no ambiente de pesquisa e produção, o Observatório, perpassando pelas dificuldades de conectividade decorrentes da grande desigualdade de acesso aos recursos virtuais, em cada aspecto da extensão universitária foi preciso um novo olhar e atitudes mais inovadoras. De forma mais direta, o impacto sofrido decorrente da carência de contato especialmente com o público-alvo, as pessoas com deficiência visual, mas também com a sociedade como um todo, que é o laboratório vivo que traz o retorno efetivo se o que produzimos é palpável, acessível ou não, foi algo sentido profundamente nos tempos de pandemia. A extensão tem como seu propósito primordial estabelecer essa profunda conexão entre a sociedade e a Universidade, tornando suas produções tangíveis a todos. Viver este desafio de produzir materiais inclusivos dentro de casa permitiu também a dedicação de um tempo especial para a formação mais concreta acerca da confecção de materiais acessíveis e das perspectivas da educação inclusiva, podendo assim tornar o material mais efetivo, abrangente e completo. Experimentar a extensão em tempos de pandemia ensinou a estabelecer novas conexões com as pessoas e perceber suas necessidades reais, e buscar novas formas de se ir de encontro a elas por meio do objetivo do projeto, que é tornar o Universo, casa de todos, acessível.²

- Mariana Gomes, graduanda de Astronomia

Estávamos focados em nossos projetos com produção de material tátil já em fase final, especificamente de testes. Os materiais estavam aguardando o toque pelas mãos dos técnicos e alunos do Instituto Benjamin Constant, até que fomos surpreendidos com a quarentena. Por decisão do grupo iniciamos o processo de confecção de jogos para o ensino de Astronomia, seguindo a linha de gamificação. Ao desenvolver o jogo Unidade Astronômica me peguei por várias vezes imaginando sua execução com os alunos. Acredito que o ambiente de jogos é um ótimo lugar para descontrair, aprender e tirar um pouco do peso da fase que estamos vivendo no momento. - Jackson de Farias, graduando de Ciências Matemáticas e da Terra.

Podemos perceber pelos relatos a importância do projeto de extensão na vida dos alunos que acabou sendo um meio de desfocar do noticiário diário envolvendo a pandemia. Os extensionistas se envolveram completamente com o objetivo de desenvolver recursos didáticos aos alunos cegos e aos com baixa visão.

2 Relato do aluno(a) transcrito na íntegra pelo pesquisador.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nunca nenhum de nós viveu uma situação como essa pela qual estamos passando agora. Há insegurança a respeito da evolução da pandemia, insegurança a respeito de possíveis vacinas, ou mesmo de quando essas vacinas chegarão aos estudantes. Tudo isso pode desequilibrar qualquer pessoa. Acreditamos que ter mantido reuniões regulares e conversas constantes com os estudantes foi benéfico para todos nós. Mesmo com as dificuldades encontradas, conseguimos continuar a desenvolver nosso trabalho, contando sempre com nossos colaboradores do IBC, que também se juntaram a nós nas avaliações do material desenvolvido. A ideia de transformar em áudio um material que originalmente foi criado para ser tátil partiu deles. Os extensionistas apresentaram seus trabalhos em vídeo para o festival do conhecimento, o que considero bastante positivo.

Os recursos didáticos adaptados continuaram sendo produzidos e os extensionistas, mesmo remotamente, seguiram em seu processo de obter maior conhecimento na área da deficiência visual, tendo em vista que sempre procuram saber quais seriam os melhores materiais a serem utilizados pelo público cego e pelo com baixa visão, favorecendo assim a acessibilidade em diversos meios: tridimensionais, ampliados, táteis e em áudio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, A. O. *Astronomia inclusiva no universo da deficiência visual*. 2009. 129p. Dissertação (Mestrado em Ciência Naturais) Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CANALLE, J.; TREVISAN, R.; LATTARI, C. J. B. Análise do conteúdo de Astronomia de livros de geografia do 1º grau. *Caderno Catarinense de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 254-263, 1997.

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, M. A. Os recursos didáticos na Educação Especial. *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 15-20, 1996.

FONSECA, G. L. M. *Manual de produção do Livro Falado: Subsídios para a acessibilidade informacional à pessoa com deficiência visual*. 2020. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2020.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de Pesquisa em Administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

SILVA, A. C.; MELLO *et al.* Desenvolvimento de material tátil para ensino de Astronomia para alunos cegos e com baixa visão. *In: da Silva, A. J. N. (org.) Educação: Agregando, incluindo e almejando oportunidades 2.* Ponta Grossa: Atena Editora, 2020. p. 66-80.

SILVA, A. C.; SANTOS, L. S.; PENCO, V. S. N.; ESTEVÃO, A. P. S. S. Química ao alcance das mãos: produção de uma estação de tratamento de água bidimensional tátil para alunos com deficiência visual. *In: Construindo diálogos na educação inclusiva: acessibilidade, diversidade e direitos humanos.* Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 1256-1275. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/73807>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SOARES K. D. A; CASTRO, H. C.; DELOU, M. C. Astronomia para deficientes visuais: inovando em materiais didáticos acessíveis. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 14, n.3, p . 377-391, 2015.

USO DAS REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA PANDEMIA COVID-19

6

EDUARDO ALEXANDER JÚLIO CÉSAR FONSECA LUCAS

COORDENADOR DO PROJETO DE EXTENSÃO O TEATRO E A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO SOCIOEDUCATIVA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

LUCAS LIMA DE CARVALHO • LUCAS RODRIGUES CLARO • AMANDA DOS SANTOS CABRAL • PAMELA LIMA DIAS LINS • JÉSSICA ANDRESSA REIS DE SOUZA

GRADUANDOS EM ENFERMAGEM - UFRJ

ESTHELA GIL DE SÁ NETO • JOANA ANDRADE DE MENEZES PINTO

GRADUANDAS EM PSICOLOGIA - UFRJ

THAMIRES ALVES DE ABREU OLIVEIRA

GRADUANDA EM ODONTOLOGIA - UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA (UVA)

JULIANA DE OLIVEIRA MANSUR PACHECO

GRADUANDA EM MEDICINA - UFRJ

PAULA CAROLINA VITAL MATTOS

GRADUANDA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: MODALIDADE MÉDICA - UFRJ

ALEXANDRE OLIVEIRA TELLES • MARIA CRISTINA DIAS DA SILVA • MARIA KÁTIA GOMES

CLAUDIA LIMA CAMPOS ALZUGUIR • LUCIA MARIA PEREIRA DE OLIVEIRA

DOCENTES NA FACULDADE DE MEDICINA - UFRJ

BRUNA LIANE PASSOS LUCAS

PÓS-GRADUADA EM AUDITORIA HOSPITALAR

ANTONIO EDUARDO VIEIRA DOS SANTOS

DOCENTE NA FACULDADE DE ENFERMAGEM - UERJ

RESUMO

Com o advento da pandemia de COVID-19, é indispensável realizar ações educativas em saúde que discutam medidas de prevenção a esta doença, e que se adequem à linguagem, vivências e demandas da comunidade. As redes sociais surgem como estratégia, por divulgar a informação, respeitando o isolamento social. Este relato de experiência versa sobre as atividades desenvolvidas pelo projeto *Teatro em Saúde*, que utilizou suas redes sociais para dar continuidade às ações. Foram elaborados vídeos educativos sobre isolamento social, saúde bucal, uso correto das máscaras, entre outras temáticas. Cada vídeo possui linguagem, músicas e personagens adequados a um público-alvo específico. Observou-se aumento gradual do interesse dos seguidores pelas ações realizadas. Notamos a potencialidade desta estratégia por alcançar públicos diferentes apesar das limitações digitais.

PALAVRAS-CHAVE

Mídias Sociais; Infecções por Coronavírus; Atenção Primária à Saúde; Educação em Saúde; Drama.

1. INTRODUÇÃO

A educação é como uma porta de entrada que dá acesso ao amplo horizonte do saber. Ela é um processo que causa transformação em ambos os indivíduos, seja o emissor, seja o interlocutor da informação. Pode-se considerar que uma das maneiras de acessar essa porta é utilizando como ferramenta a Educação Popular em Saúde.

Esta ferramenta, segundo a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNESP):

é compreendida como práxis político-pedagógica orientadora da construção de processos educativos e de trabalho social emancipatórios, intencionalmente direcionada à promoção da autonomia das pessoas, à horizontalidade entre os saberes populares e técnico-científicos, à formação da consciência crítica, à cidadania participativa, ao respeito às diversas formas de vida, à superação das desigualdades sociais e de todas as formas de discriminação, violência e opressão (BRASIL, 2012, p. 9).

Assim, a Educação Popular em Saúde é estruturada de maneira coletiva, considerando o saber adquirido por vivências e trajetórias, de acordo com as singularidades. Tornando relevante analisar as diferenças religiosas, étnicas/raciais, culturais, econômicas e demais fatores sociais do povo, para que se estimule a participação da sociedade e das coletividades nas práticas educativas, promovendo uma gestão participativa da saúde e cumprindo com os princípios e diretrizes determinados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). (BRASIL, 2012).

Portanto, compreende-se que é um método significativo pelo qual integra o processo de aquisição do saber, sendo empregado como um elemento inspirador, levando o indivíduo ao pensamento crítico, à emancipação e à autonomia para utilizar meios que propõem melhorar a qualidade de vida, contribuindo para promoção e prevenção da saúde, oferecendo uma visão holística do cuidado, tendo como objetivo estimular a cidadania participativa.

Práticas educativas em saúde, que tem como intuito suscitar a participação popular e o protagonismo da comunidade, acarretam em trocas de saberes que possibilitam reorientação e mudanças nos hábitos de saúde. Contrapondo-se ao modelo biomédico, hospitalar, tradicional, mecanicista, curativista, higienista e técnico-centrado, que tem como finalidade transmitir conhecimento de maneira vertical e autoritária, utilizando modelo de palestra “depósito-bancário”. Tendo como consequências

influências negativas nas ações educativas, tais como: abordar o processo saúde-doença de modo individual, sem considerar os determinantes sociais de saúde, causar o apagamento do sujeito, tratando-o de modo passivo e diminuir sua autonomia (LUCAS et al., 2020a; LUCAS et al., 2020b). Então, para quebrar esses paradigmas e abordagens tradicionais, emergem as metodologias ativas.

Com o intuito de serem efetivas, as práticas de saúde necessitam propor metodologias ativas que correlacionam com as atividades de vida diária da população e as realidades vigentes. Para esta finalidade, é imprescindível utilizar linguagem acessível e valorizar o saber popular, não impondo o saber científico, respeitando, assim, o indivíduo pelo seu conhecimento prévio, seus saberes, vivências e práticas. Além disso, este tipo de metodologia promove a capacitação do indivíduo e o empodera a ter autonomia e aptidão para decidir e refletir acerca de sua própria condição de saúde. Portanto, tem como objetivo que as metodologias implementadas dialoguem, articulem e considerem a integralidade do sujeito, de forma protagônica, sob o prisma de alteridade. Desta forma, a comunidade tem a possibilidade de participar ativamente dos processos de educação e promoção à saúde (LUCAS, 2013).

Dentre variadas metodologias ativas, podemos elencar a aplicabilidade do uso do teatro como ferramenta facilitadora da educação popular em saúde, tendo em vista que essa ferramenta permite a troca de saberes de maneira horizontal e bilateral, valorizando o saber popular e o conhecimento prévio do indivíduo. Além disso, a ferramenta lúdico-teatral possibilita a criação de vínculo efetivo com a comunidade por permitir a adequação das práticas educativas em saúde à linguagem e realidade da população.

O teatro é aplicado de maneira que possibilita transpor conhecimento em saúde, sob o uso de um formato mais interativo. A forma lúdica e dinâmica do teatro permite que o conhecimento seja disseminado de forma horizontal, não hierarquizado, desvinculando-se da ideia de deter o controle do saber, proporcionando trocas interpessoais, estimulando a participação, fazendo com que o propósito requisitado em atender o sujeito na sua integralidade, de acordo com os fatores determinantes de vida, sejam atingidos, considerando sugestões e experiências relatadas (NAZIMA, 2008).

A criatividade do modo teatral impulsiona a reflexão. As novas experiências adquiridas levam a comunidade à análise crítica e ao

compartilhamento do aprendizado obtido. Permite a aproximação por meio da articulação do diálogo, que possibilita manter o vínculo da tríade Profissional-Comunidade-Sistema Único de Saúde, tendo como propósito maior o fazer saúde, ampliando a visão da comunidade para que avaliem a possibilidade de possuir melhor qualidade de vida, não deixando de considerar os determinantes e condicionantes da saúde.

Dentre os fatores que refletem nas condições de saúde da sociedade, atualmente, temos vivenciado o cenário da pandemia de COVID-19. Por ter como agente etiológico um vírus com alta taxa de disseminação e que ainda não apresenta tratamento farmacológico, é indispensável fazer o uso de práticas educativas. Tais práticas devem utilizar principalmente metodologias lúdicas para facilitar o compartilhamento de saberes e fomentar o acesso à informação sobre medidas de prevenção à COVID-19. Desta maneira, emergiu como estratégia de educação em saúde o uso das redes sociais, por possibilitar o acesso à informação, respeitando o isolamento social (BARBOSA et al, 2021).

2. OBJETIVO

Descrever as experiências da equipe executora do projeto referentes a utilização das redes sociais como ferramenta para a Educação em Saúde durante a pandemia de COVID-19.

3. METODOLOGIA

Este capítulo configura-se como um relato de experiência de caráter descritivo e abordagem qualitativa seguindo os pressupostos de Minayo (2004). As experiências aqui descritas são referentes ao projeto de ensino-pesquisa-extensão intitulado “O TEATRO E A PROMOÇÃO DA SAÚDE NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO SOCIOEDUCATIVA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE”, mais conhecido como projeto Teatro em Saúde.

O projeto Teatro em Saúde tem como público-alvo os membros da comunidade escolar, que é composta por crianças de 6 a 12 anos e adolescentes de 13 a 19 anos, matriculados nas instituições de ensino, bem como seus respectivos pais/responsáveis e as equipes de profissionais que atuam nestes cenários. Este está vinculado à Coordenadoria de Saúde da Área de

Planejamento 3.1 (CAP 3.1) do Município do Rio de Janeiro, inserido no Programa Saúde na Escola (PSE), visando a integração ensino-serviço no contexto do PSE. Desse modo, o projeto possui dois cenários de atuação: as escolas vinculadas às clínicas da família e a própria clínica.

A equipe do projeto desenvolve ações educativas em saúde que utilizam a ferramenta lúdico-teatral para discutir temáticas indispensáveis para a promoção da saúde do público-alvo. Deste modo, são produzidos musicais nos quais lança-se mão de personagens e músicas conhecidos da comunidade para facilitar sua aproximação da mesma à temática abordada e promover uma criação de vínculo efetiva, potencializando, assim, as estratégias de educação em saúde.

É importante destacar que todos os musicais apresentam 2 finais alternativos, que são selecionados pela plateia por meio de votação e o encerramento escolhido é executado, permitindo, assim, um maior protagonismo dos membros da comunidade escolar durante as práticas educativas em saúde. Além disso, são confeccionadas paródias acerca da temática apresentada para promover o interesse da população e possibilitar a troca de saberes de forma lúdica e criativa. Dentre os temas tratados nos musicais estão: Bullying e Violência; Higiene Corporal e Saúde Bucal; Alimentação Saudável e Importância das Atividades Físicas; Meio Ambiente, Arboviroses e Sustentabilidade; Prevenção de Acidentes; dentre outros.

4. RELATO DA EXPERIÊNCIA

O projeto Teatro em Saúde desenvolveu suas ações, no cenário pré-pandêmico, de forma presencial nas escolas vinculadas às clínicas da família e nas próprias clínicas adstritas da região da CAP 3.1 no município do Rio de Janeiro. A partir do início da repercussão da pandemia de COVID-19 no Brasil, em março de 2020, fez-se necessária a adequação das ferramentas e da linguagem utilizadas nas ações do projeto.

A adaptação para forma remota emergiu da necessidade do cumprimento das normas da Organização Mundial da Saúde em relação ao distanciamento social. Pela nova dinâmica social de distanciamento físico, o uso da internet junto das redes sociais teve um aumento para a maior parte da população com acesso a estes serviços. Esta situação possui algumas explicações como: a necessidade da internet para acesso à educação (aulas/

atividades de escolas/faculdades sendo oferecidas de maneira remota); a adaptação, quando possível, do processo de trabalho para o home office; e a viabilização da manutenção dos relacionamentos interpessoais por meio de mensagens e/ou chamadas de voz/vídeo (PRIMO, 2020).

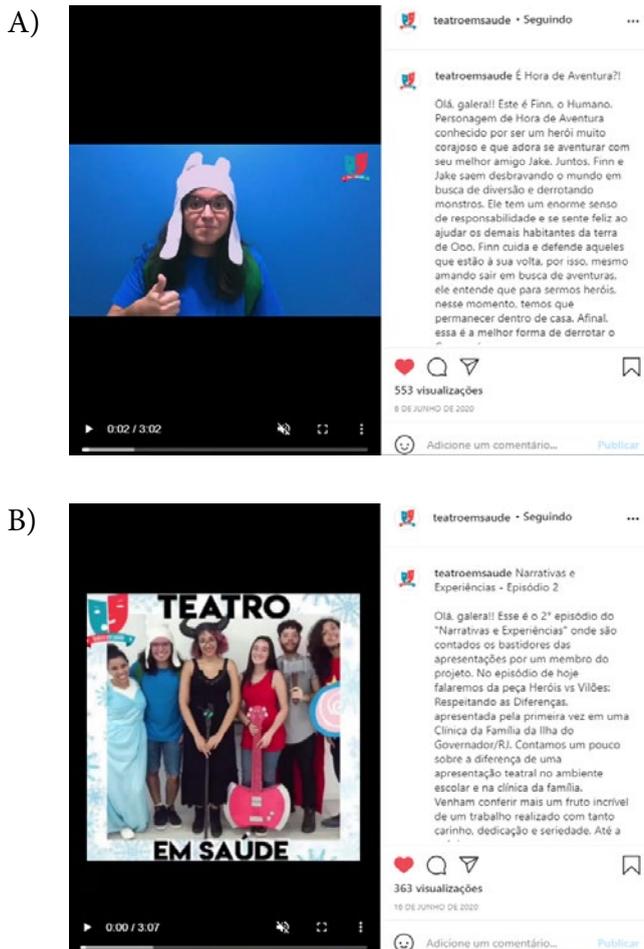
A partir deste cenário, foi fundamental a continuidade das atividades de educação em saúde, visto a necessidade da ampliação do conhecimento em saúde na capacitação da população para ser responsável pelo autocuidado. Em razão disso, houve a readequação da metodologia do projeto. Assim, foi necessário o uso das redes sociais do projeto: *Instagram* (@teatroemsaude), *Facebook* (Teatro em Saúde), *YouTube* (Teatro em Saúde) e o *TikTok* (@teatroemsaude).

Para além da imprescindibilidade do distanciamento para a continuidade do projeto, foi primordial a inserção dos temas que abrangem a COVID-19, sobretudo no que diz respeito à prevenção e controle das infecções. Foram produzidos e compartilhados vídeos educativos realizados pela equipe do projeto, totalizando 16 trabalhos audiovisuais, a saber: isolamento social com o personagem Finn do desenho animado “Hora de Aventura”; videoclipe com paródia sobre a temática “Saúde Bucal”; 3 vídeos educativos e 3 videoclipes com paródias sobre o uso de máscaras como estratégia de combate à pandemia (para 3 públicos-alvo: crianças, adolescentes e adultos, com as paródias também inseridas nos vídeos educativos); e série de vídeos intitulada “Narrativas e Experiências” (8 vídeos) com os seguintes temas: alimentação saudável, importância de atividades físicas, meio ambiente/sustentabilidade, arboviroses, Bullying e violência, entre outros.

O vídeo sobre isolamento social com o personagem Finn do desenho animado “Hora de Aventura” (Figura 1A) teve como público-alvo as crianças em idade escolar. Este material aborda a importância de fazer o distanciamento físico e como a criatividade auxilia a elaborar atividades, como brincadeiras, jogos e danças que, segundo Frank et al. (2020), são estratégias benéficas e promovem o cuidado em saúde física e mental dentro de casa neste período pandêmico. Sendo estas informações apresentadas pelo ator caracterizado como personagem Finn, que discorre essas orientações, ainda que seja conhecido pelo público-alvo como herói e pelo gosto de sair em busca de aventuras. Desta maneira, o personagem explica que é possível viver aventuras em casa e, ao mesmo tempo, ser um herói combatendo o novo coronavírus.

Outro material audiovisual elaborado é a série “Narrativas e Experiências” (Figura 1B). Este, por sua vez, tendo o público-alvo estudantes

e profissionais do ensino superior que estejam vinculados ou se interessem por projetos de extensão relacionados à educação em saúde e teatro. O objetivo da série é relatar, em cada episódio, experiências exitosas, bem como dificuldades da equipe do projeto na elaboração e apresentação das peças teatrais enquanto eram no formato presencial. As narrativas apresentadas instigam a reflexão do processo de educação em saúde com uso de metodologias ativas e pautadas no protagonismo dos espectadores.



Em relação a inserção do tema da COVID-19 como um tópico a ser abordado no projeto, foram elaborados três vídeos educativos, em formato de musical, sobre a importância do uso da máscara. Cada tema dos vídeos foi idealizado para uma faixa etária específica, sendo estas: 1) público infantil, por meio da interação entre 3 personagens que são releituras das protagonistas do filme da Disney “Frozen: Uma aventura congelante” e do filme da Netflix “A caminho da lua”; 2) público juvenil, vídeo formulado pela releitura da dinâmica do jogo *Among Us*, popularizado entre jovens durante o distanciamento social em 2020; e 3) público adulto, elaborado um monólogo que traz em seu texto sentimentos e reflexões sobre as dificuldades enfrentadas na pandemia do coronavírus, sobretudo pela classe trabalhadora e com menos recursos socioeconômicos.

No que se refere aos três videoclipes, foram gravados a partir da elaboração das paródias inseridas no vídeo educativo de cada público-alvo. No trabalho audiovisual para a comunidade infantil, foram elaboradas três paródias, sendo a principal “Ultraprotegida: Salve vidas, use máscara” escrita a partir da música “Ultrailuminada” do filme “A caminho da Lua” e que possui videoclipe (Figura 2). Na paródia para o público adolescente, foi produzida a música “Máscara: do nariz ao queixo”, a partir da música “Toma”, lançada em julho de 2020 e interpretada pela cantora Luisa Sonza e MC Zaac. E, por fim, a paródia para o público adulto é intitulada “Não deixa a Covid vencer”, idealizada a partir da música “Não deixa o samba morrer” gravada em 1975 pela cantora Alcione.

Tendo em vista a premissa do projeto na realização de atividades educativas em saúde, pautadas na Política Nacional de Educação Popular em Saúde, que prioriza a participação e protagonismo comunitário, e levando em consideração seu contexto, é significativo ressaltar a adequação de linguagem ao público em cada obra audiovisual. A utilização de referências de personagens e músicas conhecidas pelo público-alvo favorece a identificação, a captação de atenção e participação do mesmo. Além da ferramenta lúdica-teatral proporcionar a compreensão de saúde por meio de uma dinâmica dramática, que possui como fundamento a criatividade e o aprendizado de forma espontânea (NAZIMA, 2008). Ademais, valoriza o contexto sociocultural e os determinantes e condicionantes de saúde (LUCAS et al., 2020a).



Figura 2: Publicação no Instagram do videoclipe da paródia “Ultraprotégida: Salve vidas, use máscara”. Ano: 2020 Fonte: Registro da tela (printscreen) da publicação no perfil @teatroemsaude.

Além disso, previamente à realização dos vídeos educativos e video-clipes de paródias sobre o uso da máscara no combate à disseminação da COVID-19, foi realizada uma pesquisa para investigar o conhecimento sobre o uso da máscara na população de alcance das redes sociais, e a averiguação foi por meio de enquetes nos *stories* da plataforma *Instagram* e formulário no aplicativo do *Google Forms*, sendo este divulgado no *Facebook* e *WhatsApp*. Após avaliação das respostas, foram publicados os resultados nas redes sociais e também as respostas e curiosidades sobre o uso da máscara, reforçando a orientação dada nos vídeos educativos (Figura 3 A, B e C). Esta estratégia de avaliação foi utilizada para mensurar e compreender o grau de instrução dos seguidores das páginas e do público-alvo em relação ao uso de máscara. Como consequência da avaliação, ocorreram os ajustes às demandas e dúvidas do público nos vídeos educativos e paródias, além da elaboração dos *layouts* de informações.

A)



B)



C)



Figura 3: Ferramenta de Story da plataforma Instagram utilizada para a divulgação das informações e curiosidades sobre o uso da máscara. Ano: 2020 Fonte: Registro da tela (printscreen) da publicação no perfil @teatroemsaude. (A): Story inicial da equipe descrevendo as informações a serem publicadas na sequência. (B): Story “Você sabia?” relativo ao uso e manipulação da máscara. (C): Story “Você sabia?” relativo a máscaras especiais que podem ser utilizadas para permitir a leitura labial por pessoas com deficiência auditiva.

É elementar enfatizar que a conjuntura da pandemia demanda um aumento da necessidade do acesso às informações referentes à prevenção e controle da disseminação do COVID-19. Isto ocorre devido ao contexto sociopolítico do Brasil, em que há, desde 2018, um crescente comportamento informacional destacando a proliferação de *fake news*, instaurando desconfiância e inverdades, por exemplo o uso da Hidroxicloroquina como tratamento precoce para a infecção pelo Sars-CoV-2 (ROCHA et al., 2020). Com base neste panorama, é fundamental exaltar as ações educativas que vão de frente ao enfrentamento das *fake news*, criando um canal de troca de saberes com a população, que transmita veracidade sem que haja a transferência unilateral de conhecimento e desconsidera o sujeito como autor e definidor do seu autocuidado.

Além disso, limitações neste contexto para a execução e disseminação das atividades ocorre também por outros fatores, o principal sendo a exclusão digital. Esta restrição verifica-se por meio de pesquisas, dentre elas a TIC Domicílio (2019), retratando que a falta de acesso a internet ocorre, principalmente, sob a ótica econômica, pelas classes D e E (cerca

de 41% não possuem acesso a rede) e na zona rural (cerca de 48%). Dentro desse grupo que acessa a internet, 78% têm conexão com a rede apenas pelo aparelho celular. Ademais, considerando a população na qual seu domicílio não tem acesso a internet, a principal justificativa são o custo financeiro e a falta de conhecimento sobre a utilização das redes (63% e 54%, respectivamente). Este dado revela também um outro problema educacional: o analfabetismo digital.

Esses fatores descritos previamente afetam tanto o público-alvo das atividades em saúde, como a equipe executora do projeto. Considerando que o projeto Teatro em Saúde, em seu formato presencial, realizadas atividades em escolas públicas e clínicas da família, a comunidade-alvo em sua maioria eram, portanto, usuários do SUS ou do serviço de educação pública, e estes, em sua maioria, pertencem às classes C, D e E (CREMERJ, 2019) Alcançá-los, de maneira satisfatória, virtualmente é uma tarefa mais complexa. Além disso, para a equipe do projeto, o cumprimento do distanciamento físico para a realização das gravações geram o contratempo da realização de mais gravações, como cortes e compreensão em programas de edição de vídeo para que haja a integração entre as partes registradas. E, como supracitado, a necessidade de adequação da linguagem de acordo com os diferentes contextos socioculturais dos seguidores do projeto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, por meio da produção e divulgação das atividades de educação em saúde, foi observado o aumento gradual de seguidores nas redes sociais e o interesse dos mesmos pelas ações realizadas. O poder do domínio virtual é notável, sobretudo pela potência de compartilhamentos dos conteúdos, alcançando públicos diferentes do habitual, além da quantidade prevista em atividades presenciais, apesar das limitações digitais.

Destaca-se a influência das redes sociais como agente potencializador na educação em saúde, capaz de ampliar o acesso à informação daqueles que possuem essa ferramenta. Além disso, evidencia-se que o processo de execução de atividades digitais é um novo aprendizado para discentes de cursos da área da saúde, estimulando o poder criativo e novas formas de abordar temas com o uso de diferentes linguagens atentando-se à comunidade alvo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA *et al.* A música como ferramenta de promoção da saúde no contexto da pandemia da COVID-19. *Revista Saúde em Redes*, v. 6, Supl. 2, João Pessoa - PB, Editora Rede Unida: 2020. ISSN 2446-4813. DOI: 10.18310/2446-48132020v6n2Suplem.3330g570. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3330/o>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Política Nacional de Educação Popular em Saúde. Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde (CNEPS). Brasília. DF. 2012. Disponível em: <http://www.crpssp.org.br/diverpsi/arquivos/pneps-2012.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.

CREMERJ. Conselho regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. *CREMERJ faz pesquisa sobre saúde pública no rio de janeiro*. CREMERJ, 2019. Disponível em: <http://www.cremerj.org.br/informes/exibe/4386;sessionId=E-CE3B2A7302351B9059929C1F994EED2>. Acesso em: 17 abr. 2021

FRANK, Andreia Eckert *et al.* Estratégias para trabalhar com o lúdico diante do isolamento social por coronavírus: relato de experiência. *Disciplinarum Scientia - Ciências da Saúde*, v. 21, n. 2, p. 167-175, ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.37777/dscs.v21n2-014>

LUCAS, Eduardo Alexander Júlio César Fonseca *et al.* *O teatro como instrumento socioeducativo na escola - experiências exitosas*. Enfermagem moderna [recurso eletrônico] : bases de rigor técnico e científico 6 / Organizadora Isabelle Cordeiro De Nojosa Sombra. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020a. – (Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico; v. 6)

LUCAS, Eduardo Alexander Júlio César Fonseca; CARVALHO, Lucas Lima de; CLARO, Lucas Rodrigues; *et al.* O teatro e a educação em saúde na escola: relato de experiência. *Interagir: pensando a extensão*, v. 0, n. 29, p. 50-62, 2020b. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/view/50780/36278>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MINAYO, M. C. de S.. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8, ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec, 2004.

NAZIMA TJ, Codo CRB, Paes IADC, Bassinello GAH. Orientação em saúde por meio do teatro: relato de experiência. *Rev Gaúcha Enferm*, Porto Alegre (RS), v. 29, n. 1, p. 147-5, mar. 2008.

PRIMO, Alex. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 21, n. 47, p. 176-198, set. 2020.

ROCHA, Telma *et al.* Fake news em tempos de COVID-19: discursos de ódio nas redes sociais como ressonância da desinformação. *Revista Interinstitucional*

Artes de Educar, v. 6, n. 4, p. 1-25, 10 dez. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/riae.2020.51910>.

TIC DOMICÍLIOS 2018. Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.br. *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros* – São Paulo: CGI.br, 2019. Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/>

Este livro foi composto nas tipografias Minion Pro, Metropolis e Nunito para distribuição digital em formato PDF. Foi produzido com o suporte de dezenas de extensionistas graduandos da UFRJ.

Novembro de 2023

